

NÚCLEO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOBRE QUOTIDIANO EM SAÚDE

# Quotidiano Saúde e Morte



O presente livro tem o propósito de apresentar alguns resultados, reflexões e discussões alcançados pelo NUPEQS ao longo dos últimos anos referentes ao tema COTIDIANO, SAÚDE e MORTE. A realização da pesquisa Trajetória do morto, entre o suspiro final e o ocultamento definitivo ensejou o 1º Colóquio Internacional sobre Quotidiano e Saúde (1º CIQS), com a abordagem da referida temática. Alguns textos relativos às conferências e palestras do referido evento compõem a parte inicial da obra. Com o surgimento da covid-19, os participantes do NUPEQS têm procurado aprofundar a reflexão sobre a temática da morte. Na certeza da necessidade de mais conhecimento sistematizado sobre o assunto, o grupo persistiu na realização de pesquisas, reflexões e debates que originaram os textos que compõem a segunda parte deste livro. Apesar das dificuldades de sintetizar toda a riqueza dos estudos, reflexões e debates ocorridos no interior do grupo, a proposta é oferecer uma aproximação, ainda que sintética, de alguns aspectos em torno da morte e da covid-19. A segunda parte deste livro é uma obra coletiva, fruto da discussão, reflexão e escrita do grupo ao longo dos anos de sua existência. O objetivo foi compreender elementos associados à morte no cotidiano, na perspectiva da mídia, dos provérbios, das tradições, formas de rituais, crenças, superstições que se manifestam na trajetória percorrida pelo corpo morto, chegando à aproximação do entendimento das visitas aos cemitérios no Dia de Finados. A proposição e a execução do trabalho foi um desafio constante cuja superação foi possível graças a busca de resultados práticos, bem como ao aprofundamento teórico metodológico. Não resta dúvida que a finitude do ser humano será sempre um mistério, ninguém pode dizer da própria experiência com a morte, ela jamais será partilhada. Apenas tem-se a certeza que a hora de cada um chegará e o que tantos outros já experimentaram, chegará para cada pessoa. Não se sabe à priori quando morrer, mas se sabe que não há como escapar dela e, mais ainda, ela é intransferível. Pode-se dizer que diante da morte precisamos traduzir em palavras para os próximos do morto um ruído ensurdecedor que eles gostariam de não entender: a morte do outro.

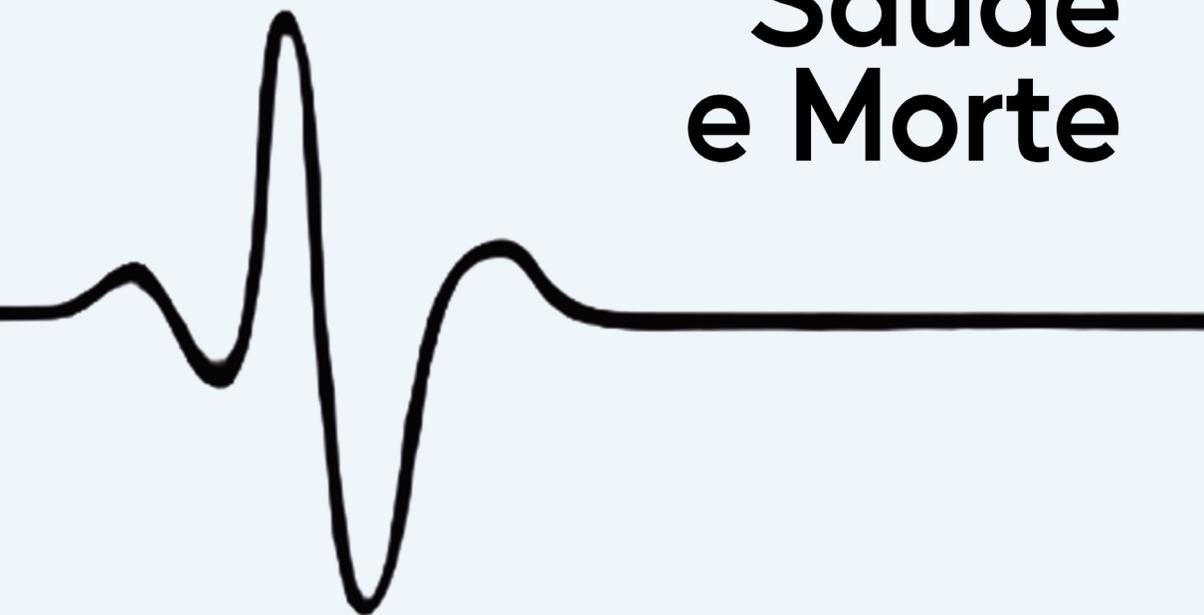
ISBN 978-65-6006-007-4



9 786560 060074 >



# Quotidiano Saúde e Morte



Organização:

Estelina Souto do Nascimento  
Mércia Aleide Ribeiro Leite  
Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira  
Gisleule Maria Menezes Souto

Marco Aurélio de Sousa  
Rosane Geralda do Nascimento  
Luciana Dalva Ferreira Cardoso de Barros  
Mariane da Costa Moura

Belo Horizonte  
2023



**Dra. Adriana Goulart De Sena Orsini**

Professora Associada IV e membro do corpo permanente do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Direito da UFMG.

**Dra. Amanda Flavio de Oliveira**

Professora associada e membro do corpo permanente do PPGD da faculdade de Direito da Universidade de Brasília.

**Dr. Eduardo Goulart Pimenta**

Professor Associado da Faculdade de Direito da UFMG e do Programa de Pós-graduação em Direito da PUC/MG

**Dr. Francisco Satiro**

Professor do Departamento de Direito Comercial da Faculdade de Direito da USP - Largo São Francisco

**Dr. Gustavo Lopes Pires de Souza**

Professor da Universidad de Litoral (Argentina)

**Dr. Henrique Viana Pereira**

Professor do Programa de Pós-graduação em Direito da PUC Minas.

**Dr. João Bosco Leopoldino da Fonseca**

Professor Titular da Faculdade de Direito da UFMG

**Dr. Leonardo Gomes de Aquino**

Professor do UniCEUB e do UniEuro, Brasília, DF.

**Dr. Luciano Timm**

Professor da Fundação Getúlio Vargas - FGVSP e ex Presidente da ABDE (Associação Brasileira de Direito e Economia)

**Dr. Marcelo Andrade Féres**

Professor Associado da Faculdade de Direito da UFMG

**Dra. Renata C. Vieira Maia**

Professora Adjunta da Faculdade de Direito da UFMG

**Dr. Rodolpho Barreto Sampaio Júnior**

Professor Adjunto na PUC Minas e na Faculdade de Direito Milton Campos, vinculado ao Programa de Mestrado.

**Dr. Rodrigo Almeida Magalhães**

Professor Associado da Faculdade de Direito da UFMG e do Programa de Pós-graduação em Direito da PUC/MG

**Direção editorial:** Luciana de Castro Bastos

**Diagramação e Capa:** Editora Expert

**Revisão:** Do Autor

A regra ortográfica usada foi prerrogativa do autor.



Todos os livros publicados pela Expert Editora Digital estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 BY-SA. <https://br.creativecommons.org/>  
"A prerrogativa da licença creative commons 4.0, referencias, bem como a obra, são de responsabilidade exclusiva do autor"

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

NASCIMENTO, Estelina Souto do;

LEITE, Mércia Aleide Ribeiro;

TEIXEIRA, Virginia Mascarenhas Nascimento;

SOUTO, Gisleule Maria Menezes;

SOUZA, Marco Aurélio de;

NASCIMENTO, Rosane Geralda do;

BARROS, Luciana Dalva Ferreira Cardoso de;

MOURA, Mariane da Costa;

Organizadores

Título: Quotidiano Saúde e Morte - Belo Horizonte - Editora Expert - 2023.

ISBN: 978-65-6006-007-4

Modo de acesso: <https://experteditora.com.br>

1.Saude 2.Medicina 3.Covid-19 I. I. Título.

CDD.610

**Pedidos dessa obra:**

**[experteditora.com.br](https://experteditora.com.br)**

**[contato@editoraexpert.com.br](mailto:contato@editoraexpert.com.br)**





## **AGRADECIMENTOS**

Os participantes do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde – NUPEQS - agradecem à Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, pela possibilidade de início do grupo, incentivo e acolhimento; à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PROPPG - da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais pela oportunidade de desenvolver a pesquisa referente a parte inicial desta produção. Agradecem ainda à CAPES, ao Pró-Saúde, ao colégio Santa Dorotéia, ao Departamento de Enfermagem e comunidade acadêmica da PUC Minas e às demais instituições parceiras pela realização do 1º Colóquio Internacional sobre Quotidiano e Saúde (1º CIQS), com o tema “Quotidiano, Saúde e Morte”, realizado em Belo Horizonte nos dias 9 e 10 de novembro de 2010, no Teatro do Colégio Santa Dorotéia, à rua Chicago, n. 240, bairro Sion. Nossos agradecimentos a Carlos Felipe de Melo Marques Horta pelo incentivo e discussão em momentos oportunos e cujas sugestões auxiliaram no aprofundamento da reflexão sobre o tema morte e cultura popular; à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adalgisa Arantes Campos, pela palestra sobre Vivência da morte e práticas funerárias em Ouro Preto no século XIX e à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Imaculada de Fátima Freitas, pela palestra Perspectiva de morte: segredos e silêncios, todos palestrantes no 1º CIQS.

A todos, sinceros agradecimentos.  
Organizadores



## APRESENTAÇÃO

O presente livro tem o propósito de apresentar alguns resultados, reflexões e discussões alcançados pelo NUPEQS ao longo dos últimos anos referentes ao tema COTIDIANO, SAÚDE e MORTE. A realização da pesquisa *Trajatória do morto, entre o suspiro final e o ocultamento definitivo* ensejou o 1º Colóquio Internacional sobre Quotidiano e Saúde (1º CIQS), com a abordagem da referida temática. Alguns textos relativos às conferências e palestras do referido evento compõem a parte inicial da presente obra. Com o surgimento da covid-19, os participantes do NUPEQS têm procurado aprofundar a reflexão sobre a temática da morte. Na certeza da necessidade de mais conhecimento sistematizado sobre o assunto, o grupo persistiu na realização de pesquisas, reflexões e debates que originaram os textos que compõem a segunda parte deste livro. Apesar das dificuldades de sintetizar toda a riqueza dos estudos, reflexões e debates ocorridos no interior do grupo, a proposta é oferecer uma aproximação, ainda que sintética, de alguns aspectos em torno da morte e da covid-19. A segunda parte deste livro é uma obra coletiva, fruto da discussão, reflexão e escrita do grupo ao longo dos anos de sua existência. O objetivo foi compreender elementos associados à morte no cotidiano, na perspectiva da mídia, dos provérbios, das tradições, formas de rituais, crenças, superstições que se manifestam na trajetória percorrida pelo corpo morto, chegando à aproximação do entendimento das visitas aos cemitérios no Dia de Finados. A proposição e a execução do trabalho foi um desafio constante cuja superação foi possível graças a busca de resultados práticos, bem como ao aprofundamento teórico metodológico. Não resta dúvida que a finitude do ser humano será sempre um mistério, ninguém pode dizer da própria experiência com a morte, ela jamais será partilhada. Apenas tem-se a certeza que a hora de cada um chegará e o que tantos outros já experimentaram, chegará para cada pessoa. Mesmo para o moribundo o fim da vida pode ser uma surpresa. A morte aproxima-se sorradeira e parece deixar em quem fica um misto de solidão, indignação, medo, lembranças, incertezas, mas, com ela

também pode-se criar narrativas lúdicas, como é o caso de alguns provérbios. Enterrar alguém traz a reflexão sobre a possibilidade da própria finitude. Finados, sepultamento, covid-19 tudo isso aproxima a pessoa a lembrança do fim da vida de modo mais contundente, porém, mesmo sem menção direta ao fato, a morte está sempre no dia a dia de cada ser humano. O silêncio intencional ronda a morte na medida em que desviamos nossa conversa desse tema. É comum, inclusive, entre nós o “bater na madeira” quando a fala de alguém nos coloca frente a frente com a verdade: nossa vida tem um fim, pois morrer é intrínseco à vida. Também não é raro, pessoas que, ao voltar de cemitérios, tiram os sapatos para não entrarem em casa com terra dos mortos. A seguir, purificam-se tomando banho de corpo inteiro. Em lugares onde o velório é feito em casa, após a saída do corpo-morto, varre-se o chão para que o defunto não retorne à casa. Estas e outras manifestações culturais são transmitidas ao longo do tempo, sofrendo variações, dependendo da cultura de cada povo. Todas elas dizem da negação da própria morte, do desejo de afastar de si qualquer ligação com o morto, demarcando as fronteiras entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Entretanto a morte, nossa inevitável chegada, está inscrita em cada um de nós, mesmo antes do nascimento por meio de crenças e costumes. No fundo, guardamos um desejo secreto de não morte. Não sendo desejo realizável, procuramos, pelo menos, não falar dela. Ao evitar a ideia da morte, afastando-a de nós tanto quanto possível, estamos encobrindo, reprimindo a ideia indesejada ou assumindo a crença de que o “outro morre, eu não”. Praticamente, ninguém fala da morte sem sentir medo, sofrimento e angústia. Não se sabe *à priori* quando morrer, mas se sabe que não há como escapar dela e, mais ainda, ela é intransferível. Ninguém morre no lugar do outro, da mesma forma que a morte não se deixa esquecer. De tempos em tempos ela emerge rompendo esse silêncio de morte. Há alguns lugares que a interrupção desse silêncio é mais frequente, como por exemplo, nos hospitais. Hoje, grande parte das pessoas morre no hospital. Assim, situações, negações e silêncios relativos ao processo de morrer se inscrevem em instituições de saúde. Apesar do progresso

e da tecnologia avançada reinantes nas sociedades desenvolvidas todos os seres humanos são confrontados dia após dia com pessoas em fase terminal ou que morrem abruptamente pondo fim ao silêncio e ao desejo de não morte. A morte pode desencadear reações e suscitar atitudes contrastantes. O momento da morte é, em geral, ocasião de recolhimento e de solidariedade, mas algumas vezes, é nesse momento de confronto com o limite que as dificuldades afloram. Em certos casos, o descontrole domina e não sabemos como ser e estar junto com os sobreviventes mais próximos. Será que tomamos a iniciativa de trazer uma palavra ou nos calamos? Será que nessas situações nos arvoramos do direito-dever de intervir sem, todavia, medir as consequências de nossa iniciativa? A morte ao trazer para o homem a angústia de sua condição de ser mortal é desafio constante para a palavra. Pode-se dizer que diante da morte precisamos traduzir em palavras para os próximos do morto um ruído ensurdecido que eles gostariam de não entender: a morte do outro.

Organizadores



## **EQUIPE DO NUPEQS EM 2023**

Prof<sup>a</sup>. Dra Estelina Souto do Nascimento (Enfermeira/Doutora em Educação)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Mércia Aleide Ribeiro Leite (Enfermeira/Doutora em Ciências da Saúde)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira (Enfermeira/Doutora em História)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Gisleule Maria Menezes Souto (Filósofa/Doutora em Direito)

Prof. Marco Aurélio Sousa (Enfermeiro/ Doutorando em Enfermagem)

Prof<sup>a</sup>. Rosane Geralda do Nascimento (Pedagoga/ Especialista em Novas Tecnologias em educação)

Enf<sup>a</sup>. Luciana Dalva Ferreira Cardoso de Barros (Enfermeira, Especialista em Gestão de Saúde)

Enf<sup>a</sup> Mariane da Costa Moura (Enfermeira, Especialista em Educação em Saúde)

Fernanda Lorryne Resende Santos (Aluna do curso de Enfermagem da PUC Minas)

Caroline Ferreira Alvarenga (Aluna do curso de Enfermagem da PUC Minas)

Douglas Antônio de Pádua (Aluno do curso de Enfermagem da PUC Minas)



## **EQUIPE DO NUPEQS EM 2010**

Prof<sup>a</sup>. Dra Estelina Souto do Nascimento (Enfermeira/Doutora em Educação)

Prof<sup>a</sup>. Dra Geralda Fortina dos Santos (Enfermeira/Doutora em Educação)

Prof<sup>a</sup>. Dra. Mércia Aleide Ribeiro Leite (Enfermeira/Doutora)

Profa. Andreia dos Santos (Socióloga/Doutora)

Prof<sup>a</sup>. Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira (Enfermeira/Doutoranda)

Prof<sup>a</sup>. Valda da Penha Caldeira (Enfermeira/Mestre)

Prof. Rogério Vasconcelos Diniz (Sociólogo/Mestre)

Prof<sup>a</sup>. Gisleule Maria Menezes Souto (Filósofa/Mestre)

Enf<sup>a</sup>. Dagmar de Deus Queiroz (Enfermeira)

Enf<sup>a</sup>. Luciana Dalva Ferreira Cardoso de Barros (Enfermeira)

Enf<sup>a</sup>. Sabrina Antonieta Moreira (Enfermeira)

Enf<sup>a</sup>. Gabriela Alves Ribeiro Santos (Enfermeira)

Enf<sup>a</sup>. Yanna Mara Mol Cunha (Enfermeira)

Bárbara de Queiroz e Bragaglia (Aluna)

Mayra da Silva Pinto (Aluna)

Renata Santiago Andrade (Aluna)

Natália Henrique Gherardi (Aluna)

Carolina da Silva Vicente (Aluna)

Bárbara Sousa Reis Pereira (Aluna)



## **AUTORES DA PARTE 1**

### **Gláucia Rezende Tavares**

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1976), graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1977), mestre e doutoranda em Saúde da Criança e do Adolescente pela Universidade Federal de Minas Gerais.

### **João Gabriel Marques Fonseca**

Professor Adjunto do Departamento de Clínica Médica Faculdade de Medicina da UFMG.

### **José de Anchieta Corrêa**

Filósofo. Pertenceu ao Departamento de Filosofia da UFMG de 1962 (com 28 anos) até o final de 1990 (aos 56 anos), tendo atuado nos cursos de graduação de Filosofia, Psicologia e Comunicação.

### **José Ricardo de Oliveira**

Mestre em Medicina - FM-UFMG. Professor de Clínica Médica e Bioética - Unifenas BH. Médico da Equipe de Cuidados Paliativos - Unimed BH.

### **José Tarcísio Amorim**

Coordenador do Núcleo de Bioética da PUC Minas. Professor de Psicologia Geral e Pastoral no Instituto Dom João Resende Costa.

### **Lélia Parreira Duarte**

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1968); Mstre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980); e Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (1986).

### **Michel Maffesoli**

Sociólogo francês; Doutorado em Letras e Ciências Humanas e Doutorado em Sociologia; professor da Sorbonne Paris V, Universidade René Descartes, Paris V; diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ) da Sorbonne.

### **Moisés de Lemos Martins**

Doutor em Sociologia e professor de Ciência da Comunicação e presidente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal, dirige o grupo de pesquisa Linguagem e Interação Social do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade (CECS). É diretor das revistas científicas *Comunicação* e *Sociedade* e do *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Preside a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM). moiseslmartins@gmail.com.

## **AUTORES DA PARTE 2**

### **Estelina Souto do Nascimento**

Graduada em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (1975); graduada em Langue Littérature et Civilisation Etrangères Portugaise – Université Stendhal, Grenoble III (2006); mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981); Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – 1993. Foi professora da Escola de Enfermagem da UFMG, professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pró-labore – Núcleo de Pós-Graduação Pitágoras. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Cotidiano em Saúde, atuando, principalmente, nos seguintes temas: enfermagem, morte, história da enfermagem, educação em enfermagem, sociologia compreensiva e escolas de enfermagem. É fundadora e atual coordenadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde (NUPEQS).

### **Mércia Aleide Ribeiro Leite**

Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) (1986). Doutorado em Ciências da Saúde, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, área de concentração em Saúde da Criança e do Adolescente (2010). Mestrado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (1998). Professora Adjunto IV do Departamento de Enfermagem, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Coração Eucarístico, desde 1991. Vice-coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas (CEP PUC Minas). Representante do Corpo Docente da PUC Minas na Comissão Própria de Avaliação (CPA PUC Minas). Membro dos grupos de pesquisa: Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Quotidiano em Saúde (NUPEQS) e Núcleo de Avaliação e Pesquisa em Ensino Superior (NAPES).

### **Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira**

Enfermeira, graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997). Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e doutora em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (2012). Gestora em Ciência e Tecnologia da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde (NUPEQS), com trabalhos nas áreas de História da Enfermagem e da Saúde; História da Enfermagem em Minas Gerais; História das escolas de enfermagem; cotidiano em saúde, tendo como referência o pensamento de Michel Maffesoli; Morte e Educação em Saúde.

### **Gisleule Maria Menezes Souto**

Graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1984), graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1991), graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2016), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Doutorado (2023) PPGD- PUC-MINAS (Linha Teoria do Direito e da Justiça). Professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, atuando principalmente nos seguintes temas: ética - corpo-próprio -fenomenologia- corpo-sujeito - morte - morrer - enfermagem - cotidiano, corpo idealizado- gênero- corpos trans. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde (NUPEQS).

### **Marco Aurélio de Sousa**

Enfermeiro, graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2014). Pós-graduado em Enfermagem na Unidade de Terapia Intensiva pelo IEC PUC Minas (2017). Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa Promoção da saúde, prevenção e controle de agravos (2017). Doutorando em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de

pesquisa Saúde Coletiva. Atualmente atua como professor no curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Pitágoras em Belo Horizonte e Contagem. E atua como professor no curso de graduação em Medicina da Faculdade Atenas em Sete Lagoas. Possui experiência profissional na docência e como Enfermeiro na Estratégia Saúde da Família e na atenção hospitalar. Integrante do Núcleo de Pesquisa e Estudo Sobre Quotidiano e Saúde - NUPEQS.

### **Rosane Geralda do Nascimento**

Graduada em Pedagogia pela PUC Minas (1999). Especialização em Novas Tecnologias em Educação e Treinamento pela UNI-BH (2002); Alfabetização e Letramento, IPEMIG (2012); Educação Infantil, IPEMIG (2014); Psicomotricidade, IPEMIG (2018). Professora do Ensino Fundamental 1 na Rede Municipal de Educação das Prefeituras de Contagem e Ibitaré. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde (NUPEQS).

### **Luciana Dalva Ferreira Cardoso de Barros**

Graduação em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2002). Especialização *lato sensu* em Gestão da Saúde (2004), em Controle de Infecção Hospitalar (2006), em Saúde do Idoso: Geriatria e Gerontologia (2010), Dependência Química (2011) e Enfermagem Oncológica (2020). Capitã Enfermeira do Hospital da Polícia Militar de Minas Gerais, com experiência assistencial ambulatorial e no Pronto Atendimento. Membro do grupo de pesquisa NUPEQS desde 2010.

### **Mariane da Costa Moura**

Enfermeira, Pós-graduada em Educação em Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais e MBA em Auditoria e Gestão da Qualidade. Enfermeira na Atenção Básica de Belo Horizonte e Professora na Escola Técnica de Enfermagem Santa Rita. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde (NUPEQS-MG), com trabalhos nas áreas de História da Enfermagem e da Saúde;

História da Enfermagem em Minas Gerais; História das escolas de enfermagem; cotidiano em saúde.

## SUMÁRIO

### PARTE 1 : QUOTIDIANO, SAÚDE E MORTE

- 1 *Vie quotidienne et risque* .....27  
*Michel Maffesoli*
- 2 O médico diante de pacientes fora de possibilidade terapêutica .35  
*João Gabriel Marques Fonseca*
- 3 Morte no cotidiano hospitalar: mitos, ritos e silêncio .....49  
*José Ricardo de Oliveira*
- 4 Vida e morte: corpo que fala e cala .....99  
*José de Anchieta Corrêa*
- 5 Morte cotidiana, escrita em prosa e verso .....109  
*Lélia Parreira Duarte*
- 6 Fronteira vida – saúde – morte dilemas bioéticos em instituições  
hospitalares .....123  
*José Tarcísio Amorim*
- 7 Medo da morte: caminhos e descaminhos da existência huma-  
na .....137  
*Gláucia Rezende Tavares*
- 8 O corpo morto - mitos, ritos e superstições .....145  
*Moisés de Lemos Martins*

## **PARTE 2: MORTE EM TEMPOS DE COVID-19**

1 O homem e a morte no cotidiano: reflexão sobre aspectos históricos, tempo atual e algumas transformações no viver e morrer pela COVID-19 .....	189
2 Morte, mídia, COVID-19 e a enfermagem .....	223
3 Culto aos mortos no dia de finados em cemitérios da região metropolitana de Belo Horizonte .....	251
4 “Só a morte não tem jeito, nem conserto”; portanto, “quando um burro fala de perto, o outro usa máscara” .....	289
5 O estar do homem no mundo e a questão da finitude.....	325

# **PARTE 1**

**QUOTIDIANO, SAÚDE E MORTE**



## 1 VIE QUOTIDIENNE ET RISQUE

Michel Maffesoli

C'est en surprotégeant que l'on rend faible. Ainsi l'enfant, élevé dans du coton est-il incapable de se défendre et de résister aux attaques venues de l'extérieur ou de l'intérieur. Il s'agit là d'une constante de la civilisation de tout vouloir maîtriser, jusqu'aux petites aléas de l'existence quotidienne. La peur du risque, tant au niveau individuel que collectif est, certainement, une des constantes de l'espèce humaine. Peut-être est-ce même le moteur essentiel du progrès améliorant la qualité de vie matérielle et permettant un perfectionnement moral. La chose est entendue, et le bon sens en convient. Mais la chose se complique quand le progrès devient progressisme. C'est-à-dire quand il se systématisé en doctrine, voire en idéologie. Mythe unique auquel tout et tous doivent se soumettre. Forme profane de la divinité à laquelle il convient de sacrifier tout idéal, toute intensité d'être. Sacrifice aboutissant à ce que Durkheim nommait le « conformisme logique ». Ce que l'on pourrait appeler, de nos jours, le « *correctness* ».

Pourtant nombreux sont les penseurs d'envergure qui ont rendu attentif à la nécessaire *part d'ombre* (C.G.Jung) pour l'homme en particulier, pour l'humanité en général. *Part maudite* (G.Bataille), *instant obscur* (Ernst Bloch), on pourrait multiplier à loisir les expressions consacrées à ce que j'ai, pour ma part, appelé la « part du diable ». Toutes choses traduisant cette sagesse enracinée ayant compris qu'il valait mieux accorder une place au mal irrépessible constituant notre humaine nature, sous peine d'être submergé par son irruption incontrôlée. Le fameux retour du refoulé.

Le mythe rapporte que lorsqu'on refusait au dieu Pan l'entrée dans la cité, il mettait la *panique*. Alors que son acceptation, ritualisée, j'allais dire homéopathisée, permettait d'en limiter les méfaits, à tout le moins de les circonscrire. Voilà bien une sagesse d'immémoriale

mémoire sachant de savoir incorporé que le mieux est l'ennemi du bien.

Et c'est ce « mieux » qui, en particulier à partir du XIX<sup>e</sup> siècle, s'est employé à aseptiser la vie sociale. Les historiens de ce siècle, apogée de la modernité, montrent bien comment, subrepticement, l'hygiénisme s'est capillarisé dans l'ensemble du corps social. Comment, aux travers des diverses institutions, il a « formaté » l'individu et ses divers modes de vie. Tout comme il a canalisé les ardeurs et les énergies constitutives de ce que l'on considérait comme des « classes dangereuses ». C'est cette asepsie qui peu à peu a énervé le corps domestique. Stricto sensu lui a enlevé ses nerfs. C'est à dire sa capacité de résistance aux anti-corps pouvant l'atteindre.

Cela a été dit de diverses manières. Je pense en particulier à Machiavel qui, dans une logique irréfutable, montre comment la « vertu donne la tranquillité aux Etats ; la tranquillité enfante ensuite la mollesse et la mollesse consume les pays et les maisons ». La gradation est on ne peut plus mécanique. La décadence est l'inéluctable conséquence de l'asepsie dont il a été question.

Une telle domestication est la cause et l'effet de cette vieille tradition du judéo-christianisme qui est obnubilé par la recherche du salut. Exception culturelle que l'on appelle *sotériologie*. Il faut, pour atteindre le salut, guérir la vie de ses diverses sanies, et cela aboutit à se guérir de la vie. De guérir de cette vie dans ce qu'elle a d'animal, de méchant, de sombre. La fameuse ombre. Mais qu'est ce qu'un homme sans ombre?

Dès lors, peu à peu, se met en place, avec pour lointaine référence la radieuse cité céleste, un mécanisme de protection. Protection contre les assauts du malin, ce sera l'objet de la théologie, contre les attaques du mal et les systèmes moraux en font leurs choux gras, contre les multiples dysfonctionnements sociaux et toutes les grandes idéologies du XIX<sup>e</sup> siècle vont s'y employer continuellement.

Mais ces diverses théories de l'émancipation, religieuse, morale, politique ont une conséquence redoutable : la soumission. En effet, celui qui protège attend, en retour, que l'on se soumette à ses

injonctions, desiderata et autres prescriptions normatives. Il y a là, dans la foulée du paternalisme spécifique au monothéisme chrétien, le désir de garder l'humanité dans une perpétuelle infantilisation.

Voilà quelles sont les racines anthropologiques de la sécularisation à outrance. Ce qui va culminer dans l'idéologie du « risque zéro » et autres principes de précaution. Les multiples interdictions ponctuant l'existence en portent témoignage. Conduire, manger, s'habiller, boire, fumer, aimer, habiter et l'on pourrait à l'infini substantiver nombre de pratiques de la vie quotidienne, tout va être constellé de règles précises, rigoureuses, impératives, ne laissant plus de place à l'expression de la plus simple vitalité.

C'est un tel refus de l'excès, fût-il minime ou ponctuel qui peut conduire à son exact contraire. En termes savants : *hétérotélie*. Effets pervers faisant que ce qui est obtenu est le contraire de ce qui était attendu.

Dès lors, la violence devient perverse. Et ce en son sens strict : *per via*, elle emprunte des voies détournées qu'il est impossible de maîtriser. Et ce faisant, elle devient sanguinaire, paroxystique.

Les *serial killer* s'inscrivent logiquement dans une civilisation où tout est contrôlé, où les codes moraux sont rigoureusement appliqués. Le mal ne pouvant pas s'exprimer, d'une manière cathartique, va le faire d'une manière paroxystique. Toute prohibition engendre le retour en force de ce que l'ondénie. Et, sous toutes ses formes, le « risque zéro » est le fourrier des pires perversions.

La réponse du berger à la bergère, et il s'agit là de la réponse postmoderne au moralisme moderne, va être le retour des vampires et autres sorciers, s'invitant dans la « privacy ». Pour ne prendre qu'un exemple entre mille, la diffusion sur le site communautaire Myspace de la série fantastique « *Beyond the rave* » mettant en scène une tribu de raveurs obnubilés par le sang.

Dans la foulée des films d'horreur, où Frankenstein tient la vedette, où Dracula fait frémir, cette série diffuse sur Internet, en vingt épisodes, plus sanglants les uns que les autres, des histoires partant des fantasmes des internautes et confortant, ainsi, la communauté qui

s'y reconnaît. Une telle web-série d'horreur est loin d'être unique, mais elle souligne bien le changement de paradigme qui est en cours.

L'animal humain se souvient qu'à côté de la raison, il y a ses émotions, ses affects, ses passions et qu'à trop les brider ou les dénier, on aboutit à une société dans laquelle on est protégé certes, mais où l'ennui conduit à une mort non moins assurée.

Le retour des vampires, démons et autres divers fantasmes symbolisant le retour de l'ombre. N'est-ce pas une autre manière de dire et de vivre l'entièreté de l'être ? En ce qu'il a d'inquiétant, mais aussi de vivant.

### **VERS LA MORT – I**

C'est bien le leitmotiv de l'ample symphonie heideggerienne : Zum Todt. Mais il n'y a rien de macabres dans ce rappel élémentaire de la finitude humaine. Inéluctablement on s'achemine vers la mort. Et la reconnaissance d'une telle **destinée** ne va pas sans une certaine jubilation. Les époques tragiques, on commence à s'en rendre compte, sont celles où le festif, sous de multiples formes, joue un rôle non négligeable.

A l'encontre du sympathique et quelque peu niais mythe progressiste, qui fut un élément moteur de la modernité, la sagesse populaire sait bien, de savoir incorporé ; que l'impermanence est au cœur même de l'humaine nature. Et comme en écho des penseurs roboratifs, soulignent le va et vient des cycles marquant le déroulement historique. Ainsi G.Vico rappelant les *corsi et ricorsi* dont est pétrie la culture.

Le cours des choses, le retour d'autres valeurs, voire le détour, voilà qui relativise le simplissime linéarisme temporaire sur lequel s'est fondé l'optimisme propre à la tradition judéo-chrétienne (sémitique). L'Occident va en hériter et la modernité en parachever les effets.

Le fil rouge d'un tel optimisme est la dénégation de la mort. On la retrouve dans l'exclamation de Saint Paul : 'Mort, où est ta victoire ? » Nulle part, puisque le Christ est ressuscité ! Elle réapparaît dans

le développement scientifique du XIX siècle avec son souci, son ambition d'un progrès indéfini devant résoudre toutes les vicissitudes humaines. En premier chef, la mort.

Mais voilà que celle-ci dans un de ces étonnants *ricorsi* refait surface en de nombreux domaines. Parmi lesquels celui de la fête. Il peut paraître étonnant et quelque peu paradoxal, de voir une telle reviviscence en ces effervescences dionysiaques où prévaut le plaisir d'être et le désir de vie.

Nombreux sont les observateurs avisés de l'exacerbation festive, ainsi Sade, ou, plus près de nous Bataille, qui ont montré la proximité existant entre la jouissance vitale et la ritualisation de la mort.

C'est bien cela que l'on trouve dans les épreuves de l'initiation maçonnique, c'est cela, également, qui est à l'œuvre au travers des âges, dans les différentes formes de bacchanales. En chacun de ces cas, pour reprendre la formule Goethe, on entend l'écho inconscient du « Meurs et deviens ».

Il n'est que d'écouter le ramdam des techno-parades, de suivre le défilé d'une « gay pride », de participer à une eucharistie païenne dans une boîte disco à la mode, pour se rendre compte que l'enfer et le paradis ne sont que le recto-verso d'une même réalité. Vie et mort mêlées en un mixte sans fin. Ou plutôt *homéopathisation* de la mort par une exacerbation de la vie.

On ne dira jamais assez comment dans le bruit et la fureur de ces effervescences musicales que l'on retrouve de Tokyo à Buenos Aires, en passant par Ibiza, Londres ou Berlin, c'est dans toutes les villes du monde, la *part du diable* qui a droit de cité.

Et dans tous ces lieux, dans tous ces moments, on peut observer une intime liaison entre la possession et la liberté d'être.

Voilà qui peut sembler paradoxal tant on a considéré, dans la tradition moderne, que la liberté traduisait le fait d'être maître de soi. Et là, dans le temps accéléré d'une musique assourdissante, les corps endiablés » montrent, à l'évidence, qu'ils sont à la fois *possédés* tout exprimant un indéniable « laisser- être ». Au sens strict, ils « existent ». Ils sortent d'eux-mêmes, et par là créent un corps collectif

qui est, quasiment, palpable pour ceux qui se sont purgés des idées convenues. En particulier celles ayant trait, au supposé individualisme contemporain.

La tradition initiatique parle de *l'égrégore* comme étant la résultante d'une ferveur commune. Celle-ci peut être de tout ordre : religieuse, musicale, sportive, consommatoire. Dans chacun de ces cas, il s'agit de « s'éclater ». Ou, pour le dire en termes plus soutenus, de n'exister que par et sous le regard de l'autre. Ainsi se crée un esprit collectif qui, tout à la fois, exprime la mort à soi et la naissance au Soi. À l'Autre qui nous fait défaut.

C'est une telle mort symbolique, nous habituant à la mort réelle, qui est en jeu dans les fusions, confusions propres aux boîtes de nuit. Le terme lui-même n'est-il pas instructif : aller en boîte n'est-il pas le propre de la « mise en boîte », expression populaire désignant le cercueil ?

Il s'agit là, consciemment ou pas, d'une démarche initiatique, celle du nomade qui, en vivant sa mort de tous les jours, est bien en chemin (*zum Todt*) vers cette ultime réalité : la finitude lui conférant, en fait, toute sa grandeur.

Le fracas de l'enfer que le « DJ » va moduler à sa guise est souvenir inconscient de *ce bruit du monde* que l'embryon entend dans le ventre maternel. Bruit et ambiance matriciels, marquant de leur empreinte indélébile le désir de la fusion, c'est dire de la perte à soi en un ensemble plus vaste. C'est dans une telle nostalgie qu'il faut certainement chercher la source du *sentiment océanique* que l'on retrouve dans toutes les effervescences postmodernes.

## ZUM TODT II

Il faut, également, noter que la fureur commune peut être mortifère. Dans le clair-obscur de toute existence, il n'y a pas de dichotomie tranchée. Et au noir du « Black Metal » répond celui de la « Burka » des femmes voilées. Elles aussi expriment, en majeur, un

fanatisme irrépressible. Elles aussi célèbrent la mort. Mais moins pour conforter la vie que pour accélérer sa disparition.

C'est au nom d'un Dieu vengeur, qu'elles offrent leurs enfants en victimes expiatoires. C'est au nom du Dieu des armées qu'elles précipitent leurs maris en une « guerre sainte » dont les plus importants carnages sont encore à venir. Mais si notre pensée va, un peu, plus loin que l'émotion suscitée par cette théorie de femmes voilées, l'on est bien obligé de reconnaître qu'il existe un lien étroit entre la Terreur et la Vérité. En effet, c'est au nom de la vérité que se font toutes les Croisades.

Faisons un pas en arrière. Vers la source du monothéisme sémite. L'on a interprété le *péché originel* comme simple conséquence de la concupiscence.

« Croquer la pomme » serait la métaphore de l'acte sexuel. En fait, si l'on va se référer à l'Ancien Testament, le serpent, en vantant le fruit de l'arbre de la connaissance, précise : « Vos yeux s'ouvriront et vous serez comme des dieux, qui connaissent le bien et le mal » (Genèse III, 5).

Souvenons-nous, ici, de Paul Valéry établissant une proximité énantiodromique entre serpent et penser. Quoiqu'il en soit, c'est la possession (illusoire) de la vérité qui a, toujours, conduit aux pires carnages. Ce qui permet de comprendre, ainsi que je viens de le dire, l'étroite liaison existant entre Terreur et Vérité. Cela fut vrai pour toutes les inquisitions. Et plus près de nous, on retrouve le même mécanisme dans les Révolutions (française, soviétique...) et autres Ordres Nouveaux (Nazisme, fascisme...) qui au nom d'une vie meilleure, mais à venir, n'hésitent pas à tuer, ans l'immédiat, des existences concrètes.

Le fanatisme des hommes en noir et des femmes voilées est le dernier représentant d'une conception normative et d'une représentation universaliste du monde. Mais il faut avoir l'honnêteté, la lucidité de reconnaître que leur

« orgie religieuse » est du même acabit que celles qui, au travers des siècles, ont marqué toutes les guerres de religions.

Au nom de la bonne conscience moyenne, il est fréquent de vitupérer le port de la « burka ». Mais si celui-ci fait peur, c'est parce que ce voile signifie tout haut, en paroxysme, notre propre moralisme larvé. L'universalisme des droits de l'homme et celui du fanatisme islamique participent du même objectif : atteindre individuellement ou collectivement une perfection lointaine. Croyance qui est à l'origine de toutes sortes d'*ingérences*, des plus anodines aux plus sanglantes. Voilà bien la double face du cheminement « vers la mort », propre à notre humaine nature. Soit celle du fanatisme religieux (avec la version quelque peu sécularisée de l'humanitarisme) qui, postulant qu'il y a une vie après cette vie-ci, tient cette dernière pour quantité négligeable, pouvant être niée, mutilée ou, simplement, détruite.

Toutes les ruminations eschatologiques avec leurs cortèges de s'inscrivent bien dans un tel nihilisme, un tel mépris du monde.

Tout autre est l'attitude *mondaine* des grandes hystéries postmodernes. Des effervescences musicales aux manifestations sportives, elles fêtent une vie, qui tant bien que mal, mérite d'être vécue. Comme le dit la sagesse populaire : la vie ne vaut peut-être rien, mais rien ne vaut la vie. On trouve là, de savoir incorporé, une force anti-utopique, celle qui va ajourner l'eschatologie, c'est à dire la fin du Monde.

C'est bien cela que célèbrent les bras levés, les corps exacerbés et les têtes échevelées. *Amor mundi* et *Amor fati* vont de pair. Aimer le monde signifie que l'on accepte le destin jusqu'aux plus ultimes conséquences : la mort. Mais une mort rituelle, cause et effet du grand cycle de la Vie.

Michel Maffesoli  
Institut Universitaire de France  
mm@ceaq-sorbonne.org  
www.michelmaffesoli.org

## **2 O MÉDICO DIANTE DE PACIENTES FORA DE POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA**

*João Gabriel Marques Fonseca*

### **INTRODUÇÃO**

O acompanhamento e o tratamento de pacientes ditos “fora de possibilidade terapêutica” sempre se constituíram em grandes desafios para os médicos. Em tempos atuais esse desafio se transformou em transtorno: poucos médicos encaram de frente esta questão e, infelizmente, na maior parte das vezes, os médicos adotam posturas (internação em CTI, sedação intensa, multiplicidade de exames) que lhe poupam do contato direto, intenso e, frequentemente, doloroso com o paciente. As escolas de medicina atuais dedicam muito pouco tempo de seus currículos à discussão dos limites do ato terapêutico e da morte enquanto processo biológico. Até o envelhecimento costuma ser considerado por sua negação – as condutas mais bem vistas na atualidade são as que propõem um conjunto de ações para prolongar o máximo a vida e o adiamento da morte. O médico é preparado para se sentir um antídoto da morte e o falecimento de um paciente costuma ser interpretado como um fracasso pessoal.

Nossa pretensão neste texto é propor uma reflexão sobre a postura do médico diante de pacientes considerados fora de possibilidade terapêutica; ou seja, no processo do “morrer”. Não daremos ênfase às dimensões técnicas desta conduta – técnicas de analgesia, de manutenção do equilíbrio hidroeletrolítico, de sedação ou outras ações equivalentes; nossa intenção é incitar a reflexão sobre a relação médico-paciente nesta circunstância e chamar a atenção para alguns aspectos da conduta e da postura do médico que podem contribuir para uma relação mais efetiva e afetiva.

As maiores dificuldades encontradas pelos médicos para lidar com pacientes fora de possibilidade terapêutica estão relacionadas

com a forma como nós, habitantes de uma cultura científico-racionalista pós-moderna, encaramos o tempo. Vivemos imersos na experiência do tempo linear, que flui inexoravelmente do passado para o presente e para o futuro. Nossa cultura – judaico-cristã-ocidental – nos condicionou a encarar o passado como uma lição, o futuro como um ideal e o presente como um problema. Somos uma cultura futurista, que projeta suas ações para o futuro, ideal...

Esse estado de coisas, que vê o presente como um problema, perpassa todo o nosso cotidiano. Por exemplo: um jovem diz que está “ralando” (sofrendo) na escola para conseguir alguma coisa (projeção, riqueza, felicidade, etc.) depois; perguntamos sistematicamente às crianças o que elas vão ser “quando crescerem”, como se elas ainda não fossem!; o sofrimento é aceito como preparação para a “felicidade que virá depois”.

Os pacientes “fora de possibilidade terapêutica” representam a inexistência do “depois”; o “depois” nesse caso significa a morte e a morte é o imprevisível, o desconhecido, o incontrolável. As inúmeras teorias e doutrinas que cultuam e racionalizam a morte são formas muito eficientes de atenuar essa sensação de imprevisibilidade e de incontrolabilidade.

Por isso, a nossa cultura privilegia o novo, o jovem, o “que tem futuro”. O antigo, o velho e o tudo mais que não tenha futuro é evitado, secundarizado e, com frequência, relegado à condição de desprezível.

Outro aspecto relevante da relação com o tempo na relação médico-paciente está ligado à dualidade “tempo racional / tempo vivencial”: o tempo racional é o tempo medido (cronométrico, do relógio), também chamado tempo conceitual; o tempo vivencial, é o tempo psicológico, o tempo experiência, o tempo vivido.

Na maior parte das vezes em que ocorre uma relação médico-paciente, os médicos “utilizam” o tempo racional, imparcial e “frio”. O paciente, ao contrário, vive a experiência do tempo psicológico. Quanto mais grave for o estado clínico do paciente mais nítida costuma ser essa distinção. Embora raramente o médico se dê conta, essa diferença no relacionamento com o tempo constitui-se num dos obstáculos mais

frequentes para uma relação médico-paciente produtiva. O médico usa o tempo cronométrico/conceitual para demarcar dados evolutivos e prognósticos. Já o paciente vê o tempo de forma relativa, como ameaça de finitude; um tempo amedrontador. É muito frequente que médico e paciente conversem como se fossem surdos; o médico assentado em bases racionais e o paciente em bases emocionais.

Outra questão muito relevante de nosso momento histórico: nossa cultura recusa-se a aceitar a morte como culminância do processo de viver; a morte é vista como uma terrível destruidora da felicidade. Um provérbio oriental nos diz que “a morte é o oposto do nascimento e não da vida”. Esse provérbio soa estranho para nós exatamente porque ele propõe a morte como parte da vida - o estágio final de um ciclo e a consequência natural do processo de viver – a morte não se opõe à vida.

Toda a estrutura de nossa sociedade é dirigida para o consumo e para a produção; e o morto não consome... Somos, desde crianças, bombardeados por todos os lados com crenças e ações que condenam a morte à condição de eterno desprazer.

Uma das consequências disso é a rejeição aos pacientes em estado terminal, aos velhos e a tudo mais que lembre ou equivalha à morte.

A morte já foi bem aceita no passado nas sociedades ocidentais, mas com o desenvolvimento da cultura tecnológica e consumista, o morrer tornou-se um grande problema. Da “morte celebração” das sociedades medievais, chegamos à negação da morte tão comum nos Centros de Tratamento Intensivo e outras unidades dos hospitais modernos.

Os cursos médicos reafirmam esta posição da sociedade e também negam a morte enquanto consequência natural do processo de viver. Os médicos, pelo menos desde o início do século XX, não gostam de “tocar no assunto”. O estudo do processo de morte é, em geral, reduzido a seus aspectos anatomopatológicos, fisiopatológicos e médicos legais. Raramente a morte é tratada num curso médico em seus aspectos sociais, existenciais e religiosos.

## OS PERCALÇOS DA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE QUANDO OS PACIENTES ESTÃO FORA DE POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA

Na maioria das vezes, a atenção médica dirigida a pacientes fora de possibilidade terapêutica concentra-se exclusivamente em sua doença e no combate aos sintomas, ficando a *persona* do paciente relegada a segundo plano. Uma expressão muito utilizada na linguagem popular diz que o médico “desenganou” o paciente (donde se presume que, até então, ele estava “enganando” o paciente!). Apesar de ser uma atitude eticamente repugnante, desenganar significa na prática, abandonar o paciente, entregá-lo ao “mundo não médico”. Muitos médicos se sentem profundamente incomodados quando percebem que não podem oferecer mais nada “objetivo” ao paciente e, sempre que podem, “saltam fora do barco”. Nessa situação, o médico esquece (ou não admite) que, mesmo quando não haja mais propostas terapêuticas no sentido técnico dessa palavra, ele *sempre* poderá atender ao paciente, estar presente com ele, compartilhar com ele dessa fase de sua vida. É justamente para essa dimensão humana da relação médico-paciente que os médicos não têm sido preparados nas últimas décadas. A menos que faça parte de sua formação pessoal e familiar, o médico se sente e efetivamente está despreparado frente a este tipo de demanda - a de ser “apenas um ser humano”, solidário com outro ser humano; é como se o médico tivesse que “descer” da condição de médico para ser “apenas” um ser humano.

De alguma maneira, a formação excessivamente tecnológica da medicina contemporânea amplia ainda mais essa indisponibilidade do médico. Nos tempos atuais é muito difícil para um médico prover um suporte emocional adequado a um paciente fora de possibilidade terapêutica. Aring<sup>3</sup> afirma que os médicos têm muito mais medo da morte que um grupo controle de pacientes e é claro que isso prejudica enormemente sua relação com o paciente em situação terminal. Quanto mais jovem é o médico mais evidente é essa dificuldade; em parte decorrente de sua própria juventude, em parte da falta

de vivência crítica. Médicos maduros ou idosos lidam com maior naturalidade com essa situação.

Um outro grande problema que se observa nos dias atuais é o isolamento físico e emocional a que são submetidos pacientes fora de possibilidade terapêutica. Toda a história de vida, as demandas emocionais e sociais são, com frequência, deixadas de lado em troca de um pretense sossego, principalmente para médico e familiares. Muitos são sedados para que os familiares tenham sossego, sem que seja feita uma verdadeira avaliação se aquele era realmente o desejo daquela pessoa. Esta é uma situação em que “um médico de família” desempenha um papel fundamental. Apesar do renascimento dos programas de saúde da família, o verdadeiro “médico de família” anda raro hoje em dia: um médico que realmente conheça e seja conhecido pela família, o que torna sua relação com os membros dessa família mais humana e amiga.

A formação humanística do médico faz grande diferença em situações de limite terapêutico. Quanto maior for o repertório de conhecimentos e de reflexão crítica de um médico, mais apto ele estará para encarar situações limites e conduzi-las com tranquilidade e eficiência. Infelizmente, também nesse sentido, o ensino médico de graduação e pós-graduação é falho. A proposta de disciplinas humanísticas em cursos médicos é vista como “poética” ou como uma perda de tempo institucionalizada. A grande maioria dos médicos e estudantes de medicina interessa-se por “informações práticas” que possam ser usadas imediatamente.

A “idéia de salvar a vida a qualquer custo” costuma justificar atitudes altamente questionáveis do ponto de vista ético. Não raro se vê alguém ser submetido a extremos terapêuticos que lhe prolonguem mais o morrer que a vida, atitudes não levam em consideração a qualidade da vida, considerando apenas a quantidade de vida.

A maior dificuldade que os médicos sentem diante de pacientes sem possibilidade terapêutica é a sensação de impotência absoluta. Essa sensação gera frustração e desgaste e é muito difícil conviver pacificamente com ela. Até certo ponto, é natural que um médico

fique propenso a tomar atitudes radicais e extremadas quando se sente acuado pela limitação; é uma forma de enfrentar a frustração.

## **AS DIFICULDADES DO DIÁLOGO DO MÉDICO COM O PACIENTE FORA DE POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA**

Uma das decisões mais difíceis e angustiantes para um médico é revelar ou não para um paciente a inexistência de recursos terapêuticos. A maioria dos médicos evita ao máximo as situações em que haja a possibilidade deste tipo de diálogo. Vários expedientes são inconscientemente utilizados para evitar o risco de ter que entrar nesse assunto com o paciente: visitas rápidas, ênfase ao exame físico ou a resultados de exames complementares, visitas coletivas (corridas de leitos) que constroem o paciente, brincadeiras, adiamentos justificados por novos exames e evasivas, estão entre os muitos processos que evitam o diálogo.

Além das dificuldades do médico há ainda a dificuldade do paciente em encarar sua situação. Todos nós, em nossa vida cotidiana usual, sem nenhuma ameaça especial à nossa integridade, temos dificuldades em colocar claramente nossas emoções para outra pessoa. Isso fica claro quando examinamos os tipos de pergunta que uma pessoa faz a outra. Nas conversações cotidianas existem três tipos de perguntas:

- a “pergunta objetiva”: que horas são? Quando fazemos esse tipo de pergunta queremos realmente saber o que perguntamos.
- a “pergunta convite” onde perguntamos alguma coisa para alguém apenas porque queremos conversar com essa pessoa. O exemplo típico desta situação ocorre quando duas pessoas estão assentadas lado a lado em um ônibus durante uma viagem e um pergunta para o outro qual é a profissão dele. Certamente a resposta não interessa; qualquer que seja ela haverá uma possibilidade de continuidade da conversa.

- a pergunta “atravessada”: é a pergunta feita para camuflar a verdadeira pergunta. Por exemplo, quando o namorado pergunta à namorada a que horas ela chegou a casa no dia anterior, quando ele queria realmente lhe perguntar se ela está saindo com outro homem.

Quase todas as perguntas feitas por um paciente em estado grave pertencem às duas últimas categorias: perguntar uma coisa porque quer conversar ou porque quer saber outra coisa. Cabe ao médico decifrar a verdadeira pergunta. Quando um paciente faz uma pergunta dessas para um médico e este a considera como uma pergunta objetiva, ele está fechando as portas para o diálogo. É muito freqüente que o paciente pergunte ao médico: “eu vou morrer?”. Se o médico lhe responde “objetivamente”: “claro que sim, todos vamos morrer!” estará interrompendo o diálogo. Um paciente que faz uma pergunta como esta não está querendo saber o óbvio; certamente o que ele quer saber é como ele realmente está, se há a possibilidade de morte a curto prazo, se há possibilidade de sofrimento etc. É muito difícil para um paciente encarar essas dúvidas, por isso não se deve esperar que suas perguntas sejam claras e diretas; o paciente vai perguntar da forma que ele conseguir perguntar. Cabe ao médico descobrir o conteúdo implícito da pergunta e tentar respondê-lo, mas isso exige experiência e discernimento crítico. Quando o paciente consegue ter um diálogo efetivo e afetivo com o médico, sente-se mais seguro, mesmo diante de um grande sofrimento físico. Também o médico se sentirá melhor.

O médico deve evitar a utilização de termos técnicos, a formulação de prognósticos rígidos, explicações excessivas, expressões que levem à desesperança e, acima de tudo, **nunca deverá responder a perguntas que o paciente não fez**. O médico não deve mentir. Omitir informações muitas vezes é necessário; mentir não.

## O DIÁLOGO DO MÉDICO COM A FAMÍLIA DO PACIENTE

Tudo o que dissemos sobre o diálogo com o paciente é válido, em grau um pouco menor para a família. Os familiares de um paciente fora de possibilidade terapêutica precisam de cuidados, de atenção e de atendimento da mesma forma que o paciente. Parentes próximos devem ser detalhadamente informados sobre a situação clínica do paciente, mas deve-se estar atento ao melhor momento para isso. Os familiares desses pacientes costumam estar sob grande tensão emocional e é necessário cuidado para abordá-los. Muitas vezes, a tensão torna as pessoas agressivas, grosseiras e pouco colaborativas. Quando o médico se mostra solícito, o diálogo é muito mais produtivo. Este cuidado deve se estender ao período que se segue à morte do paciente.

## A NECESSIDADE DA CONTINUIDADE DO ATENDIMENTO

Mesmo quando cessam os recursos terapêuticos, o médico **pode e deve** continuar atuando. O médico sempre pode atender ao paciente. Uma das principais funções do médico no trato com pacientes em fase final é a função de “maternagem”. Cuidar do paciente não apenas como paciente, mas como ser humano que precisa da ajuda de outro ser humano.

Essa é a grande virtude dos “cuidados paliativos” definidos atualmente como “cuidados totais prestados ao paciente e à sua família, que se iniciam quando a terapêutica específica, curativa, deixa de ser o objetivo<sup>10</sup>”. A terapêutica paliativa é voltada ao controle sintomático e à preservação da qualidade de vida do paciente, sem objetivo de cura ou controle da doença primária, nem de prolongamento ou de abreviação da vida.

Implantados nos últimos anos, esses serviços ainda são incipientes diante da grande demanda existente, mas apesar disso, já representam um grande alento para os pacientes e suas famílias.

Os profissionais que formam hoje as equipes de cuidados paliativos fazem seu trabalho porque foram de alguma forma, sensibilizados pessoal ou profissionalmente para essa função, além de terem, usualmente, elevado grau de abnegação e altruísmo. Os serviços de cuidado paliativo proveem uma maior segurança para pacientes e suas famílias e contribuem decisivamente para a construção de uma relação de confiança mútua, fundamental para melhorar a qualidade de vida do paciente oferecendo um morrer com dignidade. Uma vantagem adicional dos serviços de cuidados paliativos é facilitar para o paciente e sua família uma logística mínima para atendimento em situações críticas e de urgência.

### **O SUPORTE CLÍNICO PARA OS PACIENTES SEM POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA**

Na perspectiva de prover um suporte clínico a pacientes fora de possibilidade terapêutica, consideramos indispensável que:

- Todos os esforços sejam feitos no sentido de proporcionar alívio para dor. A participação de especialistas em analgesia deve ser sempre considerada.
- Se utilizem todos os recursos disponíveis para proporcionar ao paciente dignidade e conforto. O mobiliário, as roupas, o posicionamento do paciente, seu conforto térmico, cuidados especiais com seus deslocamentos, o atendimento à suas necessidades fisiológicas, ajuda para alimentação, cuidados com o sono e tudo mais que possa proporcionar algum bem estar deve ser considerado.
- Seja dado ao paciente o direito de contar com a presença permanente de familiares e, sempre que possível, o paciente deve falecer em seu domicílio. Em condições ideais, sob o ponto de vista ético, o paciente só deve permanecer no hospital quando os recursos técnicos do hospital forem absolutamente indispensáveis ou quando sua permanência em seu domicílio seja inviável.

- Nunca se abandone o paciente. O atendimento médico nunca cessa, mesmo se os recursos terapêuticos acabarem.
- Pacientes fora de possibilidade terapêutica (quando em estado terminal) recebam *terapêutica de reposição* (hidratação, transfusão de hemoderivados, nutrição), *sintomática* e *de apoio logístico* (antibioticoterapia); entretanto, é muito questionável sob o ponto de vista ético que pacientes em estado terminal devam receber *terapêutica de substituição* de funções vitais como aminas vasoativas, reanimação cardiopulmonar, ventilação mecânica e diálise. A substituição de uma função vital em um paciente cuja situação clínica é grave e irreversível contribui apenas para prolongar-lhe o morrer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser médico na atualidade é conviver com a saturação de informações, a ebulição tecnológica, o pluralismo de idéias, a pressa, a rapidez e as más condições de trabalho. O médico exerce hoje seu ofício nesse emaranhado de tecnologias e informações, com um imenso arsenal de recursos propedêuticos, mas com um número proporcionalmente muito menor de recursos terapêuticos. O grande desenvolvimento dos recursos diagnósticos das últimas duas décadas não foi acompanhado de um desenvolvimento comparável dos recursos terapêuticos.

Os mais recentes avanços terapêuticos se restringem à maior variedade de medicamentos já clássicos (antibióticos, antivirais, quimioterápicos antineoplásicos, analgésicos, hormônios, drogas de ação cardiovascular etc.) e a avanços nas técnicas cirúrgicas.

O olhar médico neste momento histórico é excessivamente técnico e “coisificador”, fragmentando a pessoa e identificando-a como um conjunto de órgãos e sistemas que exigem, em contrapartida, uma ação fragmentada.

A inundação de informações e a virtual impossibilidade de manter-se efetivamente a par do que se publica (mesmo numa área restrita de conhecimento) leva quase que inevitavelmente o médico a agir com superficialidade em muitas coisas que faz no seu dia a dia.

Pacientes fora de possibilidade terapêutica são facilmente menosprezados nesse emaranhado de coisas.

Não há prática médica efetiva sem atenção às limitações dessa prática. Conhecer as impossibilidades costuma ser mais útil do que conhecer as possibilidades. Um médico nunca estará em condições plenas do exercício de sua profissão, qualquer que seja sua especialidade ou área de atuação, se não tiver um mínimo de experiência nesse campo.

## REFERÊNCIAS

1. ARIES, P. **História da Morte no Ocidente** - Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003.
2. ARIES, P. **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A. 1981. 2v.
3. ARING, C.D. **The Understanding Physician**. Detroit: Wayne State University Press. 1971.
4. BECKER, E. **A Negação da Morte**. Rio de Janeiro: Record. 2008.
5. CALDEIRA, G. ; MARTINS, J.D. **Psicossomática – teoria e prática**. Rio de Janeiro : MEDSI. 2001.
6. HELMAN, C.G. **Cultura, Saúde e Doença**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2. ed. 1994.
7. KÜBLER-ROSS, E. **Perguntas e Respostas sobre a Morte e o Morrer**.São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 2008.
8. LEPARGNEUR, H. **O Doente, A Doença e a Morte** - Implicações Sócio-Culturais da Enfermidade. Campinas, Papyrus, 1987, 208 p.
9. MENEZES, R. A.: **Em Busca da Boa Morte** - Antropologia dos CuidadosPaliativos. Rio de Janeiro : Ed. Fiocruz, 2004.
10. BRASIL. Ministério da Saúde - **INCA: Cuidados paliativos oncológicos:controle de sintomas**. Rio de Janeiro: INCA, 2001.
11. OLIVEIRA, J.B.A. ; LOPES, R.C.G.: Cuidados paliativos – a necessidade namedicina atual diante do paciente fora da possibilidade terapêutica de cura. **Pratica Hospitalar**, v.51, p. 167-170, 2007.

12. PESSINI, L. A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. **Mundo Saúde**, v.27, n.1., p.15-34, 2003.
13. PIERRE, C. **A Arte de Viver e Morrer**. Cotia: Ateliê Editorial. 1998.
14. PINCUS, L. **A Família e a Morte** – como enfrentar o luto. São Paulo: Paz e Terra. 1989 .
15. RAKEL, R.E. **Textbook of Family Medicine**. Philadelphia: Saunders. 2007.
16. STEDFORD, A. **Encarando a Morte**: uma abordagem com o paciente terminal. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas. 1986.
17. TUMULTY, P.A. **The effective clinician** - His Methods and Approach to Diagnosis and Care. Philadelphia: Saunders. 1973.



### 3 MORTE NO QUOTIDIANO HOSPITALAR: MITOS, RITOS E SILÊNCIO

*José Ricardo de Oliveira*

Kovács<sup>(1)</sup> cita o caso de um paciente de 84 anos, semelhante ao que observamos em centros de tratamento intensivo. Consciente, pediu que não se tentasse nenhuma intervenção, sentia que “já tinha vivido o suficiente e gostaria de morrer em paz”. Entretanto, havia tubos por todos os orifícios do seu corpo, todas as atividades vitais eram realizadas por máquinas, as mãos estavam amarradas, da sua boca torta saía o tubo do respirador, com seu ruído constante. O único meio de comunicação que lhe restava eram os olhos, que expressavam profunda tristeza, e dos quais rolavam lágrimas. Neste caso o processo de morte não pertence mais à pessoa, tira-se a sua autonomia e sua consciência. O paciente encontra-se muitas vezes só, porque os horários de visita são estabelecidos segundo a conveniência do hospital. Perde a noção do dia e da noite porque a iluminação é sempre igual. Os seus companheiros são tubos e ruídos de monitores, e não a voz e a imagem dos familiares.<sup>(1)</sup>

Este ensaio, *Morte no cotidiano hospitalar: mitos, ritos e silêncio*, origina-se da pesquisa *Bioética e atenção ao paciente sem perspectiva terapêutica convencional<sup>1</sup>: estudo sobre o morrer com dignidade*.

<sup>(1)</sup> Partiu de feridas profundas na sociedade, que reivindica carências. O tema matriz refere-se ao processo da terminalidade humana em ambiente hospitalar. Relaciona-se à bioética e à atenção ao paciente sem perspectiva terapêutica convencional. Estudo de natureza qualitativa e fenomenológica utiliza dois procedimentos: técnicas de história oral e observação participante. Entrevistas em profundidade foram realizadas com sujeitos selecionados dentro do universo da pesquisa. O trabalho de campo foi realizado em Belo Horizonte,

---

<sup>1</sup> Esta terminologia, *paciente sem perspectiva terapêutica convencional*, foi preferida pelo autor em sua dissertação de mestrado, substituindo-se à antiga conotação de “pacientes terminais”.

Minas Gerais, Brasil. O cerne da reflexão foi o morrer com dignidade. Neste contexto, a bioética circunscreve territórios que estampam a necessidade de cuidado com aqueles que vivenciam doenças terminais. Ao dar voz a indivíduos na expressão de sua subjetividade, por um tempo que lhes resta de vida, pela escuta cuidadosa pode-se conferir novo sentido à terminalidade, abrindo um debate. Consideraram-se importantes duas atitudes percebidas como relevantes no universo pesquisado: o controle da dor e a morte domiciliar. Vale ressaltar, no entanto, a possibilidade de que esta pesquisa contribua para avançar o conhecimento no campo da bioética sobre o processo de silêncio, que antecede a morte por horas ou dias. A atenção aos sujeitos pode representar o respeito às diferenças, à abertura de espaço para se criar e reforçar atitudes de autonomia e de dignidade e o uso de técnicas de cuidados paliativos. É necessário salientar que abordagens sobre os conceitos de saúde e doença não traduzem linearidade e que a reflexão sobre tais estados é controvertida. Os distintos lugares dos discursos visitados evidenciam uma complexidade algo significativa como o tema da própria morte. A construção do objeto circunscreve dois eixos temáticos: a bioética e a dignidade de morrer e poderia contribuir, quem sabe, para inovar práticas facilitadoras da travessia entre a vida e o morrer com dignidade? Será que realmente existe um cotidiano distinto entre o processo da morte e do morrer nos cenários hospitalar e domiciliar?

## **SAÚDE, DOENÇA, MORTE**

Os conceitos de saúde e de doença serão discutidos não apenas na área da saúde propriamente dita, mas também em outras áreas do conhecimento como a filosofia, a antropologia e a literatura.

## CONCEITOS E REPRESENTAÇÕES

Para Varga<sup>(3)</sup> de uma maneira geral e de outra particular, a saúde é uma necessidade para que o ser humano possa ter uma vida normal e seja capaz de cumprir os deveres derivados dos fins existenciais universais e das circunstâncias particulares de cada um. Ninguém pode sozinho cuidar adequadamente de sua saúde. Aponta que, a partir da necessidade, o homem tem o dever de cuidar de sua saúde e uma organização social maior deve ir ao encontro do indivíduo quando o grupo social menor, a família, não consegue por si só assisti-lo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que “a saúde não é o centro da qualidade de vida”. Avaliar qualidade de vida é avaliar o bem-estar global, isto é, físico, psicológico, econômico, espiritual e social. A OMS, em 1994, definiu “Qualidade de Vida (QV) como a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vivee em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”.<sup>(4)</sup>

De outra perspectiva, a OMS (1946) considera que “saúde é um estado de completo bem-estar físico, moral e social, não consistindo somente na ausência de enfermidade ou de doença”. Essa é uma concepção positiva de saúde; mostra-se utópica, subjetiva e pouco precisa pelo seu significado relativo. Boff contrapõe, afirmando que:

Essa compreensão não realista, pois parte de uma suposição falsa, de que é possível uma existência sem dor e sem morte. É também inumana porque não recolhe a concretitude (*sic*) da vida que é mortal. Não descobre dentro de si a morte e seus acompanhantes, os achaques, as fraquezas, as enfermidades, a agonia e a despedida final. Acresce ainda que a saúde não é um estado, mas um processo permanente de busca de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana. Todos esses fatores estão a serviço da pessoa para que tenha força de ser pessoa, autônoma,

livre, aberta e criativa face às várias injunções que vier a enfrentar.<sup>(5)</sup>

A definição de doença, em várias línguas, possui significados diferentes. Laplantine<sup>(6)</sup> observa uma bipolaridade: “doença na terceira pessoa” (conhecimento médico objetivo) e “doença na primeira pessoa” (subjetividades do doente e do médico). Em francês dispõe-se da palavra *maladie* (doença) para a qual na língua inglesa existem três expressões distintas: *disease* – a doença tal como ela é apreendida pelo conhecimento médico; *illness* – a doença como é experimentada pelo doente; *sickness* – um estado menos grave e mais incerto que o precedente significando o mal-estar. O autor<sup>(6)</sup> destaca também que a expressão *illness* pode ser entendida a partir de dois pontos de vista clássicos: “doença-sujeito”, a experiência subjetiva do doente e “doença-sociedade”, comportamentos socioculturais ligados à doença. Ele propõe que se avance no debate de *sickness*, uma vez que esta terminologia pode articular, ao mesmo tempo, as dimensões do discurso e do comportamento do doente (*illness*) e, as dimensões de uma prática social, a medicina cientificamente observada e objetivada (*disease*).

Gadamer<sup>(7)</sup> define as doenças como uma entidade exógena que invade o corpo de um indivíduo, de acordo com o seu aparecimento, elas são um “objeto”, algo que se promove uma resistência, a qual se deve quebrar. No entanto, “Saúde não é algo que se possa fazer. O objetivo maior permanece sendo tornar-se novamente sadio e, com isso, esquecer que se está sadio. [...] A preocupação com a própria saúde é um fenômeno primordial do ser humano.<sup>(7)</sup> O autor situa o caráter oculto da saúde a “apenas uma pequena parte de todas as tarefas que temos pela frente”.<sup>(7)</sup> Por toda a parte importa alcançar o equilíbrio de fazer o querer e fazer responsável. Seria quase ridículo se alguém perguntasse: você se sente com saúde?

Quando a doença avança e a pessoa gravemente enferma ou sem perspectiva de cura é colocada no horizonte da medicina curativa, que entende a saúde como a ausência de doença, Barchifontaine<sup>(8)</sup>

aponta outra dimensão, o conceito de saúde no sentido de um estado de “bem-estar físico, mental, social e espiritual, mesmo quando não existir a mínima perspectiva de cura”.

## **SAUDE OCULTA E DOENÇA MANIFESTA**

O corpo humano é integrado por reações bioquímicas complexas, em nível celular de decomposição, transformação, reconstituição, reparação, remodelação e deve prevalecer o princípio simbiótico de uma por todas e todas por uma tendo como objetivo a garantia da homeostase. Entretanto, pode sofrer avarias na fisiologia agudas ou crônicas, benignas ou malignas.

Foucault, em *O nascimento da clínica*, retrata o deslocamento histórico da medicina clássica (doença considerada essência abstrata) para a medicina clínica (um saber sobre o indivíduo com corpo doente), no início do século XIX: “Foi quando a morte se integrou epistemologicamente à experiência médica que a doença pôde se desprender da contranatureza e tornar corpo no corpo vivo dos indivíduos”.<sup>(9)</sup> Esta experiência médica possibilitou o surgimento da anatomia patológica, estudo dos fenômenos fisiológicos, métodos da análise, exame clínico e reorganização das escolas médicas e dos hospitais.

Canguilhem, em *O normal e o patológico*, traz outra descrição:

Se reconhecermos que a doença não deixa de ser uma espécie de norma biológica, conseqüentemente o estado patológico não pode ser chamado de anormal no sentido absoluto, mas anormal apenas na relação com uma espécie de normal. Ser sadio significa não apenas ser normal em uma situação determinada. Reciprocamente, ser sadio e ser normal não são fatos totalmente equivalentes, já que o patológico é uma situação determinada, mas ser, também normativo, nessa situação e em outras situações eventuais. O que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar

a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas.<sup>(10)</sup>

O caráter oculto da saúde é revisitado por Canguilhem<sup>(11)</sup> e Gadamer<sup>(7)</sup>. Ela não se declara por si mesma. Se for admitida que uma definição de saúde seja possível, sem referência a qualquer saber explícito, onde buscar seu fundamento? Canguilhem<sup>(11)</sup> propõe uma reflexão, destacando uma definição de René Leriche, que publicou no tomo VI da *Encyclopédie Française*: “A saúde é a vida no silêncio dos órgãos”. Entre os que concederam maior atenção à questão filosófica da saúde, ele cita Leibniz, Diderot, Kant e permite inscrever Descartes, com destaque por ser ele “o inventor de uma concepção mecanicista das funções orgânicas”. Descartes escreve em uma carta a Chanut, em 1649:

Ainda que a saúde seja o maior de todos os nossos bens concernentes ao corpo, ele é, contudo, aquele sobre o qual fazemos o mínimo de reflexão e apreciamos menos. O conhecimento da verdade é como a saúde da alma: quando a possuímos, não pensamos mais nela.<sup>(11)</sup>

Compreender a interação do doente com sua doença, a influência dos aspectos psicológicos nas doenças em geral, é antes de tudo, aceitar a relação indissolúvel existente entre as funções psíquicas e fisiológicas. Canguilhem<sup>(11)</sup> fortalece a recusa de assimilar a saúde a um efeito necessário de relações de tipo mecânico. A saúde tomada como referencial da verdade do corpo não pode ser vista como saúde de um mecanismo.

Em muitas situações de doenças, o conflito existencial, considerado fator secundário, pode até mesmo ser o fator causal significativo no aparecimento de doenças no ser humano em diversas patologias. Por exemplo, o câncer é uma doença que se origina nos

genes de uma única célula – várias mutações têm que ocorrer para que ela adquira este fenótipo de malignidade e a biologia molecular vem estudando com profundidade estes detalhes. Quando ocorre este desequilíbrio e escapa ao autocontrole, então o ser humano adoece em algum lugar de corpo e alma.

A qualquer momento, a vida pode não ser mais. Auster<sup>(12)</sup> relatou que no curto período de três semanas após a morte do pai: “Se, enquanto esteve vivo, eu costumava procurá-lo, [...] agora que morreu ainda acho que devo continuar a procurá-lo. A morte nada mudou. A única diferença é que para mim o tempo se esgotou”. Descreve e circunscreve, em tom marcante, a generalização sobre a vida e a morte:

Num dia há vida. Um homem, por exemplo, com ótima saúde, nem sequer velho, sem qualquer doença. [...] Ele passa um dia após o outro cuidando de suas coisas, sonhando apenas com a vida que se estende à frente. E então, subitamente, acontece a morte. O homem exala um breve suspiro, encolhe-se na cadeira, é a morte. [...] Nada nos resta além da morte, o fato irredutível de nossa própria mortalidade. A morte após uma longa doença, somos capazes de aceitar com resignação. Mesmo a morte acidental, podemos atribuí-la ao destino. Mas um homem morrer sem causa aparente, um homem morrer simplesmente porque é um homem, nos acerca tanto na fronteira invisível entre a vida e morte que nem sabemos mais de que lado estamos. A vida torna-se morte, e é como se tal morte houvesse possuído essa vida o tempo todo. Morte sem aviso. Equivale a dizer: a vida pára. E pode parar a qualquer momento.<sup>(12)</sup>

Pessini e Bertachini<sup>(13)</sup> situam: “Não somos doentes e nem vítimas da morte”. Por outro lado, “não podemos passivamente aceitar a morte que é consequência do descaso pela vida, causado pela exclusão, violência, acidentes e pobreza”. Os autores assinalam:

Antes de existir um direito à morte humana, há de ressaltar o direito de que a vida já existente possa ter condições de ser conservada, preservada e desabroche plenamente. Chamariamos a isto, direito à saúde. É chocante e até irônico constatar situações em que a mesma sociedade que negou o pão para o ser humano viver, lhe oferece a mais alta tecnologia para ‘bem morrer’.<sup>(14)</sup>

Na concepção heideggeriana há a possibilidade de se compreender o ser quando se remete à condição de percepção do limite, pois a “substância do homem é a existência”. Tal existência procede do ato reflexivo do ser humano sobre si mesmo. O aspecto biológico estabelece o existir. O ser humano reflete sua condição de pertencimento ao mundo, considerada por Heidegger<sup>(15)</sup> “existência inautêntica”. Esta seria constituída por três aspectos fundamentais: a “facticidade”, que consiste no fato de o homem estar jogado no mundo, sem que sua vontade tenha participado disso; a “existencialidade”, constituída pelos atos de apropriação das coisas do mundo por parte de cada indivíduo, e a “ruína” que significa o desvio de cada indivíduo de seu projeto em favor das preocupações cotidianas, que o distraem e perturbam, confundindo-o com a massa coletiva e a tentativa de sua conservação no tempo.<sup>(16)</sup>

## **BREVIÁRIO DA MORTE NA HISTÓRIA**

*De acordo com a lenda escandinava, o último homem a morrer no último dia do ano torna-se imediatamente o cocheiro predestinado da Morte: agarra numa foice e vai de casa mortuária em casa mortuária, durante trezentos e sessenta e cinco dias, recolher os mortos, até que um outro o substitua no dia de São Silvestre...*  
*Selma Lagerlöf*

Um percurso histórico contempla a morte em distintos cenários da civilização, com suas práticas, ritos, mitos. Transformações econômico-sociais provocam mudanças no ambiente onde a morte ocorre.

Na Idade Média, a morte acontecia nos domicílios. Nos dias atuais, é delegada ao hospital e com frequência confinada nos centros de tratamentos intensivos (CTI), catedrais do sofrimento humano. Níveis de sofisticação tecnológica contribuem não só para a melhoria da expectativa de vida como também para a construção de uma cultura envolvendo o processo de morrer. Uma nova prática denominada cuidados paliativos emerge como variável interveniente, a partir da segunda metade do século XX. Desta forma, vamos rever o processo de morrer, a dignidade da morte, alguns mitos e crenças, a questão do cuidado paliativo.

## **DO PROCESSO DE MORRER**

No século XX ocorreram transformações expressivas para melhoria da qualidade e da expectativa de vida. Por outro lado, o tratamento dispensado à morte, após a Revolução Industrial, sofreu uma banalização, e esta passou a ser vista como “tabu”, “interdita”, “roubada” e “vergonhosa”. Esta mudança de atitude pode ser atribuída ao grande desenvolvimento tecnológico, à cura de várias doenças e à maior longevidade.<sup>(17,18)</sup>

Ariès revisou o tema das atitudes perante a morte, analisando-o através da ótica da história das mentalidades, numa noção sincrônica de como ocorreu a passagem, lenta e progressivamente, da morte familiar e “morte domesticada” na Idade Média, para a “morte interdita” de hoje em dia, afastada do cotidiano ocidental. Registra que:

Durante o longo período que percorremos, desde a Alta Idade Média até meados do século XIX, a atitude perante a morte mudou, mas tão lentamente

que os contemporâneos não se aperceberam. Ora, desde há cerca de trinta anos<sup>2</sup>, estamos a assistir a uma revolução brutal das idéias e dos sentimentos tradicionais; tão brutal que não deixou de impressionar os observadores sociais. É na realidade, um fenómeno absolutamente inaudito. A morte, outrora tão presente, de tal modo era familiar, vai desvanecer-se e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de um interdito.<sup>(19)</sup>

A *Morte de Ivan Ilitch* de Leon Tolstói, escrito em 1886, com precisão clínica na descrição da enfermidade à agonia aparece com particular rigor filosófico, realismo sociológico e agudeza psicológica. A novela tolstoiana pode ser examinada como documento histórico-social, como testemunho literário de uma transição ou etapa intermediária entre a complacência frente à enfermidade e à morte na primeira metade do século XIX (“morte escamoteada”) e sua interdição atual.

Durante aqueles três dias, no decorrer dos quais o tempo deixou de existir para ele, o infeliz debateu-se dentro daquele saco preto (*imagem alusiva que usa Tolstói para descrever esta situação*) onde uma força invisível e invencível o obrigava a entrar. [...] Procurou o seu costureiro terror da morte e não mais o encontrou. [...] Em lugar da morte ele via a luz. [...] Aspirou profundamente o ar, não completou a respiração, esticou o corpo e morreu.<sup>(20)</sup> (nota em itálico do pesquisador).

Foucault afirma que o século XIX fala com obstinação da morte. O autor identifica a vida com o olhar na morte anatomizada:

---

2 MORIN, Edgar. *L'homme et la mort devant l'histoire*. Paris: Corrêa, 1951 (reeditado por Ed. DuSeuil em 1970).

Mas a percepção da morte na vida não tem no século XIX a mesma função que no Renascimento. Ela possuía, então, significações redutoras: a diferença de destino, da fortuna, das condições se apagava por seu gesto universal; atraía irrevogavelmente cada um para todos; as danças dos esqueletos figuravam, ao contrário da vida, espécies de saturnais igualitárias; a morte compensava infalivelmente a sorte. Agora ela é, ao contrário, constitutiva da singularidade; é nela que o indivíduo se encontra, escapando às vidas monótonas e a seu nivelamento; na lenta aproximação, meio subterrânea, mas já visível da morte, a secreta vida comum torna-se, finalmente, individualidade; um traço preto a isola e lhe dá o estilo de sua verdade. [...] Privilégio do tísico: outrora se contraía a lepra, tendo como pano de fundo grandes castigos coletivos; o homem do século XIX torna-se pulmonar, realizando seu incomunicável segredo nessa febre que apressa as coisas e as atrai. Por isso, as doenças do peito são exatamente da mesma natureza que as do amor: são a paixão, vida a quem a morte transmite uma fisionomia que não muda. A morte abandonou seu velho céu trágico e tornou-se o núcleo lírico do homem: sua invisível verdade, seu visível segredo.<sup>(9)</sup>

Os registros históricos não podem ser vistos somente como morte acrônica. Ariès<sup>(19)</sup> diz que a atitude perante a morte pode parecer quase imóvel e salienta sobre o cuidado que deve possuir o historiador em ser sensível às modificações e também não ficar obcecado por elas.

Vovelle fala que a idéia de uma morte acrônica deixa-o bastante pensativo, porque a morte sempre se inscreve num movimento histórico.

Raciocinamos em termos de sincronismo, e, de fato, esse é o traço que nos parece mais notável

nessa aventura da sensibilidade coletiva. Contudo, não devemos incidir no erro de supor que todos os elementos tenham mudado no mesmo ritmo. Dentro da rede de signos (*dos túmulos aos livros de horas, impressos, gravuras, à pintura, e daí aos cemitérios e monumentos, chegando até ao cinema às histórias em quadrinhos*) que levamos em conta, inscreve-se ao mesmo tempo toda uma dialética de revezamento e substituições. Primeira dialética: a do cemitério e, em seguida, a do monumento e da igreja ou lugar de culto.<sup>(21)</sup> (dados acrescentados, em itálico, pelo pesquisador).

Vovelle foi também um dos primeiros historiadores a se interessar pelas representações da morte, em *Imagens e imaginário na história*. Ressalta sobre o

[...] surgimento de novos cemitérios na periferia, que substituíram, entre 1770 e 1830, a prática corrente de sepultamento no interior das igrejas na maioria das cidades européias. ‘Os mortos no exílio’, como afirmou Philippe Ariès. O exílio, porém, não significou esquecimento, e nada está mais distante do ‘tabu’ da morte no século XX do que essa reserva em relação aos mortos. O lugar que lhes foi então reservado e em torno do qual se elaborou uma rede de gestos, práticas e rituais coletivos substituiu em boa parte a igreja no que parece legítimo denominar-se um novo ‘culto’ laicizado, se não espontâneo, pelo menos expressivo de um modo de sentir inconsciente, mais do que um sistema ordenado.<sup>(21)</sup>

Elias alerta que a atitude em relação à morte necessita de referência à segurança social relativa e à previsibilidade da vida individual nas sociedades desenvolvidas. “A vida é mais longa, a morte é adiada. O espetáculo da morte não é mais corriqueiro. Ficou mais fácil

esquecer a morte no curso normal da vida. Diz-se às vezes que a morte é ‘recalcada’”.<sup>(18)</sup> Kübler-Ross pondera que: “Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá”.<sup>(22)</sup> Afirma ainda “[...] que o homem, basicamente, não mudou. A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis”.<sup>(22)</sup>

Isto posto, indaga-se sobre as descobertas da ciência e sua repercussão nas mudanças de atitude perante a morte. No bojo da evolução científica e tecnológica, a humanidade desloca o lado de interesse do âmbito social para o genético e da sociedade para a biologia. Os passos da ciência moderna se dedicam a prolongar a vida, indefinidamente. Por outro lado, o ser humano necessita da imortalidade para avançar a ciência. A vida não pára. O novo de hoje é transitório, substituível, descartável. Sofre ameaça permanente com o invento que vai chegar amanhã, com alguns novos comandos, diferentes e mais ágeis.

Sabe-se que o modo de viver do século XX traz a idéia da “morte reprimida”, a morte na terceira pessoa. Fala-se de mortos e assim é permitida a morte somente como condição do outro: *o outro morre, eu não*. Ela insiste, reaparece nas faltas, nas despedidas, nas ausências, na televisão, nas guerras, no cinema, no teatro, na música, na literatura, na miséria, na saudade, na favela. E há um interesse do público na violência estampada nos documentários, como em *Linha Direta* da Rede Globo, nos principais telejornais, nos jornais de qualquer nível de circulação e em tablóides especializados em retratar a dura realidade.

Enquanto o sexo é banalizado, a morte ainda é misteriosa. Será que virou o último tabu? Kovács traz outro cenário quando retrata a morte do fim do século XX:

[...] que invade, ocupa espaço, penetra na vida das pessoas a qualquer hora. Pela sua característica de penetração dificulta a proteção e controle de suas

conseqüências: as pessoas ficam expostas e sem defesas. Ela não é aberta à comunicação como a morte rehumanizada, na qual se vê um processo gradual e voluntário regido pelo sujeito. Ou seja, a morte escancarada é brusca, repentina, invasiva e involuntária. Exemplifico a morte escancarada com duas situações: a morte violenta das ruas, os acidentes e os homicídios; a morte veiculada pelos órgãos de comunicação, mas especificamente pela TV.<sup>(23)</sup>

Rodrigues<sup>(24)</sup> em sua obra *Tabu da Morte* qualifica a sociedade atual como aquela em que a nossa cultura nega a morte, silencia, tenta esquecer-la e inventa outra morte, que é fruto da oposição vida/morte, culturalmente não integrada. O autor contradiz Kovács, negando a objetivação da morte escancarada:

São mortes desprovidas de sentido. O morto dos meios de comunicação é um desconhecido, um anônimo, um qualquer, um estranho, um 'ele'. [...] Sobre a morte, então, pode-se falar porque ela está transformada, desprovida de conteúdo, negada. [...] fazem é reverberar o tabu da morte, vendendo para cada um de nós um sentimento reprimido no fundo de cada alma, e por meio dessa falsa enunciação tornar a repressão ainda mais efetiva.<sup>(24)</sup>

## **A MORTE COMO ESPETACULO: MITOS E RITOS**

O conjunto de valores e símbolos que condiciona a experiência histórica das sociedades encontra expressão mais evidente em narrativas míticas, herdeiras da tradição oral. O estudo desses mitos possibilita uma análise sob dois pontos: de um lado, salienta a essência dos fenômenos religiosos e por outro, decifra e apresenta o seu contexto histórico.

Bulfinch<sup>(25)</sup> relata, em *A Idade da Fábula* (1855), que na Grécia acreditava-se que a terra fosse chata e redonda e que o país ocupava o seu centro. Situado na região central do território, o Monte Olimpo, residência dos deuses, era famoso por seu oráculo. Júpiter ou Jove (Zeus), embora chamado pai dos deuses e dos homens, tivera um começo. Seu pai foi Saturno (Cronos) e sua mãe Réia (Ops). Pela teoria alegórica, Saturno, que devora os próprios filhos e é a mesma divindade que os gregos chamavam de Cronos (Tempo) que destrói tudo que ele próprio cria.

Para Mircea Eliade<sup>3</sup> citado por Corrêa<sup>(26)</sup>, o mito é uma narrativa de teor mágico que representa a religiosidade do homem em sociedades antigas, e revela:

O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que tevelugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos 'começos'. Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narração de uma 'criação': descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a *existir*. O mito só fala daquilo que *realmente* aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente.<sup>(26)</sup>

Segundo Thomas<sup>(27)</sup>, todas as vezes que a significação de um ato reside mais em seu valor simbólico do que em sua finalidade mecânica, já estamos no caminho do procedimento ritual. Com efeito, este se define:

[...] como o comportamento que se chama o corpo em auxílio para encontrar a ilusão do 'como se', repetindo

---

3 ELIADE, Mircea. Aspectos do mito. Rio de Janeiro: Edições 70, 1963, p. 12-17.

modelo coerente, cuja eficácia se reconhece. Há, assim, hábitos anódinos que se aparentam aos ritos: ritual de amor, que supõe a colocação em situação idêntica... como se bastara reatualizar um sistema de formas para que o desejo se adaptasse estreitamente à realidade. Também no ritofunerário trata-se de teatralizar a relação última com o defunto, de ‘materná-lo’, honrá-lo... em suma, fazer como se não houvesse morrido. Para ser mais preciso, lembrarei que o rito implica estrutura de sinalização, para, de alguma forma, armar o cenário; o qual lhe confere eficácia simbólica, procedente de forças misteriosas; assim, tocar no defunto com a mão, velá-lo ou falar-lhe recria magicamente a presença do desaparecido: agimos ‘como se’, e isso é real.<sup>(27)</sup>

Rodrigues afirma que

A estrada na qual os historiadores das práticas funerárias ocidentais analisam nossas raízes mais antigas, nossos arquétipos e nossos ritos, possibilita apreciar o significado histórico-sociológico de práticas fúnebres contemporâneas. Mais particularmente, ela nos habilitará a avaliar o sentido político de práticas fúnebres que se insinuam, embora muitas vezes de modo embrionário, como características da civilização industrial plenamente desenvolvida e estabelecida.<sup>(24)</sup>

Thomas<sup>(27)</sup> distinguiu, didaticamente, os ritos de oblação e os ritos de passagem: “Os ritos de oblação englobam as manifestações de solicitude e delicadeza com aquele que acaba de morrer. A imaginação se obstina em ver no corpo inerte o ser sempre presente e se esforça para ‘retê-lo’, multiplicando as demonstrações de respeito e amor”.<sup>(27)</sup> Os ritos de passagem “são essenciais. [...] A finalidade própria

destes é, com efeito, consagrar a separação do morto e dos vivos e assegurar a inclusão daquele num estatuto *post mortem*".<sup>(27)</sup>

Rodrigues<sup>(24)</sup> assinala que a mortalha, o caixão, as grades, os monumentos etc. são, ao mesmo tempo, signos de separação e de neutralização da separação:

É o cadáver que se oculta por detrás da palavra 'corpo'. Ao longo de uma série de engavetamentos – roupa, mortalha, caixão, caixão exterior, caixão interior, sepultura, monumento funerário etc. – o cadáver é superado e substituído pelo 'corpo'. Eis a estratégia: vesti o cadáver, envolvê-lo com uma mortalha (ou cobri-lo de flores), fechá-lo em um caixão, depositar este caixão dentro de um outro, este outroem uma sepultura, esta sepultura sob uma lápide ou monumento funerário e, sobretudo isso, escrever: 'aqui repousa o corpo de... [...]'. No fim desse caminho, todo traço de desaparecimento biológico desaparece. Permanece em seu lugar um corpo, como o corpo de umcriogenizado, pronto para despertar, não pertencendo mais à morte, mas aos vivos que o mantém artificialmente em 'vida'.<sup>(24)</sup>

Cortella<sup>(28)</sup> assinala que, do ponto de vista etimológico, cemitério deriva dogrego *koimeterion*, lugar onde se deita para dormir.

[...] Nix (a Noite), filha de *Caos*, e que, tal como contemporâneas e sofisticadas ferramentas homicidas, o tempo todo atravessa o céu, sob um lúgubre manto e usando um veículo veloz, acompanhada das *Queres*, suas filhas (cujo nome significa destruir, devastar, arruinar). No entanto, Nix não gerou somente as *Queres*; dela vieram por partogênese duas outras importantes personificações divinizadas: *Hipnos* (o Sono) e seu irmão gêmeo *Tânatos* (a Morte), duas faces da mesma realidade.

Hipnos, bondoso na sua capacidade de nos fazer repousar, é perigoso quando distrai, desvia a atenção e, especialmente, quando dissipa a consciência e facilita a inadvertência. [...] Tânatos – nome oriundo de raiz indo-européia que significa ocultar, escurecer ou ‘atirar na sombra’ – pode remeter de igual forma à idéia de descanso, quietude ou remanso; porém, a forçatanática prioritária é dissipação, a extinção, a cessação. Ainda bem que Nix deu origem também a Filotes (a Ternura) e Oniro (o Sonho)...<sup>(28)</sup>

Embora os cristãos celebrem com dedicação as festas consagradas aos mortos, Bayard<sup>(29)</sup> tomou conhecimento delas a propósito do celtismo.

O pensamento celta aproxima-se muito da tradição oriental: as almas devem percorrer ciclos da vida, a fim de melhorarem espiritualmente; a cruz celta, com três círculos concêntricos, resume simbolicamente esse princípio. [...] Sob a influência dos ritos, a arte dota a morte de personalidade antropomorfa.<sup>(29)</sup>

As religiões antigas não davam traços horrendos à morte: “Ela era como bela jovem dormindo nos braços da Noite, sua mãe, e do Sono, seu irmão”.<sup>(29)</sup> Sobre o tema popular da dança dos mortos comenta: “a igualdade de todos diante da morte: rei ou papa, rico ou pobre, a morte atinge a todos, sem consideração por sexo e riquezas morais ou materiais”.<sup>(29)</sup>

É de Bayard<sup>(29)</sup> o registro: “Todos os povos, em todos os tempos, realizaram através do culto dos antepassados uma festa anual, a fim de honrarem seus mortos; geralmente esse dia especial corresponde a uma fase particular do ciclo da natureza ou da vegetação”.<sup>(29)</sup> Citando Addison<sup>4</sup> afirma que “Os ritos dessas festas são semelhantes em todas

---

4 ADDISON, James Thayer. La vie après la mort la mort dans les croyances de l'humnaité. Payot, 1936, p. 43-49.

as partes do mundo”. A festa dos mortos parece ser de origem celta e seu cerimonial foi conservado pelos povos europeus.

Mas a Igreja realizou leve mudança nesse pensamento, substituindo a comemoração dos mortos pela de todos os santos em 1º de novembro, ano-novo dos celtas. E a festa dos mortos passou para 2 de novembro, data na qual as pessoas vão aos túmulos dos parentes, levando flores e velas e dizendo uma prece ardente. É a pátria do operário da morte, o ‘Ankou’.<sup>(29)</sup>

Em muitos países constata-se práticas semelhantes. As pessoas entram em comunicação com as almas dos mortos. No México contemporâneo tem-se um sentimento especial diante do fenômeno natural que é a morte e a dor causada por ela. A morte é como um espelho que reflete a forma como vivemos e nossos arrependimentos. Quando a morte chega, nos ilumina a vida. Se nossa morte precisa de sentido, tão pouco sentido teve a vida.

Quanto mais alta a posição social no mundo dos vivos, mais belo o ritual mortuário. De acordo com Reis,<sup>(30)</sup>

Festas em torno de imagens de cadáveres, essas procissões parecem ter servido de modelo para os antigos funerais brasileiros, verdadeiros espetáculos. As procissões do Enterro, em especial, teatralizavam o funeral apoteótico de um Deus vitorioso, a quem os fiéis desejavam reunir-se quando mortos. Imitando-as, os cortejos fúnebres encenavam a viagem rumo e esse reencontro. A pompa dos funerais – e por que não chamá-los de festas fúnebres? – antecipava o feliz destino imaginado para o morto e, por associação, promovia esse destino.<sup>(30)</sup>

A Revolução Industrial ocorrida no século XVIII, produzindo uma nova relação social e fortalecimento da doutrina capitalista, traz

também uma nova atitude diante da morte e dos mortos. Segundo Ariès<sup>(19)</sup>, até o século XVIII não havia separação radical entre a vida e a morte. A partir do século XIX essa separação se acentua. Há uma mudança de mentalidade influenciada principalmente pelo iluminismo francês do século XVIII. Vovelle<sup>(21)</sup> fala que “a imagem da morte má, desespero, temeridade a Deus, tornou-se a imagem da morte boa no século XIX”.

É a partir do desenvolvimento dessa morte individualizada que surge no século XIX, a figura dos cemitérios. Estes já existiam em menor número e destinados às pessoas mais humildes. Segundo Reis<sup>(30)</sup>, “O destino dos suicidas, criminosos, indigentes e escravos era o vergonhoso cemitério do Campo da Pólvora. E também dos rebeldes”. O autor relata:

Em primeiro lugar, fica claro que se considerava o Campo da Pólvora como um local interdito ao enterro de cristãos, mesmo se escravos. Cemitério de escravo batizado, como de gente livre, era, nessa época, a igreja ou seu adro. Aliás, o termo Cemitério nem sequer foi usado nessas posturas.<sup>(30)</sup>

A construção dos novos cemitérios não agradou à boa parte da elite da época, pois a idéia de salvação estava intimamente ligada ao local de sepultamento. Nesse sentido, as irmandades religiosas existiam para garantir a salvação dos fiéis contribuintes por meio de orações e um lugar privilegiado de sepultura. Curioso salientar que em Salvador (Bahia), uma lei garantiu a uma empresa privada o monopólio dos sepultamentos por um período de 30 anos. Com o monopólio dos enterros nas mãos das irmandades, estas viram na construção dos cemitérios uma mudança que poderia levá-las à falência. A população reagiu, destruindo o cemitério, porque os enterros não seriam mais realizados nas igrejas. Esse episódio, conhecido como a Cemiterada (em 25 de outubro de 1836) é tema central da obra *A morte é uma festa* (1998). O autor, João José Reis<sup>(30)</sup>, aproveita, para estudar como

o homem percebe a morte e suas atitudes em relação ao término da vida.

A terra, o repouso, a deposição... Thomas<sup>(27)</sup> assinala que:

A inumação é prática tão arraigada nos costumes que os termos ‘funerais’ e ‘enterro’ tornaram-se sinônimos na linguagem popular. O cemitério é, enfim, o lugar por excelência da celebração dos mortos; tradicionalmente a última seqüência do ritual cristão desenrola-se nos lugares de inumação; no caso do enterro laico ou hebraico, é no cemitério que a assistência se reúne para as cerimônias. A descida à terra marca, com uma tonalidade particularmente dolorosa, o ponto final do ritual de separação. E, depois dos funerais, o túmulo geralmente é o ponto de apoio do culto voltado ao defunto.<sup>(27)</sup>

Barros Filho, Lopes e Issler<sup>(31)</sup> tratam do “silêncio dos mortos”, a lembrança da morte nos jornais, a morte noticiada, como um exemplo das múltiplas formas de resgate do passado pela existência dos vivos:

O anúncio fúnebre é uma forma de comunicar um falecimento. Mas não só. É também uma maneira de reconstruir o passado em múltiplos instantes – sempre presentes – de sua recepção. Confere ao ausente alguma vida. Consagra a importância – sempre relativa desua existência social. Participa da definição da representação social legítima do falecido. Imputa-lhe algum valor. Póstumo para as vísceras. Atual para a memória.<sup>(31)</sup>

Kierkegaard<sup>(32)</sup> enfatiza para não se esquecer da *obra do amor* que consiste em recordar uma pessoa falecida de forma desinteressada, mais livre e com maior fidelidade, ainda que o morto não traga

nenhuma retribuição. O autor diz que existe uma semelhança entre recordar amorosamente uma pessoa falecida e o amor dos pais.

Os pais amam os filhos quase antes de eles virem à existência e bem antes que se tornem consciência de si, ou seja, como não-entes. Porém um falecido é igualmente um não-ente; e esses são os dois benefícios supremos: dar a vida a uma pessoa e recordar um morto [...]

Recorda-te do falecido: então, além da benção que está inseparavelmente ligada a essa obra do amor, terás ainda o melhor dos guias para compreender a vida corretamente: que é dever amar os homens que não vemos, mas também os que nós vemos. O dever de amar as pessoas que vemos não pode cessar pelo fato de que a morte as separou de nós, pois o dever é eterno; mas, por conseguinte, o dever para com os falecidos de maneira alguma pode separar-nos dos que conosco convivem, de tal maneira que esses não ficassem objetos de nosso amor.<sup>(32)</sup>

Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa<sup>(33)</sup> em *Grande Sertão: veredas*, diz: “O silêncio somos nós mesmos, demais”. Lucinha Araújo<sup>(34)</sup>, mãe de Cazuzu, no livro *Preciso dizer que te amo*, declara que:

São dez anos, oito meses e quatro dias em que, com as feridas abertas, vou vivendo. Mas será que eu quero mesmo que elas cicatrizem? Se revivo meu filho dia e noite, na verdade, lá no fundo, não quero que elas cicatrizem. E, enfim, acho que só cicatrizariam se eu o esquecesse e isso não vai acontecer nunca.<sup>(34)</sup>

## MOVIMENTOS SOCIAIS E A MORTE COM DIGNIDADE

É possível escolher a forma de morrer? Observa-se um movimento social que busca a dignidade no processo de morrer, que não é o apressamento da morte, a eutanásia, nem o prolongamento da sobrevivência com intenso sofrimento, a distanásia. Para Kovács<sup>(17)</sup>, a bioética do século XXI deve retomar a discussão destas questões da morte e do desenvolvimento humano.

É possível conferir aos doentes, liberdade sobre suas escolhas e decisões? Será o aprisionamento, na circunstância doença, a maneira como as pessoas dão sentido à sua vida? Entre as pessoas adoecidas e os demais sadios estabelecem-se laços de fraternidade? Kovács indaga

[...] se a pessoa tem o direito de decidir sobre sua própria morte e buscar a dignidade. Pode-se planejar a própria morte? Os profissionais de saúde, que têm o dever de cuidar das necessidades dos pacientes, podem atender a um pedido para morrer? Podem ser interrompidos tratamentos que têm como objetivo apenas o prolongamento da vida, sem garantia da qualidade dela?<sup>(17)</sup>

O sofrimento acompanha a perda ou a ameaça de perda nas dimensões do eu interior e da integridade pessoal. No mesmo sentido, diz o teólogo norte-americano James Drane que

Os componentes subjetivos de um indivíduo particular tomados em seu conjunto são designados pela expressão integridade pessoal. Figuram entre essa dimensão a mente consciente, o inconsciente, crenças sustentadas com compromisso, a experiência familiar, a cultura e a sociedade, as ligações e os relacionamentos, o sentido de futuro, de significado, de propósito, as atitudes e disposições, o sentido de

estabilidade e continuidade, a força de vontade, o controle do eu e do ambiente, a história pessoal.<sup>(35)</sup>

Sem possibilidades, ou com poucas chances de cura, porém com necessidade de *tratamento integral*, esses pacientes sofrem indevidamente. Muitas vezes suas necessidades são desconsideradas devido a políticas públicas de saúde e das instituições formadoras de profissionais da área da saúde.

Guerra<sup>(36)</sup> chama atenção para os doentes que agonizam nas enfermarias dos hospitais, submetidos a desconfortáveis regimes administrativos e terapêuticos e para pacientes em unidades de tratamento intensivo, mesmo quando em precárias condições clínicas e diante do esgotamento de sua capacidade de resposta, recebem muitos recursos tecnológicos e poucas medidas para obtenção de conforto e alívio das dores, isto é, poucos cuidados paliativos.

A ausência de respeito pela liberdade do outro em sua tomada de decisões é facilmente percebida neste caso, que carecia apenas de cuidados paliativos. Cuidados paliativos? O que isto significa? Segundo Pessini e Bertachini,

O público em geral e a grande maioria dos profissionais da saúde em nosso país ainda praticamente desconhece o que significa, e nem sequer sabe da existência de programas e serviços de ‘cuidados paliativos’ (CP) em instituições de saúde no país. Quando se ouve falar de uma ação ou medida paliativa, o entendimento do senso comum é de que se trata de uma ação ou medida que na verdade não resolve um determinado problema ou desafio, mas apenas ‘coloca panos quentes’ e a realidade permanece inalterada.<sup>(14)</sup>

Confortar e aliviar o sofrimento dos doentes na fase final da vida está em consonância com a máxima dos cuidados paliativos, pois há muito que fazer pelos pacientes em fase avançada de doenças

mesmo que não se possa curá-los. Tratar adequadamente um doente nem sempre significa que suas doenças sejam curadas. Muitos doentes que não se beneficiam dos tratamentos curativos disponíveis podem receber considerável conforto e melhora do seu estado geral com a instituição do tratamento paliativo integral: físico, mental, social e espiritual, dirigido ao alívio do sofrimento, em todas as suas dimensões.<sup>(8,36)</sup>

## **DAS NARRATIVAS: NOMINAÇÕES DO SER**

*Ando à procura de espaço para o desenho da vida.  
Cecília Meireles*

Aqui se dedica às narrativas de pessoas que se encontravam em situações de limite impostas por doenças terminais, com ênfase no silêncio que por dias ou horas antecede a morte. A partir de tentativas, identificam-se suas individualidades, especificidades e subjetividades. Elas vivenciavam um processo particular entre suas vidas e suas mortes.

A sociedade, de maneira geral, nega a morte: a morte é afastada, a morte como doença, a morte no hospital, além do despreparo de profissionais da área da saúde para lidar com o sofrimento humano e a morte. Aos conceitos de eutanásia, distanásia e ortotanásia, devem ser também acrescentados os princípios bioéticos gerais de autonomia (respeito), beneficência (fazer o bem), justiça (imparcialidade) e não-maleficência (não causar danos). Neste sentido, existe uma grande lacuna na formação dos diversos profissionais da área da saúde (médicos e não médicos) para lidar com o sofrimento e a morte do ser humano.

Segundo Rubem Alves

[...] Acho que para recuperarmos um pouco de sabedoria de viver seria preciso que nos tornássemos

discípulos e não inimigos da Morte. Mas para isso seria preciso abrir espaço em nossas vidas para ouvir a sua voz. Seria preciso que voltássemos a ler os poetas...<sup>(37)</sup>

A dor-e-ser – adoecer: viver e morrer

Ferreira e Oliveira<sup>(38)</sup> abordam questões sobre a existencialidade, a **dor** e o sofrimento humanos.

Ao pensarmos sobre o corpo que não permanece no tempo, refletimos a respeito da transitoriedade da existência e sobre os limites por ela impostos. [...] É o próprio limite inscrito numa vida que não permanece, a parte que cabe a cada um neste intervalo de se estar vivo, como um destino cego e inexorável. Compreender limitese tentar ultrapassá-lo faz parte do sentido que o ser humano atribui a seus momentos de vida.

[...] Pensar que não se pode fazer tudo é reconhecer que a vida não pertence aos seres que vivem, mas pertence ao mundo. [...] A relação dos homens com o limite corporal muda ao longo do tempo. Todavia, a sua inexorabilidade continua a provocar sentimentos de ausênciado outro que um dia existiu no mundo e agora habita na memória, em lembranças que testemunham sua existência.

A experiência de impotência diante da morte e do sofrimento que ela provoca nos convoca a refletir sobre um limite que só é ultrapassado no discurso, mas não é resolvido no tempo.<sup>(38)</sup>

A referência ao estado de saúde dos sujeitos de pesquisa remonta a **tempos passados, não cronológicos**, períodos no qual o indivíduo estava integrado ao contexto sócio-relacional com ele próprio e seu corpo, com os outros, com o ambiente social girando em torno de

certa normalidade, como se pode observar nas narrativas seguintes<sup>5</sup> transcritas do trabalho de campo<sup>(2)</sup>:

“Dormi bem, eu durmo pouco, mas eu dormi bem. É o meu normal”. “Ah, se ela tivesse com saúde... tranqüila... só esta falta de ar daminha mãe que atrapalha, porque diferente disso, toda vida ela foi uma pessoa muito animada com as coisas. Às vezes ela fala que eu sou preguiçosa, que sou devagar e ela fazia as coisas muito rapidamente. Mas se não fosse esta falta de ar, eu acho que ela estaria tranqüila, com noventa anos, fazendo de tudo”.  
“Quando eram onze horas da noite eu ia descansar com as pernas doendo”.  
“Tinha uma mercearia. Eu criava meus meninos, lavava, passava e despachava o povo, não tinha tempo, nem de um minuto de sossego”.<sup>(2)</sup>

Por outro lado a doença é algo **situacional, temporal e cronológico**:

“É... eu estou aprendendo a ser doente, aprendendo a ser dependente, então a primeira coisa, eu admiti que eu estou doente e dependente. E também estou aprendendo a sentir dor, sentir... sabe? Coisas que eu não tinha, e não esperava que eu fosse, pelo meu temperamento... então levou um tempo para eu cair na realidade, porque foi uma doença repentina, e me pegou assim... e a dúvida do que é e do que não é a doença de verdade, porque até agora eu não sei o nome dela. Eu imagino o que ela é... (risos)”.  
“Como eu disse, a doença é muito difícil, é forte, ela te pega, numa hora em que, pelo menos no meu caso, numa hora que você não está preparado para isto, você está preparado para outras coisas, para

---

<sup>5</sup> Os grifos no conteúdo das narrativas servem para orientar o leitor na identificação da categoria em evidência, como também estão grifadas no texto.

outros rendimentos, outros conceitos de vida, uma pessoa, eu lembro que as pessoas falavam: ‘o homem começa a viver aos quarenta’, tem um pouco de fundamento, é quando a pessoa fica mais madura, fica mais... ela tem mais capacidade de fazer uma separação do que é o bem, do que é o mal, então você tem aquela perspectiva, eu tinha aquela perspectiva de vida excelente. De agora em diante, o que me aconteceu?! Um tumor, que hoje em dia você vê em televisão, você vê em rádio, em pesquisas, em tudo, ela está ganhando, ela está ganhando. Não sei até quando. Mas a doença está ganhando. Eu não entrei em pesquisa nenhuma para saber a probabilidade de... qual o câncer que mata mais, qual o tipo de câncer que mata mais, o que extermina, qual que é curado, não, todos eles matam. E todos eles têm cura. Mas o câncer está vencendo a medicina. Infelizmente. Então esta doença, ela me pegou,... (risos)... de calça na mão, vamos dizer. A hora que imaginei que eu ia fazer algo por alguém, pelas pessoas, ela me **rasteirou**, a hora que eu procurei a igreja, com unhas e dentes. Eu não procurei a igreja porque estava doente. Eu já venho procurando a igreja há mais tempo. Você está entendendo? Quero dizer o meu amadurecimento veio gradativo. Mas na hora que eu me senti capaz de ser alguém, ela me **rasteirou**”.

“Sim, claro. Só o fato de estar na cama aqui, não poder andar, não poder ir ao shopping, adoro ir ao shopping... fazer minhas coisas diariamente. [...] É, muito, muito mal. Eu não agüentava andar assim, não. Eu não fiz compras de Natal, não presenteei meus amigos, as festas de aniversário, entendeu? [...] uma bola de neve... você vai ficando mais para baixo”.<sup>(2)</sup>

A **dor** acompanha o homem desde o nascimento até a morte, chegando-se a sofrer pelo próprio fato de existir. Vergely<sup>(39)</sup> comenta sobre a **dor e sofrimento humanos**:

Sofrer quer dizer ter dor. Dor no corpo, porque este é subitamente atacado do exterior ou do interior. Dor na alma, porque, um dia, um ser que se ama nos trai ou vai-se, deixando-nos frente à separação ou frente ao luto. Dor na vida toda, porque de tanto viver num mundo onde os homens e as mulheres sofrem e morrem, de tanto ser confrontado as relações com outrem percorridas pela violência ou pelo desaparecimento, chega-se a sofrer pelo próprio fato de viver e a se perguntar ‘por quê?’ Por que esta vida tão pesada? Por que este corpo tão doloroso que deveria carregar-nos e que devemos carregar? Por que esta dureza do mundo? Estes conflitos com outrem? Esta violência, estas mentiras e traições? Esta solidão e estes lutos? Na há uma contradição na vida pelo fato deste sofrimento? A vida não é feita para a vida? E se ela é feita para a vida, por que tantos sofrimentos? E por que uma ausência de resposta a esta pergunta? Por que este céu, aparentemente tão desesperadamente vazio, frente a tantas vidas desfeitas pela dor e partidas por lágrimas e desgosto?<sup>(39)</sup>

Podem-se perceber as reflexões de Vergely<sup>(39)</sup> nos seguintes depoimentos:

“Muita, sou muito sofredora. [...] Roupa de cor entristece a gente”.

“Eu tenho medo do seguinte, um dia, de antes de morrer sofrer muito. Isso eu tenho medo. Metástase óssea dói muito?”

“Já... e tem várias e tem outras dores. Da solidão, da incerteza, da insegurança, dor da perda, a dor da falta, e a dor... existe até a dor do amor não é? A gente vive correndo do amor, porque a gente sofre pra caramba. E... a dor de não ser aceita, a dor de não ser amada, a dor de estar amando. [...] Então basicamente a gente vive num mundo de dor... Ou é a dor física... É, não

sei qual é a pior, mas no momento a dor física é pior porque você não pode controlar. O “D<sup>o</sup> da vida” altera muita coisa. Então, complica”.

“O lado psicológico é esse, ele te escraviza, ele te debilita, nos pensamentos, nos seus atos. Fisicamente te destrói, eu tinha 93 quilos, hoje eu tenho 56 quilos. Não precisa falar mais nada, não é? Um cara que jogava bola, uma pessoa, sei lá, fisicamente eu estou um trapo, eu sou um trapo. [...] E vem o lado familiar, isso mexe com todo mundo, cara. Você faz com as pessoas o que você nunca queria fazer. Que é magoar as pessoas. É levar a sua dor para as pessoas. As pessoas não querem te ver sentindo dor, as pessoas estão sofrendo com você. Você sofre mais ainda”.<sup>(2)</sup>

O que diferencia o ser humano das outras espécies é a linguagem em suas diversas formas. Kovács<sup>(40)</sup> trabalha com a perspectiva da escuta como elemento fundamental do processo de comunicação de más notícias e que “envolve ir além das palavras, do conteúdo e estar ciente do tom de voz, das reticências, do **silêncio**. As entrelinhas podem comunicar muito mais do que as linhas.” A autora diz que:

Uma das situações emblemáticas temidas pelos profissionais da saúde é o momento de dar a notícia de uma doença com prognóstico reservado. O que se observa tradicionalmente é o que conhecemos como ‘jogo de empurra’, no qual cada membro da equipe acha que é o outro que deve comunicar ao paciente, e ninguém assume a responsabilidade, e alguém terá de desincumbir-se da tarefa. O que propomos não é empurrar e desincumbir e, sim, promover uma discussão e uma decisão da equipe sobre a melhor maneira de dar a notícia, como responsabilidade de todos. O profissional de enfermagem é um membro dessa equipe e deverá participar do processo.<sup>(40)</sup>

Falar a **verdade** para o sujeito que enfrentará a morte passa por uma série de procedimentos preparatórios a esta revelação. A interação entre o profissional de saúde e o paciente exige antes a escuta. Cabe ao profissional indicar caminhos, momentos e conteúdos que exige competência e sensibilidade na apropriação dessa verdade e sua entrega.

A complexidade do prognóstico reservado pode ser deduzida de algumas respostas às entrevistas:

“Não explicam a gente as coisas... Eu faço perguntas, vocês não respondem, eu fico num jejum de informação muito grande. Um dia eu perguntei para uma médica, qual a minha expectativa de vida, e ela disse ‘Eu não sou Deus’!... Isso é resposta de médico?”  
“O que eu posso te falar é isso, eu, eu quero vencer. Agora quero que as pessoas sejam francas comigo, no máximo, no máximo. Esta semana eu fui até à doutora ... Eu fui colocá-la na parede. Falei ‘paraí’, não adianta tomar trinta seções de quimioterapia, acabar com o meu corpo, acabar com tudo, sendo que... eu estou morrendo. Não adianta. Pois que eu leve este final de vida, estes dias, estes meses, estes anos, com qualidade de vida melhor. Para que eu possa pelo menos tentar fazer o que eu iria fazer. Está entendendo?”<sup>(2)</sup>

Na atenção aos doentes ocorre uma relação assimétrica entre os profissionais de saúde e os pacientes. A equipe é a depositária do saber e decide do ponto de vista técnico e de forma autônoma, muitas vezes unilateralmente. Do outro lado, os pacientes estão *pacientemente submissos*. A família colabora, muitas vezes de forma inconsciente, com esta posição imposta, carregada de princípios humanitários de beneficência e de fazer o bem e evitar a todo custo o sofrimento. A fala de um profissional da saúde confirma a interdição da **verdade**: “Que a família... de um juiz, que a família não deixa contar para ele... oh, pelo

amor de Deus, amanhã ele vai aí, você não fala com ele, não, fala que ele vai fazer um banho de luz”.<sup>(2)</sup>

O que é a **verdade**? As seguintes falas ilustram esta questão:

“Não explicam à gente as coisas... Eu faço perguntas, vocês não respondem, eu fico num jejum de informação muito grande”;

“Agora quero que as pessoas sejam francas comigo, no máximo, no máximo. Falei ‘parai’, não adianta tomar trinta seções de quimioterapia, acabar com o meu corpo, acabar com tudo, sendo que... eu estou morrendo. Não adianta”.<sup>(2)</sup>

A questão não é dar ou não a notícia, mas sim quando e como fazê-lo. Kovács<sup>(41)</sup> salienta que se trata de um processo “de escuta, de ouvir as perguntas e detectar os sentimentos. Transmitir **más notícias** é uma arte, um compartilhamento da dor e do sofrimento; requer tempo, sintonia, privacidade”. A autora adverte que:

Uma das grandes tarefas dos programas de cuidados paliativos é a qualidade e a dignidade da vida e, para isso, a comunicação, que é fundamental para as relações humanas, precisa ser preservada. Quando há o agravamento da doença e a morte está próxima podem ocorrer sérios distúrbios na comunicação, conhecidos como ‘conspiração do silêncio’. Nessa situação, alguns conteúdos não são expressos e emoções são contidas, consumindo para isso grande quantidade de energia que deveria ser voltada para o cuidar. ‘É um teatro de má qualidade’.<sup>(40)</sup>

Eis o depoimento de um profissional de saúde:

“Pacientes também assim nos leitos da morte, pareciam que estavam agônicos, mas que têm um

pouquinho de consciência. Então quando eu era residente no Hospital FR, eu lembro do Sr... E, que eu tinha de fazer de conta, já estava em anasarca e ele falou ‘doutora eu estou morrendo’ – eu falei ‘é, o senhor está descansando, o senhor está indo descansar, está sofrendo muito’. No leito de morte mesmo, o outro paciente [...] vai chegar hoje e eu irei falar com ele... ele está querendo saber e ao mesmo tempo não está querendo. Ao mesmo tempo está querendo que eu fale para ele... outra coisa: ele quer escutar de mim, ele me pergunta mas não quer escutar, ‘quer escutarque ele vai ter cura’, e eu não falo...”<sup>(2)</sup>

No contexto das entrevistas analisadas percebem-se deslocamentos da situação de saúde para o estado de doença. Nesta passagem o paciente recebe a presença de um profissional da equipe de saúde, tendo como expectativa, diagnósticos, tratamentos e prognósticos. O contato entre paciente e o profissional pode deixar marcas. A dor e o sofrimento do sujeito criam representações que vão desde o aqui do corpo enfermo ao agora do presente traumático. No entanto, ao saber da verdade persiste uma indagação que remonta ao momento da perda de sua saúde, possibilidades de cura e o espectro da sua morte.

## **VIDA E MORTE NO DESVENDAR DAS NARRATIVAS**

Na análise das entrevistas foram demarcadas percepções, reflexões e atitudes. A terminalidade confere novos contornos à expressão identificatória dos *pacientes sem perspectivas terapêuticas convencionais*, provocando mudanças comportamentais significativas. A premência do tempo compõe a cena em busca de relações que podem suscitar sentimentos de esperança, de compaixão e de misericórdia. A procura de apoio em crenças religiosas modulaanseios e perspectivas.

Todavia, inexorável Átropo<sup>6</sup> prepara-se para cortar o fio da vida. “A pessoa descarta toda essa tralha e se concentra no essencial. Quando se descobre que vai morrer, vê-se o mundo de maneira bem diferente”<sup>7</sup>.<sup>(42)</sup> Um silêncio invade todo o ser. Estar no mundo cede lugar ao “ser-para-a-morte”. Apenas o silêncio responde à sua dor.

A atenção oferecida ao *paciente sem perspectiva terapêutica convencional*, aliando o princípio de autonomia ao sentimento de dignidade, poderia cuidar dessa travessia?

## O QUE E PARTIR? - SOMOS TODOS OS QUE PARTIRAM<sup>8</sup>

Por meio das narrativas dos sujeitos de pesquisa, foram delineadas algumas questões acerca do adoecimento. Será este aprisionamento na circunstância do fato (doença) a maneira como as pessoas dão sentido à sua vida? Que tipo de traços comuns existe nessas situações? Que espécie de experiência emocional é compartilhada?

Nesse sentido, construíram-se duas unidades de referências da matriz identidade: o **‘eu antes da doença’** e o **‘eu durante a doença e o processode morte’**. Eu antes da doença:

---

6 *Átropo* pertence à tríade mítica grega: as moiras. Filhas da noite personificam a vida e a morte. *Cloto* produz o fio na roca, inaugurando o nascimento. *Laquesis* o enrola e vai tecendo o destino. *Átropo* o corta: a morte. Donde, *Cloto* fia, *Laquesis* tece e *Átropo* corta.

7 *Morrie Schwartz*, o professor e as conversas com o autor *Mitch Albom*<sup>(42)</sup>, seu ex-aluno, são relatadas na obra *A última grande lição: o sentido da vida* (1998), contando a experiência de como o professor-protagonista viveu os últimos dias de vida, dependente de outras pessoas para as atividades cotidianas.

8 No habrá una sola cosa que no sea una nube./ Lo son las catedrales de vasta piedra y bíblicos cristales que el tiempo allanará./ Lo es la *Odisea*, que cambia como el mar./ Algo hay distinto cada vez que la abrimos./ El reflejo de tu cara ya es otro en el espejo y el día es un dudoso laberinto./ *Somos los que se van.*/ La numerosa nube que se deshace en el poniente es nuestra imagen./ Incesantemente la rosa se convierte en otra rosa./ Eres nube, eres mar, eres olvido./ Eres también aquello que has perdido (BORGES, Jorge Luis. *Nubes In*: BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas de Jorge Luis Borges 1975-1985*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.)

“Sim, mas eu não quero, eu sou muito pé no chão para certas coisas. Eu não vivo em um mundo de fantasias”.

“Toda vida ela tratou todo mundo bem. Não só os filhos, com as pessoas da igreja também. Até hoje vai muita gente lá rezar. [...] É um grupo de oração. Havia diversos grupos. Há dia que sai um e vai chegando outro, assim aos poucos”.<sup>(2)</sup>

Os trechos revelam o “**eu que se apresenta**”, a presença de pessoa instituída do papel de “desvendar”, “dar uma forma”, “sobre nós mesmos”, ou seja, o interlocutor participa da sua própria definição ao agir, falando sobre si, “eu sou muito ‘pé no chão’ para certas coisas. Eu não vivo em um mundo de fantasias”.<sup>(2)</sup> O “*eu apresentado*”, a percepção sensorial de outra pessoa sobre alguma manifestação subjetiva do outro que é revelada. O “**eu classificado**”, na cotidianidade: “Toda vida ela tratou todo mundo bem. Não só os filhos, com as pessoas da igreja também. Até hoje vai muita gente lá rezar.”<sup>(2)</sup>

Eu **durante a doença** e o **processo de morte**: O que lhe aconteceu? Como isso faz você se sentir agora? Como você se sente a respeito disso? – O que o incomoda mais agora?

“Eu acredito que sim. Bem, quando isso me aconteceu eu não acreditava que estava acontecendo, eu fiquei bem... a coisa foi evoluindo, [...], pronto. Agora eu estou nessa fase de mais conforto emocional, emocionalmente mais tranqüila, exatamente porque eu estou aceitando a limitação, que para mim foi muito difícil. No início. Ecomeçando a sentir que a doença realmente é uma doença que não vai sarar e nem me dar uma melhora da que eu estou querendo e imaginei rápida. Porque eu estava bem, e de repente, na noite de quarta para quinta, inverteu. Ontem, quinta eu fui lá e tudo... fiquei... Quando foi ontem, o dia ontem foi bem pesado”.

“Claro. E depois é o seguinte, se eu não der conta de pegar isso firme... eu acho que eu vou ficando mais frágil. Eu não quero ficar tão frágil, quer dizer, como diz. É um... é esquisito. Eu por exemplo, gostaria de ir embora hoje à noite? Gostaria...”

“Da perda, da dor, da perda da vida também, não é? Eu tenho que... a vida está indo... ali, em doses homeopáticas... o que é pior, não é? Eu gostaria que não fosse. É, fui fazer um exame de coração, lá em V. C., e eu falei assim Coisa boa se meu coração tivesse bem fraco sabe? Porque eu sempre tive uma historinha de um probleminha, um sopro e tal, e tal... mas, eu queria que eu chegasse lá e o médico falasse ‘olha, seu coração está muito fraco e tal’... Eu falei com ele o doutor, o senhor dá uma notícia boa para mim... Ele falou ‘qual seria uma notícia boa para você?’ E eu falei assim ah, que eu morra de coração, por exemplo, (risos), que eu tenho um problema no coração... aí ele riu e falou assim ‘ah, mas isso é uma morte que todo mundo quer’... Sim porque eu estou aqui... Nós estamos fazendo um... bom, então... é o que? (a mãe respondeu: ‘pode deixar’)...”<sup>(2)</sup>

Nunes cita Èmile Benveniste<sup>9</sup>, que distingue o **tempo** físico, psíquico<sup>15</sup> e cronológico. Afirma que movimentos naturais recorrentes, como os cronométricos, o tempo cronológico, está ligado ao físico. À cronometria acrescenta a ordem das datas a partir de acontecimentos qualificados, que servem de eixo referencial. Demarca outros tempos, como o tempo litúrgico, dos ritos, das celebrações religiosas e, o tempo político, dos eventos cívicos, repetitivos e cíclicos em sua direção e progressivo em sua significação, pois a celebração desses eventos provoca avaliação do passado e cria a expectativa do futuro.<sup>(43)</sup><sup>10</sup>

9 BENVENISTE, Èmile. La langage et l'expérience humaine: problemes de linguiste générale. Paris: Gallimard, 1974, p. 70.

10 O movimento exterior das coisas forma o conceito de tempo físico, natural ou cósmico, que é um processo objetivo através de medidas quantitativas,

A **temporalidade** desponta de maneira relacional com as modificações percebidas no corpo doente e a cronologia é apresentada como nessa fala:

“É, começou com uma dor nas costas. Eu procurei um posto médico, um posto de saúde... Agora até me perdi, não sei se foi outubro, setembro, do ano passado, final do ano passado. Com essa dor na coluna, com meu tipo de trabalho eu associei a dor nas costas, com o meu tipo de trabalho. Que eu sou... deixa eu explicar aqui, um técnico mecânico de equipamento de raio-X”.<sup>(2)</sup>

O **tempo cronológico**, aqui representado como idade biológica e seus limites, restringe a perspectiva com o enfrentamento da doença:

“Qualidade para mim representa o seguinte, que eu não retorne a minha vida normal, de seis meses atrás que eu vivi até hoje, extremamente independente, não só resolvendo os meus problemas, mas os problemas de todo mundo, e totalmente independente, morava sozinha, e faço tudo, saio, resolvo as coisas para os outros e tudo, dou muita assistência na hora que precisa para minha irmã, sempre dei, para as crianças e tudo... Então, essa qualidade de vida eu sei que vai ser difícil, indiferente da doença. Já é um fator da idade. Porque eu já estou completando 69 anos de idade, o potencial da gente vai terminar. Os limites vão chegando. Inclusive morar sozinha por mais tempo e tudo. Com esse conhecimento da doença, com esse quadro, com tudo, eu comecei agora nesses últimos 30 dias, mais ou menos, a aceitar que, além dos limites que eu estou tendo da idade, eu estou com o limite de saúde. Eu sou uma pessoa que não

---

descoincidentemente, o tempo psicológico, tempo vivido, ou de duração interior, é subjetivo e qualitativo, variável de indivíduo para indivíduo (NUNES, 1988, p. 18).

tenho mais a saúde que não está mais... eu dependo de tratamento, de controle...”<sup>(2)</sup>

O contraste entre **buscas, encontros e desencontros** da unidade referencial composta pelos membros do núcleo familiar pode ser resumido com estapercepção de um profissional da saúde:

“De vez em quando, agora... ele tem picos. Eu o vi há umas três, quatro semanas atrás assim... cabeça baixa, eu acho que igual ele estava ontem, anteontem, não quer falar com ninguém, não me liga, só pede a tia para ligar, não quer sair de casa. Marca as consultas e não vai ao exame, não vai. Aí de repente ele fala assim ‘não eu tenhoque...’ – ele dá uma reagida, aí ele interna, resolve ir lá no consultório, e aí ele fica bem. Eu vejo isso muito relacionado com a mulher dele, porque no começo a mulher não aparecia, depois que a família foi conversando comigo, eu fui falando que era um caso grave, principalmente o irmão que foi no começo, aí parece que eles avisaram para a mulher, a ex-mulher que mora no interior com os filhos, e a ex-mulher passou a ser freqüente, ele deu uma revigorada total, inclusive ficava uma semana aqui, ficava uma semana com ela, no interior com os filhos, ficou mais ou menos uns dois meses assim, ela vindo, ele vindo, só que realmente parece que de repente ela sumiu de novo”.<sup>(2)</sup>

Uma unidade de referência importante na análise das falas são as categorias em que se inscreve a **esperança**: cuidado, compaixão e misericórdia.

Pensar no outro é despertar em nós a atitude de cuidado, o que nos leva a algumas reflexões. Em sua forma mais antiga, cura era usada num contexto de relações de amor e de amizade. Passo então a dedicar-me a ele, disponho a cuidar.<sup>(5)</sup> Quanto ao cuidado, algumas falas são exemplares como o uso de roupas claras por parte das

filhas para agradar a mãe: “Mais claras. Elas(filhas) sabem disso”.  
(2)

O **cuidado** é construído através de uma vida e das preocupações de familiares no contexto atual do paciente:

“É. Então ela... para ajudar ela nunca desprega de mim, nunca despregou, toda vida, desde pequena. Eu sou seis anos mais velha do que ela, meu pai abandonou a gente muito novinha, minha mãe criou trabalhando, e quem cuidava dela sou eu. Por isso que eu falo com o senhor... Levava para escola, dava banho, mas mesmo ela pequenininha, com menos idade, e ela apegada demais comigo. [...] (risos). Tenho uma sobrinha e um sobrinho. Dúvida de que eles iam ter carinho e cuidado comigo? Eu nunca tive... Mas disponibilidade é outra coisa, porque hoje não dá. Emprego, correr atrás, hoje não tem... a coisa mudou...”<sup>(2)</sup>

Outras atitudes de atenção são demonstradas entre a *cuidadora adotiva* e a *mãe afetiva*, no que se refere à conciliação do sono da pessoa que dedica cuidado e o afago de corpos que se tocam: “Chorava. Para dormir também, eu a colocava para dormir e tinha que dormir de mão dada comigo. Isso foi ficando muito forte para mim também. Ela precisa de mim mais que tudo”.<sup>(2)</sup>

Por outro lado, há o oposto, por exemplo, um filho que não se preocupa com a mesma dimensão do cuidado: “Porque o idoso sofre demais na mão dos familiares, entendeu? Às vezes na parte financeira, na parte de carinho, na parte de tudo. Se a minha tia fosse, se ela não me tivesse, ela já teria morrido nas mãos do filho dela. Porque ele não se preocupa com ela, na parte maternal, é só financeira”.<sup>(2)</sup>

São observadas duas anotações que se tornam pertinentes, quando do trabalho de campo do pesquisador. Em primeiro lugar, uma relação formal entre a irmã e o irmão doente, que passa por mudanças no sentido do **afeto** e do **cuidado** a partir da fase final da

enfermidade. E também, em um segundo momento, a relação entre a tia e sobrinho doente, construída, amorosamente, desde sua infância.

Trechos do pesquisador<sup>(2)</sup>:

“Quando os irmãos se abraçam é como se fosse um só corpo, entrelaçados. Uma só vida por só instante, parando o tempo. Talvez o pensamento parar, a vida parar, a morte dar um tempo. Um abraço infantil de corpos irmãos, quando o medo toca e provoca arrepios. O calor dos corpos aquece a alma, por um só momento, momento que evoca a eternidade. Os olhos ficam fechados, profundamente cerrados, aliás, como estarão na partida. Contradição possível! Assim, os irmãos experimentam fortes, o outro lado, inertes, passivos, mas sem medo. Por quê? Porque o outro ainda vive, respira a vida, penetra e habita o coração. Amantes, totalmente amantes, confidentes, sem interrogações e pontuações nem exigências. Amor incondicional. É tudo para um corpo ‘rasteirado’ pela doença de quase um ano de vida!”

“Outro cenário se descortina para um novo personagem: R. (a tia) é uma rosa, como todas são perfumadas. Exala com uma voz doce e mansa, o perfume do cuidado. Embala, afaga, sem sussurrar palavras. Beleza emerge de dentro, faz bem para ele. Respeita as diferenças, sabe conduzir. Para uma unidade de pensamentos. Há, então, espaço para a dignidade. Atualmente ‘corre’ de sua casa onde cumpre, integralmente, a função materna e de esposa. Ela morava à distância de ‘três ou quatro’ quarteirões. Ele já articulava mal as palavras. Ela as interpretava. Fazia um suco de laranja, preparava puro, sem água, ‘assim não fazia mal para o estômago’. ‘Pode tomar pela boca’ (ele estava usando sonda), ‘para sentir o gosto’. Ela permanece ali imóvel. Na ternura e no cuidado. É uma rosa, como todas perfumadas. É uma mulher grandiosa no cuidado, generosidade e robusteza. Sua dedicação expressa amor, afeto,

atenção. Uma dádiva para ele, esta R. perfumada que traduz felicidade”.<sup>(2)</sup>

Nas narrativas registradas, a voz da jovem paciente com diagnóstico de neoplasia terminal salienta a triangulação entre **esperança, otimismo e religiosidade**:

“Um médico acha que não tem mais jeito. Eles desistiram. Eu não! Quero continuar a fazer qualquer coisa... tratamento alternativo... Deus está me ajudando. Ele não me deixou ficar sozinha. Ele mandou os anjos dele para ficarem comigo, para proteger... por isso eu estou agüentando. Eu vou agüentar muito tempo ainda. Ele não me esqueceu!”<sup>(2)</sup>

Nota-se a retirada de esperança oferecida pelo médico e a ausência simultânea de outra perspectiva.

Dada a importância das religiões como unidade de referência para o ser humano desde que a pluralidade religiosa seja colocada em evidência, os valores religiosos poderão embasar o diálogo da sociedade.<sup>(17,44)</sup>

Considerando as narrativas sobre a **religiosidade**, os entrevistados proclamam a complexidade do tema e apontam para alguns sentidos da vida/morte:

“Eu acho isso... o cara que é materialista e ateu, ele é um ser normal. Os outros que acreditam em céu, inferno, Deus, isso é uma modalidade de temência, de acreditar em coisas... Deus... o que é Deus?”

“Cada acontecimento é um acontecimento. Disso tudo eu estou consciente. E lutar. Depende, porque eu aprendi que Deus olha tudo. Dá tudo para gente. Mas Ele dá o que a gente pede, o que a gente quer, o que a gente merece. Ele sempre sabe que a gente merece... por Ele, merece. Agora, Ele dá o que a gente

quer. E eu tirei essa experiência, esse aprendizado da minha mãe, ela teve umapassagem, um desligamento muito tranqüilo...”

“Uma paz muito grande, e fico feliz porque era isso mesmo que eu queria que Deus aproximasse mesmo da gente, cada vez mais, não só no momento que ela está para partir, mas Ele continuar também comigo, me dando força para encarar a vida lá fora, entendeu? E ajudando outras pessoas carentes, as mais pobres e mais carentes. Isso eu pretendo... Enfermos, doentes, idosos, principalmente os idosos”.<sup>(2)</sup>

Há **silêncio** que perpassa o tempo que resta. Num dado momento, não cronológico, relacionado à evolução da doença, o paciente passa a não demandar desejos, necessidades e valores sobre coisas materiais ou sobre o seu corpo. Entre os entrevistados pode-se perceber que o silêncio retrata o seu último tempo de estar no mundo. É como se uma percepção acurada de espera da morte inundasse o ser em sua subjetividade. Não de forma abstrata, mas sua concretude no tempo de vida que ainda resta. Uma anotação do diário de campo do pesquisador<sup>(2)</sup>, evocando novos sentimentos, sentidos e desejos no cotidiano dos entrevistados é descrita abaixo:

“Um pouco depois das seis horas, fui até a casa dele. O registro é da memória dos outros que ficam; pois ele já vinha transmitindo desapego pelas coisas, fatos e também sintomas corporais; tais registros são exemplificados:

- nas empadinhas que tanto gostava e as rejeitava;
- na sensação térmica de frio, que não mais sentia ou estava bem ameno (o cobertor, as luvas, objetos marcantes e inseparáveis, anteriormente, permaneciam como que esquecidos);
- no uso de cigarros que já não ocupava o ambiente (fumou dois antes, quando cantarolou por algum tempo);

- na dor – antes ‘horível’, ‘terrível’, estava controlada e aliviada com a administração de analgésicos opióides orais;
- na rejeição aos medicamentos, afirmou ‘que tinha muita dificuldade para ingerir a medicação’, acrescentando ‘que seria o último comprimido, pois não precisaria de mais’;
- na ausência dos familiares: não falava mais sobre os filhos e a ex- esposa”.<sup>(2)</sup>

O **silêncio** que incomoda o “**eu que se apresenta**” ao “**outro silenciado**”. Esse desencontro é expresso na fala de um entrevistado: “Parece que eles se escondem. Não falam o que é. Eu lembro que teve uma pessoa que eu perguntei de que ele estava tratando e ele virou o rosto e não conversou mais comigo. Não quis falar, eu pedi ‘desculpas’”<sup>(2)</sup>

A pesquisa *Bioética e atenção ao paciente sem perspectiva terapêutica convencional: estudo sobre o morrer com dignidade* partiu de feridas profundas na sociedade, que reivindica carências.

Constatou-se a homogeneidade de um grupo de indivíduos que *não possuía perspectiva terapêutica convencional*. As identidades apresentadas e narradas pelos sujeitos encontravam-se fraturadas, “*rasteiradas*”<sup>(2)</sup>, dependentes, despedaçadas. Ocorreram rupturas, perdas, dores, sofrimentos, esperanças, silêncios. Vulnerabilidade.

O principal eixo do método de abordagem foi na formação de um vínculo profissional com os pacientes. Ocorreu um amadurecimento, mútuo, a partir daquele que desejava ser compreendido e de quem desejava compreender a situação de finitude humana frente à ausência de possibilidade terapêutica convencional.

A doença aparece e avança. Quando a pessoa gravemente enferma ou sem perspectiva de cura é tratada no horizonte da medicina curativa é que se percebe a saúde como a ausência de doença (dimensão negativa).

Qual é o tempo que restava? O tempo de agora com a doença e o presságio da morte é outro tempo, emprestado a alguém?

O tempo do profissional é na verdade construir outro tempo. Deve-se *possuir o tempo*, que são horas, minutos, segundos dedicados a escutar o outro que é igual como espécie e diferente na singularidade. A doença é apenas um detalhe. Entretanto, dor, sofrimento, angústia, solidão, desejo, interação, medo, sorriso, gemido são, atentamente, correspondidos à procura de espaço para se fazer o bem no estado natural da beneficência.

Vale ressaltar a descoberta feita por esta pesquisa, o que avança o conhecimento no campo da bioética sobre o processo de silêncio, que antecede por dias ou horas a morte. Representa uma unidade de referência percebida pelo pesquisador junto ao *paciente sem perspectiva terapêutica convencional*. Este **silêncio** possui pressupostos ancorados no silêncio dos vivos: trata-se de uma forma de linguagem, comunicando situações em que a fala não consegue traduzir o vivenciado. Considerou-se que ao se sintonizar com a densidade daquele **silêncio** possibilidades são abertas aos familiares, profissionais da equipe de saúde e cuidadores a uma atenção diferenciada e digna nos momentos finais, quer seja no cenário domiciliar ou no cenário hospitalar.

## REFERÊNCIAS

1. KOVÁCS, Maria Júlia. **Autonomia e o direito de morrer com dignidade**. Bioética, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 61-69, 1998.
2. OLIVEIRA, José Ricardo. **Bioética e atenção ao paciente sem perspectiva terapêutica convencional**: estudo sobre o morrer com dignidade. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Orientador: Prof. Nilton Alves de Rezende; Co-orientador: Prof. Carlos Faria Santos Amaral.
3. VARGA, Andrew C. **Problemas de Bioética**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.
4. The WHOQOL Group. The development of the World Health Organization Quality of Life assessment instrument (the WHOQOL). In: ORLEY, J.; KUYKEN, W. (Ed.) **Quality of life assessment**: international perspectives. Heidelberg: Springer-Verlag; 1994.
5. BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 199p.
6. LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
7. GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006. 176p.
8. BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. A dignidade no processo de morrer. In: BARCHIFONTAINE, Christian de Paul; PESSINI, Léo (Org.). **Bioética**: alguns desafios. São Paulo: EDUNISC; Edições Loyola, 2001. 347p.
9. FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

10. CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 293p.
11. CANGUILHEM, Georges. **Escritos sobre a medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 88p. (Coleção Fundamentos do Saber).
12. AUSTER, Paul. **O inventor de solidão**. São Paulo: Círculo do Livro; Best Seller, 1982. 182p.
13. PESSINI, Léo; BERTACHINI, Luciana (Org.). **Humanização e cuidados paliativos**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola; 2004. 319p.
14. PESSINI, Léo; BERTACHINI, Luciana. **O que entender por cuidados paliativos?** São Paulo: EDUNISC; Paulus, 2006. 72p. (Coleção Questões Fundamentais da Saúde).
15. HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
16. CHAUI, Marilena de Souza. Vida e Obra. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
17. KOVÁCS, Maria Júlia. Bioética nas questões da vida e da Morte. In: KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2004. 224p.
18. ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
19. ARIÈS, Philippe. **Sobre a História da Morte no Ocidente: desde a idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989. 191p.

20. TOLSTÓI, Leon. **A morte de Ivan Ilitch**. São Paulo: Martin Claret, 2007. 155p.
21. VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história**. São Paulo: Palas Athenas, 1997. 407p.
22. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 296p.
23. KOVÁCS, Maria Júlia. A morte escancarada. In: KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPESP, 2004. 224p.
24. RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fio-cruz, 2006.
25. BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia** (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 13. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
26. CORRÊA, Maria Isabelle Palma Gomes. **O símbolo Gilgamesh: a morte e o mito**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Disponível em : <http://www.geocities.com/textosbec/palma.doc>. Acesso em: 15 nov. 2007.
27. THOMAS, Louis-Vincent. Prefácio. In: BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.
28. CORTELLA, Mario Sergio. **Não espere pelo epitáfio...** provocações filosóficas. Petrópolis: Vozes, 2005.
29. BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.

30. REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres, revolta popular no Brasil do século XIX. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 357p.
31. BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe; ISSLER, Bernardo. **Comunicação do eu**: ética e solidão. Petrópolis: Vozes, 2005. 142p.
32. **Comunicação do eu**: ética e solidão. Petrópolis: Vozes, 2005. 142p.
33. KIERKEGAARD, Søren Aabye. **As obras do amor**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005. 431p.
34. ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
35. ARAÚJO, Lucinha. **Preciso dizer que te amo**. São Paulo: Globo, 2001.
36. DRANE, James. Bioética e cuidados paliativos. In: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Léo (Org.). **Bioética**: poder e injustiça. São Paulo: Loyola, 2003. 522p.
37. GUERRA, Maria Aparecida Telles. Bioética e cuidados paliativos na assistência à saúde. In: FONTES, Paulo Antônio de Carvalho; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone (Org.). **Bioética e Saúde Pública**. São Paulo: Loyola; 2003.
38. ALVES, Rubem. **O médico**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2005. 94p.
39. FERREIRA, Amauri Carlos; OLIVEIRA, José Ricardo. **Do limite**: as narrativas da dor. 2006. 19p. (Mímeo).
40. VERGELY, Bertrand. **O sofrimento**. Bauru: EDUSC, 2000. 232p. (Coleção Filosofia e Política).

41. KOVÁCS, Maria Júlia. Comunicação em cuidados paliativos. In: PIMENTA, Cibele Andrucioli de Mattos; MOTA, Dálete Delalibera Corrêa de Faria; CRUZ, Diná de Almeida Lopes Monteiro da. ed. **Dor e cuidados Paliativos: enfermagem, medicina e psicologia.** Barueri: Manole, 2006. 498p.
42. KOVÁCS, Maria Júlia. Comunicação nos programas de cuidados paliativos: uma abordagem multidisciplinar. In: PESSINI, Léo, BERTACHINI, Luciana (Org.). **Humanização e Cuidados Paliativos.** 2. ed. São Paulo: EDUNISC; Edições Loyola, 2004. 319 p.
43. ALBOM, Mitchel. **A última grande lição: o sentido da vida.** 19. ed. Rio de Janeiro: Sextante; 1998, 183p.
44. NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** São Paulo: Ática, 1988.
45. PESSINI, Léo. A eutanásia na visão das maiores religiões: budismo, islamismo, judaísmo e cristianismo. In: BARCHIFONTAINE, Christian de Paul; PESSINI, Léo (Org.). **Bioética: alguns desafios.** São Paulo: EDUNISC; Edições Loyola, 2001. 347p



## 4 VIDA E MORTE: CORPO QUE FALA E CALA

*José de Anchieta Corrêa*

Para elucidar o enigma do *corpo que fala* e do *corpo que cala*, sob a ótica vida e morte, é necessário, antes, elucidar o que entendemos propriamente por corpo vivo fundamento da vida humana. Para tanto é preciso ir além da compreensão do corpo biológico, corpo orgânico, capaz até de depois de declarada a morte do sujeito, continuar a viver em um outro corpo. Para tanto, não basta trabalhar a questão da interação do orgânico e do psíquico. É preciso demonstrar que o propriamente humano só se revela através do corpo vivo oferecido ao outro e ao mundo. Corpo dialogante, desejanter e inventivo, expressão do laço entre a razão e a sensibilidade, entre a lei e o desejo. Modos de ser, manifestações que fazem do ser humano, um ser significativo capaz de ser portador de um “não”, tendo por tarefa inventar o seu próprio ser e ao mesmo tempo sendo um ser para o outro. Ser capaz de amar e construir e se dar novos horizontes de vida. Por esse caminho, o ser humano acende a categoria de sujeito entre outros sujeitos no convívio com seus semelhantes. Sujeito, jamais reduzido à condição de objeto. Qualquer que seja a circunstância, mesmo no leito de morte, é preciso respeitar o máximo possível a qualidade de sujeito do paciente, ficando atento a sua capacidade de significar seus comportamentos, sua dor e sua alegria e, igualmente de dizer o seu desejo.

Hoje, mais que nunca, com o progresso das ciências da vida e da biotecnologia, quando alguns chegam a proclamar que tudo é genético e que o futuro está escrito nos genes, a questão da compreensão e explicitação da humanidade do homem está, cada vez mais, na ordem do dia – exigindo respeito ao exercício de sua liberdade e de seu desejo, expressões de sua autonomia e sua atividade criadora. Qualificações que definem o humano em seu mais alto grau.

Ao longo da história da humanidade a busca para compreender ou solucionar a dualidade presente no ser humano – corpo e espírito, matéria e consciência, orgânico e psíquico – foram construídas várias

respostas, todas em busca de superar a oposição entre o orgânico e o espírito ou consciência, ou seja, entre uma exterioridade e uma interioridade. Essa busca dominou o pensamento e a cultura ocidentais durante séculos e ainda hoje, para maior parte dos homens, constitui questão significativamente problemática.

O ganho de se pensar uma unidade psicofísica torna, pois, de grande valia para lidar com a realidade humana em suas múltiplas manifestações onde conjuntamente se operam a esfera do mecânico e o mundo do sentido e dos afetos. Por sua vez, a precariedade da existência humana fruto da fragilidade dessa unidade psicofísica reclama e busca um horizonte de transcendência para além dessa imanência.

Assim posto, falar *corpo que cala* tomado em sua dimensão de corpo orgânico, votado à corrupção, corpo não animado e reduzido à ordem do cadáver, é falar da morte. A morte, única certeza da existência humana, cuja função primordial, paradoxalmente, é de nos fazer pensar, iluminar e dizer a vida, não cessa nunca de colocar a pergunta acerca de um para além da dimensão terrestre.

O advento da morte, quando *o corpo cala*, nos enche de perplexidade e de angústia não havendo maneira de dizer e experimentar diretamente esse acontecimento. Acontecimento desmesurado e extraordinário, já anunciado desde seu nascimento. A figura da morte se apresenta para o homem como a mais extrema alteridade: encontro com o impensável, o indizível, o puro caos. De tal forma que, enquanto vivos, só nos resta apelar para uma abordagem indireta, em busca de conhecer por meio da história da humanidade como a morte foi vivida, como seus efeitos foram acolhidos, trabalhados e simbolizados pelos diferentes tempos e sociedades. (1) Assim sendo, a morte se apresenta primeiro e sempre como a morte do outro. Outro, cujo corpo foi reduzido ao silêncio absoluto, e já não responde mais às nossas perguntas e demandas.

No domínio da cultura e dos costumes, se estabelece uma outra ordem do discurso, na qual o falar da realidade da morte é passar em revista os diferentes comportamentos do homem diante da morte,

suas maneiras de celebrar o fim da vida, seu modo de cuidar e respeitar seus mortos.

Voltados agora para nossa própria história, nada há de mais eloquente e paradoxal que constatar entre os homens, ou seja, entre nós mesmos, a existência de um sentimento: o desejo de existir para sempre. Essa “cupidez de existir para sempre”, esse desejo de onipotência, ronda o coração de todo homem, desde sua origem. Já nos primórdios, no Jardim do Éden, o homem se declarou prisioneiro desse desejo aceitando o convite perverso e enlouquecido da serpente: “se comerdes o fruto dessa árvore sereis como Deus”.

Diante da morte, ou diante do cadáver, de um *corpo que cala*, de um corpo sem fala, proliferam discursos buscando negar a morte ou atestando, em particular nos tempos contemporâneos, a luta da ciência para vencer a morte. Discursos a revelar uma situação paradoxal na qual a ocultação e a negação da morte atingem no espaço hospitalar, seu grau máximo. Ocultação e negação da morte, sustentadas por um sofisticado aparato tecno-científico à disposição dos cuidados médicos.

Em consequência, muitas vezes, nos espaços hospitalares, é negado ao paciente o direito de morrer. Um “furor curandi” se instala no lugar de proporcionar ao paciente, em situação de extrema vulnerabilidade e dor, próprias ao fim da vida ou à eminência da morte, cuidados especiais devidos nesse tempo que deveria ser “o tempo das carícias”.

Perspectiva em que, sob um esforço terapêutico desmedido, se ignora o desejo do sujeito, o real da situação. Atitude própria de uma sociedade individualista, como a nossa, que dissolve as solidariedades e desobriga o cidadão de toda responsabilidade pelo futuro dos indivíduos e do próprio país.

Por longo tempo a questão da morte foi relegada pelos filósofos nas mãos de Deus. Mas quando a razão humana deixou de recorrer a Deus para assinar embaixo certificando suas certezas, o filósofo e o homem reconheceram na morte, no *corpo que cala*, o sinal irrecusável de sua dimensão de ser finito e mortal, obrigando a cada homem a

responder sozinho, isto é, somente com as luzes da razão, por sua tarefa de bem conhecer seu destino e de bem agir para realizá-lo da melhor forma possível e desejada.

Seria então o caso de colocar em questão a pergunta se ao homem não restará senão tal como nos relatou Sófocles na tragédia “Édipo em Colônia”, ser condenados a um destino tão cruel? Tragédia, cuja única saída possível ao infortunado rei, cego e desonrado, exilado de seu reino, é ouvir o Coro cantar “Melhor seria não haver nascido”.

Diante da presença ou do dilema da morte no universo humano, quando o corpo se silencia como então se comportar ou perguntar se ao homem só lhe resta ocupar-se desse enigma sombrio e trágico da vida à espera da morte? Ou se, ao contrário, é necessário afirmar que a morte pode e deve constituir elemento de iluminação para a própria vida.

Agora, o saber, o sentir-se mortal se apresentará como o fundamento da experiência específica do ser humano. Agora, o homem tem condições de deixar a zona do imaginário, onde comumente vive como se fosse imortal, na semiconsciência de que a morte só acontece com os outros. Agora ele encontrará meios de sustentar o laço entre a vida e a morte, construir uma rede simbólica com esse limite, esse real, inscrito cotidianamente no seu ser presente em todas as perdas que terá de suportar e ultrapassar. Libertado desse desejo de onipotência, que é o mais velho e mais veemente de todos os desejos, libertado desse impossível ao qual deve renunciar, o homem se torna capaz de aceitar o “não”, o limite, as perdas de toda ordem, expressão da lei que estende por toda sua vida e, a partir dessa aceitação iluminar sua história ultrapassando os questionamentos colocados pela morte sobre os véus do enigma, e, sobretudo, fazendo de cada morte um renascer.

(2)

Iluminação da vida: o demônio de Molière, no início da peça *Amphytrion*, diante da presença do homem pergunta “qual é teu destino? Diga-me”. A resposta é curta e simples: “meu destino é ser homem e falar”. “Em outras palavras: dizer e dizer-me”. Através dessa revelação se dissolve a oposição acima exposta entre uma interioridade

e uma exterioridade, ou a dicotomia por muito tempo estabelecida na história do pensamento entre sujeito e objeto, em outros termos entre a consciência e o corpo. O homem se revela eminentemente ser de linguagem, palavra endereçada a si mesmo e ao outro e, conseqüentemente responsável por seu destino.

Agora é preciso dizer com Sartre que o “pensamento passa pela boca”, mais que isso, passa pelo coração, pelas vísceras e pelo sexo. Ou afirmar com Merleau-Ponty que o pensamento para existir tem necessidade de vir habitar o mundo por um verdadeiro gesto. É somente assim que uma comunicação será possível, pelo sentido que vem ao mundo. A palavra é, pois, um verdadeiro acabamento do pensamento. Uma palavra fechada em si mesma, em um universo de solidão, incapaz de poder se exprimir, de se comunicar, não tem realidade. Meu corpo, o corpo-próprio na expressão de Merleau-Ponty, pela experiência da linguagem revela ao mundo uma existência originária que não é “nem coisa”, puro organismo, pura exterioridade, “nem consciência”, pura interioridade, mundo do sentido. <sup>(3)</sup>

Da mesma forma, a identificação do homem à linguagem permite compreender, igualmente, minha sociabilidade originária. O homem longe de ser uma ipseidade, uma mônada fechada em si mesmo, uma ilha como comumente se diz, é um ser de relação. De tal forma que a relação eu-outro se manifesta com estrutural e constituinte do modo de ser-homem. Não há como ignorar a presença do outro, mesmo repetindo com o personagem de Sartre que “o inferno é o outro”. O “outro” pode ser também a minha delícia. Basta lembrar o canto do Rei Davi celebrando a vida e a amizade de Jonatan. Ser social não é, pois, algo de acrescentado ao homem. O homem já nasce pertencendo a uma estrutura triádica – pai, mãe e filho -. Na falta do pai ou da mãe ele perseguirá uma longa história, um longo caminho de busca, onde, possivelmente, uma multidão o interpele.

Também são inevitáveis conseqüências para história de cada homem a constatação da finitude considerada através do exercício da linguagem, tanto no *corpo que fala*, na vida, quanto no *corpo que cala*, na morte ou, tragicamente, mesmo em vida.

No exercício da linguagem a inscrição da finitude do homem está presente todo o tempo. É parte mesmo do tecido da linguagem, uma vez que toda linguagem é traspassada por um “não”, uma vez que sempre digo e dou a dizer. Dou a dizer sempre outra coisa, em um deslocamento sem fim. Assim sendo, a linguagem é bem o lugar da equívocidade. O outro não tendo como me ver de meu ponto de vista, sendo outro, me desloca e me nega. Não recebe minhas palavras tal como inscritas em uma folha branca ou registradas em um disquete no qual gravaria minha fala. O outro me nega, me desloca me convidando a visitar outras perspectivas, a sustentar o diálogo. “Uma volubilidade infatigável própria ao exercício da linguagem faz mexer as ideias na medida em que nascem fruto de uma necessidade de expressividade nunca satisfeita, transformando a linguagem no momento mesmo em que se julgaria que chegasse a seu termo, acreditando ter conseguido assegurar, entre aqueles que falam uma comunicação aparentemente sem equívocos. (4).

Outra marca da finitude do homem impressa na linguagem se traduz pelo decreto de se apresentar também como negação de nossa pressuposta onipotência, manifesta na não transparência do discurso por aquele que o anuncia. O tecido da linguagem tem sem dúvida essa marca de ser o avesso da onipotência. Só os autoritários os pretensos onipotentes desse mundo – ditadores, torturadores - ignoram semelhante verdade, desconhecem esse selo sagrado impresso na linguagem. Desta forma, entre os sujeitos dialogantes é sempre exigida a tarefa de interpretar a tensão, às vezes, a contradição mesma, entre o sentido proferido e o sentido estabelecido. Tensão, aliás, nunca resolvida. Tarefa que relança o diálogo numa onda sempre inacabada. Instalado na linguagem, o homem jamais dela se sai. Só quando morto a linguagem cessa. Essa uma das experiências mais terríveis que é dada a um amigo, amiga, esposo, esposa, filho, filha, amado, amante diante de um morto. Toda palavra dirigida ao morto cai no mais puro vazio. Um muro de silêncio para sempre ali foi erguido.

Todavia através dos gestos do *corpo que fala* também nascem a ciência, a tecnologia, a poesia, a arte e a vida cotidiana. O amor e o

ódio. As amizades e inimizades. A concordância e a discordância. A guerra e a paz. Assim é construída e destruída a cidade dos homens. É igualmente pela palavra que um Deus se anuncia vindo habitar, armar sua tenda entre nós.

Mas é preciso também considerar um modo terrível de agir comum ao ser humano: o calar-se premeditado, urdido no desejo de negar o outro e a vida. Fazer silêncio, se manter no silêncio, nessas circunstâncias, torna-se uma atitude avassaladoramente destrutiva e mortal. A literatura está cheia desses exemplos de silêncios mortais. De palavras silenciadas e desejos congelados. Para ficar entre nós mineiros, basta lembrar o romance “Ópera dos Mortos” de Autran Dourado. E conhecer o drama de Rosalina que habita só a casa do Largo do Carmo entre os “avisos surdos das ruínas, dos desastres e do destino”. (5)

Na dimensão subjetiva e pessoal, a negação exercida através *do corpo que cala* ignora o imperativo ético de através do corpo e diante do outro sujeito dizer seu desejo. Silêncio perverso que decreta para si e para o outro uma verdadeira sentença de morte em vida. Opera-se assim uma violação da essência da vida, qual seja o direito de conhecer e dizer o seu desejo, mesmo que não se possa realizá-lo. Renunciando ou negando a si mesmo o acesso a esse conhecimento, ao trabalho de escutar e dizer a si mesmo seu desejo, o homem adoece e apressa sua morte.

Em uma outra perspectiva, configura-se como uma grave violência obrigar a alguém a não se expressar através da língua materna, condena-lhe a esquecê-la, sujeitando-lhe a só falar a língua do estrangeiro. Trata-se de um verdadeiro crime cometido no *corpo que fala*. Operação opressora que atrofia, abafa o poder do indivíduo de pensar, de criar mundos, condenado que está a apagar as palavras escutadas desde o ventre de sua mãe. Tal violência equivale a manter um povo sem autonomia de vida, sem educação, sem trabalho criador sem capacidade de elevar-se ou ascender à condição de sujeito de dizer, dizer seu desejo, sua dor e/ou sua alegria. Opressões e violências que precisam ser consideradas e tratadas na singularidade do ato, no

exercício mesmo de cada vida humana. Não ao nível de abstrações como, frequentemente, se procede ao se tratar de temas tais como “a eutanásia”, “o aborto” ou, mesmo, “a justiça”, mas fazendo face aos sujeitos concretos e suas circunstâncias concretas.

Em síntese, é pelos gestos do *corpo que fala* que a humanidade do homem é construída, se revela e vem ao mundo, participando da vida de sua comunidade, tribo, cidade ou nação.

Agradecendo o convite, são estas as reflexões que trago para esse Primeiro Colóquio Internacional - Quotidiano e Saúde da PUC-Minas.

## REFERÊNCIAS

1. CORRÊA, José de Anchieta. Morte. In: **Coleção Filosofia Frente e Verso**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
2. CORRÊA, José de Anchieta. Morte Enigma ou Iluminação. **Cadernos de Bioética**, Belo Horizonte, v.4, n.4, p. 38-44, dez 2000.
3. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
4. MERLEAU-PONTY, Maurice. O Homem e a Adversidade. In: **Sinais**. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962.
5. DOURADO, Autran. **Ópera dos Mortos**. Rio de Janeiro: Record, 1986.



## 5 MORTE QUOTIDIANA, ESCRITA EM PROSA E VERSO

*Lélia Parreira Duarte*

Agradecendo à comissão organizadora o convite para participar deste evento, eu gostaria de começar esta minha fala sobre a “Morte cotidiana, escrita em prosa e verso”, com o poema “Autopsicografia”, do poeta português Fernando Pessoa:

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que lêem o que escreve  
Na dor lida sentem bem  
Não as duas que ele teve  
Mas só a que eles não têm.  
E assim, nas calhas da roda  
Gira, a entreter a razão,  
Este comboio de corda  
Que se chama coração.

Será que podemos concordar com o Poeta? A poesia – ou o literário escrito em prosa e verso – seria mesmo fingimento? Nesse poema Fernando Pessoa parece dizer que sim, que devemos ficar alertas para o fingimento do poeta, que não fala do que fala. E segundo ele, o leitor o segue nesse fingimento, pois entra no jogo e, ao ler as duas dores do poeta, sente uma dor que não tem, ou seja, sente algo que não é o que sente (a sua questão é mais profunda...). Mas que dor seria essa? Seria a dor de viver? Representaria ela o medo da morte, ou seria a dor de temer e ao mesmo tempo desejar a morte? Ou, lembrando Maurice Blanchot, não diria o poeta que as dores se superpõem, sem solução, pois não há para onde fugir? Não há lições, consolações ou esperanças; a fuga somente pode ser feita no campo da linguagem, espaço que não se caracteriza como refúgio, pois nem

a criação salva o artista da condenação: ele é o sem poder, só pode falar da ausência de poder, embora a sua impotência seja o primeiro movimento da comunicação. Restaria assim o fingimento, a elaboração da linguagem, canto de sereia com que nos seduz e entretém o poeta...

“O poeta é um fingidor” faz lembrar um texto de Giorgio Agamben, de seu livro *Idéia da prosa*. Trata-se de um texto pequeno, que não resisto a aqui trazer, porque o creio muito elucidativo:

O anjo da morte, que em certas lendas se chama Samael, e do qual se conta que o próprio Moisés teve de o afrontar, é a linguagem. O anjo anuncia-nos a morte – e que outra coisa faz a linguagem? – mas é precisamente este anúncio que torna a morte tão difícil para nós. Desde tempos imemoriais, desde que tem história, a humanidade luta com o anjo para lhe arrancar o segredo que ele se limita a anunciar. Mas das suas mãos pueris apenas se pode arrancar aquele anúncio que, assim como assim, ele nos viera fazer. O anjo não tem culpa disso, e só quem compreende a inocência da linguagem entende também o verdadeiro sentido desse anúncio e pode, eventualmente, aprender a morrer. (AGAMBEN, 1999, p. 126).

Talvez seja dessa dor da impotência que fala o Poeta, na “Autopsicografia” e certamente em tantos outros poemas. Talvez seja essa também a questão mais profunda de que fala Blanchot: como o anjo Samael, o poeta tem um segredo para revelar, mas do seu texto não há como arrancar a mensagem completa: fica apenas o anúncio, a notícia da dor e da violência verdadeiramente sentidas, mas impossíveis de explicitar.

Vários estudos já se debruçaram sobre o fingimento nesse poema, que se faz com quatro dores sobrepostas. E hoje quero pensar com vocês um pouco mais sobre essa dor que o poeta deveras sente, e que provoca no leitor uma dor que ele não tem. Seria essa dor inerente

à vida em seu processo, da qual ele poderia aliviar-se ou mesmo livrar-se (temporariamente embora), através da escrita?

O pensamento filosófico talvez nos possa ajudar a entender a questão: para o grande ensaísta português Eduardo Lourenço, apenas a partir de Schopenhauer a filosofia deixou de tentar racionalizar o conjunto da existência humana, para exorcizar e recalcar o mais temeroso obstáculo a uma compreensão serena e perfeita da existência. E foi apenas após o abandono das formas dogmáticas do racionalismo moderno que, pouco a pouco, a questão da morte se pôs em toda a sua acuidade.” (LOURENÇO, 2007). Lourenço lembra que, para Schopenhauer, não há possibilidade de ligar à visão da morte qualquer tipo de esperança ou ilusão consoladora; para ele a morte é o único objetivo da vida, o seu fim, que se configura como um fato bruto e brutal, de absoluta opacidade. Unamuno seguiria Schopenhauer, mostrando haver um laço obrigatório entre essa outra visão da morte e o surgimento da razão. Com a diferença de que Schopenhauer queria olhar a morte com olhar tranquilo, já que para ele o que a vida tem de melhor está em ser breve, e Unamuno, depois de ver a morte como um escoamento sem fim em direção ao nada, passa a ver a vida como sonho, tornando-se um dos grandes poetas da morte. Morte que, na sua perspectiva, esteve sempre conosco, como que misturada à vida, pois viria com uma “vinda eterna”, falando sozinha no silêncio do mundo. Numa fala que nada diz, mas que afirma a vida diante da inevitabilidade dessa morte.

Creio que o poema de Fernando Pessoa sobre o fingimento e essa reflexão de Eduardo Lourenço poderiam ajudar nesta nossa reflexão sobre a morte cotidiana, escrita em prosa e verso, já anteriormente trabalhada no âmbito da pesquisa *As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas*. E é sempre bom lembrar que essa pesquisa reuniu mais de meia centena de universitários e produziu mais de sessenta seminários, cinco simpósios, várias teses e três volumes de ensaios, além de muitas palestras e comunicações em congressos.

Na nota inicial ao primeiro livro publicado pela pesquisa, José Maria Cançado esclarece, numa síntese admirável, esse título que fala de morte e literatura, relacionados a partir da figura mitológica da Perséfone. Cançado explica que essa oscilação entre morte e vida, característica da figura de Perséfone, pode descrever o movimento da escrita e da própria literatura, vistas como “máscara, mascarada, molde mortuário, mas de linguagem composto, teatro e cena da escrita” (CANÇADO, 2006, p. 12).

Literatura e escrita como máscara, fingimento, teatro, como já dizia Fernando Pessoa. Mas como se faz isso? E, especialmente, como esse estudo da Perséfone poderia aprofundar a compreensão da morte na sociedade contemporânea, objetivo deste evento?

Quero pedir o auxílio de Guimarães Rosa para pensar essa questão, mas antes volto ao mito de Perséfone, lembrando sua oscilação entre presença e ausência, luz e trevas ou entre vida e morte. Máscaras de Perséfone: morte e vida, na escrita literária; a morte, ou a sua ameaça, ou o desejo de saber o que é a morte – mascarados pela criação.

O que os textos estudados no grupo de pesquisa têm em comum parece ser a confissão de sua incapacidade de dizer a morte, pois em função dela falam de outra coisa: como na “Autopsicografia” de Fernando Pessoa, ironizam-se a si mesmos, confessam-se artefato, artifício, elaboração, jogo, fingimento. Tornam assim evidente o processo, a enunciação oscilante, o fingimento, a máscara, a arte, com que se constroem também os enunciados (as histórias, as personagens, a narração, as descrições), ou seja, a escrita em prosa e verso.

Esses textos reconhecem que o homem é um ser para a morte, e que a consciência dessa certeza impulsiona a criação artística: brincando com a indesejada, a desconhecida das gentes, evidenciam eles o seu caráter de linguagem e atingem a própria essência da literatura: angústia e medo, frustração e impossibilidade – morte –, convertidos em um canto que se elabora em torno do vazio.

Tudo isso faz pensar em Orfeu, outra figura mitológica trabalhada pelo grupo de pesquisa. Lembremos o mito: Orfeu perde a sua amada

Eurídice, que é levada para o reino da morte. Por condescendência dos deuses, Orfeu é autorizado a ir buscá-la no Hades. Volta-se, entretanto, para certificar-se de que Eurídice o segue, a tempo apenas de vê-la desvanecer-se para sempre. É então a partir do impulso da morte da amada, de sua perda irreversível, que Orfeu dá vida à sua obra – canto de amor que conta com o outro para testemunhar a perda e a falta.

Perséfone e Orfeu comprovam, assim, que o texto literário contemporâneo tem origem na morte, na impossibilidade de conhecê-la, o que pode traduzir-se em promessas que não se cumprem e em desejos não realizados; por isso mesmo, o texto firma-se na “morte do regime de segurança sustentado pela linguagem e pela palavra do cotidiano”, como diz José Maria Cançado. Pois a literatura contemporânea parece ser um discurso sempre em enunciação: processo, pressentimento, preparação para uma vinda que nunca se completa. Trata-se de uma enunciação que exhibe o seu caráter de comunicação e espera que o outro – o leitor – entre no jogo e participe do fingimento, da mascarada, do teatro de uma escrita que fala de frustração e de impossibilidade.

Essa literatura trata do desvalimento do ser humano, que deseja o infinito e a totalidade, mas tem apenas o fragmento e o passageiro. Testemunha assim a sua certeza de um fim – que entretanto não pode conhecer; por isso usa uma enunciação que não se fecha, como que acreditando que o outro poderá sanar a sua dúvida e completar o seu não saber.

O grupo de pesquisa trabalhou essas questões em várias obras de autores brasileiros e portugueses contemporâneos: entre os brasileiros o mais estudado foi Guimarães Rosa, seguido de Raduan Nassar, João Gilberto Noll e outros. Portugueses mais trabalhados foram, entre outros, Antonio Lobo Antunes, Augusto Abelaira, Mário Cláudio, Hélia Correia e Maria Gabriela Llansol, e os poetas Ruy Belo, Herberto Helder, Daniel Faria e Carlos de Oliveira.

Mas por que teria o grupo trabalhado a questão da morte apenas na literatura contemporânea? Seria porque, na contemporaneidade, o homem tem consciência de que morre a cada dia, sendo a sua vida

pontuada por inúmeras mortes? Creio que o estudo que Silvana Maria Pessoa de Oliveira publicou no segundo livro do grupo de pesquisa pode esclarecer essa questão. Acompanha ela a reflexão sobre a finitude na filosofia e na literatura através dos tempos, lembrando, por exemplo, que no classicismo, a “bela morte”, “a morte heróica” e o “canto heróico” estão intimamente relacionados. “Morre-se para que se possa permanecer vivo” (OLIVEIRA, 2008, p. 408-409), para que se possa domar a morte, diria Platão. Já Heidegger veria a impossibilidade de existência representada pela morte como a real possibilidade de existir: a vida não recuaria diante da morte, aceitando-a nas suas dimensões contraditórias de luto e alegria. E Blanchot conjugaria Hegel e Heidegger, vendo no sujeito que escreve “alguém que ousa permanecer senhor de si perante a morte, por estabelecer com ela o que chama apropriadamente de ‘relações de soberania’” (OLIVEIRA, 2008, p. 412). A morte, a perda e a falta seriam nesse caso a dádiva que permitiria uma relação com a arte, derivando daí a expressão “escrever para morrer contente”, atribuída por Blanchot a Kafka.

Ettore Finazzi-Agrò – professor italiano que também participou do grupo de pesquisa – assim explica esse vazio da linguagem configurada pela literatura contemporânea: apenas essa literatura consegue ecoar a Falta, consegue interrogar, de forma às vezes inesperada, o “Nada”. Nem a filosofia nem a história, segundo o crítico, conseguem atingir o núcleo medonho do evento mortal – ou melhor, daquilo que a morte encobre e revela, manifestando-se como “total não-ser de todo o nosso ser”, como pode fazer a literatura, na sua elaboração da morte cotidiana. Isso porque, como explica Maurice Blanchot, a palavra realiza-se ao declarar-se incompleta: a sua importância – a sua vida – está na possibilidade de deixar questões em aberto, pois o seu valor está em voltar-se para (ou até contra) si mesma: o eu que fala é sempre como um ventríloquo ou como uma máscara que murmura; é um outro, vazio como o poeta fingidor de Fernando Pessoa, de quem Augusto Abelaira, um dos estudados no grupo de pesquisa, retira o título de seu penúltimo romance, *Outrora agora*.

Creio que Abelaira poderia auxiliar nesta minha tentativa de refletir sobre como a literatura pode ajudar a compreensão da morte na sociedade contemporânea. Por isso, antes de utilizar textos do brasileiro Guimarães Rosa para estudar a morte cotidiana escrita em prosa e verso, eu gostaria de trazer para vocês algo desse importante escritor da Literatura Portuguesa, recentemente falecido, e que por duas vezes esteve na PUC Minas: Augusto Abelaira.

Abelaira foi inicialmente participante ativo do Neo-realismo, movimento reivindicativo e pedagogicamente orientado que, à moda do Regionalismo brasileiro, pretendia, pragmaticamente, estimular lutas capazes de transformar a sociedade, por colocar em prática os ideais republicanos de liberdade e democracia. Os neo-realistas buscavam para isso apresentar mensagens-lições de quem sabe e pode ensinar; transmitiriam assim verdades e certezas que certamente transformariam o mundo. Abelaira pareceu sempre desconfiar dessas certezas e verdades, pois a sua tendência era a de usar máscaras e ambigüidades, em textos performáticos que exibiam as artimanhas de sua construção. Semeava ele assim estranhamentos e dúvidas, como se estivesse sempre valorizando o leitor e reafirmando uma frase que me disse em entrevista, certa vez, em Portugal: “A obra é o que as pessoas lêem”.

Como assim? Não haveria no texto uma mensagem, um ensinamento, soluções para os problemas nele apresentados? É que, apesar da grande cultura evidenciada em suas narrativas e peças teatrais, ou exatamente por causa dessa cultura (Abelaira foi professor de filosofia), testemunhava ele constantemente a impossibilidade de afirmar que marcou desde o início a sua obra. Desde sempre, tentou ele alertar o seu leitor para que não recebesse passivamente ensinamentos prontos; talvez por isso construía cenas e situações em que tanto personagens quanto narradores oscilavam entre o sim e o não, sem ânimo ou coragem para tomar atitudes.

Sua obra parece assim referir a complexidade da arte literária e sua relação com a morte: ao valorizar a figura do leitor e a enunciação, estaria ele elaborando performaticamente testemunhos e

contradições, no tom irônico de quem sabe que, assim como a vida, um texto é passagem e está sempre em movimento: tem a forma fugidia e impontual da própria morte, é feito de múltiplas escrituras, ao mesmo tempo desmascaradoras e atentas em guardar um segredo que nunca ninguém pode ou deve desvendar. Por isso mesmo é potencialmente enganador e traiçoeiro. Mesmo os seus títulos referem negatividades, incertezas ou hesitações: *Bolor, O triunfo da morte, O único animal que?, Deste modo ou daquele, Outrora agora, Nem só mas também*. Exibem-se os jogos de enganos das personagens; os narradores acentuam o caráter duvidoso do que relatam, o que explicam pela insuficiência da memória, por interesses ocultos no discurso, ou pela impossibilidade de as palavras reproduzirem com fidelidade o pensamento, que por sua vez é também nebuloso e controvertido.

Creio poder-se dizer então que os textos de Abelaira tratam da morte quotidiana, ajudando a compreender a questão da morte na sociedade contemporânea. Pois configuram eles um sujeito literário que é uma potência impotente, feita de ansiedades e carências. Oscilando entre presente, passado e futuro, esse sujeito fala de projetos, sonhos e desejos, mas principalmente de incertezas e inquietações paralisadoras. Parece assim remeter ao saber de uma escrita que fica no campo da potência e afirma apenas o que não pode ser dito, testemunhando, dessa maneira, o vazio da linguagem e da morte.

Creio que o auxílio de Guimarães Rosa poderia ser agora bem-vindo, e para isso quero lembrar suas personagens Dito e Miguilim, de *Campo geral*, cuja estória foi transformada no filme *Mutum* (que vale a pena ver!). *Campo geral* não é propriamente poesia, embora tenha sido chamado por seu criador de poema e traga um belo exemplo do que é a poesia (já disse Kovadloff: “Poeta é, primeiramente, não quem sabe instrumentalizar o idioma, e sim aquele que se mostra apto para desembaraçar-se do uso corrente do idioma”. (2003, p. 30).

Mas em que sentido *Campo geral* interessaria à nossa proposta de compreensão da morte na sociedade contemporânea? É que se estabelecem nesse texto, a partir de suas personagens principais

- os meninos Dito e Miguilim - duas posturas distintas em relação à linguagem e à morte. Dito era pragmático e racional e queria usar com esperteza a linguagem: pretendia ser um dia um rico fazendeiro, por isso “falava que carecia de ouvir as conversas todas das pessoas grandes” (ROSA, 2006, p. 35). Sabia que precisava aprender a manipular as palavras para construir certezas - convenientes construções de linguagem, repetidoras de “verdades” já estabelecidas. O menino não tem, entretanto, tempo para testar a sua utopia, porque um caco de vidro faz nele um ferimento que, agravado pela falta de recursos e pela ignorância da família, o leva à morte.

Diferente do Dito é o pequeno Miguilim: sensível e crítico, amoroso, mas desajeitado, preocupado com a ética e com a justiça e por isso mesmo rebelde, o menino não aceita ser um repetidor. Por isso mesmo, é o mais frequente recebedor das surras e o mais constante usuário do tamborete do castigo, pois não se submete à filosofia e à prepotência do pai que julga que, se ele é o criador - pois é o que fecunda -, a sua lei seria incontestável e o seu poder indiscutível.

Narrado essencialmente pela perspectiva de Miguilim, o “poema” “Campo geral” apresenta assim o testemunho de um **superstes** - daquele que, como diz Benveniste, é um sobrevivente: é o que viu e ouviu e que subsiste além de (BENVENISTE, 1995, p. 278). E como sobrevive Miguilim? Como consegue ele, apesar de excluído, subsistir e continuar?

Miguilim começa a contar “estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido” (ROSA, 2006, p. 96). Encantado com a descoberta, “não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo era para ele o entendimento maior (ROSA, 2006, p. 97). Entendimento de que? Do que ele queria tanto entender, que era a morte do Dito, ou a perda de sua cachorrinha Pingo de ouro, dada pelo pai aos ciganos? Não. Como o poeta fingidor de Fernando Pessoa, ele não conta as suas tristezas (sabe que não conseguiria falar delas). Inventa outras estórias, como se falasse, como o poeta, de uma dor que não teria. Sua perspectiva que focaliza o mistério e acentua o estranhamento da linguagem, vista como código evanescente e lugar de passagem, em

que se entrecruzam real e fantasia, já se anunciara na narrativa: com Seo Aristeu, artista cantador, dançador e tocador de viola, cuja palavra mágica livra Miguilim da morte, quando o menino acreditava ter os dias contados; com a contadora Siãrlinda, cujas histórias provocavam um medo salutar e se evidenciavam como construções de linguagem; e ainda com o Grivo, que “contava uma história comprida, diferente de todas, a gente logo ficava gostando daquele menino das palavras sozinhas” (p. 82). Lugar de passagem seriam ainda as fragmentadas histórias que contava o papagaio do Luisaltino, e que não se podia levar a sério. Assim também seriam as histórias de Miguilim: por não se preocuparem em apresentar lições e verdades, podiam elas camuflar a sua origem – que se refere à morte e ao sofrimento.

Se os sentidos preestabelecidos para a linguagem só podem falar de morte e resultam, em “Campo geral”, na morte de Dito (e ainda do pai e do Izaltino), a linguagem livre, descompromissada e autoreferencial de Miguilim representa para ele a salvação. É como se Miguilim exercitasse no texto o que desejava o seu autor, que disse em certa ocasião: “Em meus textos, quero chocar o leitor, não deixar que ele repouse nos lugares-comuns, nas expressões acostumadas e domésticas. Quero obrigá-lo a sentir uma novidade nas palavras!” É que o que importa mais que o enunciado e o sentido (que só pode falar da morte) é o jogo, a comunicação, o movimento e a liberdade da linguagem.

Uma outra história de Guimarães Rosa poderia ser útil à nossa reflexão: trata-se de “Cara-de-bronze” que, como *Campo geral*, foi batizada pelo autor de “poema”. Lembremos a história: um grande latifundiário, velho fazendeiro, doente e preso da ruína em seu “quarto de achacado” (próximo, portanto, da morte), escolhe seu melhor vaqueiro – o Grivo –, para ir buscar lhe “noticiinhas sem proveito”: nada menos que a poesia. Por isso, “indagava engraçadas bobéias, como se estivesse caducável”. Impulsionado pela aproximação da morte, o poderoso fazendeiro, que usara sempre a linguagem para garantir a vida e o poder, desejava agora retirar dela as antigas certezas, para chegar à ambiguidade que desvincula significante e significado,

o que tornaria possível a deseducação da percepção, o deslizamento lúdico de sons e imagens, a experiência do inexperienciável. Incapaz de buscar sozinho o que desejava, o “Cara-de-bronze” encarrega disso outro, comprovadamente sensível e disponível, e cuja atuação desperta a curiosidade dos empregados que enchem a fazenda, nessa época de venda e grande movimentação de animais. Empregados que seriam os leitores internos dos múltiplos enunciadores dessa estória (quase) inverossímil, estranha no seu inacabamento, na sua ambiguidade, no seu caráter elegíaco e na sua força subtrativa de toda a hipótese de fixação de respostas.

O entretenimento que busca sustentar a vida e conter a morte parece ser assim o canto profundo dessa narrativa de Guimarães Rosa. Nela não se relatam acontecimentos, embora fatos que abrangeriam o tempo de aproximadamente quarenta anos sejam narrados ou pelo menos possam ser deduzidos desse texto: o trabalho constante e o enriquecimento do Cara-de-bronze, o seu recolhimento misterioso, o seu desejo urgente de vender boiadas e a sua confiança no Grilo, que resulta nessa viagem de dois anos, de que a personagem acaba de chegar, ou a manutenção constante de um cantador criativo cujos sons quebram a sisudez desse mundo desmedido e inóspito do Urubuquaquá, que “desmede os recantos”.

O texto de “Cara-de-bronze” não usa uma linguagem transparente que promete a paz, porque é paradoxalmente a realização de uma irrealização: o seu espírito é de distensão, de consciência de que o absoluto se realiza e se destrói em um momento fugidio; daí a sua *gaieté* um pouco melancólica e contestatária, inspirada numa descoberta da pluralidade e da perspectiva de que a arte literária falseia, por falar do que não sabe e do que não pode ser dito, em seu registro constante do “estar a morrer”. A única certeza que a novela pode trazer – expressa também em muitos outros textos de Guimarães Rosa –, é de que a literatura nos faz tocar com os dedos a impossibilidade de mudar o destino, mas nos oferece também a chance de fingir ignorar esse destino, imaginá-lo, ou até vencê-lo: desligando a relação significante/significado, deseducando a percepção, abrindo canais inusitados de

comunicação e valorizando “engraçadas bobéias”, a arte literária pode criar a ambigüidade necessária à manutenção da morte sempre no porvir, o que torna possível a vida.

Para ficar apenas em Guimarães Rosa, eu poderia lembrar aqui, entre muitos outros textos, os seus doidinhos artistas de *Primeiras estórias*: a menina de lá, a Brejeirinha, de “Partida do aldaz navegante”, o Zé Boné, de “Pirlimpsiquice”... Ou então o “Meu tio o Iauaretê”, texto que foi muito trabalhado pelo autor, mas só foi publicado após a sua morte. Preciso encerrar, porém. E talvez o melhor seja conjugar Guimarães Rosa, Fernando Pessoa e a consciência de que a palavra literária apenas se realiza ao declarar-se incompleta: não há para onde fugir: não há lições, consolações ou esperanças: a literatura só pode falar de frustrações e perdas – de morte –, sem solução possível.

Na perspectiva da pesquisa das máscaras de Perséfone, portanto, escrito em prosa ou em verso, o texto literário será sempre movimento, passagem, máscara de um sujeito-ator evanescente, que desliza, trapaceando a linguagem. Incapaz de dizer o seu segredo, o texto apenas se completará ao chegar ao receptor, pois somente esse outro pode encontrar a poesia, para aprender a conviver com o vazio e a morte cotidiana, escrita em prosa e verso. Compreendendo melhor assim a questão da morte na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Idéia da morte. In: **Idéia da prosa**. Trad., pref. e notas de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999, p. 126.

AGAMBEN, Giorgio. Limiar. In: **Idéia da prosa**. Trad. pref. e notas de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999, p. 19-26.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer** – O poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

BLANCHOT, Maurice. A questão mais profunda. In: **A conversa infinita**. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001, p. 41-61.

BLANCHOT, Maurice. “Não haverá chances de acabar bem”. In: **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 37-46.

CANÇADO, José Maria. Nota inicial. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). **As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas**. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: PUC Minas, 2006, p. 11-14.

DUARTE, Lélia Parreira. “Cara-de-bronze” e as máscaras de Perséfone”. In: SECCHIN, A.C.; ALMEIDA, J.M.G. de; FARIA, M.L.G. de; SOUZA, R.M e (Org.). **Veredas no sertão rosiano**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 179-187.

GRIMAL, Pierre. **Diccionario de la mitologia griega y romana**. Barcelona: Editorial Labor, 1966.

ISER, Wolfgang. O ato de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Trad. Heidrun K. Olinto e Luiz Costa Lima. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955-987.

KOVADLOFF, Santiago. Prólogo de um silêncio maior. In: **O silêncio primordial**. Trad. Eric Nepomuceno e Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 9-38.

LOURENÇO, Eduardo. A morte, de Schopenhauer a Unamuno. *J.L. Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa, 29.08.2007, p. 14-16.

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. E morres e transmudas-te em matéria radial de escrita: sobre a finitude na ficção de António Lobo Antunes. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.). **De Orfeu e de Perséfone: morte e literatura**. São Paulo: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: PUC Minas, 2008, p. 407-417.

ROSA, João Guimarães. Campo geral. In: **Corpo de baile**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 11-133.

ROSA, João Guimarães. Cara-de-bronze. In: **No Urubuquaquá, no Pí-nhém**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969, p. 73-130.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: **História, memória, literatura**. Campinas: Unicamp, 2003. p. 375-390.

## 6 FRONTEIRA VIDA – SAÚDE – MORTE DILEMAS BIOÉTICOS EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES

*José Tarcísio Amorim*

Permitam-me iniciar essa reflexão externando meu profundo respeito à essa oportuna iniciativa que é o “*I Colóquio Internacional sobre o Quotidiano e Saúde*”, promovido pelo Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre o Quotidiano em Saúde – NUPEQS – da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Coloco, publicamente, nas mãos das Professoras Mércia Aleide Ribeiro Leite e Estelina Souto do Nascimento todo o apreço de nossa comunidade acadêmica pela coordenação de um evento tão significativo para o enfrentamento de um dilema crucial de nosso tempo.

Unir *Vida, Saúde e Morte* é um desafio que requer a contribuição tanto da ciência, quanto da antropologia, da ética e da religião, além de outras abordagens. Os conceitos variam segundo os paradigmas que balizam sua compreensão. Em nosso caso, na encruzilhada de inúmeros argumentos, iniciaremos com a advertência de Hubert Lapargneur (1996) de que “*a bioética não comporta um método decisivo, mas, antes, uma pluralidade de níveis de reflexão*”. Dando continuidade ao seu pensamento, recordamo-nos de que “*a bioética deve, assim, evoluir de uma especialidade que interessa pequeno número de profissionais da biomedicina para uma disciplina que educa e responsabiliza quase toda a sociedade, profissionais, famílias e indivíduos, cada um no âmbito de seu real poder social e esclarecida responsabilidade pessoal*”.

Vamos, pois, erguer um novo pilar de sustentação para a nossa abordagem agregando, ao que já foi dito, a contribuição de Barchifontaine e Pessini (1991): “a palavra bioética significa, literalmente, ética da vida (...) nenhuma disciplina tem em si mesma todos os recursos necessários para lidar com todos os problemas envolvidos. Portanto, a especialização não é a resposta”.

Nessa perspectiva, minha contribuição consiste em convidar a Análise Existencial para participar do diálogo inovador na área da saúde, que estabelece a ligação entre os saberes e colaborar, ainda que como indagador, para um entendimento da vida humana para além da biologia, mas enquanto ser-no-mundo-com-o-outro.

A reflexão que se segue não é, pois, uma abstração compreensiva da essência do humano, mas, simplesmente, uma descrição da pessoa concreta e real, que se encontra diante da possibilidade de não ser mais, de viver plenamente ou com limitações num contexto em que a economia tem determinado a segurança ou a insegurança de uma existência transformada em mero corpo.

Antes de iniciar essa abordagem, gostaria de tornar claro que essa visão não é um ponto-de-vista individual. Todas as pessoas engajadas no “*I Colóquio Internacional sobre o Quotidiano e Saúde*” têm uma visão profética do sistema em que vivemos. A palavra *profética* é aqui tomada em seu sentido original, ou seja, a atitude daqueles que questionam as estruturas de seu tempo.

Começemos o nosso diálogo, numa sequência de seis momentos, a saber: Momento Antropológico, Momento da Razão Instrumental, Momento da Ética do Cuidar, Momento da Vida, Momento da Saúde e Momento da Morte.

## **MOMENTO ANTROPOLÓGICO**

Todo homem nasce inacabado. Ao longo do processo da evolução do fenômeno *vida*, inúmeras manifestações se estabeleceram nesse contexto chamado natureza. Algumas espécies desapareceram, outras se estabilizaram e outras se complexificaram, tornando visível aquilo que chamamos de evolução.

Os entes naturais – sobretudo os mais complexos- têm sua regulação vital com o ambiente circundante programadas pelo instinto, ou seja, “um esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco susceptível de

alterações e que parece corresponder a uma finalidade”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970).

Aqui, a etologia explica a vida na interação de um organismo com o seu *habitat*, conceito ecológico que inclui o espaço físico e os fatores que condicionam um ecossistema, estabelecendo condições ambientais para a possibilidade da vida em um local ou em uma situação viáveis.

A partir de um determinado momento evolutivo, uma espécie deixou de ser regulada pelo determinismo instintivo. Eis que surge a espécie humana no quadro geral da evolução. Esse advento é marcado pela presença, no seio da natureza, de uma nova espécie emergente e que não traz em si a completude que permita a interação meramente natural com o ambiente. Ocorre o que se denomina mutação neotênica.

Esse novo ser –a espécie humana- permanece inacabado, dotado de uma tendência permanente para a aprendizagem. A adaptação ao *habitat* não ocorre inexoravelmente pela via biológica. O ser humano doravante é arrojado no mundo (Heidegger = “*Geworfenheit*”) em permanente estado de assédio. A espécie humana tem, pois, que produzir a cultura para retirá-la do estado de assédio. A cultura está, pois, para o ser humano, assim como o *habitat* está para os entes biológicos.

A tendência permanente para a aprendizagem é denominada, pelos antropólogos, de neotenia.

O fato de nascer inacabado coloca o ser humano diante de um dilema: ou reconhece o seu inacabamento e não absolutiza o seu conhecimento provisório, ou se subordina a sistemas normativos de época, alienando-se em ideologias sociais impostas pelo sistema.

Vale a pena recordar que alienação é um estado em que o ser humano se vê subjugado por imposições sociais normativas que ignoram a dignidade da pessoa e o condicionam a partir de uma instância impessoal.

É o sistema socioeconômico que determina os limites dos direitos humanos?

## MOMENTO DA RAZÃO INSTRUMENTAL

Como abordar as condições existências da pessoa humana numa cultura tecnocrata? Sabemos que cultura é a forma de vida social de um povo, transmitida pela tradição, na qual o indivíduo se insere, leva adiante suas realizações, descobre e faz o seu sistema de valores.

Sendo a pessoa humana um ser-no-mundo (diferente de *habitat*), a cultura deve possuir um enquadramento ético, onde a pessoa busca ordenar as ações no mundo circundante de acordo com a dimensão do *cuidado*, que é o que emerge quando saímos dos ajustamentos instintivos e nos direcionamos para uma relação responsável face ao inacabamento coletivo.

Desta forma, a educação, a cultura, o aprendizado são historicamente feitos de sínteses provisórias e sucessivamente mais abrangentes, mas sempre voltados para a plenitude do ser, pois a pessoa humana é a única que conhece seus limites, sua historicidade e ultrapassa o meramente biológico para uma vida com sentido.

Mundo humano é, pois, o conjunto de relações significativas onde todos se realizam solidariamente.

Mas o que presenciamos, na evolução da tecnologia regulada pelo mercado de capitais, é a emergência de um modo reificador de pensar. Por *reificação* –ou *coisificação*– queremos ressaltar um produto da alienação, onde o sentido da vida é desviado para as exigências da técnica e a pessoa humana passa a ser descrita em conformidade com ideologias opressoras.

May (1991), reportando-se ao filósofo Gabriel Marcel (*The Philosophy of Existence*) chama a atenção para que a *perda do sentido de ser* está determinada pela tendência de subordinar a existência à função exercida e com a submissão coletiva ao conformismo generalizado de nossa cultura.

A pessoa é o seu *status*, seu papel social, seu nível hierárquico. Seu atendimento pode estar sujeito não à dignidade de sua vida, mas à qualidade de seu plano de saúde, ao investimento do Estado

nos projetos assistenciais e à visão de mundo adotada pelo sistema impessoal em determinado momento.

Max Weber (2001) foi um precursor em relacionar a modernidade com o predomínio da ação racional voltada aos fins materiais, escravizando a pessoa humana à primazia do empírico, criando, assim, especialistas sem espírito e sensualistas sem coração.

Max Horkheimer (2002), da Escola de Frankfurt, cria a expressão *Razão Instrumental*, para descrever que o conhecimento, sobretudo científico, passa a se caracterizar como domínio e controle da natureza e dos seres humanos. A ciência deixa de ser uma forma de acesso aos conhecimentos verdadeiros para tornar-se um instrumento de dominação, de poder e de exploração, sendo sustentada pela ideologia cientificista. “*Seu valor operacional, seu papel de domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la*”.

Nessas condições é possível compreender por que a maioria de nossos contemporâneos não se assusta ante as ideologias coletivas que ameaçam a autocompreensão da pessoa humana com a dissolução total. A capacidade crítica, o senso de dignidade existencial é renunciado por escassez de uma reflexão crítica que supere a miopia histórica de nosso caminhar progressivo.

Uma solidão existencial impotente se instala num coletivismo sem crítica, gerando a ruptura entre o subjetivo e o objetivo. A pessoa humana se sente solitária e desamparada quando não é percebida como sujeito de sua história e transformado num mero objeto por um positivismo econômico ou científico que a isola como mero objeto de uma ação especializada.

Apenas o *cuidado* autêntico é capaz de levar o ser humano a ultrapassar o seu lugar de objeto, para se ver como sujeito. O sentimento de solidão da pessoa humana reduzida à manipulação científica só é superado quando o olhar daquele que cuida transforma o *isso* que está à sua frente num verdadeiro *Outro*, igual a mim em dignidade, com um projeto a ser realizado, com vínculos afetivos circundantes. Uma abordagem do *cuidar* que ignore a interioridade da pessoa humana e a complexidade do seu ser e de suas circunstâncias, no dizer de Ortega

(1960), reduz o existente a um objeto de manipulação, sem dar-se conta de que uma existência complexa se encontra obscurecida pelo sintoma.

Contudo, o *cuidado* que nasce da solidariedade nos oferece um espaço em que os seres se percebem como únicos -e não como leito número tal- e insubstituíveis. O espaço de serviço fundado sobre a solidariedade é uma ação testemunhal objetiva, que jamais ignora a dignidade da pessoa humana além de sua produtividade momentânea ou futura.

É preciso, pois, em primeiro lugar, reconhecer concretamente a dignidade pessoal do outro, que vai além do êxito de uma realização científica ou da técnica que se domina.

## **MOMENTO DA ÉTICA DO CUIDAR**

*O exercício do cuidar (...) requer um conhecimento integral da pessoa humana, pois o desenvolvimento do cuidado não se refere exclusivamente a determinadas parcelas da pessoa doente, mas sim à sua totalidade.*  
(Torralba I Roselló).

O *cuidado* vai além, pois, das fronteiras do saber científico e é sobre-assumido no compromisso existencial para com o próximo. Uma abordagem que focaliza a enfermidade deve ser ultrapassada por uma abordagem que se centra na plenitude da pessoa, o que envolve reconhecer a saúde possível como a expressão de uma de vida com sentido.

A ação técnica pode e deve aliviar o sofrimento corporal, mas é a presença humana que torna o outro capaz de se reconhecer como totalidade e de ver seu destino e sua esperança compartilhados. A ausência do *cuidado* leva o outro a desinvestir seus afetos e a recalcar o sentido de sua vida, o que conduz à depressão humana e ao fracasso existencial.

O *cuidar*, particularmente na área da saúde, ultrapassa, pois, a mera atuação prática. Trata-se de uma preocupação autêntica para com o existir do Outro. É cuidar ativamente de uma existência que necessita de pessoas e da técnica em seu entorno para ajudá-la. O que está em jogo é, antes de tudo, uma existência humana que se vê diante da vida ou da morte – “*Ser ou não ser, eis a questão!*”- como nos lembra Shakespeare, em Hamlet; de uma existência humana diante de limitações provisórias ou irreversíveis; de uma existência humana diante de um projeto que desestrutura o seu sentido de vida e de suas relações para com os demais.

Assim, pois, o *cuidado* engloba uma preocupação para com o ser humano face ao seu projeto de vida, uma preocupação para com o ser humano em suas relações com os demais e a sua angustiante possibilidade de não-ser.

É essa complexa realidade que merece ser vista mais além do sintoma a ser curado!

## **MOMENTO DA VIDA**

O conceito de *Vida* percorreu a história da humanidade, criando variações culturais quanto à sua compreensão.

Essa preocupação transitou pelos campos da mitologia, da religião, da filosofia, até atingir o método objetivo da ciência, onde a tecnização do conceito viu-se diante do risco de abordar o que era um valor absoluto sob a ótica do empírico e do demonstrável.

Nossa reflexão não foge desse conflito, mas procura situar a Vida Humana em sua perspectiva existencial.

O ser humano é sujeito e não objeto. Tem uma autoconsciência de si e não se enquadra numa perspectiva meramente organicista. Assim, seu conceito de Vida ultrapassa o de vitalidade do corpo biológico ou do funcionamento de seus órgãos. Sua dignidade, pois, vai além de sua praticidade orgânica, de sua estética ou do adequado funcionamento de seus órgãos.

Noutras palavras, a vida humana é mais do que a matéria que nos forma. Nesse corpo existe um projeto de vida, ligações afetivas, vínculos de compromisso e um sentido para a existência. Logo, cabe ressaltar que a vida humana jamais se reduz à natureza puramente animal.

Cuidar da Vida nos convoca, assim, a zelarmos pelo corpo-existência, que vai além da biologia, ou da lucidez de um cérebro consciente e se revela na dimensão ampliada do biopsicossocial e espiritual. Noutras palavras, voltamos a repetir, a vida humana é mais do que a funcionalidade de seu organismo.

A Vida Humana é, também, um ser-no-mundo. A pessoa, portanto, é vinculada ao mundo. Não se limita a um relacionamento biológico com o ambiente, mas, acima de tudo, num entrelace de relações intersubjetivas.

Mas a Vida, na sua dimensão humano-existencial não se limita ao caráter intersubjetivo. A Vida se desenvolve, atualiza e adquire sentido através do cuidado comunitário -a cultura- que envolve a consciência responsável das instituições que tornam possível o existir, que é mais do que o orgânico num cenário da natureza.

Consequentemente, a Vida Humana, enquanto existência, necessita ser protegida contra o reducionismo de uma abordagem tecnocrática -que é diferente da ciência humana- que se apoie tão-somente nos interesses privados ou na absolutização do puramente orgânico.

A Vida Humana é, igualmente, histórica, não podendo ser entendida como mero organismo invariável. A relação de ajuda, na dimensão histórica, deve superar o fatalismo biológico, para oferecer à pessoa e às suas circunstâncias, um verdadeiro apoio existencial para o ser mais do que corpo.

## **MOMENTO DA SAÚDE**

A saúde verdadeiramente humana não é apenas um dado biológico, mas, sim um fato biográfico. A *Ética*, quando se une à *Vida*,

formula questões que o materialismo positivista jamais se colocou. Essa união leva-nos a superar um sistema impessoal restaurador da saúde para uma autêntica preocupação para com a saúde enquanto o verdadeiro centro do cuidado existencial. Esse salto qualitativo, uma vez realizado, vai, pois, da concepção da saúde como intervenção clínica para a saúde como sustentação de um projeto de vida.

A dignidade existencial ultrapassa, no bom sentido, a ideia de uma doença a ser debelada e a de um paciente a ser curado. Esse salto acha-se exemplificado no *artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos*, da Organização das Nações Unidas (ONU, 1948), que diz: “Todo indivíduo tem direito a uma qualidade de vida capaz de assegurar a saúde e o bem-estar a si mesmo e à sua família”.

Temos, aqui, uma ultrapassagem da saúde como ideal objetivo para a realização humana solidária. Consequentemente, entra em cena a abordagem da saúde como uma verdadeira socialização interdisciplinar das abordagens científicas doravante humanizadoras. Presenciamos a passagem da saúde da clínica para a ótica do convívio personalizado.

A saúde, pois, na visão atual, é percebida de forma dinâmica e integrada, harmonizando as múltiplas dimensões da Pessoa Humana: a dimensão orgânica, a dimensão psicológica, a dimensão socioambiental e a dimensão ético-espiritual. Essa abordagem, denominada *complexa*, na linguagem de Edgar Morin, ultrapassa a otimização biológica orgânica. Assim, compreender a saúde nos conduz ao conceito de Vida Humana enquanto fator irredutível da dignidade pessoal.

Esquecer o sentido da vida de uma pessoa tornaria a ciência insuficiente diante de acontecimentos apenas abordáveis pela técnica.

## **MOMENTO DA MORTE**

A pessoa humana é o único ente capaz de ter consciência da morte e de saber que o sentido da vida se encontra no decurso da existência até sua finitude consumada. Os gregos, de longa data, distinguiram *bios*

como existência humana e *zoe* como vida biológica. Sem desmerecer essa base, a vida, ao longo da história, transformou-se num conceito impreciso, correndo o risco de se confundir tão-somente com a vida biológica. A pessoa humana é um ser de liberdade, o que quer dizer que não somos determinados pela biologia.

A condição humana, enquanto consciência de ser-no-mundo-com-o-outro nos leva a conceber a morte não apenas como desvitalização de um corpo orgânico, mas como o abrir mão das presenças significativas, dos projetos existenciais, daquilo que conquistamos e daquilo que faltou à nossa realização. O ser humano, em sua dimensão temporal, encontra-se sempre incompleto, buscando realizar-se no futuro, sempre comparando o *eu sou* com o que *eu devo ser*. Diante da morte, é subitamente arremetido a um estado de desamparo, onde se percebe impotente para realizar algo que escapa à sua liberdade. A pessoa conhece a sua angústia -elemento estruturante do existir humano- diante da falha de seu projeto, angústia esta que é vivida como uma realidade que se é incapaz de dominar.

O projeto de vida fracassa, levando a pessoa a sentir como verdadeira perda tudo aquilo a que se ligou afetivamente ao longo de um existir, que vai além das demandas orgânicas. A morte é mais do que o óbito; ela é a consumação da trajetória existencial de uma pessoa.

Vale, então, perguntar: “*o que é a vida da pessoa humana?*” Se dermos a palavra à Bioética Personalista ouviremos que se trata de um modo de compreender a pessoa humana em todas as suas dimensões: biológica, psicológica, social e espiritual.

Reduzir essa complexidade à dimensão corporal, como objeto de uma ação tecnológica, é desconhecer a vulnerabilidade e o sofrimento. O sofrimento de ver o eu-corpo como uma identidade que se dissolve. O sofrimento de desamparar o outro que necessita de mim e o sofrimento de ver o outro amado como um nunca mais em minha vida e eu jamais em sua vida. O sofrimento de uma dor no corpo que pode não resultar em superação, mas apenas dor que se esvai através

do meu não-ser-mais. E para os que creem, a angustiada expectativa de entrar ou não numa dimensão eterna de realização.

Dessa forma, a Bioética, na visão de Hottouis e Parizeu (2003), “designa um conjunto de investigações, de discursos e de práticas, geralmente pluridisciplinares, tendo como objetivo clarificar ou resolver questões de alcance ético suscitadas pelo avanço e a aplicação de tecnociências biomédicas”.

Barchifontaine e Pessini (1991) nos lembram, ainda, e muito a propósito, que “...o sistema técnico-científico tem a peculiaridade de criar as leis internas de seu desenvolvimento. Torna-se autônomo, separado do homem ...”.

Conseqüentemente, desejando estar na linha de reflexão do 1º *Colóquio Internacional Cotidiano e Saúde* da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, entraremos na linha do diálogo interdisciplinar, tecendo algumas considerações sobre o *cuidar* além do pragmatismo. Como pano de fundo dessas questões, lembramos os cinco momentos anteriormente citados.

*Cuidar*, em seu sentido original, quer dizer preocupar-se, tomar conta de algo ou de alguém, estar preocupado com alguém que precisa de ajuda. E *cuidar*, nesse sentido, ultrapassa a mera prática instrumental, para se colocar autenticamente face ao Outro. É, pois, uma condição ontológica inerente ao ser humano e não se reduz à materialidade da ação consumada.

Assim, no espírito do diálogo e não do magistério, concluímos com a proposta de algumas questões para o momento que nos une.

O que determina o *cuidar*? O sistema econômico, que condiciona a vida às possibilidades de um plano de saúde ou às prioridades políticas de um governo?

*Cuidar* limitar-se-ia à reabilitação possível do corpo biológico? Isto não seria perceber o outro à luz da razão instrumental? Aqui, retornamos a Torralba I Roselló (2010): “O exercício do cuidar (...) requer um conhecimento integral da pessoa, pois o desenvolvimento do cuidado não se refere exclusivamente a determinadas parcelas da pessoa doente, mas sim à sua totalidade. Na práxis da Enfermagem é

absolutamente necessário articular uma sabedoria sobre o humano e sua circunstância”.

O ser que morre é alguém privado do contato afetivo do seu entorno, saudoso da rotina amorosa de uma vida; de contatos personalizados e irrepetíveis em sua vida afetiva e em sua história.

Quem cuida não pode perder a empatia pelo significado vivido da morte do outro. O cuidado na presença da morte é, na verdade, um cuidado para com a pessoa, esteja ela ou não consciente. Não se trata de mera reverência ou cortesia para com o outro, mas é, também, uma expressão vivida da evolução existencial do próprio *cuidador*.

O moribundo não pode ser despojado de sua relevância ontológica e convertido apenas em sinais vitais. E os seres amados que aguardam os resultados de algo em que não interferem também sofrem se não forem objeto extensivo do *cuidado* para com o enfermo. E eles se acham ali, na sala de espera!

Há um *cuidado* para os que creem na passagem da vida consumada à vida eterna. E há um cuidado, sob a forma de suporte respeitoso aos que não creem, proporcionando respaldo ao seu momento, que é vivido como angústia diante do *nada* eminente.

Concluimos dizendo que o *cuidado* para com aquele que morre é, na verdade, o exercício de um inter-ser e que revela, diante do inevitável, a presença real de um *cuidador* verdadeiramente humanizado.

## REFERÊNCIAS

BARCHIFONTAINE, Christian de Paul; PESSINI, Leo. **Problemas Atuais de Bioética**. Ed. Loyola, 1991.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Ed. Centauro. 2002.

HOTTOIS, Gilbert; PARIZEAU, Marie-Helène. **Dicionário de Bioética**. Instituto Piaget. Lisboa, 2003.

LAPARGNEUR, Hubert. **Bioética, Novo Conceito**. A Caminho do Consenso. Cedas, Ed. Loyola, 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins-Fontes, 1970.

MAY, Rollo. **A Descoberta do Ser**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed.Rocco. 1991.

ORTEGA, José Ortega Y GASSET. **O Homem e a Gente: Inter-comunicação Humana**. Madrid: Ed. Ibero-Americana. 1960.

TORRALBA I ROSELLÓ, Francesc. **Antropologia do Cuidar**. Vozes, 2010.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 2 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.



## 7 MEDO DA MORTE: CAMINHOS E DESCAMINHOS DA EXISTÊNCIA HUMANA

*Gláucia Rezende Tavares*

Vivemos numa cultura onde potência, produtividade e agilidade para realização são atributos altamente valorizados. A partir do momento em que o ser humano se reduz a um ser de consumo, apega-se a crenças, posições, pessoas e bens materiais, iludindo-se em poder controlar a natureza, os objetos, as pessoas e até a morte.

Descaminho da existência se dá pela ilusão de que, se formos capazes de anular a morte, poderemos dominar e controlar todas as coisas, isentando-nos em fazer contato com as nossas dores, nossos limites, nossas fragilidades e com as situações inesperadas que a vida nos oferece. Enquanto houve o reconhecimento de que o nosso poder perante a morte era bem pequeno, os rituais fúnebres eram vividos sem muita distância. Descaminho da existência é tratar a morte como um fenômeno antinatural, passando-se a defini-la como fracasso, impotência e inimiga a ser derrotada. Quanto mais nos iludirmos nessa disputa, mais tolos nos tornamos na arte de viver.

O caminho da existência humana concebe a ideia de vida composta com a morte. Descaminho da existência humana é uma vida que nega, ou afasta a ideia de morte, empobrecendo, esvaziando de sentido, na aparente proteção de não querer reconhecer que somos mortais. Somos imortais enquanto vivos, o que permanece, depois do nosso desaparecimento, são nossas realizações, nossas obras, que podem servir como fonte de inspiração ou repúdio.

Podemos situar a vida como algo que se ganha, conquista-se, e em que, invariavelmente, não poderá ser desconsiderado do que também se perde. É ilusório pensar uma vida, realmente vivida, em que existam só ganhos ou só perdas. Essas dimensões são complementares e presentes no dia a dia. Os caminhos da existência nos conduzem à nossa maturidade emocional, construída a partir da nossa capacidade

de articularmos os ganhos e as perdas e organizá-los em relação à vida como um todo.

O processo de viver se efetua no contínuo fluxo de vida e morte, entendendo-se esta como processo de transformação. Morre o embrião para nascer o feto, morre o feto para nascer o bebê, morre o bebê para nascer o infante...

Uma vida real reconhece, portanto, a presença da morte como sua regra essencial. Uma vida iludida afasta a possibilidade da articulação de vida e morte, dos limites e das possibilidades. Com frequência escutamos pessoas, de idades e condições culturais variadas, dizerem frases do tipo: “Ah! Se eu soubesse que iria morrer...”.

Tamanha ilusão se configura como um descaminho da existência: perder a oportunidade de viver de verdade, sem fugas, adiamentos e negações.

O medo da morte é uma possibilidade geral, uma vez que atinge todos os seres vivos. É intransferível, irreversível e incerta, quanto ao momento de seu advento. Não temos garantia sobre nenhuma forma de nascimento, entretanto, uma vez ocorrido, a morte estará, inevitavelmente, incorporada.

Todas as coisas do mundo estão em dois estados simultâneos e factuais: o ser o e o vir a ser. Tudo existe ao mesmo tempo em ambos os estados da realidade – o que é e o que pode ser. Além de fazermos contato com o óbvio, com o aparente, com o concreto, também necessitamos reconhecer a presença do que é sutil, do que está invisível, com o silêncio, com a memória, com o legado, com o simbólico.

A configuração vida e morte não é linear, como causa e efeito. Essa configuração tem a forma que representa o infinito ( $\infty$ ), nos apontando para a noção de recursividade, ou seja: a vida influencia e também é influenciada pela morte, assim como a morte influencia e é influenciada pela vida.

Diante do enfrentamento do medo da morte não há lugar para ilusões ou mentiras. Passamos a nos defrontar com o que realmente importa. É um momento em que a aparência, como mero padrão

de exportação, cede lugar ao que é essencial. Distinguir o que se mostra como secundário e o que apresenta como prioritário. Avaliar o que se apresenta como supérfluo, o que está na categoria do fútil e o que é inútil. Para se categorizar esse vários níveis, é preciso que reconheçamos a relação entre ganhos e perdas na vida. O caminho da existência é o exercício de viver de uma forma participativa, assumindo escolhas e renúncias.

É desejável que não percamos de vista a morte como parte das nossas existências e que possamos nos expressar sobre o tema de uma maneira natural, sem tentativa de negá-la ou escondê-la. Deve-se restituir à morte o seu sentido na vida.

Podemos levantar a hipótese de que tanta dificuldade em acolher o medo da morte na vida nos aponte a falta de sentido da vida. Cabe a nós a tarefa de buscarmos sentido e propósito na própria existência, reconhecendo experiências passadas, apropriando-nos do momento presente, impulsionando-nos na direção do futuro. Usufruir a vida requer a aceitação de que ela vai acabar. Poder suportar o que a vida nos traz é estar pronto para aceitar a morte, sendo capaz de dizer um sim responsável. Uma aceitação real é mais do que tolerar as adversidades, é exercer, humildemente, a capacidade de obter novos e consoantes aprendizados.

Nascemos absolutamente dependentes e nos capacitamos para um processo de relação de inter-dependência. A marca desse padrão inicial absoluto está gravada em todos nós e temos grande dificuldade em nos desvencilharmos dela. Conseguir sair de posições fixas, paralisantes, absolutas, tipo tudo ou nada, oito ou oitenta, e nascer para posições relativas, flexíveis, mutáveis, que considera o todo, que nos abre a possibilidade de contínua aprendizagem, é uma arte na construção do caminho existencial.

Este, na verdade, é o maior desafio: não somos perfeitos, não somos imortais, não somos deuses.

Ficamos apegados a essa ilusão e sofremos. A ilusão de um contato perfeito não resiste ao tempo.

Procurar compreender, um pouco que seja, as atitudes em face da morte é, paradoxalmente, o mesmo que tentar penetrar a trama das suas atitudes diante da vida. Morte e vida são fenômenos vitais entrelaçados, pluri-relacionados e seria um despropósito procurar a existência de um fora do outro (AZOUBEL NETO, 1998, p. 208).

O ser humano se escraviza na medida em que não faz contato com o real, vivendo, exclusivamente, do imaginário. Imaginar-se imortal, absoluto, sendo capaz de se controlar e aos outros e não cometer erros é altamente aterrorizante. Na falência dessa proposta, ocupa-se procurando controlar os outros. Essa escravidão é uma tortura que o protege de fazer contato com a sua dor. Acredita que, se viver sem fazer contato com sua dor, estará se protegendo. E é essa forma de proteção que o tortura, pois o afasta cada vez mais de si mesmo, de sua condição humana e da possibilidade de construção de conexões interativas.

É impossível se conceber uma vida vivida sem contato com a dor proporcionada pelo reconhecimento dos nossos limites. O desafio é o de sermos capazes de reconhecer possibilidades na dor.

O caminho da existência se dá pela articulação do medo da morte e da possibilidade de aprender novos valores e novas condutas, levando-nos ao trabalho, incessante, da diminuição do auto-desconhecimento. É impossível fazer contatos reais com nossos sonhos e desejos, evitando-se o contato como medo da morte.

Lidar com as adversidades e desenvolver atitudes reflexivas é administrar o medo da morte via o processo de aprendizagem. O descaminho da existência é o de adotar atitudes de derrota, ou de fracasso tirânico, diante das adversidades, transformando a dor em sofrimento, com repercussões não só pessoais, mas também para todos à sua volta. Quando nos recusamos a aprender a viver de maneira mais evoluída, passamos a contrair dívidas para com a nossa própria existência. Onde nos dispomos a mudar de nível evolutivo na arte

de viver, conquistamos dotes existenciais. Tanto as dívidas, como os dotes, terão abrangência pessoal, inter-relacional e transgeracional.

O não enfretamento do medo da morte nos leva ao descaminho existencial, colocando-nos em posição dia-bólica. *Dia-ballein*, em grego, quer dizer “jogar entre, separa, desunir”. Adotar uma maneira de perceber, sentir e agir de forma excludente, referenciada pela conjunção ou, reduzindo os eventos a tudo ou nada. Essa atitude acarretou, durante o processo do desenvolvimento, ao longo de milhares de anos, os graves problemas biopsicoecológicos que temos hoje.

O caminho da existência que reconhece a força do todo, estabelece um namoro ostensivo com a linguagem, com o simbólico. Em grego, *sym-ballein* significa “jogar ou pôr junto”, de onde deriva *symbolon* –“sinal de reconhecimento”- um objeto cortado em dois, cujas metades eram guardadas por duas pessoas, que, ao serem reunidas, comprovavam sua relação anterior. É adoção de uma maneira de perceber, sentir e agir de forma inclusiva, referenciada pela conjunção e, introduzindo a noção de limite, o que permite toda e qualquer possibilidade de relação. Implica aproximar, sem invadir e sem anular e afastar, sem abandonar e sem desprezar.

O processo de criar tem a ver com o modo como simbolizamos o nosso medo da morte, do morrer e dos nossos lutos. Nesse sentido podemos dizer que o medo, bem administrado nos traz oportunidades. O ato criativo consiste na articulação da imaginação com o real. É a nossa capacidade poética, nossa capacidade de entrar em ressonância com a noção de beleza e de criar, sob a forma de arte, aquilo que transcende a própria compreensão. Para integrarmos nossos sonhos e desejos à vida, mesmo diante do mistério da morte, que se mostra como caos em nossas vidas, é que podemos contar com a imaginação e fazer ajustes criativos. A imaginação articulada à criatividade muda a forma de perceber a realidade.

Podemos considerar a imaginação como o elo entre a fantasia e a realidade. É particularmente rica na medida em que se pode “decolar” e “plantar” na realidade interior e depois “aterrizar” no chão firme da

realidade exterior, do vivido. A imaginação articulada ao real passa a funcionar como ampliador de espaço interno e oferece a possibilidade de contatos mais saudáveis no externo.

Lidar com o medo da morte é também cuidar do dia a dia, da qualidade de vida, das escolhas que fizermos, daquilo que nos capta a atenção.

É nas atitudes e crenças diante da morte que o ser humano exprime o que a vida tem de essencial. A sociedade funciona, apesar da morte, combatendo-a, mas só existe quando organizada pela morte, com a morte e na morte. Para a espécie humana a morte está presente durante a vida toda e se faz acompanhar de rituais. O ritual é criado para conferir sentido ao que nos acontece.

Tornar o medo da morte em tabu aponta para o tabu de intimidade. A morte pode nos intimar e inspirar à abertura, à aproximação daqueles que amamos e também dos nossos mais profundos sentimentos. Pode também nos intimidar, na medida em que nos fere no mais profundo de nós mesmos. Talvez não seja da morte o nosso pânico, mas da intimidade, ao admitirmos nossos limites e nossas fragilidades.

A instauração da conspiração do silêncio é uma ilusória proteção à dor, que se transforma em tortura, em frieza, em distanciamento. Estar vivo é estar em evolução e transformação constantes. Quando valores, que não tenham mais sentido, não são revistos, não morrem, não há vitalização e renovação.

Nosso esforço deverá passar da rejeição para a aceitação. Aceitar não é compreender o porquê da morte, mas viver o mistério do ser e do desaparecer. É o desconhecido de nós mesmos que a morte revela.

A possibilidade a nada conduz se não conduzir à fé. Ela é uma etapa intermediária entre o condicionamento cultural, a mentira de caráter e a abertura da infinitude com a qual a pessoa pode relacionar-se por meio da fé. Mas sem o salto da fé o novo sentimento de desamparo por ter abandonado a armadura do próprio caráter infunde puro terror (BECKER, 1976, p. 114).

O nosso exercício diário de lidar com a morte é cuidar de nos desiludirmos da ocupação de posições absolutas em nossas vidas, e fazermos contato com as inúmeras posições relativas que ocupamos, e experienciá-las. Esse, certamente, é um trabalho que aponta para o que o físico Fritjof Capra chama de ecologia humana. A fé é esta confiança corajosa em pertencer.

[...] a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo da consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexidade, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda (CAPRA, 2000, p.26).

Quando despositamos a nossa fé, não só nas pessoas e nas circunstâncias externas, mas, também, na nossa própria espiritualidade e união com o Poder Superior, podemos permitir desdobrar a nossa força vital. A espiritualidade começa com gratidão e nos favorece atenção plena ao que estamos vivendo, momento a momento, numa vivência de conexão com o todo. É um conhecimento que transforma a maneira como se vive, é o encontro com o mistério. O nosso espírito pode levar o nosso ego a ter um comportamento mais sensato. Por isso, precisamos usar nossas sensações, emoções, percepções e pensamentos como ligação entre o ego e o espírito.

## REFERÊNCIAS

AZOUBEL NETO, D. O luto e a dor mental entre os índios Carajás. In: CASSORLA, R.M.S. (coorde.) **Da morte – Estudos Brasileiros**. São Paulo: Papyrus. 2 ed. 1998.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix. 9 ed. 2000.

BECKER, E. **A negação da morte**. Trad. Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

## 8 O CORPO MORTO - MITOS, RITOS E SUPERSTIÇÕES

*Moisés de Lemos Martins*

### INTRODUÇÃO

Este estudo tem um cariz preponderantemente sócio-antropológico, versando as tradições, as crenças, os mitos, os ritos, enfim, o modo como a comunidade humana imagina o *post mortem* e cuida de alguém que morreu.

No entanto, o meu propósito visa sobretudo a contemporaneidade, onde as transformações operadas na cultura pelas tecnologias e pelos *media*, de tão profundas, vieram alterar, ao longo do século XX, o sentido que tanto damos à vida como à morte. Mas antes disso, empreendo uma rápida digressão histórica sobre a morte no Ocidente, tomando como fonte as obras de Philippe Ariès (1975 e 1977), *Essais sur l'histoire de la mort en occident du moyen age à nos jours* e *L'homme devant la mort*, e também a obra de Louis-Vincent Thomas (1985), *Rites de mort*, e ainda, Maria Manuel Oliveira (2007), *In memoriam, na cidade*.

### NO CORPO MORTO ESTÁ SEMPRE O QUE SOCIALMENTE SOMOS

#### A MORTE DOMESTICADA

O meu ponto de partida é o *século IX de Carlos Magno* e a sociedade rural tradicional. Nessa época, sabe-se que vamos morrer; assim como também se sabe quando se morreu. Doente ou ferido, o cavaleiro carolíngio deita-se ao comprido, junta as mãos, vira a calote do crânio para Jerusalém, faz uma lamúria pelas coisas da vida, pede perdão aos amigos pelas faltas que teve, recebe o perdão e encomenda a alma a Deus. O seu corpo irá repousar debaixo do soalho de uma igreja, ou então num cemitério nas suas cercanias.

Esta prática medieval, que coloca o cemitério no centro eclesial da aldeia, exactamente como a morte está no centro da vida, traduz uma ruptura com as antigas tradições romanas. Tais tradições exilavam os cadáveres, que eram tabu, para longe do coração da cidade, para os arredores afastados, ou então para túmulos que ladeavam as estradas fora da cidade. O corpo do cavaleiro, todavia, depois de algumas dezenas de anos na sepultura, debaixo do soalho do santuário, será lançado na vala comum... a sua alma andarás então errante por uns tempos ou *voltará* para junto dos vivos. Mas não tardará a regressar ao *repouso*, em que permanecerá até ao fim dos tempos, de onde apenas despertará, “ao som de trombetas”, no dia do juízo final.

No que se refere às *elites*, as coisas mudaram depressa. Logo no século XII acontece uma primeira mutação cultural. É uma mutação que dá conta da lenta aparição do indivíduo e das biografias individuais, que evocam a *morte de si*. Já não se trata de “todos-os-que-morrem”, mas “de mim-próprio que morro”. Segundo Philippe Ariès (1977), este surto de individualismo afirma-se, primeiramente, na nova concepção do juízo. Já não se trata do final dos tempos, mas da justiça última. Cristo, a Virgem, São João e os Anjos são constituídos como juizes soberanos, e também como medianeiros. Armados de gigantescas balanças, cabe-lhes separar os eleitos para um lado e os condenados para outro. Entretanto, a cena da preparação para o além individualiza-se ainda mais, quando a grande parada da justiça, exibindo as balanças e toda a parafernália do juízo, é transportada para o quarto do doente, e colocada por cima do leito de morte do agonizante. Dispomos, sobre este assunto, de uma abundante iconografia medieval. O interessado tem tempo para fazer um balanço quase comercial da sua biografia, dos seus feitos e gestos, bons ou maus. E enquanto isto acontece, a tumba personaliza-se. As sepulturas passam a sobressair no recinto da igreja, ladeando-a. O uso romano do epitáfio, que havia sido esquecido durante a alta Idade Média, volta a ser actual, a partir da época gótica. E as lajes funerárias cobrem-se de estátuas ou de baixos-relevos.

Nos séculos XIV e XV, o homem das classes superiores já não considera a sua existência como um destino. Deitar-se para morrer, no

termo de uma viagem inelutável, poderia estar bem para o cavaleiro carolíngio, mas não para si. O mercador da Flandres ou de Paris, do fim da Idade Média, projecta a sua vida como uma promessa de felicidade, todavia abruptamente interrompida pela morte - um sabor amargo que o penetra e lhe arruína a liberdade *criadora*. A morte, nesta empreitada, é de facto um frustrante e perturbador acontecimento. Porque o dobra e quebra. Deste infausto acontecimento decorre a amargura da derrota, na hora do balanço final, e também o horror fascinado que se sente pelo cadáver em decomposição. Vemos este horror fascinado, por exemplo, na pintura da Baixa Idade Média, uma época flagelada pela peste em massa.

No *século XVII* impõe-se a morte barroca, provavelmente um dos maiores êxitos estéticos que o Ocidente realizou no que se refere à arte de morrer e de ser enterrado. A inumação barroca unifica o individual e o social; aceita os factos macabros, mas não as suas versões neuróticas, centradas na putrefacção. A morte barroca responde às preocupações que então surgem no que respeita à alma do falecido. Ao som dos sinos, a morte barroca reconstitui as hierarquias sociais, enfim, a ordem social da cidade, de pobres e privilegiados (OLIVEIRA, 2007). Trata-se de uma ordem pomposamente recomposta no decurso da procissão fúnebre que acompanha um enterro de luxo, atrás de desenhos de cabeças de morte e de lágrimas, bordados em pano.

No entanto, a ave agoirenta, que parecia tão bem domesticada, acabou por escapar da gaiola. De novo levantava voo essa sinistra coruja. Assinala Ariès, que, sobre este aspecto, o *século XIX* começa por volta de 1780, no tempo do pintor Jean-Baptiste Greuze, com os seus melodramas chorosos. Os tempos são então portadores de uma certa morte romântica, uma morte vivida, apaixonada, emocional e histericamente, pelas pessoas chegadas do falecido. Numa palavra, já não se trata da morte de si, nem da morte do outro, irmão, cônjuge, ser amado... A emoção diante da morte de outrem pode atingir o erotismo macabro, um erotismo preparado por uma tradição que vai do pintor Hans Baldung Grien (*século XVI*) ao escritor Marquês de Sade (*séc. XVIII/XIX*).

Já antes da Revolução de 1789 que os quadros de Greuze dão o tom. Trata-se de pinturas banhadas em lágrimas. Mas o que vai acontecer, depois de 1850, é o estabelecimento, em cemitérios monumentais, de um fantástico culto familiar e cívico aos mortos, que junta cristãos de todas as cepas e positivistas laicos. Espectaculariza-se a morte, convertida em motivo de fabulosos “museus ao ar livre” (OLIVEIRA, 2007). Em França, o Père-Lachaise é o arquétipo deste tipo de cemitérios monumentais. E vêm a caminho os monumentos aos mortos das guerras mundiais.

*Finalmente*, a morte no nosso tempo. Relegado para o hospital, erizado de aparelhos tubulares, o moribundo é evacuado do social, deixando de presidir à encenação da sua agonia e da sua morte, ao contrário do que havia acontecido desde a época carolíngia. Os últimos instantes, a missa fúnebre e a inumação, são actos sociais realizados à pressa, e mesmo com alguma ligeireza. Como bem refere Thomas (1985: 37), “a crise do ritual está em estreita conexão com as ideias-força da civilização técnica”. Todos os funerais se assemelham na sua insignificância, com a excepção siderante do funeral das estrelas mass-mediáticas, quaisquer que sejam os géneros: Princesa Diana (1997), Papa João Paulo II (2005), Ayrton Senna (1994), Niklas Fehér (futebolista húngaro do Benfica, falecido em 2004, no campo de jogo, em directo, na televisão). Michael Jackson (2009). A extrema-unção havia sido, em tempos, uma preparação solene para o Além. Hoje, não passa de um simples “sacramento dos doentes” – ou seja, um antibiótico espiritual. As famílias continuam a juntar-se à roda das sepulturas, esplendidamente floridas, no dia de Todos os Santos. Mas a sociedade laicizou-se, tornou-se profana.

Com a laicização, desenvolveram-se, entretanto, as novas práticas dos *funeral directors* e dos *funeral home*, que concretizam, os cuidados da *tanatopraxia* e da *tanato-estética* (THOMAS, 1985: 98-101). Estas artes contemporâneas de maquilhagem da violência da morte, que a amansam enquanto a domesticam, sossegam-nos sobre a sua inelutabilidade. Tratado segundo as técnicas da *tanatopraxia*, o morto parece dormir apenas o sono dos justos. A tanato-estética

tem-se justificado, com efeito, pela necessidade de combater o carácter macabro de que a morte se reveste em certos casos especialmente violentos, por exemplo em resultado de acidentes vasculares cerebrais, de acidentes rodoviários e de doenças oncológicas. Lembremos *Godfather*, o filme que Francis Coppola realizou em 1972. Dom Corleone pede ao cangalheiro a reconstituição do rosto do filho, Santino Sonny Corleone, esmigalhado à bomba, num assassinato. A razão invocada era a de evitar que a mãe, ao velar o filho, pudesse ficar chocada diante do espectáculo macabro da morte.

Mas, apesar de este ritual laico de preparação estética dos cadáveres poder ser considerado sob o signo da esperança e da pacificação, embora esta cosmética tenha um carácter fúnebre e a maquilhagem um gosto duvidoso, podemos, igualmente, encará-lo pelo lado grotesco, nos termos em que Bakhtin (1970: 29) o caracterizou, de uma transposição de “todos os cerimoniais e ritos para o plano material e corporal”. De acordo com Bakhtin (*Ibidem*), todas as formas grotescas, “que rebaixam, aproximam da terra, corporalizam”. O rebaixamento do sublime não significa, todavia, em Bakhtin (1970: 30), relativismo, consiste antes “em aproximar da terra, compreendida como um princípio de absorção, e simultaneamente de nascimento: rebaixando, sepultamos e ao mesmo tempo semeamos, damos a morte para logo a seguir darmos uma vida melhor e mais abundante”.

## **A VERTIGEM, A CRISE, O RISCO, O FIM**

É um sentimento de época a sensação de que o nosso tempo já não exprime uma sociedade afortunada, ou providencialista. Por um lado, a percepção do risco, do perigo e da crise mantém-nos em constante sobressalto e desassossego. Por outro lado, a sociedade vive em permanente *flirt* com a morte. Dessacralizada e laica, a sociedade junge, com efeito, a todo o tempo, *thanatos* e *eros*.

É também um sentimento de época que a passagem do regime da palavra ao regime da imagem tecnológica nos deixa “em sofrimento

de finalidade” (LYOTARD, 1993: 93). A palavra havia inscrito o Ocidente numa história de sentido, entre uma génese e um apocalipse. O regime da imagem tecnológica é um regime autotélico de sentido, de imagens profanas e laicas.

Em vez da cruz redentora de Cristo a iluminar-nos, temos agora os holofotes das grandes paradas mediáticas, uma luz de cuja artificialidade nos damos conta quando a corrente falha. Precipitados na imanência, estamos marcados, com efeito, pela instabilidade e o desassossego. A pulsão de vida entra em permanente diálogo com a morte, sendo melancólicas as luzes dos holofotes, que não passam de sombras de um astro morto.

No regime da palavra, os rituais de celebração da morte eram rituais de passagem, mediando entre esta vida e a outra. Pacificavam a passagem, por difícil que fosse, porque o caminho se inscrevia numa história da salvação. A narrativa dos rituais de passagem é *dramática*, pois é animada por uma síntese redentora. A nossa passagem imitava e repetia, com efeito, a encarnação de Cristo, uma passagem terrena que compreendia sofrimento, morte e ressurreição. É esse, aliás, o ensinamento da *Ars moriendi*, uma literatura e catequese cristã, escrita no século XV para preparar a boa morte. Porque não existe cruz sem ressurreição.

No entanto, no regime da imagem de produção tecnológica, que integra o actual sistema mediático, os rituais de celebração da morte já não são rituais de passagem, dado que não constituem a mediação desse acontecimento soberano, que é a passagem para o “reino dos justos”. Na era mediática não temos passagens; pelo simulacro televisivo, é-nos dado a ver em directo o próprio acontecimento. A morte em directo faz equivaler a morte de todas as tragédias colectivas, e também a morte de todas as personalidades, assim como a morte do cidadão comum, no uso dos seus quinze minutos de fama, assinalados por Andy Warhol. E testemunhado e vivido por nós, em directo, o acontecimento é nosso. Assim como também o é a tragédia. A narrativa mediática da morte constitui, é verdade, uma intérmina

glosa à condição humana: sempre com a morte nos olhos, vivendo em permanente tensão.

Como assinaei, esta narrativa já não é dramática, mas *trágica*, constituindo uma travessia perigosa e sem controlo. O conto é sempre o mesmo: nenhuma síntese redime o acontecimento. O destino impõe-se, sem verdadeira saída, pela mão da Al Qaeda (atentados de Nova Iorque, Londres, Madrid), pela mão da doença (Alzheimer, no caso do Papa João Paulo II), dos *paparazzi* no caso da Lady Di, de provável *overdose*, no caso de Michael Jackson. É *trágico* o império do directo e do imediatismo noticioso, que nos impõe um eterno presentismo, sem síntese redentora.

Porque se trata de uma narrativa híbrida, cheia de sombras, de enredo labiríntico e enigmático, e presidida pelo *pathos* (pela sensação, emoção e paixão), a narrativa mediática já não segue o cânone clássico, antes é *barroca* e *grotesca*. É *barroca* a narrativa da morte na sua encenação mediática. Prolonga-se pelas pregas de um ritual que na monotonia da repetição permanente das mesmas imagens, não constitui nenhuma superfície lisa e clara, que permita iluminar o enigma e o labirinto do enredo – retraída e dolente a razão, existe uma espécie de estupor que nos deixa em estado de choque e nos paralisa. Trata-se de uma superfície cheia de concavidades, que mantém o enigma da nossa vida.

É, com efeito, *grotesca* a narrativa dos média sobre a morte. Pela total inversão dos valores. São moralmente monstruosos os atentados terroristas às Torres Gémeas de Nova Iorque (2001). É grotesca a violência da visão dos corpos decepados, esquartejados e expostos em pedaços, sem pudor, pela via férrea de Atocha, em Madrid (2004). E do mesmo modo os corpos a apodrecer no areal da praia, no caso do tsunami da Ásia (2004). “O que é que você sentiu?” “E o que é que agora está a sentir?” – insistem os jornalistas. São grotescas as suas entrevistas, que esventram toda a intimidade, intimando as vítimas a partilhar a dor com a “humanidade”, que uma câmara de televisão proporciona (OLIVEIRA, 2005; 2008). É grotesca a filmagem da morte de Ramon Sampedro, que decidiu filmar a cena da prática de eutanásia

com que pôs termo à vida, em 2004, fixando-a em imagens para todo o sempre. No ecrã, o gesto repete-se e prolonga o instante em eternidade.

Na narrativa tradicional, a hora da morte vem pela calada e apanha-nos na mais completa solidão. Se é partilhada, apenas acontece com familiares próximos. Não é provocada. E muito menos é um acto provocatório, que repita a transgressão para a eternidade. Mas já não é assim com a narrativa mediática. Nada tem de sublime o sofrimento do Papa João Paulo II, esventrado na TV. Pelo contrário, é grotesca a exibição da sua agonia – a de um moribundo ambulante. E é igualmente grotesco o colossal amontoado de flores, aquando da morte de Diana de Gales, em 1977, tanto na Ponte d’Alma, em Paris, como junto à cerca do Palácio de Kensington, em Londres. E da mesma forma é grotesco o luto dos pais de Maddie McCaun, a menina inglesa desaparecida no Algarve, em 2007, não se sabendo, ainda hoje, se raptada se morta, um luto exibido de conferência de imprensa em conferência de imprensa, entre Portugal e o Reino Unido, durante mais de dois anos.

A reportagem jornalística da morte subverte, é um facto, os códigos jornalísticos. Com efeito, a exacerbação das emoções, colocando o *logos* e o *ethos* sob o domínio do *pathos*, envergonha e desclassifica o jornalismo, que “come o pensamento”, como se lhe referiu Karl Kraus.

Neste contexto, é importante assinalar a alteração cultural referida pelo filósofo e antropólogo Marcel Gauchet (1985), de que a religião não estrutura mais a vida nas sociedades contemporâneas, que são laicas, profanas, no seu funcionamento. O que significa que já não acontece as sociedades modernas viverem segundo o regime da analogia, com as cidades dos homens a remeterem para a cidade de Deus. Os humanos estão hoje precipitados no mundo, numa travessia intérmina e labiríntica, sofrendo a contingência, a instabilidade, a indecidibilidade e a imprevisibilidade de um destino que aflige a vida humana. Embora chamados a afrontar os perigos e a correr os riscos desta intérmina travessia em que o humano se decide, é a morte que temos sempre diante dos olhos.

A civilização moderna tem-se deslocado “dos átomos para a luz” (Negroponte), da palavra para a imagem, da “*sun/bolé* para a *dia/bolé*”, da palavra para o número, “das estrelas para os ecrãs” (VIRILIO, 2001: 135), do uno para o múltiplo. Em grande medida, refiro-me às consequências da imersão da técnica na vida e nos corpos, uma imersão que dá azo à deslocação da ideologia *para a sensologia* (das ideias para as emoções); à deslocação de uma sociedade de fins universais para *uma sociedade de meios sem fins* (com a tecnologia a sobrepor-se aos princípios teleológico e escatológico na história e a dismantelar o fim de uma história com génese e apocalipse, impondo-nos o presentismo e o instantaneísmo); enfim, refiro-me à deslocação da história no sentido da sua *aceleração infinita* e da *mobilização total do humano* (VIRILIO, 1995; SLOTERDIJK, 2000; MARTINS, 2010).

Entretanto, tem-se acentuado a ideia de crise do humano, à medida em que passamos a falar de vida artificial, de fertilização *in vitro*, de “barrigas de aluguer”, de clonagem, replicantes e cyborgs, de adeus ao corpo e à carne, de pós-orgânico e de trans-humano. E também à medida que se desenvolve a interacção humana através do computador, onde os *chats* da Internet, os jogos electrónicos, e as novas redes sociais, como o *Second Life*, o *Facebook* e o *Twitter*, por exemplo, instabilizam as tradicionais figuras de família e comunidade, para em permanência as reconfigurar. Acima de tudo, é a completa imersão da técnica na história e nos corpos que tem tornado problemático o humano. E são as biotecnologias e a engenharia genética, além do desenvolvimento da cultura ciberespacial, as expressões maiores desta imersão.

Nestas circunstâncias em que *bíos* e *techné* se fundem e em que a própria figura do homem se torna problemática, a palavra como *logos* humano entrou também em crise (MARTINS, 2009). O homem deixou de ser «animal de promessa», como o havia definido Nietzsche (1887, II, § 1), porque a sua palavra já não é capaz de prometer. Onde ele se revê hoje é sobretudo nas figuras que acentuam a sua condição transitória, tateante, contingente, fragmentária, múltipla, imponderável, nomádica e solitária.

## UM IMAGINÁRIO COM A MORTE NOS OLHOS

A “alta cultura”, literatura, pintura, escultura e música sinfónica, cedeu o passo à cultura de massas, num processo que compreende as indústrias culturais e vê a obra de arte tornar-se mercadoria. Este vasto processo de civilização abarca a moda, o cinema, o turismo, as férias, e as empresas dos *media*, designadamente a imprensa, a rádio, a televisão, a Internet e a publicidade, e abarca, enfim, a cultura visual e o digital.

A “alta cultura” era reificadora e elitista, alimentava-se da aura da criação e do acto original de um criador. Inscrevia-se numa narrativa, entre uma génese e um apocalipse e declinava uma história da salvação. Tinha um *imaginário dramático* (que compreendia uma síntese redentora, que dava sentido à vida inteira, incluindo o sofrimento e a morte: o reino de Deus, a suprema justiça, a sociedade sem classes, uma teologia da cruz que levava à ressurreição). Tinha também um *imaginário de formas clássicas* (com uma razão esclarecida e iluminista a domesticar os demónios e a afugentar as sombras, todas as sombras, a impor linhas sempre rectas e superfícies também sempre claras e transparentes). Tinha ainda um *imaginário de formas sublimes*, de formas elevadas, que sonhavam com a unidade e a totalização da existência humana.

A cultura de massas, que entretanto irrompeu entre nós, não tem génese nem apocalipse, vive o presente, “em sofrimento de finalidade”, para retomar as palavras de Lyotard (1993: 93), sofrendo o carácter labiríntico e enigmático da condição humana, uma natureza fragmentária, instável, viscosa, sinuosa, finita e contingente.

Muita da sua actual condição resulta do facto de a técnica ter investido a história e os corpos, a ponto de haver mesmo uma fusão de *teckné* e *bíos*. Daí a conversão da existência em experiência sensível.

O *trágico* é uma figura que normalmente vemos associada à literatura – é uma forma literária. O *barroco* é uma figura que assinala um movimento e um momento da história da arte ocidental. O *grotesco* é uma figura que exprime uma sensibilidade estética. As três formas

são figuras avessas à ideia de totalização da existência, o que quer dizer, que são figuras avessas à sua ideia de perfeição e de harmonia. São figuras que declinam um destino sacudido pela vertigem do fragmentário, do marginal, do mundano e do profano, dando-nos a ver, além disso, o carácter viscoso, sinuoso, titubeante e labiríntico da condição humana.

As formas do imaginário podem ter na cultura uma existência ostensiva, ou então discreta, ou ainda secreta. Na era dos *media*, o trágico, o barroco e o grotesco têm, a meu ver, uma existência ostensiva. Calabrese (1987) fala de uma “idade neobarroca”; Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002), de um “império do grotesco”; Maffesoli (2000), de um “regresso do trágico”.

Sabemos, desde Nietzsche, com efeito, e vemos Roland Barthes (1942), primeiro, e Michel Maffesoli (2000), depois, insistir neste aspecto, que o trágico se opõe ao dramático (num caso, temos contradições superadas por uma síntese – o *dramático*; noutro caso, temos contradições sem resolução do conflito – o *trágico*).

Por sua vez, Henrich Wölfflin (1991) assinala que o barroco se opõe ao clássico (num caso, temos formas de linhas direitas e superfícies planas – o *clássico*; noutro caso, temos formas de linhas curvas, de dobras e de superfícies côncavas – o *barroco*).

E, de acordo com Mikhaïl Bakhtin (1970), o grotesco opõe-se ao sublime (num caso, temos as formas de um mundo elevado, equilibrado e harmónico – o *sublime*; noutro caso, temos as formas desproporcionadas de um mundo rebaixado, invertido e desarmonico – o *grotesco*).

Estas três formas do imaginário, o trágico, o barroco e o grotesco, são dinâmicas e partilham características semelhantes: em todas elas a vida e o mundo, embora palpantes, são instáveis, ambivalentes, sinuosos, fragmentários, imperfeitos e efémeros. Mas também podemos assinalar diferenças. Desde a Contra-Reforma que o *barroco* se eleva da turbulência mundana às alturas das abóbadas e dos tronos,

à procura de um acesso ao absoluto<sup>11</sup>. Por sua vez, o *grotesco* é voraz e corrosivo. Nada nele se salva, nem mesmo o absoluto. O sistema de valores é subvertido e macaqueado. O olhar grotesco rebaixa tudo o que atinge e precipita-o nos abismos da existência. No grotesco, a abertura devém cavidade, concavidade, prega, requebro, linha curva. Já o *trágico* entrega-se à vida com inquietude e melancolia, que são atitudes próprias de um ser que se empenha num destino incerto, sem nenhuma promessa de desenlace feliz. O trágico vive esta contradição: alimenta-se de uma certeza que lhe escapa sempre e esgota-se a promover impossibilidades que imagina como eternidades.

Estamos, pois, diante de um imaginário melancólico, que exprime o mal-estar da sociedade e o sofrimento humano, que é também um sofrimento de finalidade, como já referi.

Nesta época, que o filósofo Ernst Jünger (1990: 108) classificou como “das máquinas e das massas”, a morte e o prazer vivem lado a lado, num conúbio permanente. É esse conúbio entre *thanatos* e *eros* que, a traços largos, passo a analisar na cultura visual e mediática contemporânea.

## REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA PUBLICIDADE

Oliviero Toscani, fotógrafo que surpreendeu o mundo a trabalhar sobretudo para a *Benetton*, publicou em 1996 um livro emblemático com o seguinte título: *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Retomo quatro das suas criações, em que sobressai o carácter grotesco das formas rebaixadas ao inferno de um mundo impuro, profano e laico, um mundo sem redenção, num processo que cria um efeito de desarmonia e ambivalência:

---

11 Sem dúvida que o barroco se equivocou ao identificar o eterno, por um lado, com o poder absoluto dos reis, e por outro, com a dogmática e a catequese dos príncipes da Igreja. Benjamin (2004) denunciou, todavia, este “cadáver” humano.

Imagem 1. A publicidade da *Benetton* toma a Sida como tema de uma campanha, em Fevereiro de 1992. Os familiares rodeiam o agonizante e fazem lembrar um quadro da paixão de Cristo, ou do Senhor morto, baixando da cruz. Trata-se de uma convocação impura, uma convocação grotesca da *ars moriendi* cristã, a descer aos infernos da mercadoria.



Imagem 1. 'AIDS - David Kirb' - Campanha publicitária da *Benetton* convocando a Sida | Fevereiro de 1992. Oliviero Toscani.

Imagem 2. A publicidade da *Benetton* convoca a cadeira eléctrica para tema de campanha, em Setembro de 1992. A cadeira eléctrica é um instrumento grotesco de justiça, porque é um aparelho de tortura e letal.

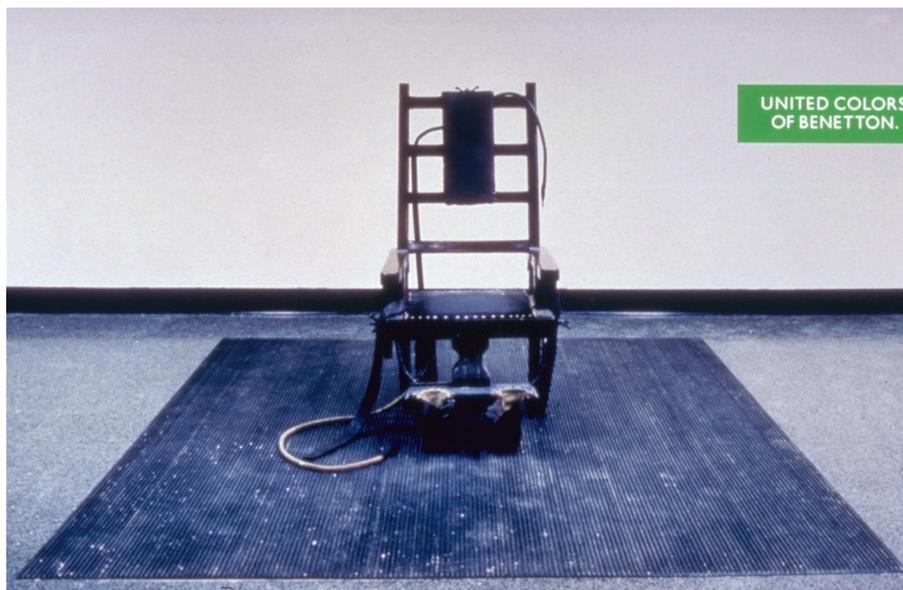


Imagem 2. ‘*Electric Chair*’ - Campanha publicitária da *Benetton* tomando como motivo a violência da morte na cadeira eléctrica | Setembro de 1992. Oliviero Toscani.

Imagem 3. A publicidade da *Benetton* toma como motivo para tema de campanha a violência bélica. “O soldado bósnio”, de Fevereiro de 1994, é a combinação das calças do camuflado de um soldado com uma t-shirt ensanguentada, onde se divisa, estampado em sangue, o rosto de uma jovem. O romantismo está, grotescamente, encharcado em sangue, numa convocação impura, que combina o amor com o sofrimento e a morte na guerra.

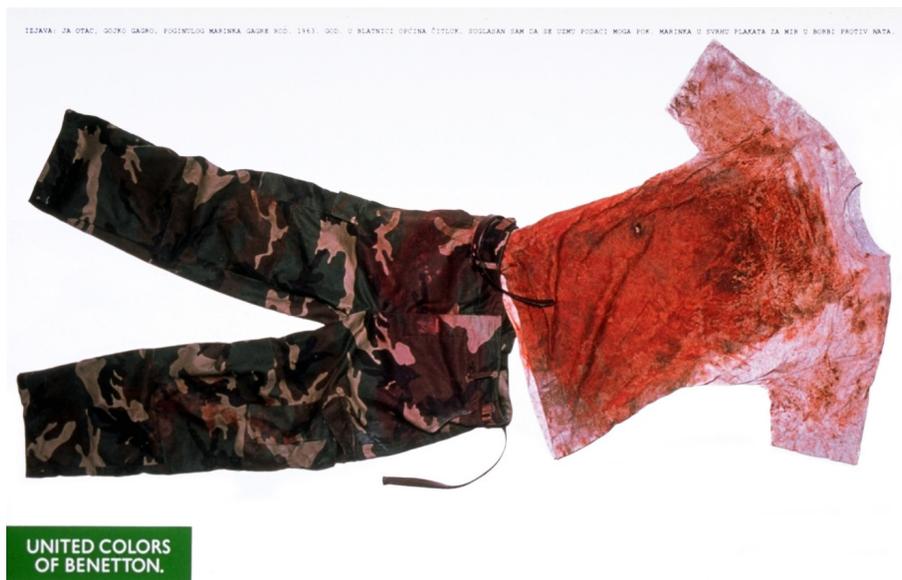


Imagem 3. ‘*Bosnian soldier*’ - Campanha publicitária da Benetton convocando a guerra | Fevereiro de 1994. Oliviero Toscani.

Imagem 4. A publicidade para *Nolita*, uma conhecida marca italiana de roupas de mulher, convoca, com escândalo, em Setembro de 2007, uma modelo anorética. Lembrando “Les fleus du mal” baudelairianas, a modelo anorética integra uma estética nas antípodas dos códigos de beleza estabelecidos, uma estética que combina, grotescamente, com a ruína do corpo, o sofrimento e a morte.

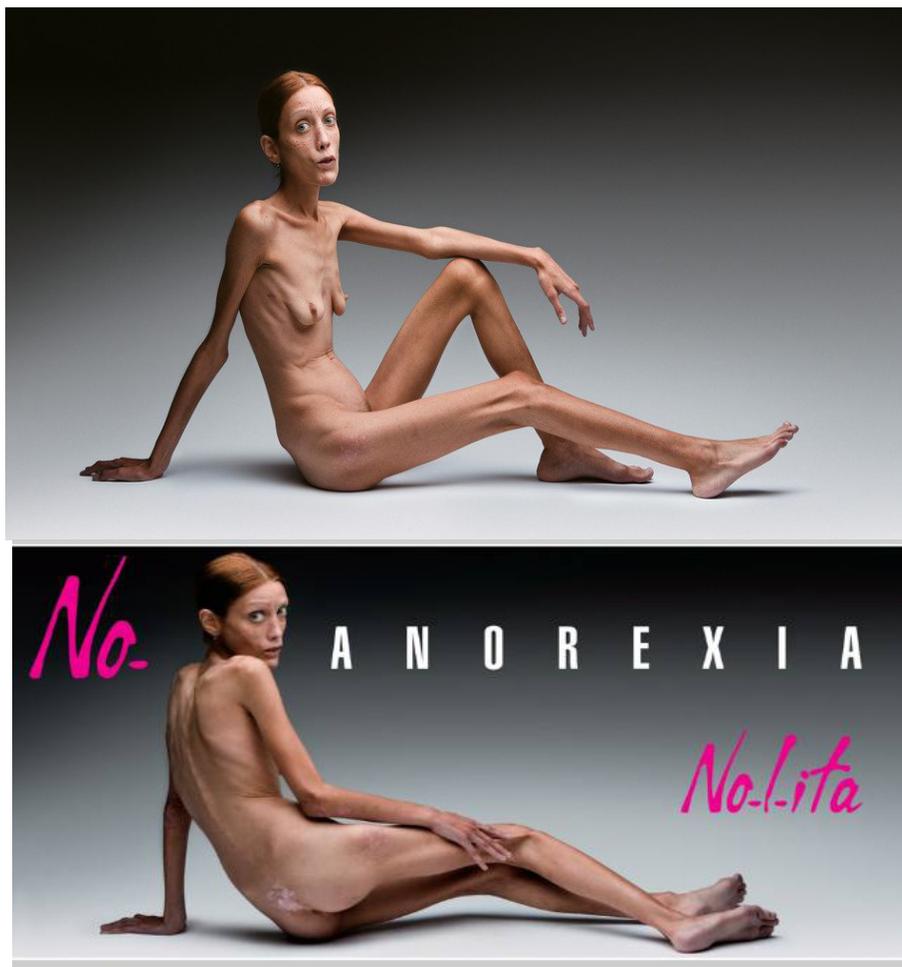


Imagem 4. Campanha publicitária com uma modelo anorética, realizada para a marca *Nolita*, em Setembro de 2007. Oliviero Toscani.

## REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA MODA

Alexander McQueen, um estilista britânico que se suicidou em Fevereiro de 2010, é um estilista-fetice dos desfiles de moda fúnebres. Convoco um conjunto de imagens dos seus desfiles de moda.

O barroquismo e a desarmonia das formas, além da predilecção por ambientes sombrios e de penumbra, caracterizam todas as imagens apresentadas. O cenário onde decorre o desfile é negro e as cores dominantes são o preto e o vermelho. Podemos associar este ambiente de obscuridade, tanto às trevas, como à morte e ao sangue. O contraste das formas *grotescas e barrocas* não pode ser mais manifesto, relativamente às formas *sublimes e clássicas*, que remetem para a claridade, a harmonia e as linhas direitas. Poderíamos mesmo referir que a morte é uma sugestão constante em praticamente todas elas.



Imagem 5. Alexander McQueen. [www.alexandermcqueen.com/](http://www.alexandermcqueen.com/)

Esta primeira imagem (imagem 5) convoca um universo de formas barrocas e grotescas, com espectros humanos envoltos em plumas

e pregas, que mais fazem lembrar cadáveres maquilhados, ou então corpos em estado de decomposição, enfim, corpos vampirizados. A juntar ao carácter macabro das silhuetas está o seu carácter enigmático. Todas as silhuetas são aprisionadas por formas estranhas, que as agarram pela cabeça e quase lhes engolem os rostos. É sugerida uma realidade em transformação, mas de sentido desconhecido, embora, num caso, agoirado por bizarras formas de pássaro, estampadas no vestido; noutro caso, pela gaiola que converte a cabeça em estranha ave aprisionada; noutro caso ainda, pelas pregas, quais escamas encrostadas num corpo em forma de sereia; enfim, pelas formas de morcego com que é combinada a forma humana. Ou seja, a forma humana mistura-se com a forma inumana, de estranhos animais: morcego, sereia e pássaro. Os tons são sempre soturnos, próprios de um regime noctívago, pintado a preto e a vermelho desbotado. Lembram farrapos negros, manchados de sangue. Os rostos caracteriza-os a fealdade; mais parecem carrancas, ou então máscaras funerárias. Em todos estes espectros, que deambulam pela *passerelle* como zombies, ou mortos-vivos, a boca parece ter sido tocada pelo beijo da morte. As formas são longilíneas, mas multiplicam-se as sugestões de densas teias de aranha no toucado do cabelo, de asas de morcegos, de enxofre demoníaco e de corpos viscosos e em putrefacção.



Imagem 6. Alexander McQueen. [www.alexandermcqueen.com/](http://www.alexandermcqueen.com/)

Na imagem 6, os tons voltam a ser soturnos, a preto e vermelho, com o vermelho agora mais berrante, demoníaco. Permanecem os densos novelos de tecido, geralmente com pregas, a cobrir os cabelos, numa mistura de formas grotescas e barrocas. Os olhos estão envoltos em negrume, são buracos negros, como se de caveiras se tratasse. Os lábios, arrouxados, permanecem tocados pelo beijo da morte. Os rostos e a pele dos ombros ou dos braços, que espreitam dos generosos

e exuberantes folhos e pregas da indumentária, exibem uma palidez doentia.



Imagem 7. Alexander McQueen. [www.alexandermcqueen.com/](http://www.alexandermcqueen.com/)

Na imagem persistem, nas duas figuras da esquerda, a palidez doentia da pele, o negrume dos olhos, o beijo da morte nos lábios, os folhos e os tons de preto e vermelho desbotado, além da sugestão um tanto satânica da primeira figura. A terceira figura encena uma múmia, enfaixada de branco, como que pronta para a sepultura. As três figuras mantêm as características grotescas do seu carácter ambíguo, com a segunda e terceira figuras a sugerir um estado de transformação enigmático.



Imagem 8. Steve McQueen. [www.alexandermcqueen.com/](http://www.alexandermcqueen.com/)

A imagem 8 é uma composição de três modelos, com as características de todas as outras já analisadas. As modelos glosam bem o título de Oliviero Toscani sobre a publicidade: também podemos dizer da moda, com propriedade, que ela é *um cadáver que nos sorri*. Ocorre nestas figuras o carácter grotesco, sublinhado no rebaixamento dos cânones estéticos, com a palidez excessiva da pele, os cabelos escorridos num rosto cadavérico, ou como dois tufos desgrenhados a acentuar a fealdade de um rosto exangue, e nas cores preta e roxa, assim como no vermelho qual mancha de sangue. Nota-se também o carácter barroco dos folhos e das pregas do vestuário.



Imagem 9. Alexander McQueen. [www.alexandermcqueen.com/](http://www.alexandermcqueen.com/)

Na imagem 9, a figura localizada em primeiro plano é melancólica e enigmática, dado o barroquismo e o carácter grotesco das suas formas. A pele do rosto é de uma palidez excessiva, quase fantasmagórica, contrastando com o negrume dos lábios. Convocando a este propósito Bakhtin, dir-se-ia que se dá nesta figura a “transferência para o plano material e corporal”, que é o plano da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo aquilo que é elevado, espiritual, ideal e abstracto (BAKHTIN, 1970: 29). Ou seja, a figura humana representada nesta silhueta é percorrida pela ideia de ambivalência e o ideal de beleza é rebaixado. Dá-se, pois, nesta figura a assunção do realismo grotesco. Juntamente com a sugestão de *ambivalência*, a ideia de *rebaixamento*, de “*mundo às avessas*”, de “paródia da vida comum” (BAKHTIN, 1970: 19), preside ao realismo grotesco, constituindo ambas as suas principais características. Como assinala Bakhtin (1970: 33), “A imagem grotesca caracteriza um fenómeno em estado de transformação, de metamorfose ainda incompleta, um estado de morte e de nascimento, de crescimento e de evolução”. Na figura apresentada, ocorre a transformação do humano

em algo indefinível. O rosto parece cativo de alguma coisa que o virá a engolir. É esta sugestão de aprisionamento das formas humanas, que todavia ganham matizes inumanos ao misturarem-se com as coisas, que resulta em desarmonia, exagero, hiperbolismo e profusão, “sinais característicos do estilo grotesco” (BAKHTIN, 1970: 302).

Esta falta de harmonia e de proporção é particularmente visível no centro do cenário, composto por um conjunto de elementos amontoados, desarrumados, como se tivessem sido ali postos ao acaso, causando estranheza e interrogação no observador.



Imagem 10. Alexander McQueen. [www.alexandermcqueen.com/](http://www.alexandermcqueen.com/)

Na imagem 10, o traço que mais se acentua é a hibridez do humano com as coisas e os animais. Aliás, pode dizer-se que “na base das imagens grotescas, encontra-se uma *concepção particular do conjunto corporal e dos seus limites*. As fronteiras entre o corpo e o mundo, e entre os diferentes corpos, são traçadas de uma maneira completamente diferente às das imagens clássicas e naturalistas” (BAKHTIN, 1970: 314). O carácter grotesco destas formas manifesta-se

no facto de o animal invadir o humano, a ponto de se fundir com ele, dando origem a figuras monstruosas. Na primeira figura, a cabeça da modelo é engolida por uma revoada de borboletas. O pontilhado das asas de borboletas chama-nos a tenção quando coincide com a boca da modelo e nos faz lembrar os dentes de uma caveira. E a segunda figura lembra-nos um Minotauro, com as hastes de veado a enfeitar a cabeça da modelo. O manto que a cobre e o seu caudaloso vestido, por sua vez, fazem lembrar emaranhados de teias de aranha. O carácter grotesco destas formas, ao mesmo tempo disformes e horrendas, apenas nos podem causar desconforto e transmitir melancolia. A transformação do humano, no sentido da hibridez com o animal, manifesta a sua inconsistência e uma hemorragia permanente de sentido, de que a morte é figura mais assustadora.

### **AS FIGURAS MELANCÓLICAS EM MERCY STREET**

A nebulosa de figuras melancólicas que atravessam a cultura visual contemporânea, é patenteada, por exemplo, no vídeo clipe de *Mercy Street*, produzido por Matt Mahurin para Peter Gabriel. É a essa vídeo clipe que passo a cingir-me, destacando as suas principais figuras.

*O fluxo, a fluidez e a hibridez.* Antes de mais nada, tem sentido assinalar o “ambiente líquido” (Bauman) de *Mercy Street*, que tem na narrativa um carácter obsidiante, de tal maneira a rodeiam as ondas do mar e o terreno instável das areias do deserto. A indefinição das formas humanas (rostos e mãos ganham forma num reino de sombras, quase se diluindo no relevo de uma paisagem desoladora), ajudam a projectar o destino humano como uma viagem tão labiríntica quão enigmática e o humano como um híbrido de sombra e luz, cuja textura parece fazer corpo com as sombras do deserto, com os fluxos de água e os seus vestígios se confundem com as pegadas de um animal.



Imagem 11. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.

*A paisagem de abandono e de desamparo* (imagem 11). Seja o mar, o deserto, a casa ou os corpos, estamos sempre perante paisagens desabrigadas: um mar sem porto de abrigo; um deserto sem terra prometida; uma casa que não é um lar, acoitando antes as sombras de uma ruína; corpos distorcidos, retorcidos, desfigurados, animalizados, ou então, como formas indistintas e enigmáticas, a fazer lembrar as figurações de humano e inumano da pintura de Francis Bacon.



Imagem 12. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.

*A súplica* (imagem 12). A figura da súplica é-nos insinuada por uma silhueta de mãos-postas, com um terço entrançado; pelo recorte de uns joelhos flectidos em pose de arrependimento; por um rosto recolhido em prece; pela silhueta de um padre que surge da sombra. Estes gestos não passam de “fortalezas vazias” (Bruno Bettelheim),

erguidas desamparadamente contra a inclemência do tempo. Também existem mãos e dedos que se procuram tocar, mas que não chegam nunca a encontrar-se: mãos ressequidas, em suspenso, sem sentido; dedos que se estiram para coisa nenhuma; um braço que de repente se ilumina, para logo naufragar na noite, ao abandono; de todas as vezes, o corpo humano se projecta para um apoio que sempre lhe falta, na busca vã de uma amarra que o segure.

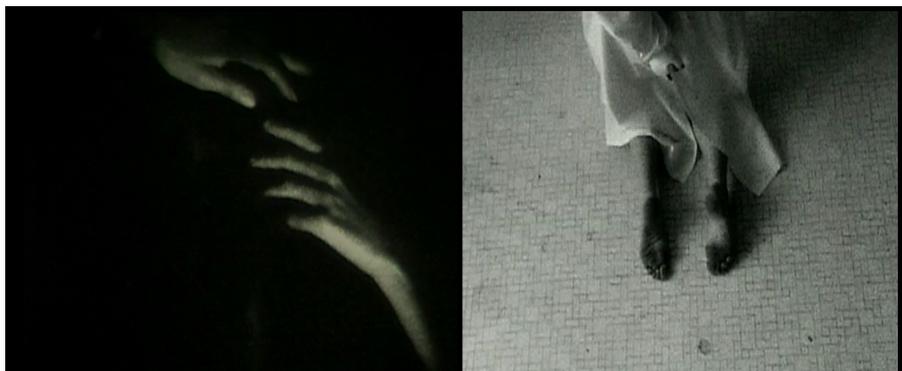


Imagem 13. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.

A ideia de viagem e o labirinto (imagem13). A viagem é aqui figurada enquanto *travessia*: uma viagem com perigos, uma aventura entre a vida e a morte - porque labiríntica, nela podemos perder-nos<sup>12</sup>. Em travessia errante, arrastamo-nos, tocando para diante o nosso barco, com as mãos ou com os remos, numa paisagem desoladora, a de um deserto de areias movediças, onde escaldamos os pés. Remamos, remamos sempre, mesmo que a travessia seja trágica e o barco encalhe em alto-mar, sem norte, porque no horizonte sombrio nenhuma estrela ilumina a noite ou aponta um caminho.

---

12 Também João Guimarães Rosa (2001) insiste neste aspecto de associar a travessia a uma viagem particularmente perigosa: “O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso” (Guimarães Rosa, 2001: 26); “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?” (*Ibid.*: 51).



Imagem 14. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.

A *travessia contraposta à passagem* (imagem 14). Na passagem existem dois pontos, o de partida e o de chegada, pelo que o caminho está estabilizado e quase dá para esquecer a viagem. Já na travessia, dá-se o contrário: praticamente, tanto nos esquecemos do ponto de partida como do ponto de chegada, e centramo-nos na viagem, que é repleta de perigos e de peripécias<sup>13</sup>.

Podemos fazer, por exemplo, a passagem de um rio de uma para outra margem. Nessa experiência, não se esperam sobressaltos nem grandes obstáculos a transpor; espera-se uma viagem tranquila, a menos que a façamos a nado, como assinala João Guimarães Rosa (2001: 51). Nas passagens existe, com efeito, a habitualidade de um caminho conhecido. Coisa diferente é, todavia, a experiência de uma travessia, que nos coloca sempre em sobressalto pela sua perigosidade. É o perigo que a caracteriza fundamentalmente: fazemos a travessia de um oceano; de um mar de tentações; de um deserto...

---

13 Esta ideia é uma glosa a João Guimarães Rosa (2001: 80): “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.



Imagem 15. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.

O naufrágio (imagem 15). Nas travessias de mares e de oceanos existe sempre esse risco. Na travessia de *Mercy Street*, um barco abriga a solidão de dois indivíduos. Ambos são náufragos. E o barco que os recolhe não os salva propriamente. Na travessia, uns podem chegar mais longe que outros. Mas, em definitivo, o mar é um labirinto que nos afunda em solidão, um labirinto sem brisa, que seja sopro de vida e aponte um horizonte. Até o pássaro que corta os ares voa em sentido oposto ao do movimento do barco, como se de uma premonição se tratasse, avisando-nos sobre o sem-sentido da viagem.

Vendo bem as coisas, é ao naufrágio que estamos condenados, sendo todavia espectadores do nosso próprio naufrágio. Embora, nestas circunstâncias, como escreveu Hans Blumenberg (1990), vejamos «o espectador a perder a sua posição», a construir o barco «a partir dos destroços», afinal a aprender a «arte de sobreviver». Mas o braço que se ergue em claridade, com os olhos postos numa tábua de salvação, também está condenado ao naufrágio, afundando-se sobre o seu próprio gesto, porque a tábua, que se julgara ser a sua amarra, ela própria se dissipou no ar. Também a claridade, que inesperadamente ilumina uma porta, abre apenas para um rosto sem vida e para águas encapeladas em tumulto. O «naufrágio» é um outro nome do desaparecimento, integrando, pois, uma «estética da desapareção» (VIRILIO, 1980).



Imagem 16. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.

*Narrativa* (imagem 16). Desde o século XIX que a questão do fim da narrativa tem estado na ordem do dia. Vemos isso numa fileira de autores, que compreende Nietzsche, Freud, Benjamin e Heidegger; e, depois, numa segunda fileira, onde podemos assinalar Bataille, Klossowski, Blanchot, Guy Debord, Foucault, Lyotard, Deleuze e Derrida; e ainda numa terceira, com nomes como Jean Baudrillard, Mário Perniola e Giorgio Agamben. Em todos estes autores é acentuada a ideia de «crise da experiência», referida por Benjamin em «Experiência e pobreza», texto de 1933, mas que hoje parece em fase imparável pela sua aceleração tecnológica. Fim da narrativa, empobrecimento da experiência, ou seja, o «desfazer uma ordem para recompor uma desordem» (SARDUY, 1972: 17). Em *Mercy Street* não existe uma narrativa. Existem fragmentos de várias narrativas que se misturam, que formam um *puzzle*, colagens de várias narrativas, cujo fio se desvanece aqui para ser recuperado ali, enfim, existe um *patchwork* labiríntico, enigmático e de cadência angustiante. Mas «o conto é sempre o mesmo», como diriam Vladimir Propp, e também Algirdas Greimas e Claude Lévi-Strauss: o encadeamento dos fragmentos funciona como um prenúncio de morte – a morte que é, por excelência, a figura obsidiante deste vídeo clipe.



Imagem 17. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.



Imagem 18. *Mercy Street*, de Peter Gabriel (1986), Dir. Matt Mahurin.

*A figura obsidiante da morte* (imagem 17 e 18). Em *Mercy Street*, todos os rostos têm a noite nos olhos, mais se parecendo com caveiras. Os corpos são, por vezes, meio translúcidos, desfigurados pelo movimento da água, baloiçando, inertes, quais troncos de árvore. Ou então, são corpos animalizados, ressequidos, fossilizados na areia. Lembrando Paul Virilio, sem dúvida que a morte é uma figura a inscrever na “estética da desapareção”.

## A SÉRIE TELEVISIVA BONES

Na série televisiva *Ossos*, a Cidade é um cadáver que a ciência inspecciona cuidadosamente. Retomando um esquema de Gilbert Durand, e operando uma mitanálise da narrativa, *Bones* decorre entre o regime noturno do crime (do sofrimento e da morte) e o regime diurno da ciência e dos investigadores criminais (uma bem-aventurança que nos pacifica, enxotando as nossas sombras e dúvidas). *Bones* é tributária de um imaginário diurno, porque aí encontramos o herói solar que desmascara os culpados e lança na cadeia os culpados. O herói é um anjo que julga em verdade e é o nosso mediano no esclarecimento dos crimes que produzem sofrimento e morte. Esse herói resolve de um modo infalível, através de um conjunto de operações lógico-dedutivas as situações mais sinuosas e perigosas. Tudo o que ensombra o local de um crime, ou então um quarto de prostituta, ou ainda um cadáver carbonizado, é uma noite que deve ser reconduzido à ordem do discurso da distinção.

Nietzsche assinala na *Segunda Intempestiva* que a ciência história não tem nada que esclarecer aquilo que nos é dado num estado de confusão. O que ela tem que fazer é de o respeitar. No entanto, em *Bones*, tanto os cientistas como os agentes policiais, uns e outros modelos de rectidão intelectual e moral, a clarificação e a distinção diurnas representam uma purificação, para não dizer uma purga: trata-se da singularidade clara e distinta dos objectos, que são depurados de qualquer ambiguidade, subjectividade ou relatividade. A clareza e a distinção na análise pretendem vencer a impureza múltipla e abundante que caracteriza o regime noturno do crime, que é o do sofrimento e da morte. No entanto, o discurso da ciência não é o discurso da linguagem comum. De tão tecnicizado, é um discurso mágico, é uma linguagem cifrada, a desempenhar a mesma função do latim nos ofícios de outros tempos. A linguagem tecnocientífica é hoje, com efeito, um discurso soterialógico, o discurso do único messianismo que nos resta - a tecnologia.

## REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA PROGRAMAÇÃO TELEVISIVA

De acordo com o estudo realizado por Nuno Brandão (2010), confirmado pelo estudo mais abrangente de Felisbela Lopes *et al.* (2009), nas notícias de abertura do telejornal (ano 2000/2001), nos três canais privados generalistas da televisão portuguesa, a categoria dominante é “acidentes e catástrofes”, a qual representa cerca de 20% do total nos três canais.

	RTP 1 (%)	SIC (%)	TVI (%)
<b>Acidentes e Catástrofes</b>	<b>20,88</b>	<b>20,33</b>	<b>18,68</b>
<b>Problemas Sociais</b>	<b>7,14</b>	<b>14,84</b>	<b>16,48</b>
<b>Estado / Política Internacional</b>	<b>18,68</b>	<b>13,19</b>	<b>12,09</b>
<b>Desporto</b>	<b>9,89</b>	<b>9,34</b>	<b>12,64</b>
<b>Saúde e Ciência</b>	<b>5,49</b>	<b>8,24</b>	<b>7,69</b>
<b>Tribunais</b>	<b>5,49</b>	<b>8,24</b>	<b>9,34</b>
<b>Assuntos Militares e Policiais</b>	<b>12,09</b>	<b>5,49</b>	<b>8,24</b>
<b>Guerras e Protestos</b>	<b>6,04</b>	<b>4,4</b>	<b>3,85</b>
<b>Partidos Políticos</b>	<b>2,75</b>	<b>1,1</b>	<b>2,2</b>
<b>Outros</b>	<b>11,54</b>	<b>14,84</b>	<b>8,79</b>
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

categorias temáticas dominantes

Fonte: Resultados de um estudo realizado por Nuno Brandão (2010) sobre as aberturas dos telejornais portugueses.

## REPRESENTAÇÕES DA MORTE NAS NOTÍCIAS SOBRE A INFÂNCIA

As notícias sobre a infância representam apenas cerca de 3% das notícias da imprensa. Mas 65% dessas notícias dizem respeito a

*situações de risco*. Em consequência, a natureza dessas notícias indicia sempre sofrimento, e muitas vezes morte: abusos e maus tratos (físicos e psicológicos, sexuais, etc.), abandono, processos judiciais, acidentes e problemas de segurança, raptos, vadiagem, assaltos, pedofilia. 15% de notícias sobre crianças em risco fazem capa de jornal. E um estudo feito sobre representações da infância na TV portuguesa, relativo a 2008, concluiu que 4% das notícias repertoriadas fizeram a abertura do telejornal (OLIVEIRA *et al.*, 2010).

### **DE UMA CONDIÇÃO PACIFICADA A UM CONDIÇÃO ATORMENTADA**

Quando nos debruçamos sobre os mitos, os ritos, a iconografia e as crenças que temos a respeito do corpo morto, é de uma homenagem ao morto que falamos. Ou seja, do que se trata é do cerimonial indispensável a garantir ao morto um futuro *post mortem*, um futuro que lhe permita escapar ao nada. Mas a sua função principal é de ordem terapêutica. Se não curativa, sem dúvida paliativa, ou melhor, reconfortante. Através do simbólico, procuramos curar, ou então prevenir a angústia dos sobreviventes, dos ainda vivos, que deste modo se reconfortam e negociam o sem sentido da morte. O simbólico é o recurso de uma sociedade organizada pela palavra. Os mitos, os ritos e os ícones constituem o regime simbólico de uma comunidade. Os mitos são falas, narrativas que organizam duravelmente as práticas de uma comunidade, dado exprimirem e concretizarem as suas crenças. E a mesma coisa se passa com os ritos, que constituem uma gestualidade estruturada e articulada com os mitos, exprimindo e concretizando também as suas crenças e organizando da mesma forma, no tempo longo, as suas práticas. As crenças e as superstições, que se exprimem por mitos, ritos e ícones, são actos simbólicos que totalizam a vida de uma comunidade. As crenças constituem para a comunidade aquilo que as superstições constituem para os indivíduos.

As práticas simbólicas tradicionais, próprias das sociedades tradicionais, aproximam nascimento e morte (no caso das comunidades

cristsãs, baptismo e funeral), o que corresponde a uma antropologia primordial destas culturas. Entretanto, com a supressão do *Dies irae* e dos ornamentos negros, e com o acento colocado nos laços que unem os vivos aos mortos e os vivos entre si, a simbólica da morte foi inteiramente colocada sob o signo da esperança e da pacificação.

As representações da morte na cultura visual contemporânea, quais rituais laicos de velar o corpo morto, declinam sobretudo as nossas actuais vertigens, em concomitância com o actual movimento de civilização de translação para o número, a imagem, a emoção e o múltiplo. Organizam-nas, pois, mais o *dia/bolé* (imagens que separam) que o *sun/bolé* (imagens que reúnem).

Concluindo este ensaio, podemos perguntar-nos, todavia, como é que passámos da ideia de harmonia, que presidia à teoria da identidade (harmonia do indivíduo), por um lado, e à ideia de cidadania (harmonia cívica), por outro, à concepção de um ente múltiplo (híbrido), fragmentado, um ente com identificações várias, e não definitivas, instável, viscoso, labiríntico e enigmático? Como é que passamos a esta percepção do humano como uma realidade hostil a todo o conhecimento definitivo, estável e grave? Convocando de novo Bakhtin (1970: 19), podemos dizer que esta percepção, “hostil a tudo o que está pronto e acabado, hostil a toda a pretensão ao imutável e ao eterno, necessita para se afirmar de formas de expressão mutáveis, flutuantes e móveis”. Por essa razão, as formas dramáticas, clássicas e sublimes devieram, como o assinalei já, *trágicas*, *barrocas* e *grotescas*.

A ideia de harmonia tinha na tradição ocidental um *logos*, de ideias ditas em verdade, um *pathos* ordenado pela síntese redentora do *logos*, e um *ethos* constituído por formas elevadas e valores superiores, definidos pelo *logos*, que orientava a acção. Por sua vez, a civilização técnica e mediática, dessacralizada e laica, tem um *pathos* dominante, onde sensações, emoções e paixões desactivam a centralidade do *logos* e do *ethos*.

1. Na sociedade tradicional, o *logos* identifica-se com o *estilo clássico* das formas de pensamento, que são superfícies lisas (formas lógicas, de premissas claras que concluem o certo e o verdadeiro).

Predomina na sociedade tradicional a ideia de tempo como linha recta, decorrente do princípio teleológico (de orientação para um fim), pelo que a história se desenvolve entre uma génese e um apocalipse, que nos garante um fundamento sólido, um território conhecido e uma identidade estável.

O *logos* totaliza a existência e cria a unidade. A imaginação é a “folle du logis”, que nos desordena, como se lhe referiam Descartes e Malebranche.

Na sociedade tecnológica e mediática, o *logos* é barroco. As formas são exuberantes, confusas e rugosas, conformes à natureza de um ente híbrido, ambivalente e desassossegado. Predominam na sociedade tecnológica e mediática as linhas curvas do tempo, as suas dobras e as superfícies côncavas, preenchidas por sombras.

O barroco instaura um regime de fluxos, que exprime a fragmentação da existência, a multiplicidade do indivíduo e a sua ambivalência.

A imaginação é agora a “fée du logis”, que nos reencanta, como dela disse Gilbert Durand.

2. Na sociedade tradicional, o *pathos* é dramático – supõe uma síntese redentora. Ou seja, aqui o *logos*, que é a instância última e soberana de decisão, controla e orienta o *pathos*. Em contrapartida, na sociedade tecnológica e mediática o *pathos* é trágico. Com a existência a ser convertida em sensação, emoção e paixão, o trágico é agora a forma dominante do imaginário.

Mas esta dialéctica, que é passional, é meramente tensional, pois nenhuma síntese a redime. Também não existe aqui identidade; a dialéctica tensional convoca identificações várias. E porque é a irrupção do não-lógico no humano, a forma trágica desconsidera o *logos*.

3. Na sociedade tradicional, o *ethos* casa com as formas sublimes: apela para valores elevados, superiores, coloca-se ao serviço de um absoluto, o dever-ser. Na sociedade tradicional, a ética da cidadania serve a comunidade humana, opondo-se ao individualismo.

Na sociedade tecnológica e mediática, o *ethos* é *grotesco*: inverte a hierarquia de valores, rebaixa os valores tradicionais, fazendo equivaler todas as categorias – impõe o relativismo, ou seja, o “politeísmo dos valores” (Weber), contra o dogmatismo do dever-ser. Nestes novos tempos, a morte de Diana de Gales, Madre Teresa, João Paulo II, Ayrton Sena, Miklos Fehér, Michael Jackson, equivalem-se e podem permutar-se.

O *ethos* é governado pelo *pathos* (pela sensação, pela emoção e pela paixão). Ou seja, impõe-se a “ética da estética” (*aésthesis* significa sensação), como assinala Michel Maffesoli (1990), e impõe-se o tribalismo, que é uma comunidade emocional. O presente, ou seja, o quotidiano, é deste modo o lugar onde se decide o humano. Neste sentido, o instante é a eternidade realizada, para retomar ainda uma bela fórmula de Maffesoli (2000).

## REFERÊNCIAS

AA.VV. (2007) *Que valores para este tempo?* (Actas de Conferência na Fundação Gulbenkian, Lisboa, 25-27 de Outubro de 2006), Lisboa: Fundação Gulbenkian & Gradiva.

Agamben, Giorgio (2000) [1978], *Enfance et Histoire*. Paris: Payot & Rivages. Ariès, Philippe (1977) *L'homme devant la mort*. Paris: Seuil.

Ariès, Phillippe (1975) *Essais sur l'histoire de la mort en occident du moyen age à nos jours*. Paris: Editions du Seuil.

Augé, Marc (Dir.) (1995) *La mort et moi et nous*. Paris: Textuel.

Bakhtin, Mikhaïl (1970) *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Paris: Gallimard.

Barthes, Roland (1942) "Culture et tragédie. Essais sur la culture". <http://www.analitica.com/bitblio/barthes/culture.asp> (consultado em 10 de Fevereiro de 2010).

Bastos, Cristiana & González Alfredo (1996) "Cravado na pele, o hospital. Fronteiras do corpo em dias de Sida", Vale de Almeida, Miguel (Org.) *CorpoPresente*. Oeiras: Celta, pp. 184-199.

Baudrillard, Jean (1996/1997) [1976] *A troca simbólica e a morte*. Lisboa: Edições 70.

Baudrillard, Jean (1981) *Simulacres et Simulation*. Paris, Galilée.

Bauman, Zygmunt (2003) [1995], *La vie en miettes*. Cahors: Editions du Rouergue.

Benjamin, Walter (2005) [1933] "Experiência e pobreza", *Revista de Comunicação e Linguagens* n. 34: 317-321.

Benjamin, Walter (2004) [1927] *A origem do drama trágico alemão*. Lisboa: Assirio & Alvim.

Blumenberg, Hans (1990) *Naufrágio com espectador*. Lisboa: Vega.

Brandão, Nuno (2010) *As notícias nos telejornais*, Lisboa: Guerra & Paz.

Calabrese, Omar (1987) *A Idade Neobarroca*. Lisboa: Edições 70.

Cordeiro, Edmundo (1999) “Técnica, mobilização e figura. A técnica segundo Ernest Jünger”. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 25/26.

Dayan, Daniel & Katz, Elihu (2003) *Televisão e Públicos no Funeral de Diana*. Coimbra: Minerva (Org. de Mário Mesquita).

Debord, Guy (1991) [1967] *A sociedade do espetáculo*, Lisboa, Mobilis in Mobile.

Gauchet, Marcel (1985) *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard.

Gonçalves, Albertino (2009) *Vertigens. Para uma sociologia da perversidade*. Coimbra: Grácio Editor.

Guimarães Rosa, João (2001) [1967] *O Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Na base da 5.<sup>a</sup> edição (1967).

Jünger, Ernest (1990) [1930] *La mobilisation totale*, in *L’Etat Universel – suivide La mobilisation totale*. Paris: Gallimard.

Lopes, Felisbela *et alii* (2009) “A notícia de abertura do TJ ao longo de 50 anos (1959-2009)”. *Comunicação e Sociedade*, 15. Húmus/CECS: Universidade do Minho, pp. 103-126.

Lyotard, Jean-François (1993) *Moralités post-modernes*. Paris : Galilée.

Maffesoli, Michel (2000) *L’instant éternnel. Le retour du tragique dans les sociétés postmodernes*. Paris: Denoël.

Maffesoli, Michel (1990) *Au creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique*. Paris : La Table Ronde.

Marinho, Sandra (2007) “A queda da ponte de Entre-os-Rios”, in Pinto, M. & Sousa, H. (Org.) *Casos em que o jornalismo foi notícia*. Porto: Campo das Letras, pp. 163-184.

Martins, Moisés de Lemos (2010) “A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins”, Álvares, Cláudia & Damásio, Manuel (Org.) *Teorias e práticas dos media. Situando o local no global*. Lisboa, Edições Lusófonas.

Martins, Moisés de Lemos (2009) “Ce que peuvent les images. Trajet de l'un au multiple”, *Les Cahiers Européens de l'Imaginaire*, CNRS, 1: 158-162.

Martins, Moisés de Lemos (2002a) “O trágico como imaginário da era mediática”. *Comunicação e Sociedade* n. 4, Universidade o Minho.

Martins, Moisés de Lemos (2002b) “O Trágico na Modernidade” [versão inglesa: “Tragedy in Modernity”]. *Interact, Revista online de Arte, Cultura e Tecnologia*, n.5., <http://www.interact.com.pt>

Marzano, Michela (2007) *La mort spectacle. Enquête sur l' "horreur-réalité"*. Paris: Gallimard.

Nietzsche, Friedrich (1988) [1887] *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras.

Oliveira, Madalena (2008) “Sensibilidade mas com bom senso. Tratamento informativo da dor”, in Pinto, M. & Marinho, S. (Org.) *Os media em Portugal nos primeiros cinco anos do século XXI*. Porto: Campo das Letras, pp. 213-225.

Oliveira, Madalena (2005) “Olhando a morte dos outros”. Actas do 4.º SOPCOM, Universidade de Aveiro. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-madalena-olhando-morte-outros.pdf>

Oliveira, M.; Pereira, S.; Ramos, R.; Martins, P. C (2010) “Depicting childhood in TV: analysis of children’s images in news bulletins”. Comunicação apresentada no 3º Congresso Europeu da ECREA - *European Communication and Education Association*, Universidade de Hamburgo, Alemanha, 12-15 de Outubro

Oliveira, Maria Manuel (2007) *In memoriam, na cidade*, tese de doutoramento em arquitectura, Universidade do Minho. Repositorium UM - <http://hdl.handle.net/1822/6877>

Perniola, Mario (2004) [1994], *O Sex Appeal do Inorgânico*. Ariadne: Lisboa. Perniola, Mário (1993) [1991] *Do Sentir*. Lisboa: Presença.

Saraiva, Clara (1996) “Diálogos entre vivos e mortos”, Vale de Almeida, Miguel(Org.) *Corpo Presente*. Oeiras: Celta, pp. 172-183.

Sarduy, Severo (1972) *Cobra*. Paris: Seuil (traduzido do espanhol por Philippe Sollers e pelo autor).

Sloterdijk, Peter (2000) *La mobilisation infinie*. Christian Bourgois Ed.

Sodré, Muniz & Paiva, Raquel (2002) *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad.

Sophia de Mello Breyner (1962) «Procelária», in *Poesias do livro Geografia* (I,II, III). [www.maricell.com.br/sophiandresen/sophia17.htm](http://www.maricell.com.br/sophiandresen/sophia17.htm)

*Terrain*, 20, *La Mort*. Carnets du Patrimoine Ethnologique, Ministère de la Culture et de la Communication.

Thomas, Louis-Vincent (1985). *Rites de mort*. Paris: Fayard.

Torres, Eduardo Cintra (2007), “11 de Setembro: As quatro fases do evento mediático”, in Pinto, M. & Sousa, H. (Org.) *Casos em que o jornalismo foi notícia*. Porto: Campo das Letras, pp. 17-46.

Toscani, Oliviero (2007) *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Ediouro.

Virilio, Paul (2009) [1980] *The aesthetics of disappearance*. Los Angeles: Semiotext(e).

Virilio, Paul (2001) “Entretien avec Paul Virilio”, *Le Monde de l’Education*, 294:135-138.

Virilio, Paul (1995) *Vitesse de libération*. Paris: Galilée.

Wölfflin, Heinrich (1991) *Renacimiento y barroco*. Barcelona: Paidós.

Ziegler, Jean (1975) *Les vivants et la mort*. Paris: Seuil. [www.alexander-mcqueen.com/](http://www.alexander-mcqueen.com/)

<http://www.olivierotoscani.com/>

Vídeo clipe - Peter Gabriel (1986) *Mercy Street*, Dir. Matt Mahurin.

Série televisiva americana – *Bones*. Criada por Hart Hanson para a Fox Network. Website: <http://www.fox.com/bones/>



# PARTE 2

## MORTE EM TEMPOS DE COVID-19

*A parte 2 foi escrita em conjunto por todos os organizadores da obra*



## **1 O HOMEM E A MORTE NO COTIDIANO: REFLEXÃO SOBRE ASPECTOS HISTÓRICOS, TEMPO ATUAL E ALGUMAS TRANSFORMAÇÕES NO VIVER E MORRER PELA COVID-19**

Ao longo da história da civilização, as atitudes do homem diante da morte têm sido objeto de estudo de filósofos, historiadores, sociólogos, biólogos, psicólogos, antropólogos. O tema, tratado sob diferentes nuances, em geral é analisado sob a perspectiva da história, porque a morte não faz parte de uma categoria específica, ela perpassa o desenvolvimento da humanidade, uma vez que se caracteriza como uma questão essencialmente humana.

Atitudes, pensamentos, crenças e práticas concernentes à morte e ao morrer dão alento à vida das pessoas e as ajudam a construir uma realidade com a qual torna-se possível viver sob o mistério, o enigma desse fenômeno. Por mais que se queira manter a morte distante, o homem convive com a transitoriedade da vida. Diz a sabedoria popular, por exemplo *“a morte não manda recado”*; *“morte certa, hora incerta”*; *“para viver, é necessário morrer, pois o preço da vida é a morte.”* Pode-se dizer com Morin (1997, p. 31) que todos pensam e têm horror à morte, horror ao mesmo tempo ruidoso e silencioso que se encontrará com este duplo caráter ao longo de toda a história da humanidade.”

Inevitavelmente, diz ele:

Todo ciclo ecológico de vida é, ao mesmo tempo, um ciclo de morte; este ciclo de morte é, ao mesmo tempo, um ciclo de solidariedade; este ciclo de solidariedade é, ao mesmo tempo, um ciclo de destruição. As espécies lutam contra a morte. Umas, como os insetos e peixes, multiplicam seus ovos; outras, como os pássaros e mamíferos, protegendo sua prole. (MORIN, 2002, p. 31).

Assim, a morte é uma propriedade intrínseca do ser vivo. Vive-se de morte. Desde o seu nascimento, diz Heidegger (2005), o homem

já é suficientemente velho para morrer. “Se vivo, logo morro”- pensa o homem, apesar de não querer pensar na sua morte: desde os primórdios dos tempos, ele busca a sua imortalidade.

Os costumes, condutas, práticas, comportamentos, modos de viver e conviver com a morte comuns a uma determinada comunidade ou povo, bem como a busca desenfreada contra a morte e a impossibilidade de controlá-la, torna-a uma instituição social à qual nos permite debruçar sobre ela, descortinar as diferentes e diversas formas que o ser humano constrói para se abrigar do sofrimento que é gerado para ludibriar a consciência da sua finitude e de seus entes queridos.

Para Thomas (1991), a morte é um fato social e cultural, inseparável dos espaços e lugares, das épocas e das civilizações. Segundo o autor, “cultura nada mais é do que um conjunto organizado de valores e estruturas para lutar contra os efeitos dissolventes da morte individual ou coletiva. Cada sociedade assenta sobre uma aposta de imortalidade, proporcionando aos indivíduos que a compõem respostas à angústia da morte que deixam o campo livre para dar sentido à vida (p. 20).” Para o autor, a sociedade e a mídia mostram “a morte dos outros, anônima e de pessoas desconhecidas. Esse distanciamento, proposital muitas vezes, leva as pessoas a pensarem que o outro morre, mas elas não (p. 20).” Não há dúvida que esse distanciamento se transformará no momento em que ocorrerem óbitos de pessoas mais próximas. Segundo Corrêa Segundo Corrêa (2008, p. 18).

Só quando a morte leva um próximo de nós, diante do cadáver do amigo, do irmão, da mãe ou do pai, ela toma corpo, torna-se realidade. Só quando a morte leva alguém que amamos, é que somos submersos pela violência da perda e mergulhamos nas trevas da dor e da tristeza. A morte do outro – próximo ou amado – acorda em nós o horror desse absurdo, desse indizível, e então nos imerge na dor e nos cobre de luto.

Le Breton (1999, p. 235) fala dessa dor e desse indizível que envolve a morte. Para ele, “a dor é um luto provisório ou durável do próprio eu, arrasta consigo a palavra. Fechada na obscuridade do corpo, a dor fica reservada à deliberação íntima do indivíduo. Há um indizível que esconde a linguagem, que prejudica a facilidade da palavra: o sofrimento, a separação e a morte não encontram palavras para se exprimir com intensidade suficiente.” Assevera ele,

A morte é a irrupção brutal de um silêncio esmagador, insustentável. O último suspiro é o último som de uma humanidade ainda concebível. No momento em que a morte toma conta do homem atinge-o com silêncio. A vontade de sacudir o cadáver, para lhe restaurar a fala e os movimentos da vida, o grito desesperado de quem testemunha, a sua curta negação de que a morte esteja presente, revelam a perturbação que brotou da penetração gelada do silêncio [...] O silêncio do cadáver enche subitamente o mundo (p. 245).

Ainda é o autor que fala, de modo muito poético, desse doloroso momento. “ao aproximar-se da morte, a palavra estrangula-se, dissolve-se em silêncio ou quebra-se num grito. Perante a impossibilidade de voltar a encontrar o Outro, de voltar a tocá-lo, ela desagrega-se e incita ao mutismo. A morte é o fim de uma fala cujo desenvolvimento estava no rosto atento do outro, agora ausente.” (LE BRETON 1999, p. 247).

Na sociedade contemporânea, sobretudo pela emergência de uma pandemia e o poder de destruição, causado, principalmente pelo aumento da capacidade bélica, parece que os homens sentem a morte mais próxima, avizinhando-se. Pascale (2009, p. 6), autor italiano, em uma obra guia-dicionário em que apresenta a iconografia da morte, cita, na introdução, que a sociedade contemporânea hipertecnológica aumentou a expectativa de vida tanto quanto o poder de destruição do ser humano e gerou um paradoxo: de um lado, a morte virtual é mostrada pela mídia como espetáculo e transformada em tema da indústria de divertimento, e de outro lado, “a morte real e cotidiana

(individual ou coletiva, cruel ou não) tornou-se irrepresentável e por consequência ‘invisível’, um tabu moderno com o qual é difícil lidar”. (PASCALE, 2009, p. 6).

É conveniente concordar com os autores e fazer referência ao momento atual. Em primeiro lugar, mencionar a covid-19, decretada como pandemia em março do ano 2020, e que atingiu o mundo e tem trazido para o dia a dia a morte coletiva alardeada pela mídia sem cessar. Em segundo lugar, vale citar a ocorrência, ainda neste mês de fevereiro de 2022, do conflito entre Rússia e Ucrânia considerado como uma crise bélica internacional. O jornal Estado de Minas (NEMENOV, 2022, p.1) noticiou o início do conflito, com a manchete de capa “Rússia ataca a Ucrânia” e o seguinte subtítulo, “Vladimir Putim [presidente] ordena ofensiva militar e ameaça nações que interferirem com ‘consequências que nunca viram antes’. EUA reagem à ‘guerra premeditada’ que trará morte e sofrimento”. Vale destacar que ambos são eventos mundiais, referem-se à humanidade, dizem respeito à morte coletiva e são matéria para a imprensa, amplamente difundidos. Certamente são dois fatos que já trazem a morte para mais perto de todos e que renderão muito assunto em toda a mídia. Quanto à guerra, há detalhes da ameaça de terceira guerra mundial, de guerra nuclear, destruição, morte. Esta é apenas uma nota sobre o conflito bélico atual, esse assunto não será aqui abordado.

Relativo a essa aproximação das pessoas com a morte, de forma mais frequente e próxima, abordada anteriormente pelos autores, é oportuno destacar a covid-19, doença respiratória aguda causada pelo coronavírus. Iniciada na China, no final de 2019, está a ceifar vidas incontáveis em todo o planeta. A mídia aproxima as pessoas a este horror, tornando visível o que era indizível. É possível sentir no ar, nas conversas, nos depoimentos, nos telejornais, entre tantos outros meios, alguma mudança no modo de presenciar a morte. A covid-19 escancara a todos esse tema; ou seja, a mortalidade do ser. Alardeada por todos os cantos, a morte aproxima-se de cada um, deixando de ser pensada apenas como pertencente ao outro. O medo e a ansiedade causados pela proximidade diária de inúmeros casos

mortais provocam um sofrimento intenso e contínuo que descortina um abismo o qual parece estar cada vez mais próximo e que aterroriza e atormenta. Enquanto a doença parecia distante, a vida prosseguia segundo os princípios gerais de normalidade e com pouco interesse pela doença e pelo tema morte. Todavia, no Brasil, com os primeiros doentes e mortes e com a decretação de pandemia pela Organização Mundial da Saúde, em março de 2020, houve uma transformação que tem se caracterizado pela presença crescente do medo e da angústia perante a possibilidade do óbito do outro ou até da própria morte. Esta não mais se encontra diluída no impessoal, não é mais a morte de alguém, distante de mim. A morte se aproximou, chegou, escancarou a porta, separou pessoas, provocou o isolamento social e mostrou ser verossímil. É possível vê-la diariamente, por todo lado, mostrando-se a todo ser-no-mundo fazendo com que o homem constate o próprio ter que morrer.

Eis um tema instigante, que conduz a muitos questionamentos e reflexões. Assim, o objetivo deste texto é fazer, a partir da ótica da sociedade ocidental, uma reflexão sobre a morte no que tange a aspectos históricos, à atualidade nos modos de lidar com essa temática no dia a dia e certas transformações a partir da ocorrência da covid-19.

Iniciamos essa reflexão abordando alguns aspectos históricos de atitudes do homem diante da morte no cotidiano, ressaltando que a relação entre vivos e mortos é sempre inserida em questões espaciais e temporais relativas à tradição, a processos civilizatórios; portanto, apesar de ser tratada aqui de modo amplo, não se pode esquecer que cada país e mesmo regiões têm uma dinâmica específica de transformação.

Desde os primórdios da civilização, esse fenômeno humano inevitável é revestido de mistério, de fascínio e de incerteza, gerando no homem um terrível medo daquilo que não conhece, pois, apesar de a morte ser um problema dos vivos que dela querem distância, ela assume uma proximidade assombrosa a qual aterroriza a humanidade. Tais atributos desafiaram e desafiam as diversas culturas, as quais buscaram nos mitos, na filosofia, na arte e nas religiões respostas

que atuassem como verdadeiras pontes, tornando compreensível o desconhecido, a fim de minimizar a angústia gerada pela morte.

Muitos autores tratam esse assunto com propriedade. Iniciaremos com Philippe Ariès que aborda, em vários estudos, as diversas mudanças ocorridas em relação às atitudes dos povos ocidentais diante da morte. Segundo esse autor, embora os rituais mortuários tenham sofrido modificações num período de um milênio, o caráter social e público da morte permaneceu praticamente inalterado, principalmente em diversas áreas do Ocidente latino-americano. Ressalta ainda que as mudanças ocorreram com lentidão, distribuídas ao longo de gerações, sem serem sequer percebidas pelas pessoas de cada época.

É pertinente salientar que a sociedade ocidental possui suas raízes na civilização grega, berço do pensamento ocidental, bem como teve forte influência do judaísmo e do cristianismo, religiões estas que contribuíram para a produção da cultura ocidental.

Ao aprofundar a reflexão sobre o período da Idade Média, Ariès (1977), faz distinção desse período com o que ocorria na Antiguidade. Nesta, havia uma familiaridade com a morte, honravam-se as sepulturas, mas os mortos eram mantidos a distância, os cemitérios eram situados fora das cidades. “O mundo dos vivos deveria ser separado dos mortos” (p.17). Estes entraram nas cidades com o culto aos mártires que “eram enterrados nas necrópoles extraurbanas, comuns aos cristãos e aos pagãos” (p. 18).

Estes locais para os mártires venerados atraíram os sepultamentos e muitos mortos passaram a ser aí enterrados. Essa prática está ligada à ideia de que uma vez enterrados perto dos santos e mártires, estes guardariam os mortos enterrados ao seu redor, protegendo-os do inferno. Pode-se dizer que o desaparecimento da repugnância em relação à proximidade dos mortos entre os cristãos antigos deu origem ao enterro *ad sanctos*, o enterro nas proximidades dos túmulos dos mártires, que asseguraria proteção do corpo do defunto e de sua alma ao deixar o corpo para o julgamento.

Assim, os cristãos queriam ser enterrados próximos aos mártires para que não caíssem em pecado e para que fossem protegidos do inferno. Com o tempo, os mortos foram se misturando aos habitantes dos bairros populares da periferia, não havendo mais diferença entre a igreja e o cemitério. O autor descreve o momento dessa distinção:

Chegou um momento em que desapareceu a distinção entre os bairros periféricos - onde se enterrava *ad sanctos*, porque se estava *extra urbem* - e a cidade, sempre proibida às sepulturas. Sabemos que isto se deu em Amiens, no século VI: o bispo Saint Vaast, morto em 540, escolhera sua sepultura fora da cidade. Mas quando os carregadores quiseram levá-lo, não puderam remover o corpo, que de repente tornara-se demasiadamente pesado. Então o arcepreste rogou ao santo que ordenasse “que sejas levado ao lugar que nós (ou seja, o clero catedral) preparamos para ti”. Interpretava bem a vontade do santo, pois logo o corpo tornou-se leve. Para que o clero pudesse, dessa forma, contornar o interdito tradicional e prever que guardaria na catedral os santos túmulos, além das sepulturas que o santo túmulo atrairia, era preciso que se atenuassem as antigas repulsas. (ARIÉS, 1977, p. 23).

O autor arremata, dizendo que,

A separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvido em torno das abadias, penetravam também no coração histórico das cidades. A partir de então, não houve mais diferença entre a igreja e o cemitério.” (ARIÉS, 1977, p. 23).

Nesse ponto convém fazer uma aproximação com a situação de Portugal.

Em Lisboa, os cemitérios, assimilados à densa malha paroquial e conventual, constituíam importantes focos de vida social. Nesses lugares públicos por excelência, refúgio de indigentes e ponto de encontro obrigatório de muitas e variadas gentes, faziam-se negócios, jogava-se, festejava-se, apregoava-se, liam-se proclamações e conheciam-se sentenças. [...] nos adros das igrejas se realizavam: feiras, bailes, representações, entremezes, arrematações, audiências e notificações judiciais, enfim, um conjunto vasto e variado de actividades mundanas que sugerem bem o clima trepidante que se vivia no meio de cruces, pequenos altares e ossadas visíveis. (ARAUJO, 1995, p. 483).

Relativo ao tópico cemitério no Brasil, mais especificamente, em Minas Gerais, Campos (2004, p. 180) diz que: “No XVIII mineiro, os cemitérios eram literalmente acoplados aos monumentos religiosos e raramente cercados ou murados, ocasionando profanações [...] a maior necrópole na Capitania das Minas foi sem dúvida o adro paroquial com covas de reduzida qualificação social e pouca aceitação por parte das populações livre e forra durante o setecentos e primeiro terço do oitocentos.”

Assim, no século XVIII, a religião católica professada tanto em Portugal quanto no Brasil possibilitava que os sepultamentos por aqui fossem realizados no “recinto (*ad sanctos*) e entorno (*apud ecclesiam*) do templo” (CAMPOS, 2004, p, 176). O espaço funerário no entorno do templo era usualmente nomeado “cemitério”, com as covas *apud ecclesiam*.

Segundo a autora,

Desde o Cristianismo primitivo os pobres recebiam covas anônimas e até coletivas no entorno dos templos, próximas ao lugar onde viveram. No setecentos mineiro a população forra, os escravos africanos e crioulos filiados e protegidos espiritual e socialmente pelas irmandades, decididamente, o evitavam, por ser lugar desqualificado e de muitos usos: pastagem para animais, encontros escusos, etc .... Ainda assim, destinava-se para o adro o corpo do escravo sem pecúnia ou sem a proteção do senhor ou padrinho. Contudo, nesse primeiro terço do XVIII, ser enterrado no adro já demonstrava certo zelo, tal o número (impossível de ser calculado pela documentação pesquisada) daqueles que não alcançaram uma campa em espaço sagrado. (CAMPOS, 2004, p. 180).

Relativo à prática funerária, a autora faz referência à diferença da situação de Minas Gerais em relação ao estado da Bahia. Este estado era “marcado pela preferência das elites pelas sepulturas perpétuas e difusão precoce dos carneiros, sepultura privilegiada, que se desenvolveria nas Minas somente em meados do XIX, diante da proibição de se enterrar dentro dos templos (p. 181).”

No rastro do tema cemiterial, vale lembrar Reis (1991) ao abordar o episódio conhecido como Cemiterada - ocorrido em 25 de outubro de 1836 - na Bahia. Foi um protesto contra a proibição dos enterros nas igrejas o qual estabeleceu a entrada em vigor da lei que proibia o enterro nas igrejas. O autor frisa que em 1836, época da Cemiterada, ainda predominava na Bahia a mentalidade da pompa do funeral barroco e que na França “as coisas eram diferentes.” Neste país, “uma nova atitude diante da morte e dos mortos se delineou ao longo do século XVIII no rastro do Iluminismo, do avanço do pensamento racional, da laicização das relações sociais, da secularização da vida cotidiana [...]. Os funerais se tornaram mais econômicos, menos barrocos.” (REIS 1991, p.74). Nesse sentido, o autor traz um dado relativo ao governo português que em 1835 “baixou uma lei proibindo

os enterros nas igrejas e instruindo as autoridades locais a construir cemitérios fora dos limites urbanos, no prazo de quatro anos.” Essa lei, arremata ele, nunca foi respeitada pela população. Rodrigues (2014, p. 262) relata que, no Brasil, essa questão teve idas e vindas constantes e após décadas de tentativas, os cemitérios públicos extramuros seriam, finalmente, implementados na Corte pelo decreto nº 583 de 1850. Sobre essa questão, a autora assim se expressa:

As delongas expressavam as dificuldades de se desvencilhar de uma prática que, se no Brasil era secular (vindo desde o início da colonização), na Europa ocidental era milenar. A dificuldade da municipalidade – e parece que não apenas a do Rio de Janeiro – em promover o distanciamento entre vivos e mortos, nos anos de 1830 a 1840, demonstra duas coisas. A primeira é que, nesse período, a Câmara custava a assumir a tarefa de criar e administrar cemitérios extramuros. O que se dava não apenas por questões financeiras; mas, também, pela dificuldade de assumir como sua uma função que, por séculos, fora das paróquias e associações religiosas. Fator que evidencia mais um aspecto da transição de antigas para novas concepções ligadas à gestão do morrer em sociedades católicas.

Assim, o corpo na Idade Média era confiado à Igreja não importando o que ela faria com ele, desde que fosse mantido dentro de seus limites sagrados.

Os defuntos mais ricos eram enterrados no interior da igreja, não em jazigos abobadados, mas diretamente na terra, sob as lajes do chão; seus despojos tomavam também um dia o caminho dos ossários. Não se tinha a ideia moderna de que o morto deve ter uma casa só para si, da qual seria o proprietário perpétuo - ou pelo menos o locatário por muito tempo -, de que ali

estaria em sua casa, não podendo dela ser despejado.  
(ARIÈS, 1977, p. 24).

É importante salientar que, embora a igreja e o cemitério estivessem interligados, ambos não deixaram de ser lugares públicos, nos quais ocorriam encontros e reuniões, de forma que vivos e mortos conviviam em locais comuns “O cemitério designava, então, senão um bairro, ao menos um quarteirão de casas gozando de certos privilégios fiscais e dominiais.” (ARIÈS, p. 24). Nesse local, vivia-se o prazer de se estar junto, praticava-se o comércio, a dança, os jogos. Enfim, arremata o autor, “durante mais de um milênio estava-se perfeitamente acomodado a esta promiscuidade, entre os vivos e os mortos.”

Para entender um pouco essas questões aqui apresentadas, auxilia o entendimento ter em mente a descrição de Huizinga (2010) sobre as formas de vida e de pensamento na França e Países Baixos na Idade Média (séculos XIV e XV); segundo o autor, havia pouco alívio para as dificuldades cotidianas que eram opressivas e cruéis.

Um pouco desse panorama medieval é assim descrito: “O contraste entre a doença e a saúde era maior, o frio severo e a escuridão medonha eram males mais pungentes. Honra e riqueza eram desfrutadas com mais intensidade, mais avidez, pois destacavam-se da pobreza e da degradação circundantes com maior veemência do que hoje.” A vida mostrava-se de modo ostensiva, cruel e desumana. “Os leprosos chacoalhavam suas matracas e saíam em procissão, os mendigos lamuriavam-se nas igrejas e expunham suas deformidades (HUIZINGA 2010, p. 11) Era grande o contraste entre cidade e campo. As cidades eram compactas, fechadas por muros, com grandes torres e igrejas e o repicar dos sinos suplantara a agitação reinante. “Na vida cotidiana, os sinos eram como espíritos protetores cujas vozes familiares ora anunciavam o luto, a alegria, a paz ou a desordem; ora conclamavam, ora advertiam” (HUIZINGA, 2010, p. 12). No alvoreço da cidade, as execuções eram frequentes e as procissões ocorriam diariamente, além disso existiam “os sermões dos pregadores itinerantes que vinham vez por outra chocar o povo com suas palavras

(p. 15)” e levava, o povo ao sofrimento e pranto copioso com o que era contado.

Ao ter em mente esse cenário, é possível certa aproximação de entendimento da morte apresentada por Ariès, denominada de morte domada. Contrapondo-se a uma morte terrível, causada, por exemplo, pela peste, ou mesmo por uma morte súbita, os povos medievais eram advertidos da chegada da sua morte: “não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer.” (ARIÈS, 1977, p. 17).

O autor descreve a advertência de morte iminente, com premonição recebida pelo moribundo da seguinte forma: “O rei Ban teve uma queda grave. Quando voltou a si, percebeu que o sangue escarlate lhe saía pela boca, pelo nariz, pelas orelhas: ‘Olhou o céu e pronunciou como pôde... Ah, Senhor Deus, socorrei-me, pois vejo e sei que meu fim é chegado.’” (ARIÈS, 1977, p. 18). O aviso da morte era dado por sinais naturais, e, com maior frequência, por uma convicção íntima, como se fosse um reconhecimento espontâneo, uma vez que “não havia meio de blefar, de fazer de conta que nada viu” (p. 18).

Ao receber o anúncio da morte, o moribundo começava a tomar suas providências, considerando-a como algo muito próximo, como algo muito simples, que faz parte dos costumes da comunidade a que pertence. Assim, exemplifica o autor:

Em um mundo de tal forma impregnado do maravilhoso como dos *Romans de la table ronde*, [Romances da Távola Redonda], a morte era algo muito simples. Quando Lancelot, ferido e perdido na floresta deserta, percebe que “perdeu até o poder sobre seu corpo”, pensa que vai morrer. Que faz ele então? Gestos que lhe são ditados pelos antigos costumes, gestos rituais que devem ser feitos quando se vai morrer. Despoja-se de suas armas, deita-se sabiamente no chão; deveria estar no leito (“jazendo no leito, enfermo”, repetirão por muitos séculos os testamentos). Estende seus braços em cruz – o que não é habitual. Era de costume estender-se de modo

que a cabeça estivesse voltada para o Oriente, em direção a Jerusalém. (ARIÈS, 1977, p. 19).

No seu estudo, o historiador mostra que entre a baixa Idade Média (séc. XI ao XV) e o século XVIII, aproximadamente, predominou no mundo ocidental cristão uma atitude de aceitação da morte. A morte familiar chamada morte domada ou domesticada, descrita nesse período, caracterizava-se por uma proximidade entre os mortos e os vivos, regida pela preservação dos diferentes rituais que garantiam a passagem do morto do mundo terreno para o mundo supra-humano, sendo que a morte e o morto não representavam uma ameaça à vida social.

Havia uma participação do coletivo no privado. A integração do homem com a morte acontecia numa grande cerimônia pública, em ritual compartilhado por toda a família, parentes, vizinhos; enfim, toda a comunidade sentia-se envolvida e incorporada aos rituais, preparados com simplicidade, tranquilidade e tempo, uma vez que a morte era anunciada.

Assim, na Baixa Idade Média, o homem acreditava que sabia quando iria morrer, por meio de visões, premonições ou outros sinais. Nesse período, surgiram numerosos relatos de pessoas que morriam no dia e na hora que haviam previsto e que, para tal, preparavam-se.

Ariès conclui a sua descrição de morte domada, que vai até o século XVIII, fazendo uma síntese. Destaca que era uma cerimônia pública, esperada no leito. “Organizada pelo próprio moribundo, que a preside e conhece o seu protocolo. Se viesse a esquecer ou a blefar, caberia aos assistentes, ao médico, ou ao padre trazê-lo de volta a uma ordem, ao mesmo tempo cristã e tradicional” (p. 21). O quarto do moribundo transformava-se, assim, em lugar público, onde se entrava livremente.

Destaca-se ainda a importância da participação dos parentes, dos amigos e dos vizinhos na cerimônia, sendo que estes levavam as suas crianças: “não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças” O autor chama a atenção

para um aspecto, considerado por ele como o mais importante: “a simplicidade com que os ritos de morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos.” (ARIÈS, 1977, p. 21).

Nessa época, as fronteiras entre o natural e o que se designa hoje por sobrenatural eram extremamente tênues. Acreditava-se na onipresença dos mortos entre os vivos, sendo a presença deles sentida por aqueles cuja hora da morte se aproximava.

Coincidente com a descrição de Ariès sobre a fragilidade do limite entre natural e sobrenatural na Idade Média, Macedo *et al.* (2004) afirmam que a morte era o grande momento de transição fundamental das coisas passageiras para as eternas; era um rito de passagem aguardado no leito de casa. O moribundo deveria ficar deitado de costas, porque assim seu rosto estaria voltado para o céu.

Era comum o moribundo, presentindo a chegada de sua morte, realizar o ritual final e despedir-se e, quando necessário, reconciliar-se com a família e com os amigos. Ele expunha suas últimas vontades e morria, na esperança do juízo final, quando alcançaria o paraíso celeste. Naquela época, o falecimento súbito e repentino era considerado vergonhoso e às vezes castigo de Deus, pois a morte casual inviabilizava os rituais da morte considerada domada ou domesticada.

Para que a morte fosse assim anunciada, era preciso que não fosse súbita, *repentina*. Quando não prevenia, deixava de aparecer como uma necessidade temível, mas esperada e aceite, quer se quisesse quer não. Despedaçava então a ordem do mundo em que todos acreditavam, instrumento absurdo de um acaso por vezes dissimulado em cólera de Deus. Por isso, a *mors repentina* era considerada como infame e vergonhosa. (ARIÈS, 2000, p. 18)

De acordo com Macedo *et al.* (2004, p. 4)

O moribundo pedia o seu perdão a todos e deixava as suas recomendações para os que lhe sucediam nas responsabilidades. O corpo era cuidadosamente embrulhado num lençol e, desse modo, era sepultado. Embora revestida de ritos, a morte era aceita com familiaridade e sem excessiva manifestação de tristeza, porque estava demasiadamente presente para ser ignorada numa época em que os meios de prevenção e tratamento médicos eram ainda muito rudimentares. [...] Todos deveriam acompanhar a passagem do moribundo para o além, inclusive as crianças. Lágrimas e choro apenas por parte das mulheres: elas deveriam ficar perto do corpo e gritar, rasgar as vestes, arrancar os cabelos. Era sua função pública.

Retornando a Ariès (1977), vale dizer que essa forma de morrer, por ele denominada de morte domada, perdurou “séculos ou milênios” (p. 21). Pode-se dizer também que essa familiaridade possibilitava “a coexistência dos vivos e dos mortos”.(p. 22).

Os quinze anos de pesquisas e reflexões sobre as atitudes diante da morte nas culturas cristãs ocidentais levaram Ariès a concluir que:

Assim morreram as pessoas durante séculos ou milênios. [...] Essa atitude antiga, atitude para a qual a morte era ao mesmo tempo familiar, próxima e amenizada, indiferente, contrasta com a nossa, em que a morte provoca tal medo que não mais temos coragem de chamá-la por seu nome. É por isso que chamo essa morte familiar de morte domesticada. Não quero dizer que tenha sido selvagem anteriormente, e que tenha deixado de sê-lo. Quero dizer ao contrário, que se tornou selvagem hoje (ARIÈS, 1977, p. 22).

Segundo o autor, é preciso ter a consciência de que a familiaridade com a morte implicava uma concepção coletiva de destinação, “uma

forma de aceitação da ordem da natureza, aceitação ao mesmo tempo ingênua na vida quotidiana e sábia nas especulações astrológicas” (p. 29). Neste sentido, “com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava evitá-la, nem exaltá-la. Simplesmente a aceitava, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor” (ARIÈS, 1977, p. 29).

Ainda, na baixa Idade Média, não era mais legitimado perder o controle e chorar os mortos. O corpo do morto antes tão familiar passava a se tornar razão para sofrimento e assim, durante séculos, ele passou a ser ocultado numa caixa, sob um monumento onde não era mais visível. “Pouco tempo depois da morte e no próprio local desta, o corpo do defunto era completamente cosido na mortalha, da cabeça aos pés, de tal modo que nada aparecia do que ele fora, e em seguida era fechado numa caixa de madeira ou *cercueil* (caixão), termo francês proveniente de sarcófago, *sarceu*” (ARIÈS, 1989b, p. 180 – 181).

De acordo com Macedo *et al.* (2004), entre os séculos XIII e XVII assistiu-se a uma mudança nos rituais funerários que passaram a utilizar o caixão como forma de ocultar o corpo morto. As inscrições anteriormente colocadas junto ao túmulo foram substituídas por placas gravadas e colocadas nas paredes das igrejas. Nessas placas, constavam, além da identificação do falecido e da localização exata do seu corpo, os registros das doações e os compromissos assumidos pelos familiares do morto face à Igreja. Ademais,

A observação de que o corpo após a morte mantém resíduos de vida –que pêlos e unhas continuavam a crescer e que existiam secreções– leva a superstições populares de que tal corpo ainda ouvisse e se lembrasse. O medo predominante, entre os séculos XVII e XVIII, era o de ser enterrado vivo. Desse receio vão emergir vários ritos e cerimônias para atrasar o sepultamento, tais como os velórios de quarenta e oito horas. A morte só é realmente reconhecida, então,

quando o corpo entra em decomposição (MACEDO *et al.*, 2004, p. 10).

Para melhor compreensão dessas mudanças de mentalidade diante da morte passando da “velha ideia do destino coletivo da espécie” e incorporando a “preocupação com a particularidade de cada indivíduo” (p. 29), Ariès analisa uma série de fenômenos: a representação do juízo final no final dos tempos; o deslocamento do juízo para o fim de cada vida, no momento exato da morte; os temas macabros e o interesse dedicado às imagens da decomposição do corpo; a volta à epígrafe funerária e a um começo de personalização das sepulturas. Assim, diz o autor:

Durante a segunda metade da Idade Média, do século XII ao século XV, deu-se uma aproximação entre três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia e as do apego apaixonado às coisas e aos seres possuídos durante a vida. A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo (ARIÉS, 1977, p. 35).

A invasão da consciência relativa à morte se deu principalmente nos séculos XIV-XV, em torno da arte de morrer.

No quarto do moribundo representado nas *artes moriendi*, o universo inteiro está reunido: os viventes deste mundo em volta do leito, e os espíritos do céu e do inferno, que disputam a alma do moribundo, em presença do Cristo e de toda a corte celeste. A vida do moribundo é resumida nesse pequeno espaço e nesse curto momento e, qualquer que seja ela, está agora no centro do mundo natural e sobrenatural. A morte é o lugar da tomada de consciência do indivíduo. (ARIÉS, 1977, p. 252).

O autor Girard-Augry (1986) ao apresentar o livro *Ars Moriendi* (Arte de morrer), afirma ser interessante publicar uma adaptação do livreto de preparação à morte destinado tanto ao moribundo, quanto ao seu acompanhante. É um manual elaborado no século XV com o intuito de orientar as pessoas a alcançarem uma “boa morte”, notadamente cristã. Trata-se, essencialmente do tema da luta entre o bem e o mal, entre a tentação do demônio e os bons conselhos do anjo.

Continuando a descrição de Ariès, diz o autor, a morte, entre os séculos XVI e século XVIII tornou-se objeto de fascínio, foi a era do erotismo macabro e do mórbido. Ao assumir o sentido de ruptura, a morte romântica em sua dimensão pictórica e literária apresentou-se desejável nos romances macabros, *passou a ser indesejável e admirável pela sua beleza*, que lhe deu o Romantismo. Diz Ariès (1977, p. 141) “A morte não se contenta em tocar discretamente o vivo, como nas danças macabras, ela o viola”. O macabro, a partir do século XVI, tornou-se carregado de sentido erótico “O teatro barroco rmultiplica as cenas de amor nos cemitérios e nos túmulos” (p. 142). Quanto ao mórbido refere-se, segundo o autor, ao gosto mais ou menos perverso, mas cuja perversidade não é declarada ou consciente, pelo espetáculo físico da morte e do sofrimento. O autor arremata, afirmando que “do século XVI ao XVIII, o corpo morto e nu tornou-se ao mesmo tempo objeto de curiosidade científica e de deleite mórbido. É difícil separar a ciência fria, a arte sublimada (o nu casto) e a morbidez. [...] Sobre os túmulos onde subsistem os corpos nus, o cadáver não é o primeiro estado de decomposição: é a imagem da beleza.” (p. 143)

A morte, passando a ser romantizada, permitiu a união dos seres que em vida foram apartados pela dor da ida para outro mundo. Embora se dissipasse a ideia de juízo final ou de inferno, persistia a crença na vida para além da existência terrena. “A morte traduzia a possibilidade de evasão e de libertação da alma. O medo dominante era o de que as almas dos defuntos viessem perturbar os vivos” (MACEDO *et al.*, 2004, p.10).

Ao adquirir características eróticas e de morbidez, a morte tornou-se como o ato sexual, “cada vez mais acentuadamente

considerada uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho monótono para submetê-lo a um paroxismo e lançá-lo, então ao mundo irracional, violento e cruel” (ARIÈS, 1977, p. 42).

A complacência com a ideia da morte, um dos traços do Romantismo, foi uma das mudanças nas atitudes diante do morrer e a segunda grande mudança, de acordo com Ariès, refere-se à relação entre o moribundo e sua família. Até o século XVIII, a morte era dirigida particularmente ao moribundo, que manifestava as suas ideias, seus sentimentos, suas vontades. Ao presidir a sua morte, ele dispunha do testamento para fazer valer as suas providências. Segundo Ariès (1977, p. 44), “do século XIII ao século XVIII, o testamento foi o meio para cada indivíduo exprimir, frequentemente de modo muito pessoal, seus pensamentos profundos, sua fé religiosa, seu apego às coisas, aos seres que amava, a Deus, bem como as decisões que havia tomado para assegurar a salvação de sua alma e o repouso do seu corpo” (ARIÈS, 1977, p. 44).

A partir da segunda metade do século XVIII, o teor dos testamentos sofreu uma grande mudança no mundo ocidental cristão, protestante ou católico. Houve substituição das cláusulas piedosas, da escolha da sepultura, da instituição de missas e de serviços religiosos por um ato legal de distribuição de bens materiais, como acontece nos dias atuais.

É preciso lembrar que o erotismo macabro, abordado anteriormente, não deixou de passar para a vida cotidiana, naturalmente sem suas características perturbadoras e brutais, mas de forma sublimada, difícil de reconhecer - pela atenção dada à beleza física do morto. Essa beleza foi um dos lugares-comuns das condolências, um dos temas das conversações banais diante da morte no século XIX e até nossos dias: Os mortos tornaram-se belos na vulgata social quando começaram a realmente ser motivo de medo, um medo tão profundo que não se exprimia senão por interditos, ou seja, por silêncios. A partir de então, não haveria mais representações da morte.

Assim, a morte do século XIX era acompanhada, no leito do moribundo, por ritos e manifestações de choros, súplicas, gestos dramáticos, uma afetividade macabra que o autor explica pela religião emotiva do catolicismo romântico e do pietismo, do metodismo protestante.

As atitudes diante da morte ao longo da Idade Média até a metade do século XIX sofreram mudanças sutis e lentas, quase imperceptíveis para a sociedade contemporânea. Contudo, uma mudança radical revolucionou o fenômeno da morte: “morte tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 1977, p. 53).

A partir do século XVIII, em pleno Século das Luzes e do Barroco, a sociedade ocidental passou a construir uma nova postura diante da morte. O crescente medo que passou a ser visto como ruptura do cotidiano, começou a afastar, gradativamente, o morrer e o morto da socialidade. A morte começou a ser dramatizada e exaltada e o homem passou a ocupar-se cada vez menos de seu próprio óbito. Assim, “a morte romântica, retórica, é antes de tudo a morte do outro – o outro cuja saudade e lembrança inspiram nos séculos XIX e XX o novo culto dos túmulos e dos cemitérios” (ARIÈS, 1977, p. 41).

Segundo Ariès, entre 1930 e 1950, o processo de escamoteamento da morte apresentou uma rápida evolução devido ao deslocamento do lugar da morte: “já não se morre em casa, em meio aos seus, mas sim no hospital, sozinho” (ARIÈS, 1977, p. 54). Há, portanto, nos dias atuais, uma inversão nas atitudes diante do falecimento em relação à Idade Média. A morte deve ser escondida de todos, nem mesmo o moribundo é avisado que vai morrer. Os espaços da morte passam a ser de domínio da equipe do hospital, dos médicos e dos profissionais da enfermagem, que exercem esses domínios com a cumplicidade da família e da sociedade. O moribundo não sente a morte chegar, da mesma forma espera-se que se perceba o menos possível o ocorrido; manifestações de luto e emoções são condenadas e abolidas; não se tem mais o direito de chorar a perda de entes queridos. Em certo sentido, a morte é um fracasso da medicina. Depois de morto, o defunto é

encaminhado ao necrotério e daí, ao velório. A cremação parece ser, na atualidade, o meio mais eficaz e radical de fazer desaparecer e esquecer os restos do corpo, de anulá-los.

No entanto, de acordo com Macedo *et al.* (2004), cultiva-se a recordação dos mortos com uma grande intensidade afetiva, outrora inusitada. Tal mudança vai se afirmar, sobretudo a partir de 1918, a partir da I Grande Guerra, e acompanha o homem ocidental até recentemente. O local mais comum da morte deixa de ser a casa e passa a ser o hospital, onde esta é ocultada e a família, muitas vezes, afastada. O hospital do séc. XX, além de ser um local onde se cura e onde se pode morrer devido a um fracasso terapêutico, transforma-se no lugar da morte. Ao ser transferida para o hospital, a morte deixa de pertencer ao moribundo ou à sua família e começa a se configurar, diferente de outrora, em um momento regulado e organizado por uma burocracia, cuja intenção é a de que a sua função perturbe o menos possível a sociedade em geral.

A morte no século XX, denominada de morte interdita, tem origem em atitudes que se manifestavam no século anterior: as pessoas que estavam próximas do moribundo tendiam a poupá-lo, ocultando a gravidade do seu estado. No entanto, a dissimulação não durava muito, e, em algum momento, o moribundo deveria saber do seu real estado, sendo que os parentes não tinham mais a coragem de dizer a eles próprios a verdade. “A verdade começa a ser problemática”, diz Ariès, pois a morte só traz infelicidade, sentimento que surge com a modernidade: “evitar não mais ao moribundo, mas à sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz, ou deve aparentá-la” (ARIÈS, 1977, p. 54).

A transformação da morte em objeto de interdição é considerada um fenômeno curioso na sociedade industrial capitalista. À medida que a interdição em torno do sexo foi atenuando, a morte foi se tornando um tema proibido. Segundo Ariès (1977), a ideia de uma interdição sendo substituída por outra tem origem nos estudos do

sociólogo inglês Geoffrey Gorer, no livro *Pornography of Death*, contendo reflexões sobre a mudança da função social do luto em que ele demonstra como a morte tornou-se um tabu e como, no século XX, substituiu o sexo como principal interdito.

Antigamente, dizia-se às crianças que se nascia dentro de um repolho, mas elas assistiam à grande cena das despedidas, à cabeceira do moribundo. Hoje, são iniciadas desde a mais tenra idade na fisiologia do amor, mas, quando não veem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim entre as flores (ARIÈS, 1977, p. 56). Realmente, na atualidade, os pais evitam ou não permitem que seus filhos tenham contato com a morte. As crianças não são levadas ao velório, para que não vejam e não se converse sobre a morte, um assunto temido em nossa sociedade.

Assim, na Idade Moderna, depois da Revolução Industrial, a morte pouco a pouco se transformou num tabu: expulsa do cotidiano foi entregue aos cuidados do saber médico. As mudanças são sempre gradativas, como afirmado anteriormente. Alguma transformação já despontava do fim do século XVIII, segundo Ariès (1977, p.21), “os médicos que descobriram as primeiras regras de higiene, queixavam-se do excesso de pessoas no quarto dos agonizantes”

Alguns séculos depois, o óbito passou a ser um fenômeno técnico, dos profissionais de saúde e da equipe hospitalar, não mais da família. Como não se tem mais tempo de cuidar dos velhos e dos doentes, essa incumbência é delegada aos hospitais, que estão mais preparados para salvar vidas e menos cultuar a morte. Nos dias atuais, o homem por não ver a morte (ou não querer ver) com muita frequência e muito de perto, esqueceu-a ou finge que ela não existe; ela se tornou selvagem e, apesar do aparato científico que a reveste, perturba mais o hospital, lugar de razão e técnica, do que o quarto da casa, lugar dos hábitos da vida cotidiana.

Para Macedo *et al.* (2004, p. 10)

A notícia de um possível morrer é muitas vezes ocultada do moribundo, ao qual é negada a

possibilidade de se preparar para a sua própria partida do mundo terreno. A boa morte é a que não se pressente e passa despercebida, apenas com um breve suspiro a anunciar o término da vida. Atualmente, assiste-se a uma pressão impiedosa da sociedade, no sentido de suprimir a manifestação pública do luto, bem como a sua expressão privada insistente e longa.

Como visto, as igrejas deixaram de ser o local dos enterramentos, os quais passaram a ocorrer em cemitérios, construídos nas margens da cidade, marcando assim uma dicotomia entre vivos e mortos. Os sepultamentos deixaram de ser anônimos, o que marca um movimento de individualização das sepulturas e de preocupação em demarcar o lugar onde havia sido depositado o corpo do defunto. “Pretendia-se agora ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado, e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família” (ARIÈS, 1989a, p. 50).

O velório também deixou de ser realizado na casa da família na qual antes o corpo ficava exposto e era visitado pelos entes queridos. A presença do morto em casa tornou-se cada vez menos tolerada, tanto em função de questões de higiene, quanto por falta de condições psicológicas de se vivenciar esta situação.

É importante isolar um dos aspectos anunciados por Ariès na transformação da morte domada em morte selvagem: a defesa da sociedade contra a natureza selvagem. No seu entender, o caráter público da morte e de sua ritualização no modelo denominado de morte domada reflete uma forma de a sociedade defender-se da imprevisibilidade da natureza. A ritualização da morte, com suas interdições e concessões, é uma estratégia do homem contra a natureza. Por isso, a morte não foi abandonada em si mesma, mas, ao contrário, foi aprisionada dentro de suas cerimônias, transformada em um espetáculo; também por esse motivo, não pode ser um evento solitário, porém um fenômeno público abrangendo toda a comunidade (ARIÈS, 1977).

Trata-se, assim hodiernamente, de uma morte tornando-se selvagem, indomesticável: a morte invertida. Quando ela se torna selvagem e a sociedade se sente cada vez menos comprometida com o óbito de um de seus membros, sua relação com a natureza já é outra. A sociedade não julga necessário defender-se de uma natureza selvagem, que foi abolida e humanizada por meio do progresso científico-tecnológico, particularmente na área da saúde. Dessa forma, a medicina passa a substituir a comunidade no papel de instância normatizadora da morte: de uma morte invertida, visto que é expulsa do cotidiano social; para a selvagem, visto que é rejeitada e terrivelmente temida.

Para Ariès, o atual interdito da morte está fundado sobre as ruínas do puritanismo, em uma cultura urbanizada na qual predomina a busca da felicidade ligada à do lucro, a um crescimento econômico rápido e ao prazer constante.

Maranhão (1992) afirma que a sociedade ocidental contemporânea tem estabelecido, por meio de formas culturais, a interdição da morte e de tudo o que está relacionado a ela com o intuito de negar tal experiência. Os ritos funerais apresentam cerimônias mais discretas, condolências breves e o encurtamento no período dos lutos.

Depois dos funerais, o luto propriamente dito. O dilaceramento da separação e a dor da saudade podem existir no coração da esposa, do filho, do neto; porém, segundo os novos costumes, eles não deverão manifestá-los publicamente. As expressões sociais, como o desfile de pêsames, as “cartas de condolências” e o trajar luto, por exemplo, desaparecem da cultura urbana. Causa espécie anunciar seu próprio sofrimento, ou mesmo demonstrar estar sentindo-o. A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação. O

luto associa-se à idéia de doença. O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena (MARANHÃO, 1992, p. 18-9).

Maranhão, em finais do século passado, já apontava para a mudança que hoje com a covid-19 está se tornando mais nítida. Ele alardeia, em sua obra, que as cerimônias tornaram-se mais discretas, as condolências breves e compara as lágrimas das pessoas que exprimem seu pesar com as excreções de um vírus. Arremata ele que essa lágrima contagiosa obriga ao isolamento e ao cumprimento de quarentena. A pandemia da covid-19 veio alterar o entendimento que temos da vida e indicar, com mais precisão, as atitudes diante da morte nos tempos atuais. Modificou hábitos e costumes da convivência humana.

Ao situar a questão da morte no tempo presente, vale retomar o termo empregado por Pascal (2009) de sociedade contemporânea hipertecnológica. Nesta, a morte ainda surpreende e espanta. Quando advém de um acontecimento imprevisto, causa ainda mais perplexidade e admiração, é o caso das mortes que têm ocorrido devido à pandemia da covid-19.

Independente de onde e quando, importa saber que um evento nessa medida e valor colabora com o surgimento de atitudes que começavam a se mostrar e estavam sendo adiadas por desafiarem costumes consolidados. Dito de outra forma, no cotidiano, parece que principou, de modo mais nítido, um conjunto de atitudes, tanto na vida das pessoas, como diante da morte. Muitas transformações estão acontecendo neste momento. Onde será a chegada? Ainda não se pode dizer. A essas condições de mudança, pode-se denominar de tendências.

É possível esboçar algumas dessas tendências, lembrando que a atual pandemia trouxe uma reestruturação no morrer vigente, bem como determinou algumas rupturas nas formas de viver, as quais também já estavam surgindo. É importante apresentar breve descrição desse atual viver cotidiano. Há muito já se falava em

*home office*, que foi colocado em prática agora de modo mais amplo. A pandemia trouxe a interrupção temporária ou não de atividade ou trabalho presencial. O aluno ficou impedido, por algum tempo, de assistir às aulas presenciais. Há muito vem sendo discutido o trabalho escolar *on-line* e agora ele tornou-se premente e assim seu esboço, seus primeiros contornos ganharam expressão na urgência do momento trazido pela pandemia. Os empregados, funcionários, desportistas, bolsistas ficaram impedidos do exercício das funções às quais se dedicavam, podendo sofrer concomitantemente a supressão de pagamento devido às atividades não exercidas. Sim, a pandemia, atingiu o mundo, chegou até nós trazendo mudanças de atitudes no dia a dia de todos. É verdade, impôs o isolamento, bem como colocou a morte no centro da vida e da notícia.

Surgiram novas formas de participar do cotidiano, da vida diária, seja por novos meios de participação em comunidade, de andar em via pública, convivência entre amigos e na vida familiar, sejam novas maneiras de comprar, de cozinhar, de vestir-se, de consumir, ou também de viver a saúde, a doença, o morrer, o enterrar... Muitas mudanças estão ocorrendo. Tudo isso levará a que ponto? Não se sabe. Está-se, não diante de uma porta, mas de uma janela fechada por uma cortina branca. Podem-se apenas esboçar algumas conjeturas a partir de algumas frestas dessa cortina que permite lançar um olhar para o passado e pequenos movimentos que já estão se estabelecendo. Estas frestas mostram algumas possíveis tendências. A covid-19 faz-se acompanhar de um conjunto de condições que podem trazer à tona novas formas de estudar, de participar da vida familiar, de ser e estar junto, de cozinhar, de se vestir, de consumir, de lidar com a morte.

Com a suspensão dos muitos contatos da convivência externa e com o destaque dado ao “ficar em casa”, a inflexão passou a recair sobre os laços familiares, na união ou desunião entre os vivos, na aproximação brusca e mais frequente com a morte, percebe-se que este é o mundo anterior, mas com cara de novo mundo. Como se costuma dizer que, passado o susto inicial, as providências urgentes serão incorporadas, será possível chegar ao *novo normal*. Será? As variantes do vírus estão

aí para dizer “até quando”? Quanto à simbologia da morte, esta passou a ter assento sob a marca do isolamento e do distanciamento, sem permissão para aproximações e seguimento de rituais fúnebres: velar o corpo morto em tempos e pela covid-19 não é permitido.

Na esteira do nascimento, segue a morte e ambos, não há dúvida, são os eventos mais importantes da vida. “Nascimento e morte pertencem igualmente à vida e se contrapesam. Uma é condição da outra. Formam os dois extremos, os dois polos de todas as manifestações da vida” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 107). Entre um polo e outro está a vida cotidiana, que segue seu curso, com novos traços, outros contornos e aparência diversa.

Como descrito anteriormente por Ariès, em tempos longínquos, a morte era um acontecimento social que ocorria em casa, com o moribundo rodeado de muitas pessoas. A denominação dada por ele foi morte domada. Em contraposição a esse tipo de atitude diante da morte, em tempos de coronavírus, a morte pode ser nomeada como indômita. Essa situação é diferente da morte domada em muitos aspectos, bem como foge da forma de vivenciá-la nos tempos anteriores à emergência da pandemia do coronavírus.

Para melhor entendimento da forma como as pessoas precisam portar-se e agir, em função de situação pandêmica, vale descrever um pouco a situação atual relativa à pandemia. Por ser altamente transmissível, quando ocorre a internação do paciente com a covid-19, ele precisa de isolamento em local hospitalar reservado a doentes portadores de moléstias infectocontagiosas. Implica também o isolamento dos pacientes em relação às pessoas próximas a ele – amigos, familiares. Sendo assim, o paciente é isolado de tudo e de todos e desse modo continua até a alta ou a morte. Quando moribunda, a pessoa não pode receber nenhuma visita; portanto, passa seus últimos dias de vida em sofrimento físico e total solidão. Os familiares e amigos não têm nenhuma interação com o doente internado devido à covid-19 o que, em geral, traz muita angústia. Dependendo do estado de consciência do doente e da equipe de saúde do hospital, são realizadas vídeo chamadas, condição que permite um

contato virtual entre família e paciente. Vale ressaltar que até mesmo o óbito é comunicado sem interação entre as pessoas, ou seja, é feito à distância. A morte no hospital ocorre com a pessoa isolada: portanto, morre-se sozinho. O manuseio do corpo é mínimo. O morto é colocado em um caixão, sem vestes e levado pela funerária.

Nessa morte denominada aqui de indômita, os pacientes confirmados ou suspeitos da covid-19 permanecem em isolamento e quando ocorre o óbito, os velórios e funerais não são aconselhados. Em Belo Horizonte, o funeral ocorre sem cerimônia, com a presença de no máximo dez pessoas, de modo a evitar aglomeração. A urna é mantida lacrada, não é permitido nenhum contato com o corpo, tampouco contato físico entre os presentes e exige-se a manutenção de distância mínima de, pelo menos, dois metros entre as pessoas. Há exigência de uso de máscara cobrindo nariz e boca e permanência o mínimo possível no local do enterramento (ou cremação), respeitando medidas de isolamento social e de etiqueta respiratória.

Esta descrição que acaba de ser apresentada coincide com o estabelecido pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2020), logo no início da pandemia, quando diz que os falecidos devido à covid-19 poderiam ser enterrados ou cremados. Foram publicadas formas de manejo dos corpos e as orientações a serem seguidas por familiares. Durante todo o velório e funeral é preciso manter a urna funerária fechada e disposta em local aberto ou ventilado; evitar, a presença de pessoas que pertençam ao grupo de risco para a covid-19; não permitir alimentos e, quanto a bebidas, observar o não compartilhamento de copos; não permitir aglomeração de pessoas, com presença de no máximo dez pessoas, respeitando a distância mínima de dois metros.

Estas determinações como visto indicam mudanças nas formas de expressão e nas práticas referentes ao velório e ao enterramento das pessoas, ensejando reclamação daqueles que dizem desejar um velório feito dentro dos padrões anteriores. Diante disso, fica uma dúvida: tudo isso, de alguma maneira, não tem contribuído para excluir a cena da morte e com ela o sentimento aflitivo intenso e angustiante causado pela partida de alguém, levando assim a morte

para longe da visão de quem fica? Esse é um questionamento a não ser aqui respondido. O que, nesse momento se sabe, é que as pessoas estão morrendo e o corpo sendo tratado em nome da higiene, seguindo seu curso silenciosamente e em condições cada vez mais solitárias. É uma morte indômita, isolada, solitária e silenciosa. Há outros aspectos que precisam ser considerados, para os quais não se tem resposta e que são aqui expostos em forma de questionamentos.

A morte aqui descrita não seria uma oportunidade de evitar estar ao lado de quem está morrendo e de não ter de interagir com ele? O isolamento do moribundo proporciona à pessoa que deveria acompanhá-lo a possibilidade de ficar distante da perda gradativa da capacidade mental do enfermo e de livrar o acompanhante de presenciar o sofrimento do ente querido e de ver o corpo dele definhando dia após dia? Essa situação de afastamento possibilitaria ao responsável/parente/acompanhante o distanciamento da experiência que inevitavelmente leva à reflexão de que um dia ele também passará pelo processo de morte? A ideia de morte carrega muitas vezes desejo de fuga, bem como traz sentimentos ambíguos que frequentemente se opõem e mostram as contradições que a ideia de decomposição e destruição irreversível revela? Estar próximo de alguém que morre traz para o acompanhante o sentimento da própria finitude? O processo de uma morte indômita, isolada de tudo e de todos, poderá adiar para muitas pessoas a angústia, a sensação do nada trazido pela iminência do óbito? Estas são dúvidas, questões a serem refletidas, ficando, portanto como alavanca para outras pesquisas.

É conveniente voltar a atenção para o fato de que o mundo já viveu outras e muitas crises, catástrofes, pandemias; todavia, é preciso considerar que a humanidade parece pouco preparada para essas situações. Os anos de 2020 e 2021, e esse início de 2022, com o começo do conflito bélico Rússia-Ucrânia, têm tido um frequente cenário de morte com o qual não se está habituado. Vale aguardar esses acontecimentos. O intuito aqui é apenas registrar esse fato que poderá transformar-se, ou não, em mais um cenário real e midiático de morte. Limitando-se à covid-19, uma vez que a crise bélica de 2022

apenas teve início, é conveniente ter em mente que a maioria das mortes por coronavírus ocorre de modo inesperado e súbito e tem mudado a forma de familiares e também de profissionais de saúde acompanharem o moribundo e o falecimento. Essa pandemia, de algum modo, transformou o rumo da humanidade. O que começava a brotar teve que se impor, seja o sistema de trabalho remoto, o atendimento eletrônico, a realização de reuniões por videoconferência, a teleaula entre tantas outras inovações conduzidas e levadas avante no dia a dia. A covid-19 também modificou a proximidade entre pessoas no que se refere ao estarem juntas. Muitas pessoas, por não poderem sair de casa e visitar familiares, não terem contato físico com amigos e não poderem andar nas ruas, sentem-se sozinhas, isoladas; mesmo estando entre outras pessoas dentro de casa, acham-se em um deserto de isolamento. Com certeza, lidar com esta sensação de solidão é um enorme desafio, um longo aprendizado.

Enfim, vale destacar que a morte em tempos de covid-19 remete a um tipo híbrido em que há mistura de elementos diferentes da morte natural e da morte violenta. Tal qual a violenta, ela tem características de ruptura e de ser inesperada, repentina, abrupta, mas ao mesmo tempo é lenta e gradual, trazendo conotações da morte natural. Para terminar, mas também como forma de abrir outras frestas nesta cortina branca minimamente esboçada aqui, propõe-se entreabrir brechas para outros olhares que direcionam caminhos para outras reflexões e discussões sobre a morte. A forma de morrer e de lidar com a morte propõe ao homem o desafio de pensar sobre a sua própria condição de ser no mundo e ser/estar com os outros.

Vale refletir que historicamente os ritos funerários, desde o anúncio da possibilidade do acontecimento, ao acompanhamento do moribundo, às cerimônias fúnebres até o enterramento ou à dispersão das cinzas da pessoa, a visita aos cemitérios costumavam ser acompanhados por familiares, amigos e conhecidos. No antes da pandemia, falava-se dos enterramentos, dos funerais, das visitas aos cemitérios, das lápides, das cruzes e das flores no cemitério. Nos funerais, ouviam-se cânticos e orações de encaminhamento da alma.

A discussão pós-morte envolvia os objetos deixados: roupas, móveis do quarto, cadeira predileta, joias, herança ou até a negação da perda do outro. Hoje reina o distanciamento, o isolamento e o silêncio. Será que o pós-pandemia ainda será assim? Que atitudes permanecerão? O tempo dirá.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. C.C. S. B. **A morte em Lisboa: atitudes e representações : 1700-1830** Coimbra, ed. aut., 1995 (Tese de doutoramento em Letras (História Moderna e Contemporânea) apresentada à Fac. de Letras da Universidade de Coimbra) Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/689>. Acesso em: 13 mar. 2023.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ARIÈS, P. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989a.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989b. v.1

ARIÈS, P. **O homem perante a morte**. Portugal: PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA. 2000. Disponível em <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Livro-o-Homem-Perante-a-Morte/72995224.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BERGER, Peter L., BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? In : FORACCHI, M. M., MARTINS, J.S. (Org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro : Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 193-199.

BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19**. Brasília/DF. Disponível em: [https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo\\_corpos\\_coronavirus\\_versao1\\_25mar20\\_rev3.pdf](https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo_corpos_coronavirus_versao1_25mar20_rev3.pdf). Acesso em: 06 mar. 2022.

CAMPOS A. A. Locais de sepultamentos e escatologia através de registros de óbitos da época barroca: a freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto **VARIA HISTORIA**, n. 31, p. 159-183, jan. 2004

Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/57ab5ac2579fb31a879758d7/1470847702062/Campos%2C+Adalgisa+Arantes.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2023

CORRÊA, J. A. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008.

GIRARD-AUGRY, P. **Ars Moriendi (1492)** ou l'art de bien mourrir: l'aiguillon de la crainte divine pour bien mourrir des peines de l'enfer et du purgatoire et des joies du paradis. Paris: Dervy-Livres, 1986.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* 15. Petrópolis: Vozes, 2005

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010

JANKÉLÉVITCH V. **La mort. Paris** : Flammarion, 2017, (pour cette nouvelle édition ISBN: 978-2-0814-1649-9) Disponível em: <<https://excerpts.numilog.com> > books > Acesso em: 17 fev 2022.

LE BRETON, D. **Do silêncio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MACEDO, H. A. M *et al.* De como os mortos viam os vivos: do imaginário dos moradores da comarca do Príncipe, Rio Grande do Norte, Brasil, sobre a morte na segundo metade do século XIX. **Revista de Antropologia Experimental**, nº 4, 2004. Disponível em <http://www.ujaen.es/huesped/rae/articulos2004/medeiros2004.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 2 ed. São Paulo;/ Brasiliense, 1992.

MORIN, E. **Meus demônios**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NEMENOV, A. Rússia invade a Ucrânia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, n. 28.562. 24 fev. 2022, Internacional, p. 9, Disponível em: [www.em.com.br](http://www.em.com.br). Acesso em: 24 fev. 2022

PASCALE, E. **La mort et la résurrection**. Paris: Éditions Hazan, 2009.

REIS, J. J. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX. Companhia das letras: São Paulo, 1997.

REIS, J. J. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil , do século XIX, São Paulo: Companhia das Letras, 1991

RODRIGUES C. A criação dos cemitérios públicos do Rio de Janeiro enquanto “campos santos” (1798-1851) **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro** n.8, 2014, p.257-278 Disponível em: [http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e08\\_a15.pdf](http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e08_a15.pdf) Acesso em : 20 fev. 2022.

SCHOPENHAUER, A. **El amor, las mujeres y la muerte**. 27. ed. Madrid: COFAS, 2009

THOMAS, L-V. **La mort en question**: traces de mort, mort des traces. Paris: L'Harmattan, 1991.

## 2 MORTE, MÍDIA, COVID-19 E A ENFERMAGEM

### INTRODUÇÃO

Atualmente, enfatiza-se o aproveitar a vida intensamente, sendo que, neste cotidiano, o ser humano busca deixar a morte em segundo plano, entre frestas estreitas. No dia a dia atual, prevalece a morte hospitalar, deixada aos cuidados e responsabilidade dos profissionais de saúde, ao contrário do antigo hábito de a morte ocorrer principalmente nos lares. Por outro lado, também ocorre a vivência do óbito de forma escancarada, estampada na mídia, muitas vezes em tempo real.

A imprensa apresenta maior visibilidade ao que antes era quase invisível, o que era da ordem da imaginação ou ocorrência episódica na vida das pessoas e traz para reflexão uma série de inquietações que traduzem a complexidade da ideia de morte no dia a dia de todos nós.

Os diversos meios de comunicação referem-se à morte de formas muito variadas e decerto não se trata somente daquela que ocorre nos hospitais, vivenciadas todos os dias pelos Enfermeiros e sua equipe e que leva as pessoas comuns e anônimas aos velórios, aos cemitérios e ao luto. É um óbito que ultrapassa a fronteira do cotidiano de modo a expor eventos extraordinários ou inusitados que envolvem a morte de outros, distantes das nossas relações, mas, ao mesmo tempo, próximos ao que temos em comum: somos todos mortais.

Poderíamos dizer que os meios de comunicação fazem emergir em suas transmissões algo que “valha a pena” ser divulgado, que possa atrair as audiências de modo espetaculoso, ou ser “algo novo”, adequado para virar notícia.

Afinal que interesse haveria na transmissão pela televisão das mortes por covid-19? Os relatos dramáticos das pessoas que vivenciaram as suas perdas na pandemia? O sofrimento no trabalho cotidiano dos Enfermeiros e da sua equipe na pandemia? Nesse texto, objetivamos refletir sobre as questões que envolvem a morte, a mídia, a covid-19, o Enfermeiro e a equipe de enfermagem.

## **METODOLOGIA**

Este estudo tem caráter qualitativo e faz uso de imagens das mídias jornalísticas para refletir as questões relacionadas com a morte, covid-19 e o trabalho de Enfermeiros e sua equipe, portanto é estudo semiótico. As dez imagens foram retiradas dos jornais da web e passaram por análise semiótica peirceana com o intuito de compreender os modos de significação, denotação e informações dos signos e como eles podem ser usados e os efeitos que provocam nos receptores (PIERCE, 2010) e a seguir discutidas com a literatura pertinente.

Além do uso das imagens, o texto refletiu sobre o relato de uma integrante do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Quotidiano em Saúde (NUPEQS), (nome fictício Alda), sobre o adoecimento e morte do seu pai na pandemia por covid-19. O relato foi gravado, transcrito e analisado com a literatura pertinente.

Nesse estudo, foram seguidos todos os preceitos éticos que norteiam as pesquisas em ciências humanas e as normativas que regem os estudos com seres humanos e foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (CEP PUC Minas) e aprovado, sendo o seu CAAE 61657922.0.0000.5137.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As nossas reflexões têm início com alguns instantâneos do dia a dia mostrados na mídia no ano de 2010. Um homem assassinado na rua com o corpo estendido no chão é exposto em fotografia de jornal; os telejornais mostram em tempo real e com riqueza de detalhes o marido assassinando a esposa cabeleireira no salão de beleza e na presença das clientes; na internet, são mostradas dezenas de corpos de haitianos mortos por terremoto, empilhados e degradando-se, dando-nos conta de que a capital, Porto Príncipe, tem em cada canto, o cheiro de morte. Nessa catástrofe, o terremoto devasta quase tudo, inclusive

os rituais que normalmente acompanham a partida do defunto: os corpos são abandonados nas ruas ou jogados e empilhados em valas comuns. As tragédias modificam os costumes, resvalando ao macabro.

Diante da possibilidade da morte, o melhor para o receptor midiático é tentar não pensar nela como algo real e próximo, mas distante e quase irreal. A mídia parece não ter a ver com o mundo vivido, parece estar em outra dimensão e o acontecer é com os outros que nem se sabe quem são; portanto, é razoável fugir desse tema de forma direta, vê-lo e tratá-lo como algo inatingível que existe, porém longe do profissional que divulga o acontecimento, a morte existe como imagem distante de seu emissor.

Martins (2011, p.125) nos diz que, a mídia “com terror, comoção e compaixão” aumenta a nossa sensibilidade e esses sentimentos “passivos e extáticos” paralisam, parece que o intuito é criar uma relação mais próxima e afetiva com aquele que vê as imagens, ou seja, nós, os espectadores que ficamos horrorizados.

Em 2020, com a pandemia, a mídia estampou por várias vezes, a morte nas telas das TV, computadores, tablets e smartphones, como podemos ver na figura 1.

Figura 1 – Caminhões transportam caixões de Bergamo (Itália) para outras cidades



Fonte: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/com-necrotério-lotado-caminhoes-transportam-caixoes-de-bergamo-para-crematorios-de-outras-cidades-24314132>.

A imagem mostra o “desfile” de caminhões do exército italiano que devido à lotação do necrotério de Bergamo – Itália, transportavam caixões de vítimas de covid-19 para outras cidades. Bergamo teve em 24 horas, 500 mortes pelo coronavírus e não apenas o povo europeu, como o mundo ficaram estarelecidos com os óbitos desenfreados na Itália. Os 70 caminhões do exército transportavam caixões com os corpos das vítimas da covid-19, para crematórios em outras cidades. Provavelmente, essa foi uma das imagens mais sombrias associadas à pandemia. Na Itália, os casos cresciam exponencialmente, os cientistas apontavam para a necessidade de restrição de circulação, mas os governantes, pressionados pelo setor econômico, somente atenderam a esse chamado 30 dias depois, quando o país tornou-se o epicentro da pandemia e a mídia noticiava as mortes crescentes e o sofrimento gerado.

Biondi (2010) diz que as imagens de sofrimento veiculadas pela imprensa não só revelam a história e o contexto do ocorrido, mas, levam as pessoas a se apropriarem e experienciarem a dor do outro, a partir de uma narrativa melodramática e trágica.

O trágico, o prazer e a solidariedade estão conectados porque sabemos que o que acontece com os outros ameaça a todos da mesma forma, “isto é o destino: hoje é você, amanhã poderei ser eu”. É disso que as mídias são ávidas, existe um sucesso na transmissão das tragédias e catástrofes porque elas geram identificação, tornam as pessoas mais empáticas e conduzem ao reconhecimento e à aceitação do outro em mim mesmo (MAFFESOLI, 2003).

Em janeiro de 2021, assistimos a cenas semelhantes às da Itália no Brasil, no entanto não foi uma fila de caminhões, mas sim uma fila de cilindros de oxigênio vazios (Figura 2).

Figura 2 – Falta de oxigênio em Manaus

PANDEMIA DE CORONAVÍRUS -

### **400 reais para respirar mais quatro horas em Manaus**

Promotoria investiga meia centena de pacientes mortos na capital do Amazonas por falta de oxigênio nos hospitais . “O que vocês estão vendo não é nem a metade do que está acontecendo”, se indigna Érica Nogueira



Familiares de enfermos con graves problemas respiratorios hacen cola ante una empresa que refina los cilindros con oxígeno en Manaus el pasado martes. BRUNO KELLY (REUTERS)

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-24/400-reais-para-respirar-mais-quatro-horas-em-manaus.html>.

Ao observarmos a figura 2, notamos a postura corporal das pessoas, o posicionamento delas na foto, a fila dos cilindros de oxigênio, olhares fixos em algo que não enxergamos e um enquadramento aberto que permite ver a multidão. Tudo isso configura sofrimento

melodramático, cuja transmissão busca causar comoção àqueles que veem a imagem apresentada pela mídia. Como diz Martins (2011, p.125) a emoção, que não fazia parte do discurso da imprensa pelo desejo de ser mais objetiva, retorna, na atualidade, às telas de forma frenética “numa intimação da sensibilidade”, com um discurso midiático “sensível, comovido e efervescente, um discurso exacerbado emocionalmente”. Buscou-se apenas ver a imagem midiática e, conseqüentemente, não poderíamos desconsiderar o sofrimento real das pessoas naquele instante, na cidade de Manaus.

A segunda onda em Manaus foi uma catástrofe com recordes de casos, mortes e internações, aliados à falta de leitos, de profissionais de saúde e principalmente de oxigênio. Novamente as mídias sociais mostraram cenas estarrecedoras, com pessoas desesperadas, filas de carros funerários, instalação de câmaras frigoríficas para colocação dos corpos e a notícia de que as pessoas morriam por asfixia dentro dos hospitais devido à falta de oxigênio, o que gerou revolta e comoção nacional.

A morte de milhares de pacientes se apresentou-se como espetacular, produzindo uma ruptura no cotidiano das pessoas e mesmo no da morte. As imagens foram potencializadas, estampadas entre os vivos, nos velórios restritos, nos cemitérios vazios e nos obituários cartoriais que cresciam a cada instante. E como diz Morin (2021), um minúsculo vírus provocou uma entrada impetuosa e súbita da morte na vida cotidiana que até então era postergada para o futuro, e passamos a contar os mortos todos os dias.

As catástrofes, as mortes, o “desfile militar”, os cilindros de oxigênio foram mostrados na mídia como um espetáculo de dor e sofrimento, que segundo Maffesoli (2005) foi um contributo para uma “espécie de apocalipse” que fragilizou a nossa racionalidade. As imagens pareciam nos querer mostrar que “a vida talvez não valha nada, mas, já sabemos, nada vale a vida”. O trágico nos permitiu pensar “além das ideologias tranquilizadoras”, fez-nos apelar para a lucidez que nos fortificava. Ao viver a morte todos os dias, entendemos, de forma homeopática, a morte e buscamos uma maneira de viver melhor

a vida, nas pequenas liberdades vividas no dia a dia, dando a ela uma qualidade intensa, enfatizando o presente.

A acentuação do presente foi uma maneira de expressar a aceitação da morte ; viver no presente, é viver a morte todos os dias, é afrontá-la e assumir que ela, a morte existe (MAFFESOLI, 2003), e percebemos a atualidade disso em tempos de covid-19.

No adoecimento pela covid-19, a pessoa internada não pode receber visitas; portanto, quando está para morrer, a maioria passa seus últimos dias de vida, sem possibilidade de se comunicar face a face, com os profissionais de saúde e familiares. Nessa fase, a pessoa doente está, muitas vezes, em uso de sedativos, remédios que a colocam para dormir, analgésicos para aliviar a dor e bloqueadores neuromusculares, que paralisam toda a musculatura, para facilitar o uso de ventiladores mecânicos que a auxiliam a respirar. Os familiares e amigos não têm nenhuma interação com o doente internado por covid-19, principalmente quando está na unidade de terapia intensiva, fato que, em geral, traz muita angústia. Dependendo do estado de consciência do doente, a equipe de saúde do hospital realiza vídeochamadas, condição que permite um contato virtual entre família e paciente; em muitas situações, é enviado aos familiares apenas um vídeo do paciente. Não resta dúvida de que, nesses tempos de coronavírus, a forma de comunicação preponderante passou a ser via telefone celular, por mensagem de texto, áudio ou vídeochamada.

Sob um outro ângulo, é importante ressaltar que a pandemia, ao impor o estar em casa, aproximou entre si os familiares, tanto para momentos agradáveis e solidários quanto para acirrar desavenças e conflitos. Como relata Alda, nome fictício de uma pessoa do NUPEQS, referindo-se à mãe de uma aluna *“a convivência tem sido agradável em alguns momentos e em outros momentos o bicho pega”* é o vírus modificando as relações no dia a dia de forma imprevisível.

Vale ressaltar que essa condição imprevista também está no cerne do morrer e da morte. Por exemplo, diferente do que ocorria anteriormente, uma sequência de ações sofreram modificação. O óbito passou a ocorrer a distância, comunicado sem interação entre

as pessoas; a morte no hospital ocorre com a pessoa isolada, portanto morre-se isolado, sem a presença de amigos e familiares; o manuseio do corpo é mínimo, devido ao risco aumentado de transmissão póstuma do coronavírus; o morto é colocado em um saco plástico duplo e o caixão lacrado e conduzido pela funerária. Os velórios e funerais longos não são aconselhados, pois neles acontece a proximidade entre as pessoas, os apertos de mão e abraços solidários, o que pode contaminar as pessoas.

Morin (2021) revela, entre tantas outras reflexões, que o confinamento deixa os pacientes em estado grave sozinhos, afastados da família e sem uma mão acolhedora de um ente querido nos últimos minutos de vida; também impede cerimônias fúnebres e obriga a sepultamentos apressados. Continua o autor dizendo que esse vazio nos lembra que a morte de um ser amado necessita de acompanhamento e que os que ficam necessitam partilhar a dor que sentem, em momentos de comunhão, que acontecem em ritos de despedida e em cerimônia coletiva. Vale lembrar que antes da pandemia, em geral, era comum pessoas acompanharem de perto o morrer, estando ao lado do moribundo e o velório tinha duração alongada, presença de muitas pessoas, orações de tempos em tempos, presença de coroas de flores, urna aberta e lanche para família e visitantes do morto. Para Maffesoli (2005), comer juntos pode ser uma maneira de enfrentar a morte e o desamparo advindo dela, é como se quiséssemos “provar” que vamos “durar”, sobreviver ao trágico.

Em Belo Horizonte, assim, como em outras cidades, o funeral daqueles que morrem com o diagnóstico de covid-19, ocorre em cerimônia diferente da que ocorria antes da pandemia. De modo a evitar aglomerações, só podem estar presentes no enterro, dez pessoas, no máximo. A urna é mantida lacrada, não é permitido nenhum contato com o corpo nem contato físico entre os presentes e obriga-se a manutenção de distância mínima de, pelo menos, dois metros entre as pessoas. Há exigência de uso de máscara cobrindo nariz e boca e permanência o mínimo possível, no local do sepultamento (ou cremação), respeitando medidas de isolamento social e sanitárias.

Além das mudanças nos funerais e no luto, as imagens midiáticas também mostraram o sofrimento, marcas e dores dos profissionais de saúde, da linha de frente no atendimento às pessoas com covid-19. A pandemia impactou e estressou de forma significativa os profissionais de saúde em todos os níveis: primário, secundário e terciário, entre eles inclui-se a Enfermagem, mostrando as dificuldades na disponibilização dos leitos, insumos hospitalares e de profissionais de saúde suficientes.

O relatório da situação da Enfermagem na região das Américas (OPAS, 2021) mostrou que o número de profissionais de enfermagem mundial era de 27,9 milhões pessoas e destes, 19,3 milhões são de Enfermeiros e, que a despeito desse número, a proporção não é suficiente para fornecer cuidado de qualidade às pessoas. A carência deles é significativa, principalmente, nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Isso ficou evidente na pandemia com a sobrecarga e a carência de profissionais de enfermagem em todos os lugares do mundo. A mídia estampou o sofrimento, ansiedade, angústia no desenvolvimento do trabalho da enfermagem como é mostrado na figura 3.

Figura 3 – Enfermeiro fotografa impacto do coronavírus em hospital da Itália



Fonte: Fotografia Pablo Miranda - <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51970243>

Um Enfermeiro, de uma unidade de terapia intensiva, de uma cidade pequena na região da Lombardia, tirou essa foto (figura 3) com o intuito de mostrar a força e a fragilidade dos seus colegas no cotidiano do atendimento durante a pandemia. Na imagem, podemos ver que um dos profissionais está aparentemente desolado e o outro parece confortá-lo, tocando-o no ombro.

A pandemia afetou, e ainda afeta, a saúde mental das pessoas e dos trabalhadores da área da saúde e isso é resultado da incerteza em relação à doença, ao risco da infecção, ao número expressivo de pacientes com evolução grave, às sequelas do adoecimento e às longas jornadas de trabalhos. As consequências disso são os sintomas de ansiedade, depressão, distúrbios do sono e *Burnout*. (KOK *et al.*, 2021; JUN *et al.*, 2022; MAUNDER *et al.*, 2022).

*Burnout* profissional é resultante do estresse ocupacional na área da saúde, que impacta individualmente as pessoas causando absenteísmo, maior rotatividade da força de trabalho, produtividade

reduzida, aumento nos eventos adversos e redução na qualidade dos cuidados que são prestados para os pacientes e para o sistema de saúde. (KOK *et al.*, 2021; JUN *et al.*, 2022; MAUNDER *et al.*, 2022). Segundo os autores, *burnout* tem três componentes principais: a exaustão emocional, despersonalização (tornar-se indiferente ou emocionalmente distante) e uma sensação diminuída de realização profissional. Eles concluem dizendo que os estudos que especificaram as taxas de angústia e esgotamento mostraram serem as maiores nas Enfermeiras e trabalhadoras da linha de frente e sugerem que o impacto mental da pandemia perdurará por um bom tempo; portanto, como mostrado na figura 4, é preciso que os profissionais sejam acolhidos e se acolham.

Figura 4 – Enfermeiros se abraçam em hospital na Itália



Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1661697478019470-enfermeiro-fotografado-impacto-do-coronavirus-em-hospital-da-italia>

Além do impacto na saúde mental, a pandemia deixou marcas nos rostos e mãos dos profissionais de saúde, como mostrado na figura 5.

Figura 5 – Marcas nos rostos dos profissionais de saúde



Fonte: <https://vejario.abril.com.br/coluna/daniela-alvarenga/medicos-coronavirus-mascaras-pele/>

Nas imagens, podemos ver as lesões na pele causadas pelo uso das máscaras, óculos de proteção e uso de luvas. Vemos que duas pessoas esboçam um sorriso discreto, sutil, que pode transparecer uma certa satisfação em fazer o que sabem e estarem vivas o que mais uma vez reforça sofrimento delas e a necessidade de solidariedade àqueles que deixam os seus lares, famílias e amigos para cuidarem dos outros. Nessa perspectiva, talvez para agradecer aos profissionais, algumas agências de publicidade transformaram as marcas dos rostos deles em figuras de heróis, como vemos na figura 6.

Figura 6 – Rostos de profissionais de saúde com marcas de super-heróis



Fonte: <https://gkpb.com.br/46719/profissionais-da-saude-com-marcas-de-herois/>

A imagem mostra os rostos dos profissionais com marcas de alguns dos heróis mais famosos do mundo: Homem-Aranha, Batman, Homem de Ferro as quais foram sobrepostas às marcas causadas pelo uso de equipamentos de proteção individual.

Mendes *et al.* (2022), no seu estudo sobre como os profissionais de enfermagem se sentem em relação a serem chamados de “anjos” e de “heróis”, mostrou que contraditoriamente, os trabalhadores não se sentem como anjos e heróis ou heroínas. Segundo os autores, a sociedade, ao longo da história, liga o trabalho da enfermagem à bondade e caridade e a pandemia “trouxo de forma mais impactante esse movimento, reforçando essas ideias e promovendo discussões acerca do imaginário coletivo sobre os profissionais de enfermagem como sendo anjos e heróis”. Prosseguem dizendo que a negação ao título de heróis pode ser entendida como um convite para a união e articulação da categoria para que, com a ajuda da mídia, busquem o reconhecimento da profissão, condições dignas de trabalho e salários justos.

Mesmo com o sofrimento, as marcas, a saúde mental abalada, a mídia mostra uma imagem do contato estabelecido entre a enfermagem

e a pessoa doente, refletindo uma constante luta por superação dos limites, conforme visto na figura 7.

Figura 7 – Enfermeiro segura a mão de um paciente



Fonte: <https://istoe.com.br/respeitem-esses-profissionais/>

Na imagem, percebemos o contato entre uma pessoa da equipe de enfermagem com a pessoa doente e o profissional, mesmo usando a proteção individual, segura a mão de forma solidária e fraterna. É isso que percebemos pelas nuances das cores e o foco da imagem.

Botelho e Martins (2021, p.7) dizem que “o efeito que determinada imagem ou cor provoca num indivíduo não é, ou não tem que ser, igual à sensação que provoca noutro indivíduo”. Ou seja, segundo os autores, a interpretação de uma imagem considera a sensibilidade de quem a observa e dessa forma, varia de pessoa para pessoa; portanto, as interpretações têm por base as vivências de quem as interpreta, o seu estado psicológico e tudo o que está à sua volta no mundo.

O relato descrito a seguir, de uma colega do grupo de pesquisa (NUPEQS), retrata as idas e vindas ao hospital com o seu pai por problemas diversos de saúde e o adoecimento e morte dele pela covid 19.

Eu e minha irmã começamos a cuidar com mais intensidade de nosso pai a partir do mês de abril. Revezávamos as noites. No final de abril, minha irmã o levou ao médico após ele ter passado muito mal. Chegando ao hospital, ela foi repreendida pelo médico que disse a ela que ali não era lugar para ir com uma pessoa idosa. Ela voltou para casa e continuamos a cuidar dele. Tentamos durante uma semana cuidar dele como podíamos. Entretanto, a situação não melhorou. A cada dia, meu pai piorava seu estado de saúde. Então decidimos que não poderíamos ficar com ele em casa sem consultar um médico. O médico foi chamado e, mesmo assim, não percebemos uma melhora. Resolvemos levá-lo ao hospital. A partir daí, foram várias idas e vindas nossas ao hospital. Meu pai ficava hospitalizado uma semana no quarto, uma semana no CTI e uma semana em casa. Esta era a nossa rotina com ele. No começo, meu pai usava máscara, mas com o passar dos dias, a máscara começou a dificultar a sua respiração; então, o médico achou melhor retirar do meu pai a máscara. Tínhamos muito medo de sermos contaminadas com o vírus da covid 19. Com o tempo, o medo foi ficando de lado, pois não tínhamos escolha para ficar somente em casa. Meu pai precisava de mim e da minha irmã para cuidar dele. Eu relatei isto tudo para poder dizer que quando ele faleceu, a forma como tratam das pessoas que morrem com covid 19 não nos abalou. Após o resultado positivo para o coronavírus, não mais visitamos nosso pai. Recebíamos notícias dele via telefone celular. (ALDA)

Alda descreve a trajetória percorrida com o adoecimento do pai, as condutas tomadas antes e após o diagnóstico de covid-19 e nos conta sobre o afastamento imposto pela confirmação do diagnóstico e o recebimento das notícias pelo celular. Após a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar que a doença causada pelo novo coronavírus era uma emergência de saúde pública, medidas para conter a

disseminação do vírus foram tomadas e entre elas o distanciamento social. As instituições hospitalares suspenderam a presença de familiares no seu ambiente e nesse cenário, “a comunicação entre a família, equipes e paciente necessitou ser repensada” e assim surgiram o uso das tecnologias como forma de comunicação das notícias das pessoas doentes. (ALCANTARA *et al.*, 2020; CREPALDI *et al.*, 2020).

A figura 8 mostra uma imagem da visita virtual a uma paciente sendo realizada por meio de uma chamada de vídeo.

Figura 8 – Visita virtual por vídeo chamada, na pandemia por covid-19



Fonte: <https://www.saude.al.gov.br/visita-virtual-emocional-pacientes-do-hospital-da-mulher-com-covid-19/>

Alda prossegue relatando,

Após sermos informadas do óbito, ao chegar ao hospital, nos disseram que não poderíamos vê-lo mais. Isto doeu muito, pois estávamos presentes em todos os momentos com ele, exceto quando ficava no CTI e após o diagnóstico de covid-19. Não aceitamos as condições e depois de várias conversas, conseguimos vê-lo no necrotério do hospital. Para isto tivemos

que nos preparar com aventais, luvas, máscaras e toucas. Vê-lo dentro de um saco enrolado num lençol não foi agradável, mas ao mesmo tempo tínhamos a consciência de que fizemos o que foi possível para o bem-estar dele e que o momento do seu retorno à casa do Pai havia chegado. O sofrimento havia acabado ali. Eu e minha irmã pudemos nos despedir de pai naquela hora. (ALDA)

Após o óbito, elas não aceitaram a informação de que não poderiam mais ver o pai e nota-se que ao recusar, de forma não acintosa, a negativa, elas usaram de astúcia para não entrar em discussões ou polêmicas e desta forma conseguiram se despedir dele. Segundo Maffesoli (2011), no viver social, em situações nas quais as explosões podem surgir, as pessoas podem usar de outras maneiras para vencer o intolerável, como o uso da abstenção, da astúcia, da ironia, do jogo duplo, que agem nas relações contradizendo, secretamente, as ações e sentimentos, surgindo assim a resistência passiva, que é uma forma de proteção contra a coerção e isto permite sobreviver às normas, rotinas e imposições.

Alda prossegue dizendo sobre as normas para que pudessem ver o pai após o falecimento e descrevem o uso de aventais, luvas, máscaras e toucas, que fazem parte das medidas sanitárias, além do desconforto ao ver o pai “dentro de um saco enrolado num lençol”. Percebe-se no relato, uma aceitação do “retorno à casa do Pai” e com o fim do sofrimento e a consciência de ter feito “o que foi possível”. Alda parece neste instante “aceitar o destino e reconhecer a finitude da existência” e “a inexorável lei da morte” (MAFFESOLI, 2003, p.58). A aceitação da morte parece acentuar a vida presente e isso é uma forma de afrontar e assumir a morte cotidiana.

Alda continua o seu relato contando sobre a chegada delas à funerária e o velório.

Ao chegarmos à funerária com a roupa para ele, fomos informadas de que não colocariam nada nele. Do jeito que ele estava no hospital, ou seja, dentro de um saco, ele seria colocado na urna que seria lacrada e iria direto para o cemitério e para o jazigo no horário marcado do sepultamento. Não haveria velório e no máximo 10 pessoas poderiam acompanhar o sepultamento. Para mim e minha irmã este processo era muito triste, porém amenizado pelo sofrimento que estávamos passando juntos, eu, ela e meu pai. Para os demais membros da família, a situação era terrível. 'Não puderam despedir dele e nem o ver pela última vez'. No caso do falecimento de meu pai, não acredito que tenha sido a covid-19 a principal responsável pela sua morte. Porém, como foi diagnosticado na última internação com resultado positivo, seu sepultamento foi conforme os protocolos do enterro para covid 19. Não mexem mais no corpo, apenas enrolam em um lençol e é colocado num saco com zíper e lacrada a sua urna, sem direito a vidro ou abertura da urna. No horário marcado pelo cemitério, a funerária chega com a urna e vai direto para o jazigo onde colocam perto da urna um tubo de vidro com alguma informação dentro. Imediatamente é coberto com a tampa de cimento e nesta tampa também é colocado outro tubo com um papel dentro. Em seguida, a terra e pronto. Não nos disseram o que eram os tubos. Penso que sejam informações sobre o falecimento por covid 19 (ALDA)

O relato de Alda mostra a mudança nos rituais de morte das pessoas que falecem por covid-19, as medidas seguem as normas que visam a conter a disseminação do vírus e diminuir os riscos sanitários. Conta que não acredita que o motivo principal do falecimento do seu pai tenha sido a covid-19, mas, como foi em época de pandemia, os ritos seguiram os protocolos sanitários. Percebe-se que o velório e

sepultamento aconteceram sem os rituais e a despedida, e isso pode interferir no processo de luto das pessoas.

Souza e Souza (2019, p.5), dizem que os rituais visam a homenagear o morto e mostrar para os vivos que a vida continua, que eles são vitais e benéficos para quem está presente, que criam “um momento de comunhão, de estar juntos, de cumplicidade, de compaixão e renovação, estabelecendo conexão com o sagrado e marcando o início do luto necessário”. Prosseguem dizendo que os rituais ajudam a “simbolizar a morte do ente querido, favorecendo a reintegração cotidiana e social rompida pela mudança que a perda ocasiona”.

Além dos rituais que mudaram, o relato de Alda reportou a forma de tratamento do corpo e sepultamento em decorrência da covid-19. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) logo no início da pandemia estabeleceu que os falecidos devido à covid-19 poderiam ser enterrados ou cremados e publicou formas de manejo de corpos e diretrizes para orientações de familiares e amigos que, de modo resumido, diz o que se segue: durante todo o velório e funeral é preciso manter a urna funerária fechada e disposta em local aberto ou ventilado; evitar a presença de pessoas que pertençam ao grupo de risco para a covid-19; não permitir alimentos e quanto a bebidas, observar o não compartilhamento de copos; não permitir aglomeração de pessoas, com presença de no máximo dez pessoas, respeitando a distância mínima de dois metros. (BRASIL, 2020).

Há muita reclamação sobre estes procedimentos. Todavia, fica uma dúvida: tudo isso, de alguma maneira, não contribui para impelir para fora de cena a morte e com ela o sentimento aflitivo intenso e angustiante causado pela partida de alguém, levando assim a morte para longe da visão de quem fica?

O que sabemos é que as pessoas estão morrendo, o corpo sendo tratado em nome da higiene, seguindo seu curso silenciosamente, em condições cada vez mais solitárias e isoladas. Há outros aspectos que precisam ser considerados, para os quais não temos respostas e que expomos aqui em forma de questionamentos. O isolamento

do moribundo proporciona a pessoa que deveria acompanhá-lo a possibilidade de ficar distante da perda gradativa da capacidade mental do moribundo e de livrar o acompanhante de presenciar o sofrimento do ente querido e de ver seu corpo definhando dia após dia? Essa situação de afastamento possibilitaria ao próximo do moribundo o distanciamento da experiência que inevitavelmente leva à reflexão que um dia ele também passará pelo processo de morte?

A ideia de morte carrega em certas situações desejo de fuga, bem como traz sentimentos ambíguos que muitas vezes se opõem e mostram as contradições que a ideia de decomposição e destruição irreversível revelam. Estar próximo de alguém que morre traz para junto da pessoa acompanhante o sentimento da própria finitude. O processo de uma morte isolada de tudo e de todos poderá adiar, para muitas pessoas, a angústia, a sensação do nada trazido pela presença próxima da morte e da impossibilidade do acompanhamento dos rituais. Em tempos de pandemia os rituais não puderam ser seguidos, de modo habitual, como expusemos anteriormente vemos na figura 9.

Figura 9 – Enterro de vítima de covid-19 no Cemitério Nossa Senhora Aparecida em Manaus (AM)



Fonte: Foto: Edmar Barros /Futura Press/Estadão Conteúdo.  
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/em-21-dias-manaus-tem-mais-enterros-por-covid-19-do-que-todo-o-ano-de-2020/>.

A figura 9 mostra o sepultamento de uma pessoa, a quantidade de coveiros é maior do que a de familiares; ao invés de grama verde, vemos a terra que tem uma cor de tom forte e observa-se que, ao lado, as sepulturas estão envoltas com uma espécie de lona azul, a fim talvez de escorar a terra que ainda não está compactada. Esta foto desencadeia emoções. O espetáculo da mídia, quer por fotos ou imagens televisivas, evoca emoções das pessoas, mobiliza sentimentos, explora o trágico e depois, com o passar do tempo, o espaço midiático ocupado diminui; “só não diminui o sofrimento real de quem enfrentou as perdas” (SANTOS, 2013, p.19).

No processo de luto, faz parte o reconhecimento da morte e os ritos de passagem. (DANTAS *et al.*, 2020). Segundo os autores, o funeral faz parte do comportamento social e permite demonstrar e compartilhar o sofrimento vivenciado. Os ritos fúnebres são importantes para que a família e amigos assimilem o momento de passagem imposto pela morte e prossigam a vida, pois a ausência desses ritos pode dificultar a elaboração do luto. Concluem dizendo que existem dois processos para ressignificar esse momento: pela identificação, na qual “a pessoa amada que morreu torna-se presença interna confortante” e pela representação em que “a perda é plenamente reconhecida e ao mesmo tempo se estabelece uma conexão simbólica com o falecido”. (p.526).

Maia *et al.* (2021) dizem que o esforço de manutenção dos rituais são importantes, mesmo na pandemia, pois eles permitem que as famílias participem do adoecimento e elaborem o luto com os seus parentes e amigos. Giamatthey *et al.* (2022, p.4) reforçam que os rituais são “um ato necessário para que as pessoas ligadas àquele que partiu possam manifestar sua dor, seu apreço, sua solidariedade de modo verbal e não verbal” e que o velório e o enterro dão a oportunidade para familiares e amigos estruturarem a perda e se despedir de quem parte. Na impossibilidade de ritos presenciais, as cerimônias virtuais são uma forma alternativa para a minimização de transtornos futuros.

Alda prossegue contando sobre a vestimenta dos profissionais do cemitério.

Os funcionários do cemitério estavam vestidos de macacão branco, botas, luvas e protetores na cabeça. É como se estivessem enterrando uma doença maligna... (ALDA)

A descrição de Alda é condizente com as normas que foram estabelecidas para as pessoas que trabalham nos cemitérios. As normas do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) regulamentam que, para minimizar a disseminação do vírus, sejam suspensos os velórios, que o número de familiares e amigos seja mínimo e que os trabalhadores dos cemitérios e crematórios usem os equipamentos de proteção individual, como mostrados na figura 10.

No seu relato, Alda diz ainda que parece que estão “enterrando uma doença maligna”, e que todo esse aparato é novo para todos. Para aqueles que têm relação de afeto e carinho com a pessoa que morreu, parece denotar um certo distanciamento daquele que se foi, mas, é determinação da saúde pública mundial.

Figura 10 – Funcionários de um cemitério sepultam uma pessoa vítima da covid-19



Fonte: <https://www.nortaoonline.com/noticias/11389/>.

Na figura 10, percebe-se, o uso de equipamentos de proteção individual pelos coveiros, cujas vestimentas podem ser impactantes e até mesmo assustadoras para as pessoas que não as conhecem que. Botelho e Martins (2021) dizem que uma imagem tem o intuito de “transmitir uma mensagem e provocar impacto no público-alvo” e que as cores não são aleatórias, elas contribuem para aguçar a percepção humana.

Alda finaliza o seu relato dizendo como é triste este momento.

A sensação de sepultar alguém nestas condições não é agradável. É muito triste. O que nos consola é saber que o sofrimento terreno acabou e a esperança que um dia nos encontraremos novamente. (ALDA)

A morte, corpo morto sem as suas roupas, sepultamento sem o velório, sem ver o rosto, sem poder tocá-lo, com um caixão lacrado ou a cremação não é agradável e torna-se de difícil entendimento para aqueles que estão emocionalmente envolvidos.

Maffesoli (2003), diz que existe uma diferença em enterrar e cremar os mortos. Para ele, o enterramento expressa o desejo de prolongar, fazer “durar no tempo”, aquele que se vai; é uma negação ou denegação da morte, uma imitação da vida, pois o túmulo é uma residência secundária, à espera do retorno à vida. A cremação, prossegue, constata que o que acabou está acabado, é uma exaltação à finitude, que vai acompanhado da “força do esquecimento” e o reconhecimento de que a morte faz parte da vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A covid-19 mudou a forma de familiares e de profissionais de saúde acompanharem o moribundo e a morte e de algum modo, também alterou o rumo da humanidade. As imagens veiculadas na mídia jornalística despertam naqueles que as assistem sentimentos variados que vão do espanto, sofrimento à espetacularização da morte.

É conveniente trazer à tona a reflexão de que o mundo já viveu outras e muitas crises, catástrofes, pandemias; todavia, é preciso

considerar que a humanidade parece pouco preparada para essas situações. O ano de 2021 teve um frequente cenário de morte, com o qual não estávamos habituados. O vírus trouxe com ele a necessidade do trabalho remoto, a realização de reuniões por videoconferência, as aulas remotas ou virtuais, entre tantas outras condições levadas avante no dia a dia para permitir o distanciamento social.

A covid-19 modificou a proximidade entre pessoas, no que se refere a estarem juntas. Muitas pessoas, por não poderem sair de casa e visitarem familiares, não terem contato físico com amigos, sentem-se sozinhas, isoladas. Mesmo estando entre outras pessoas dentro de casa, acham-se em um deserto de isolamento. Com certeza, lidar com esta sensação de solidão é um enorme desafio, um longo aprendizado, cujas consequências chegarão sem demora. Nessa contemporaneidade, as pessoas experimentam novas maneiras de ver o sofrimento, por meio das mídias e as imagens que ela veicula.

A covid-19 trouxe visibilidade para o trabalho de Enfermeiros e equipe de enfermagem, para o sofrimento, angústia e medo vivenciados por eles. Ao mesmo tempo, mostrou a importância da maior força de trabalho na saúde mundial e que eles não precisam apenas de aplausos e sim de reconhecimento social, salários justos, melhores condições de trabalho e cuidado à saúde mental daqueles que prestam cuidados às pessoas.

Pode-se afirmar que a transformação do mundo que está batendo à porta não é relativa só às questões econômicas, administrativas, comerciais, ambientais, sociais e midiáticas, mas, também quanto às relações interpessoais e essencialmente, no tocante à saúde física e mental das pessoas. É aguardar.... a via para a vida e para a morte.

## REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Ellen Resende de Almeida *et al.* Treinamento para comunicação de óbito durante a pandemia Covid-19. **Revista Qualidade HC**, Ribeirão Preto, Especial Covid-19, p.215 – 224, 2020 . Disponível em: <https://www.hcrp.usp.br/revistaqualidadehc/edicaooselecionada.aspx?Edicao=11>. Acesso em: 28 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Doenças não Transmissíveis. **Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 – Covid-19** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise em Saúde e Doenças Não Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/coronavirus/recomendacoes>. Acesso em: 28 fev. 2022.

BIONDI, Angie. Diante da dor, dentro da cena: outros pactos do olhar na fotojornalismo contemporânea. **Contemporâneo – Revista de Comunicação e Cultura**, v.8, n.1, jul. 2010. Disponível em: <https://doaj.org/article/9dfdfdca3d874ed9babe2678c4eb9873?msclkid=52dc56ebd0c011eca43c6e64bd6a565d>. Acesso em: 10 maio 2022.

BOTELHO, Cláudia M.; MARTINS, Moisés de Lemos. “De Repente, a Esperança”: Análise Semiótica de uma Capa da Revista Noticiosa The Economist. **Revista de Cultura Visual -Vista**, n.8, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3522/3697>. Acesso em: 11 mar. 2022.

CREPALDI, Maria Aparecida *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de Covid-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.37, e200090, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida *et al.* O luto nos tempos da Covid-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.23, n.3, p. 509-533, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SgtgR9xSwqBSYjr-5Mm3WSwG/?lang=pt>. Acesso em: 28 fev. 2022.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha *et al.* Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. **Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.26, n. Spe, e202110208. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJ-FBBz8ktC/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

JUN, Jin *et al.* Relationship between nurse burnout, patient and organizational outcomes: Systematic review. **Int J Nurs Stud.**, v.119, e:103933, jul. 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/33901940>. Acesso em: 03 jul. 2022.

KOK, Niek *et al.* Coronavirus Disease 2019 Immediately Increases Burnout Symptoms in ICU Professionals: A Longitudinal Cohort Study. **Critical Care Medicine**, v.49, n.3, p.419-427, mar. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33555778/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MAUNDER, Robert G *et al.* Trends in burnout and psychological distress in hospital staff over 12 months of the COVID-19 pandemic: a prospective longitudinal Survey. **J Ocupe Med Toxicol.**, v.17, n.1, maio. 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9132565/>. Acesso em: 20 jun.2022.

MAIA, Bruna Bortolozzi *et al.* **E os que ficam?** Cartilha de orientações sobre o luto decorrente da morte de um ente querido no contexto da covid-19. 1 ed. Araraquara: Padu Aragon, Editor. 2021. Disponível em: <https://ilcbrazil.org.br/cartilha-e-os-que- ficam/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MAFFESOLI, M. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, M. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARTINS, Moisés de Lemos. **Crise no castelo da cultura** – das estrelas para as telas. São Paulo: Annablume, 2011.

MENDES, Mariana *et al.* Nem anjos, nem heróis: discursos da enfermagem durante a pandemia por coronavírus na perspectiva foucaultiana. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v.75, suppl.1, e20201329, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/cn9NKRfvwLkxwY-Q58cnJ3CB/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2022.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via** – as lições do coronavírus. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **A situação da enfermagem na Região das Américas**. 2021. OPAS/HSS/HR/21-0010. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/54504>. Acesso em: 14 out. 2021.

PIERCE, Charles S. **Semiótica**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SANTOS, Rafael José dos. Sofrimento real, sede de justiça e mediação da tragédia. **Revista UCS**, p.19, mar. 2013. Disponível em: [https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/marco\\_2013\\_academia.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/marco_2013_academia.pdf). Acesso em: 10 maio 2022.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais fúnebres no processo de luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.35, p.e35412, 2019. Disponível em: <https://www>.

[scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRjL4J8xg](https://scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRjL4J8xg). Acesso em: 02 jun. 2022.

### 3 CULTO AOS MORTOS NO DIA DE FINADOS EM CEMITÉRIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

#### INTRODUÇÃO

O que é a vida? A vida nada mais é do que um sopro, um despertar, vida e morte nada mais são do que um processo de construção do sujeito. Morrer com meses de vida, morrer com cem anos de existência. Qual a diferença entre um e outro? O certo é que, em um momento apenas da vida, tudo se desfaz. O último sopro de vida pertence à morte, que cai sobre a vida como um toque na primeira pedra do dominó, levando cada peça a derrubar a próxima até que todas estejam caídas. “A morte é a irrupção brutal de um silêncio esmagador, insustentável. O último suspiro é o último som de uma humanidade ainda concebível. No momento em que a morte toma conta do homem, atinge-o com silêncio.[...] O silêncio do cadáver enche subitamente o mundo” (LE BRETON, 1999, p. 245).

Nas palavras de Montaigne (1987, p.49):

Morrer é a própria condição de vossa criação; a morte é parte integrante de vós mesmos. A existência de que gozais participa da vida e da morte a um tempo; desde o dia de vosso nascimento caminhais concomitantemente na vida e para a morte: “a primeira hora de vossa vida é uma hora a menos que tereis para viver” [Sêneca]  
– “nascer é começar a morrer; o último instante de vida é consequência do primeiro” [Manílio]. O tempo que viveis, vós o roubais à vida e a restringis proporcionalmente. Vossa vida tem como efeito conduzir-vos à morte, e enquanto viveis estais constantemente sob a ameaça de morte, e mortos, já não viveis mais; ou, se assim preferis, a morte sucede à vida, logo durante a vida estais moribundos; e a

morte atinge muito mais duramente e essencialmente o moribundo do que o morto.

Sem dúvida é um momento que atinge a todos, é sem volta e nada pode ser feito. É o destino inexorável de todos os seres vivos, é a possibilidade mais do que presente, quando bate à porta e não se tem como fugir. É a privação de toda forma de comunicação. É o silêncio... Como relatam poetas e escritores, vem envolta de magia, de crenças, trazendo o aspecto sombrio da existência. Ela, de repente, com um mensageiro, faz um chamado e nos resta recebê-lo:

Oh, morte, teu servo bate à minha porta. Ele cruzou o mar desconhecido e trouxe ao meu lar o teu chamado. A morte é como um breu e meu coração treme de medo; mesmo assim, tomarei da lâmpada, abrirei os portões, e farei vênua em sinal de boas-vindas. É o teu mensageiro que está à minha porta. Eu o venerarei de mãos postas e com lágrimas nos olhos. Eu o venerarei, colocando a seus pés o tesouro do meu coração. Ele retornará com a missão cumprida, deixando uma sombra escura na manhã do meu dia; e, em meu lar desolado, só permanecerá o meu desamparado ser; última oferta de mim para ti. (TAGORE, 1998, LXXXVI).

Não importa o grau de desenvolvimento. De modo geral, todas as civilizações não escaparam, não escapam, nem escaparão da angústia perante a morte. A esperança de uma vida longa, ou da possibilidade de “driblar” o momento da morte, ou ao menos não se pensar nele, faz parte de diferentes culturas e civilizações. Conforme relata Montaigne (1987, p.46):

Mas jovens e velhos se vão da vida em condições idênticas. Partem todos como se acabassem de chegar, sem contar que não há homem tão decrepito ou velho

ou alquebrado que não alimente a esperança da longevidade de Matusalém, e não tenha ainda vinte anos de vida diante de si. Direi mais: quem, pobre louco, fixou a duração de tua existência?

O homem, sem prazo de validade fixado, visto que se encontra no mundo apenas como um “ator para representar a grande peça que é viver” estabeleceu, ao longo dos tempos, ritos mortuários de modo a proporcionar uma moldura para que pudesse conter, e mesmo entender um pouco mais, esse fato inexorável, a finitude. A morte, afirma Simmel (1988), é criadora de forma. Ela não se restringe apenas a colocar limite na vida, ou seja, dar-lhe moldura no momento final; ao contrário, ao fixar os limites da vida em sua totalidade, ela dá coloração a todos os conteúdos e instantes da vida. Nas palavras de Thomas (1975, p. 7), vida e morte são indissociáveis “a criança que nasce, porta em si uma promessa de morte, ela é *um morto em potencial*.” O que resta como consolo, diz ele, é manter-se na memória dos sobreviventes. Os rituais ligados à morte e ao morrer nos contam um pouco dessa sobrevivência do morto. Os ritos acompanham a morte e, portanto, o homem. Ainda segundo Montaigne:

Creio, em verdade, que são essas fisionomias de circunstâncias e esse aparato lúgubre com que a cercam, que nos impressionam mais do que ela própria. Quando ela se aproxima, há uma modificação total em nossa vida cotidiana: mãe, mulheres e crianças gritam e se lamentam. Inúmeras pessoas nos visitam, consternadas. A gente da casa aí está, pálida e desesperada; a obscuridade reina no quarto; acendem-se velas; à nossa cabeceira juntam-se padres e médicos; tudo, em suma, em volta de nós se dispõe como para inspirar horror; ainda não rendemos o último suspiro, e já estamos amortalhados e enterrados (1987, p. 51).

Entre o silêncio do morto e a aflição, lamúria, recolhimento ou estardalhaço dos que ficam, um olhar atento sobre a morte e o morrer sempre acompanhou o homem em sua trajetória, seja essa mirada dirigida ao mundo dos vivos, ou dos mortos e dos espíritos. A atenção do homem, de certo modo, esteve sempre voltada para as questões ligadas à espera da morte, às formas de morrer, ao momento certo para se morrer, ao destino do corpo, como e onde enterrar o corpo, ao caminho e à morada da alma, à ligação entre o morto e os sobreviventes, entre muitas outras inquietações.

Considerada pela sabedoria popular como a única certeza desta vida, a morte - a mulher-da-foice, matando brancos e pobres, jovens e ricos, pretos e velhos, indistintamente - gerou, através dos séculos, uma série de credices, de superstições, de faz-mal, que constituem uma herança mítica sempre renovada pelas gerações que se sucedem. Ainda hoje, principalmente entre as pessoas mais idosas e menos instruídas, essas credices continuam vivas e respeitadas como verdadeiros dogmas (MAIOR, 1974, *on-line*).

Ainda hoje, as pessoas dizem que “vestir as roupas pelo avesso”, faz mal; bem como “sonhar com dente”, “derramar borra de café”, “o cantar de um anu”, ou “o simples passeio de um beija-flor”, todos exemplos de prenúncios de morte. Mas, apesar de todas as credices e superstições, a morte é quase sempre inesperada. Mesmo para o moribundo, à espera da morte, esta será uma surpresa, pois como diz Montaigne (1987, p. 50) “ninguém morre antes da hora”. Nascemos com data de validade, com uma nota promissória assinada que será cobrada a qualquer momento, porém não sabemos quando vence nosso tempo.

O óbito se anuncia por avisos que o povo decifra e crê religiosamente. São inúmeras as credices que ligam a existência humana à morte. Quando uma porta se abre sozinha: a morte entrou

em casa. Quando se sente arrepios: a morte passou bem perto. Quando se ouve barulho em casa durante a noite: é a morte rondando, escolhendo quem levar. Quando a coruja pia no telhado: ela está cortando a mortalha de uma pessoa que vai morrer. Quando uma vela acesa se parte na mão de uma pessoa: é morte na família. Quando uma abelha entra pela janela e sai pela porta, ou uma borboleta negra pousa dentro de casa, ou o defunto fica de olhos abertos: uma pessoa da família vai morrer, dentro de pouco tempo (MAIOR, 1974, *on-line*).

A morte surpreende também as pessoas queridas do morto: aproxima-se sorrateira e deixa em quem fica um misto de solidão, indignação e medo. Restam apenas lembranças e incertezas. Esta partida será sempre um mistério, ninguém pode nos dizer de sua experiência com a morte, ela jamais será partilhada, pois se morre sozinho; apenas temos certeza de que nossa hora, um dia, chegará e que viveremos o que tantos outros já experimentaram em algum lugar desse vasto mundo.

Enterrar alguém também nos faz refletir sobre nossa possibilidade de morte. Finados, sepultamento, doença, tudo isso nos aproxima da lembrança e da possibilidade da finitude de modo mais contundente, porém, mesmo sem menção direta ao fato, ela está sempre no nosso dia a dia.

Ao longo dos tempos, as práticas e ritos funerários sofreram e sofrem transformações significativas, com variações no acompanhamento do moribundo, nos modos de preparo e formas de eliminar os vestígios do corpo após o falecimento. Tais variações têm ligação com a organização da sociedade, bem como estão relacionadas às crenças relativas à vida após à morte, assim como a momentos e incertezas vividas no coletivo, como a pandemia de covid-19, por exemplo, que provocou uma verdadeira guinada na forma de se velar o morto, com modificação de rituais, até então, entendidos como consolidados em nossa sociedade. É profícuo assinalar que essa menção à pandemia é apenas uma referência aos tempos atuais, esse tema não é objeto de aprofundamento neste texto.

No culto aos mortos, há um dia específico para a lembrança dos que se foram. No Dia de Finados, somos compelidos a lembrar e render homenagem às pessoas que um dia estiveram conosco: fazemos preces, vamos ao cemitério, levamos flores, emocionamos ao visitar o túmulo, mas queremos ali deixar a morte e os mortos; para isso, lançamos mão de truques que não sabemos onde nem quando aprendemos, nem se darão certo, mas por via das dúvidas, vale a pena tentar, como ao entrar jogar moedas na porta do cemitério: forma de pedir permissão para a visita; e e ao sair do cemitério, deixar mais algumas moedas, de maior valor, em sinal de agradecimento e como garantia que nem a morte, nem o morto nos acompanhem. Essa e outras formas de lidar com a morte e com os mortos, segundo Delumeau (2009) tem relação também com o medo e com a crença em fantasmas e a convicção de que o morto pode voltar.

Diante de tudo isto, nós questionamos: em que consiste o culto aos mortos em cemitério no Dia de Finados? Quais as formas de expressão e manifestações nos cemitérios, no dia dedicado aos mortos? O objetivo deste texto é descrever expressões, sentimentos e comportamentos de visitantes no Dia de Finados, em cemitérios da região metropolitana de Belo Horizonte. Tal compreensão, sem dúvida, possibilitará maior entendimento sobre a maneira como as pessoas lidam com a morte, mantem e avivam a lembrança das pessoas mortas tendo como base as expressões, manifestações e as formas de homenagem observadas no Dia de Finados.

## **METODOLOGIA**

No Dia de Finados<sup>14</sup>, estudantes do grupo de pesquisa - NUPEQS – ficaram incumbidas de visitar e realizar observações nos cemitérios da região metropolitana de Belo Horizonte. Foram quatro os cemitérios visitados. Em dois deles, duas estudantes fizeram

---

14 Cabe ressaltar que as observações no Dia de Finados foram realizadas, em momento anterior à pandemia da covid-19.

observações independentes nos mesmos estabelecimentos; nos outros dois, uma dupla unida realizou as visitas de modo a extrair uma observação única. Os cemitérios visitados foram: Cemitério do Bonfim, Bosque da Esperança Cemitério Parque, Cemitério da Saudade, localizados na cidade de Belo Horizonte e Parque Renascer Cemitério e Crematório, localizado no município de Contagem, todos na região metropolitana de Belo Horizonte - MG. Os relatos foram lidos diversas vezes e organizados por tema, sendo extraídas cinco categorias: *comércio*, *aparência*, *ambiência*, *cultos*, *apreciação*. A seguir, apresentam-se os resultados obtidos pelas observações realizadas que se compõem das expressões, dos sentimentos, dos comportamentos e das manifestações das pessoas por ocasião de visitas aos cemitérios no Dia de Finados, na região metropolitana de Belo Horizonte.

### **EXPRESSÕES E MANIFESTAÇÕES DE VISITANTES EM CEMITÉRIOS NO DIA DE FINADOS**

O Dia de Finados, uma forma de os sobreviventes cultuarem os mortos, foi instituído no dia 2 de novembro, na Idade Média, quando o abade Odilo de Cluny sugeriu que os membros de sua abadia dedicassem, em um dia fixo do ano, as suas orações às almas daqueles que já se foram (FERNANDES, 2021), com a concepção de que as almas dos mortos precisariam de um processo de purificação para passarem do Purgatório para o Paraíso.

Como relata Vovelle (2010, p.27), “[...] a Igreja, sob influência da ordem de Cluny, não deixou de instaurar, entre 1024 e 1033, o 2 de novembro como dia de comemoração dos mortos.” Essa também é uma data que nos traz a lembrança de que a vida tem um fim. Normalmente, é o momento em que a morte torna-se significativa, por meio dos ritos fúnebres feitos no Dia de Finados. De modo geral, nesse dia, os cemitérios são visitados, os túmulos são lavados, decorados com flores e velas são acesas em homenagem aos mortos.

Nos versos de Araújo (2010, *on line*), a tradição do Dia de Finados traz os aspectos do culto aos mortos e uma reflexão sobre seu significado:

[...] O dia de finados,  
Reza a tradição, ir aos cemitérios  
Visitar os túmulos dos entes queridos  
Aos restos mortais entregar as lembranças  
Reparem, não há um dia da vida, há?  
Mas, um dia dos mortos é celebrado  
Como um ato de contrição, arrependimento  
Na morada definitiva dos corpos sem vida. [...].

Para Mattoso (2013, p. 29) “o culto dos mortos representa uma das mais persistentes formas da luta que a humanidade sempre travou contra a morte.” Segundo o autor vários rituais e práticas visam evitar o contato com os mortos ou para o homem se defender do malefício deles. O uso, por exemplo de água benta, sal, fazer o sinal da cruz destinam-se, segundo o autor, a sossegar o morto e contribuir para seu repouso.

No fundo, quase todos os elementos e manifestações do culto dos mortos se baseiam na convicção de que os seus poderes misteriosos podem ser captados por meio do culto: os vivos prestam-lhes homenagens e sacrifícios e eles retribuem com a sua proteção. O comércio e a troca de favores, porém, não significam promiscuidade. (MATTOSO, 2013, p. 29)

Vem à tona até uma terminologia própria, que, normalmente, não é de uso comum das pessoas no cotidiano. Nos relatos, são usados termos referentes aos cemitérios e ao enterramento. Pascale (2009, p.270) diz que, “Do ponto de vista antropológico, o cemitério (do grego *koimêtêrion*, ‘lugar onde se dorme’) marca o início de todo processo de civilização.” Já mausoléu é um monumento suntuoso que designa uma

sepultura. O autor afirma que “dar uma sepultura aos defuntos por inumação ou cremação é uma prática comum a todas as civilizações. O túmulo, que indica o lugar onde são conservados os restos de um indivíduo e onde é celebrada sua memória, reflete o papel do defunto na comunidade dos vivos.” (p.283) O autor acrescenta que, inicialmente, os túmulos cristãos eram colocados em catacumbas; em seguida, em cemitérios dentro das cidades e posteriormente, no exterior das cidades.

Para um melhor entendimento, elucidamos ainda a terminologia cemiterial apresentada em um decreto da prefeitura de Belo Horizonte (BELO HORIZONTE, 2005), em que consta:

- a. **jazigo** - local onde se enterra a urna mortuária, com o fundo constituído pelo terreno natural;
- b. **sepultura** - jazigo sem revestimento lateral, com tamanhos distintos para adultos e infantes;
- c. **carneiro** - jazigo com revestimento lateral, tendo internamente as dimensões das sepulturas;
- d. **carneiro geminado** - dois ou mais carneiros e mais o terreno entre eles existente, formando um único jazigo.
- e. **carneiro temporário** - local onde serão inumadas pessoas que não tenham condições ou não queiram adquirir local definitivo nas necrópoles municipais;
- f. **columbário** - depósito individualizado de ossos retirados de carneiros simples ou geminados;
- g. **nicho** - compartimento individual do columbário;
- h. **ossuário** - depósito comum de ossos retirados de sepulturas;
- i. **secretaria** - local destinado à guarda dos documentos do Cemitério;
- j. **velórios** - locais onde o cadáver humano é colocado para que seja velado;
- k. **inumação** - ato de sepultar o cadáver humano em local destinado para este fim;

- l. exumação** - ato de retirar os restos mortais e dar-lhes destino final;
- m. recebimento de ossada humana** - ato de receber os restos mortais humanos, que são trazidos de outro cemitério, pela família;
- n. crematórios** - locais onde se realiza a destruição, pelo fogo, dos cadáveres humanos.

Esclarecidas semanticamente as terminologias pertinentes aos atos fúnebres, seguem-se os relatos apresentados, os quais mostram expressões e manifestações de pessoas visitantes, ocorridas durante visita aos cemitérios da região metropolitana de Belo Horizonte no Dia de Finados e percebidas pelas estudantes. A seguir são apresentadas as categorias *comércio, aparência, ambiência, cultos, apreciação*.

## COMÉRCIO

Pelos relatos, entendemos que, no Dia de Finados, há um comércio nos cemitérios da região metropolitana de Belo Horizonte que tem lugar tanto na parte externa, como, em menor proporção, na área interna do cemitério. Em relação às vendas no exterior do cemitério, assim as estudantes apresentam:

*Nesses arredores [do cemitério] tendas improvisadas vendiam flores.*  
(S)

*Na entrada, havia um grande número de pessoas e um comércio intenso, eram vendidos biscoitos, objetos de artesanato, água, picolés, santinhos com orações e flores, o que nos impressionou, pois aquele local silencioso e medonho que encontramos na primeira visita parecia totalmente transformado.* (RN)

*Na porta do cemitério, me deparei com duas moças vestidas de anjo, estas entregavam panfletos de uma funerária e ainda enfatizavam que, com a apresentação destes, se obtém desconto; mais à frente, havia várias barracas vendendo flores.* (Y)

*Enquanto me dirigia ao portão principal do cemitério, me deparei com uma cena que não esperava: havia um comércio a céu aberto nos*

*arredores do local onde era vendido todo o tipo de produtos: guarda-chuvas, gel para massagens, cd's de músicas instrumentais, frutas e lanches. À medida que eu me aproximava, me recepcionavam com panfletos de seguro de vida, pedido de doações para entidades filantrópicas até que, por último, uma mulher caracterizada de anjo me ofertou serviços funerários. Ao seu lado, a tenda da empresa estava aferindo pressão arterial e peso de quem se interessasse. Foi nesse momento que, finalmente, entrei no cemitério. (L)*

*Quase chegando ao meu destino, atentei para várias pessoas localizadas nos passeios vendendo flores naturais e artificiais, o interessante é que a maioria de tais comerciantes eram crianças de aproximadamente de 12 anos. (M)*

*Próximo à entrada, havia uma barraca que disponibilizava a aferição da pressão arterial, para aqueles que se dispusessem. (M)*

Pelas descrições, podemos entender que o comércio nos arredores dos cemitérios - comércio a céu aberto - envolve tanto venda de produtos, bem como oferta de serviços e divulgação. A gama de produtos é bastante variada. Vendem-se produtos que classificamos em três tipos: a) *homenagem aos mortos*: ligados ao motivo que, em geral leva o visitante ao cemitério, ou seja, flores e santinhos com orações; b) *alimentação*: por exemplo, biscoito, frutas, lanches, água, picolés; c) *diversos*: objetos de artesanato, guarda-chuvas, gel para massagens, cd's de músicas instrumentais. Os serviços ofertados são aferição de pressão arterial e peso. Também são oferecidos panfletos de seguro de vida e de funerária, além de pedido de doações para entidades filantrópicas. A forma de venda de serviço de funerária vem revestida de símbolo católico com apresentação de moças vestidas de anjo.

Vale ressaltar os comentários das estudantes que fazem comparação com outras visitas realizadas em dias considerados normais. Uma delas expressa o sentimento de ter encontrado *uma cena que não esperava* e as que fizeram relato único assim se expressaram, o *comércio intenso [...] nos impressionou, pois aquele local silencioso e medonho que encontramos na primeira visita parecia totalmente transformado.*

Esse comércio é uma prática habitual nos dias de finados, como também pode ser percebido pelo relato de Castro e Castro (2019, p.

247/248), ao descreverem esse dia em um cemitério de Belém (Pará, Brasil):

[...] Carros, vendedores ambulantes de toda sorte de produtos – flores, velas, incensos, comidas e bebidas –, policiais, guardas de trânsito e gente, muita gente. Os vendedores ocupavam a calçada em frente ao cemitério e o percorriam. Os vendedores de comida e bebida carregavam isopores ou os levavam em carrinhos de mão ou bicicletas, havendo também as bicicletas cargueiras com aquários e muitos vendedores de chop, o saco plástico no qual se congela sumo de frutas, chamado de sacolé no Sudeste brasileiro. Vendiam-se salgados de toda sorte – coxinhas de frango, empadas, quibes, unhas de caranguejo, sanduíches. Também vendiam-se bombons, gomas, balas, biscoitos e chocolates. Algumas pessoas vendiam doces artesanais, embrulhados em papéis coloridos. Vendiam-se também bebidas de toda sorte – água, refrigerantes, sucos, cerveja. Próximo a um dos portões, uma pequena banca vendia bijuterias, como brincos, colares e pulseiras, e havia também diversos vendedores de DVDs e de CDs, com filmes e música, principalmente os sucessos paraenses do melody, techno-brega e arrocha. Ali, eles misturavam-se às muitas vozes e ruídos da grande balbúrdia.

A partir das visitas a cemitérios por ocasião do Dia de Finados, dos relatos obtidos nessa investigação, bem como do depoimento de Castro e Castro (2019), por ocasião do dia dos mortos, nota-se que o comércio se faz presente e intenso junto aos cemitérios nesta data. O que pode variar é o tipo de comércio; ou seja, os produtos colocados à venda. Em Belo Horizonte, não parece ser prática comum, por exemplo, a venda de bebida alcoólica.

Além do comércio nos arredores, voltando às observações nos cemitérios de Belo Horizonte, também foi percebido um tipo

de trabalho realizado por crianças no interior do cemitério, como descrito a seguir.

*Notamos que, por todos os lados, havia crianças ofertando mão de obra para lavar as sepulturas. Carregavam garrafas pet repletas de água e esponjas, cobravam o valor de R\$ 2,00 para a lavagem dos túmulos. (RN)*

*Várias crianças e adultos circulavam pelo cemitério levando baldes, vassouras e panos, e oferecendo para realizar a limpeza dos túmulos. (Y)*

*E, particularmente hoje, para que o túmulo estivesse em perfeito estado de apresentação para todos que visitassem o cemitério, percebi algo no mínimo curioso: crianças de aparentemente até 12 anos andavam por todos os lados carregando balde, vassoura, sabão e graxa, oferecendo limpar os túmulos a todos, inclusive a mim. O pequeno menino suado e aparentemente sujo me abordou perguntando: “Quer que dá uma lavadinha aí moça...deixo limpinho...é 2,00 reais!”. Respondi que não precisava, pois não estava visitando nenhum túmulo, o menino já saindo virou a cabeça e respondeu: “Graças a Deus então!”. Saindo com seus amigos, um deles continuou ofertando sua mão de obra gritando: “Quem quer lavadinho, enceradinho só pra inteirar o marmite!” o que sugere que estão ali como forma de subsistência. (L)*

O comércio no interior dos cemitérios refere-se a um tipo de biscate realizado, notadamente, por crianças que buscam ganhar uns trocados com a limpeza de túmulos. Os relatos mostram esse serviço em dois dos cemitérios de Belo Horizonte: Bonfim e Saudade. Também remete, para além das visitas e culto aos mortos, ao cotidiano das pessoas que ganham algum recurso com o comércio local e/ou especializado para o dia.

Trata-se de uma manifestação da vida, que continua, requer formas de sobrevivência e encara com naturalidade esse dia. Como relatam Castro e Castro (2019), são ritos do cotidiano, da vida vivida no aqui e agora, que se misturam aos cultos tradicionais, e religiosos desse dia.

## APARÊNCIA

As estudantes descrevem, de modo pormenorizado, os cemitérios visitados, como apresentado a seguir.

*Tanto a entrada, como toda área física do cemitério, é moderna e suntuosa (S). Uma placa identificava uma quadra como Fênix e outra com os seguintes dizeres: “De tudo ficaram três coisas. A certeza de que estamos começando. A certeza de que é preciso continuar. A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar... Fernando Sabino”. Todo cemitério estava coberto por pétalas de rosas brancas e vermelhas que, segundo informações, foram jogadas por um helicóptero logo no início da manhã. À frente estava o local dos velórios e à direita, o crematório. O crematório tem sua estrutura interna ‘triangular’. Uma rampa enorme que dá para o local onde são realizadas as cremações. O local é uma sala ampla, com bancos de alvenaria em volta; ao centro, uma construção retangular onde o corpo é posto para ser cremado. Ao fundo, uma janela de vidro também triangular que permite uma visão de parte do cemitério. Nas paredes, quadros de vários cemitérios: um cemitério italiano, o do Bonfim, o Bosque da Esperança e do próprio Parque Renascer. Desci novamente a rampa e busquei o local onde guardam as urnas com as cinzas dos indivíduos cremados que, por decisão da família, preferem deixar ali. Não pude entrar na sala, pois um funcionário permanecia do lado de fora e me informou que as visitas eram somente “para familiares e entes queridos”. Mesmo assim, pude observar seu interior. Notei uma sala pequena, aconchegante. As urnas bem diferentes do que imaginava. Não eram apenas urnas de madeira, mas vasos, geralmente florais e delicados, distribuídos entre as várias prateleiras de madeira. Nos vasos e urnas, estava fixado um pequeno papel, provavelmente com a identificação do morto. Ao lado de algumas urnas, havia flores, mas geralmente apenas uma rosa, ou flores artificiais em pequenos vasos ao lado das urnas. Na área dos enterros, todo espaço gramado, pequenas lápides de granito preto identificavam os mortos com seus nomes, data de nascimento e morte. Em algumas lápides, várias flores, vasos e coroas. Em outras lápides, não se notava a visita de parentes, mas toda área, como já dito, estava coberta por pétalas de rosas (S).*

*Percebi que um helicóptero sobrevoava todo o local, o que despertava muita atenção das pessoas que ali estavam. Inicialmente, pensei que a aeronave pertencia a uma equipe de reportagem. Minutos depois, vi que uma “chuva de pétalas de flores” era despejada pelo helicóptero. Não apenas eu, mas todos que estavam presentes naquele local ficaram vislumbrados e emocionados. Atentei para a estrutura que o cemitério montou para receber os familiares de todas as idades: crianças, jovens, adultos e idosos. Vários eram os cartazes explicativos e os funcionários que orientavam quanto ao local de estacionar ou como encontrar o túmulo de seus parentes. (M)*

*Algumas [pessoas] com flores, mas não havia um clima de Luto. (S)*

*Havia uma tenda única vendendo flores dentro do cemitério. (S)*

*Sepulturas repletas de flores e velas. (RN)*

Como indica a Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer (2004, p.259), “as flores são utilizadas em todo o mundo como símbolos de expressão emocional” e remetem a ritos de passagem. Nas sociedades contemporâneas, podem estar associadas à morte, servindo como adornos para o cadáver, para disfarçar cheiros desagradáveis e como forma de representar o respeito, amor, a afeição ou estima que se sente pelo falecido. No Dia de Finados, elas são usadas para homenagear os mortos e parecem querer evocar saudade e recordação em relação a uma pessoa.

As descrições mostram que há uma profusão de flores, porém entendemos que não sugerem conotação de luto, mas sim uma forma de homenagem e encantamento. É possível também entender que a cor preta ocorre em pequena proporção nas vestimentas das pessoas no Dia de Finados nos cemitérios da região metropolitana de Belo Horizonte, a “aparência” é mais leve, mesmo com a manifestação de dor de muitos visitantes.

Continuando as observações, as estudantes relatam a beleza que pode ser percebida nos cemitérios, no Dia de Finados, principalmente no Cemitério do Bonfim.

*Na porta, ainda tinha um banner pendurado que me chamou a atenção, o qual mostrava a relação de túmulos mais visitados deste cemitério, por ser [o cemitério] um acervo histórico, caracterizado por esculturas*

*decorativas de túmulos e mausoléus, algumas feitas por escultores italianos. Após, me afastei e comecei a caminhar em direção à portaria principal do cemitério, passei pelo túmulo onde estão enterrados meus avós paternos e meu irmão, este em granito preto, também estava limpo e enfeitado com flores vermelhas e amarelas, pois meus pais haviam ido ao cemitério ontem para isto (como fazem todo ano) (Y).*

*Neste local [onde as crianças são enterradas], não há imponentes sepulturas de mármore, há somente uma placa afixada diretamente na terra. (RN)*

*Surpreendi-me ao visualizar, pela primeira vez, a magnitude daquele local [Cemitério do Bonfim]. Era simplesmente fascinante, repleto de arte. Tive a impressão de entrar em museu ou uma exposição de arte a céu aberto capaz de encantar a todos (muitas sepulturas tinham escultores identificados como Irmãos Natali). Mais do que um local de “descanso”, o cemitério reflete parte da história da cidade. Enquanto caminhava entre os túmulos, percebi que eles são divididos por famílias e possuem características únicas. Muitas vezes, a apresentação suntuosa de alguns remete o possível poder aquisitivo de seus donos e daqueles que ali foram enterrados. Enquanto eu atravessava a praça principal do cemitério, um canal de televisão realizava uma reportagem ao vivo informando sobre os horários dos cemitérios, entre outras coisas, chamando a atenção de curiosos. Nesse momento, percebi que as ruas de acesso do local se pareciam com grandes avenidas movimentadas. A diferença é que ali não eram veículos, eram pessoas. Olhei para o relógio, eram exatamente 12 horas e o número de pessoas que visitava havia aumentado consideravelmente (L).*

Ressalta-se que o Cemitério do Bonfim, o primeiro da capital mineira, recebeu um projeto que absorveu o imaginário da cidade a que estava destinado a servir, planejado e com recursos estilísticos de várias épocas, com túmulos grandiosos e diversas expressões de arte. Almeida (2015, p.3) assim comenta:

Desde sua inauguração até a década de 30 é possível identificar uma variedade de túmulos que exploram os recursos estilísticos da época, o *art nouveau*,

a influência francesa se faz sentir na decoração tumular importada do Rio de Janeiro, São Paulo e exterior, em alguns casos até mesmo a exploração de matéria-prima local. A utilização do bronze é mais perceptível a partir da década de 40, momento em que a massificação e a repetição de alegorias, imagens e símbolos predominam na escultura funerária. Nas décadas seguintes o fabrico tumular perdeu em qualidade artesanal e até mesmo em virtude da mudança de valores estéticos, sociais e mentais a opção por túmulos rebuscados foi se perdendo.

Pode-se dizer que o Cemitério do Bonfim seguiu padrões de arquitetura e esculturas já conhecidos e habituais de outros cemitérios além mar, dentre os quais pode-se destacar o Cemitério Père Lachaise, em Paris (França), que é considerado um verdadeiro museu sobre a história da França e da cultura ocidental e se tornou um lugar disputado entre os burgueses, passando a abrigar os restos de filósofos, músicos e heróis militares (NARLOCH, 2019). No caso de Belo Horizonte, o cemitério do Bonfim, para além de suas funções ligadas ao culto aos mortos, trouxe a perspectiva da arte, da contemplação e da história de Belo Horizonte.

Por outro lado, os relatos também decrevem túmulos mais simples em determinados cemitérios, cuja inscrição na lápide segue o decreto que diz “As lápides dos jazigos poderão conter somente os nomes das pessoas enterradas, com as respectivas datas de nascimento e morte, e a inscrição de epitáfio de livre escolha da família do *de cuius*”<sup>15</sup> (BELO HORIZONTE, 2005).

---

15 *De cuius*, expressão utilizada no campo jurídico, tem origem no latim, é usada em substituição ao nome do falecido, defunto ou morto. « L'expression latine dont la formule entière est “*Is de cuius successione agitur*” désigne celui de la succession duquel on débat. Par délicatesse, les notaires ont pris l'habitude d'utiliser cette expression lorsqu'ils rédigent un contrat de mariage ou un testament afin qu'en sa présence le donateur ne soit pas désigné dans l'acte qu'il signe, par l'expression “le (futur) défunt” (BRAUDO, 2011).

## ESPAÇO

O grande movimento de pessoas chama a atenção das estudantes, que assim relatam:

*[Cemitério-crematório] apresentava, em suas proximidades, grande número de pessoas, que iam e vinham. (S)*

*Muitas pessoas de diversas idades circulavam pelo cemitério, mas predominavam os mais velhos (idosos). (Y)*

*Continuei minha observação em meio ao barulho atípico do local [...] Enquanto eu andava em meio a essa multidão... (L)*

*Por volta das 9h12min, cheguei ao cemitério, que estava extremamente movimentado de pessoas que se deslocavam a pé ou motorizadas, o que provocou um pequeno engarrafamento na entrada. (M)*

*Esse local [de cremação] estava aberto ao público, já que não estava sendo realizada nenhuma cremação no momento. Algumas pessoas se atreviam curiosamente a visitar seu interior, algumas permaneciam sentadas conversando distraidamente no local destinado aos familiares e amigos para assistirem à cremação. No interior da sala [columbário], também se encontrava uma senhora com um botão de rosa na mão, uma criança sentada no chão da sala e um rapaz de aproximadamente 20 anos, todos pareciam estar juntos. A senhora parou por alguns instantes em posição de prece, deixou a rosa ao lado de uma urna e saiu da sala notadamente emocionada, quando foi consolada pelo rapaz. Retirei-me do local. Lembrei-me de uma discussão no NUPEQS em que questionávamos se os parentes homenageavam as cinzas dos mortos. E a pergunta pôde ser esclarecida. Algumas pessoas permaneciam em pé, em frente às lápides, em sinal de prece. Durante esses momentos de prece, é possível observar a emoção no rosto das pessoas, mas após a prece, pareciam serenas e não mais emocionadas. O clima de finados é leve, remete a uma lembrança do luto, diferente do momento do enterro onde todos estão vivenciando o luto (S).*

*Mostravam-se abatidos e chorosos, podíamos ver nitidamente a tristeza estampada em suas faces. (RN)*

*Em frente a alguns túmulos, víamos pessoas fazendo suas preces, lendo rezas aos sepultados e até mesmo conversando e relatando fatos de suas vidas a eles (RN).*

*Havia apenas um casal no local [onde as crianças são enterradas], e ambos estavam totalmente de preto, foram os únicos que vimos vestidos assim naquele dia. (RN)*

*Já eram 16h40min e estávamos nos encaminhando para o local próximo à entrada, onde as pessoas chegavam e colocavam suas velas numa espécie de gaveta; neste local, elas faziam suas orações e, posteriormente, se dirigiam à sepultura a ser visitada (RN).*

*O transitar da maioria das pessoas no cemitério era bastante rápido, geralmente chegavam ao túmulo, colocavam as flores, faziam uma reflexão, ou oração por alguns minutos, sendo que, nesse momento, algumas se emocionavam fortemente e começavam a chorar e em seguida partiam. Ative meu olhar para uma senhora de aproximadamente setenta e cinco anos, que usava uma blusa branca e óculos escuros. Mas, como me ative à senhora, apesar de ter tentado, não consegui prestar atenção no padre [na celebração de missa]. Então, caminhei em direção à senhora que já estava ali há algum tempo, diferente das demais pessoas que geralmente chegavam e saíam rapidamente. Ela estava debruçada sobre um túmulo em mármore branco muito enfeitado de rosas. Aproximei discretamente e fiquei observando atentamente. A senhora conversava sozinha, abraçava e beijava o túmulo, como se este fosse uma pessoa. Gritei coragem, me aproximei e tentei dialogar. Perguntei a quem ela visitava. Ela respondeu que ao marido que havia falecido há 15 anos. Em seguida, perguntei se vinha sempre ao cemitério. Disse que todo ano, desde que o marido faleceu, sempre retornava no Dia de Finados para ter o seu momento com ele, matar a saudade e cuidar do túmulo para dar um aspecto melhor. Neste momento, percebi que um rapaz acenava para ela de dentro de um carro parado próximo ali. Ela imediatamente olhou para mim e disse: “tenho que ir, meu filho esta chamando”. Fiquei parada ali por alguns segundos enquanto ela se despedia do “marido” abraçando o túmulo e beijando novamente. Assim que ela saiu, me aproximei ainda mais do túmulo, ele era todo branco em mármore e estava bem limpo com muitas rosas vermelhas sobre. Tinham*

alguns nomes ali gravados, dois ou três, não me recordo ao certo, e abaixo de um dos nomes tinha uma mensagem gravada no mármore que consegui ler: “saudades eternas de sua esposa e filhos” (Y).

Enquanto algumas senhoras estavam ali observando esse túmulo [de soldado], uma delas demonstrou sua compaixão com os que já morreram, dizendo que ao passear pelo cemitério, em alguns túmulos, ela sentia algo inexplicável, mas que entendia como um sinal de que o falecido precisava de oração, então ela ajoelhava e orava independente de quem fosse. Uma família aproximou do túmulo de seu ente querido enquanto discutia com o mais velho, alegando que já haviam rezado ali e que não iriam rezar de novo, pois queriam voltar para casa. O senhor continuou em silêncio e olhando diretamente para a foto da falecida que estava sobre a sepultura, uniu suas mãos e começou a rezar. A família se calou e esperou, e eu apenas continuei a caminhar. Ainda perto dali, vi outra família de forma diferente: os filhos levando suas mães em túmulos enquanto essas relatavam para suas netas adolescentes a história de vida daqueles que ali estavam. Notei a presença de um senhor todo vestido de preto. Era o único. Vi também um cachorro juntamente com seus donos visitando um túmulo. Foi quando parei para escutar o que essa multidão dialogava e o que mais se ouvia eram reflexões acerca da finitude do homem, correr atrás de boas obras enquanto se é vivo, até que percebi que um grupo de mulheres comentava sobre os defeitos que um falecido tinha e falavam umas com as outras o quanto elas sabiam viver sem cometer os mesmos erros. Por fim, após caminhar por um longo período, retornei para o portão principal, passando entre os longos corredores entre as sepulturas. Por um momento, fui surpreendida por algumas pessoas que, apressadas e enraivecidas, passaram por mim procurando o túmulo de seu ente querido, pois não se lembravam onde estava. Mais à frente, como se o ambiente não fosse o mesmo, me deparei com uma sombra, ar fresco, um pássaro cantando e uma mulher jovem sentada ao lado do local que foi enterrado alguém, com uma Bíblia Sagrada aberta, fazendo com que todos que por ali passassem, ouvissem o som calmo de sua voz (L).

As descrições falam por si e o relato de uma das alunas retrata essa multiplicidade de comportamentos das pessoas no cemitério no Dia de Finados.

*Naquele local [túmulo do primo], resolvi sentar e observar um pouco a atitude que as pessoas possuem diante do túmulo de seus parentes. Percebi que muitos reagem de forma diferente à visitação: ficam ajoelhados, sentados, em p , rezando ou até acendendo velas em honra   alma do morto, acredito eu. Além disso, percebi que muitas pessoas chegam sozinhas ou acompanhadas com os familiares. Na maioria das vezes, aqueles que estão s s, perante minha observa o, voltam-se para as ora es em silêncio ou conversam com o morto. Já aqueles que chegam em grupos, rezam, conversam sobre o morto, com outras pessoas ao celular, sobre campeonato brasileiro, e até contam piadas. Atento que uma minoria de pessoas veste preto, e que estas geralmente chegam muito emocionadas ou abatidas, o que pode demonstrar que as mesmas não superaram a morte de seus familiares. Outras parecem comparecer ao cemitério apenas como uma tarefa que deve ser cumprida. (M)*

  a mesma estudante que arremata esse tema, mostrando que   necessário prosseguir, uma vez que não temos resposta para a pergunta formulada.

*As 11h45min encerrei minha visita, que foi extremamente enriquecedora, embora ainda fiquem alguns questionamentos: Qual   a importância para o familiar ir ao cemitério no Dia dos Finados, cobrir algum vazio, sentir-se aliviado, ou apenas para cumprir uma tarefa? (M)*

Pode-se dizer que, provavelmente, as indaga es são verdadeiras e tantas outras questões podem ser formuladas. Também, o Dia de Finados traz, para além do “compromisso” da visita aos entes queridos, a necessidade de continuidade da vida, o cotidiano com seu ir e vir, as múltiplas atividades e necessidades apresentadas pela vida dos visitantes. A vida continua no seu comércio, na impaciência de alguns, na aten o de outros, na prece, na conversa ...

Relatos nos apontam para uma ambiência muito semelhante ao dia a dia das pessoas:

*Os túmulos e mausoléus estavam todos limpos e coloridos com muitas flores, as cores predominantes de flores eram o vermelho e amarelo, quebrando o preto fúnebre normalmente encontrado neste cemitério. Andei por várias quadras procurando algo que me chamasse a aten o. Nessa caminhada,*

*observei diversas pessoas enfeitando túmulos como se estivessem fazendo a decoração de um ambiente qualquer, algumas até discutiam o melhor lugar para colocação dos arranjos de flores. (Y)*

*Outro fato que me chamou a atenção foram os lindos adornos deixados nas sepulturas, dentre eles, flores e mensagens. Porém, em alguns locais não havia nenhum tipo de adereço e, por coincidência ou não, as pessoas que ali se encontravam, foram enterradas há muitos anos. (L)*

*Antes de sair de casa, minha mãe pediu que eu levasse uma flor, de minha própria casa, e colocasse no túmulo de meu primo. [...] Continuei meu trajeto e cheguei ao túmulo do meu primo, no qual coloquei minha flor sobre sua lápide, aproveitei para fazer uma oração. Neste momento, percebi que um dos possíveis motivos que levam os familiares a se dirigem aos cemitérios no Dia dos Finados seja a lembrança do familiar que já morreu. Minha concentração é perdida quando o helicóptero sobrevoa novamente, jogando pétalas de todas as cores. Percebo que algumas pessoas acenam, aplaudem e registram o momento com telefones celulares e máquinas digitais. Resolvo caminhar para o outro lado do cemitério, em que já estava com todos os campos floridos, pelos verdadeiros jardins montados por seus familiares ou pelas pétalas de flores lançadas. Na lanchonete, aproveito para questionar um funcionário sobre a frequência das missas e do helicóptero. O mesmo responde que o helicóptero permanecerá fazendo homenagens durante toda a manhã e depois irá para o crematório, e que as missas serão realizadas apenas no período da manhã [M].*

Com base nas observações expostas, convém acrescentar que a obrigação de cultuar e fazer oferendas aos mortos vem de longa data e parece ligada à ideia de purgatório. Segundo Pascale (2009, p.336) as primeiras referências doutrinárias do purgatório estão no Evangelho de Matheus e nos escritos de São Paulo, sendo o purgatório definido “como um lugar de purificação da alma antes da visão de Deus”. Para Vovelle (2010, p. 27), é imposta para os cristãos uma purificação prescrita pelo fogo por São Paulo, mas faltava definir, local, forma e duração. Coube, segundo o autor, no século V a Santo Agostinho, não definir um local, mas determinar “as penas purgatórias, entre a morte

e a ressurreição final para os pecadores, que poderiam ser aliviadas pelos sufrágios dos vivos”.

Segundo essa visão,

Os mortos estão diante da nossa porta, nos rodeiam, vivendo a vida deles, se podemos dizer, durante toda a sequência que separa a morte física da sua separação definitiva, ritmada pelas etapas da sua decomposição, e ainda além. Uma vez que não é forçosamente expresso em termos de expiação de pecados, fica no entanto evidente que os mortos têm negócios a resolver, tanto com seus próximos como com a comunidade da qual são parte integrante (VOVELLE, 2010, p. 31).

Mattoso (2013) nos auxilia a entender essa relação entre mortos e vivos ao dizer que, embora os mortos possam ser encontrados sozinhos ou em grupo, principalmente, em encruzilhadas, eles podem aparecer nas casas.

E esse encontro é temido, pois de um folclore para o outro, mesmo que haja exemplos de defuntos indulgentes, há muitos mais casos de mortos reivindicativos, que solicitam as ajudas e prestações – ou as orações dos vivos – para que possam finalmente “soltar-se” dos laços que os detêm, como há também [...] os mortos simplesmente agressivos, sanguinários até. O morto agarra o vivo e tenta levá-lo com ele para aplacar alguma vingança obscura (VOVELLE, 2010, p. 31).

A partir disso, o autor conclui:

Daí a multiplicidade de gestos “mágicos”, como se dirá, com os quais a antemorte (os presságios),

a agonia e a passagem, assim como a sepultura, e mais ainda a pós- morte, são cercadas quando se trata de apaziguá-los, ou mantê-los a distância mediante oferendas ou prestações (VOVELLE, 2010, p. 31).

Todavia, é o próprio Vovelle (2010, p. 325) que, no tempo presente, retira do purgatório esse lugar de destaque. Diz ele, “para resolver seu relacionamento com os mortos, os homens do século XX precisam cada vez menos do atalho do terceiro local [o purgatório], numa sociedade marcada pela descristianização e pelo abandono de dogmas.” O autor anuncia a morte do purgatório.

Prova disso é a iconografia que oculta cada vez mais a imagem das penas purgatórias, para valorizar a elevação da alma liberada, ao mesmo tempo que vai se afirmando a ativação de uma interação, em que a família invisível das almas intervém em prol dos vivos. O “culto dos mortos”, da forma como é praticado no cemitério, sem fugir ao controle da Igreja, ilustra esse estreitamento dos vínculos familiares, em que se impõe gradativamente a ideologia da lembrança na memória dos vivos (VOVELLE, 2010, p.325).

O purgatório pode não ser o foco, ou estar na consciência do homem atual, mas este continua procurando meios de cultuar os mortos. Como discute Moreira (2007, p. 840), “a função do símbolo funerário é uma metáfora do corpo e o cemitério compreende o lugar de recusa do esquecimento, pois ele compensará o lugar de recusa do esquecimento do morto pela objetivação dos desejos de sua eternidade. Os vivos não querem ser esquecidos depois de mortos.”

Referindo-se à cidade de Paris, Thomas (1975) diz que, exceto no caso de falecimento recente, os cemitérios são visitados quase que exclusivamente no Dia de Finados e mais por rotina do que por convicção. Afirma ainda que o cemitério é um símbolo carregado de emoções, que ora provoca medo e melancolia, ora reflexão calma;

também é um símbolo espiritual complexo que adquire e expressa o que o homem experimentou e ainda experimenta em seu coração. “Numa palavra, destacam-se duas conclusões: o significado do cemitério transborda a conotação única da morte; tende a prevalecer o desinteresse do cemitério como lugar de piedade em favor do cemitério como lugar de passeio” (THOMAS, 1975, p. 264).

Vamos concordar que em diferentes níveis as descrições realizadas e apresentadas neste trabalho mostraram variadas emoções e reações tanto psíquicas como físicas das pessoas que estiveram nos cemitérios em Belo Horizonte por ocasião das visitas delas no Dia de Finados e também a percepção descrita das próprias emoções sentidas pelas narradoras das observações. A partir disso, podemos entender que, para as pessoas, mesmo apenas para cumprir uma obrigação, é preciso comparecer ao cemitério.

## **CULTOS**

Em todos os cemitérios, as estudantes relatam a ocorrência de celebração de missa.

*No centro dos velórios, um jardim com inúmeras flores de diversas cores, uma fonte d'água, cadeiras organizadas em frente ao palco onde estavam sendo celebradas as missas. Algumas pessoas aguardavam o início da missa. (S)*

*Logo na entrada, há uma capela, na qual era realizada uma celebração aos mortos, entes queridos e amigos que um dia estiveram aqui e hoje deixam imensa saudade. Pensando nesse sentimento deixado no coração de quem permanece vivo, notamos o quão apropriado é o nome do cemitério [Bonfim].(RN)*

*No decorrer da minha caminhada, encontrei uma faixa da Arquidiocese de Belo Horizonte, em nome do Arcebispo, que estabelecia os horários em que seriam realizadas as missas da Igreja Católica Apostólica Romana: 8:00; 9:30; 11:00; 14:00 e 16:00 horas e ela indicava o caminho para um palco montado dentro do cemitério, entre as quadras próximas à portaria principal. Por coincidência, estava próximo o horário da missa das*

*11 horas; então, resolvi aproximar-me para ver como seria. Eles estavam entregando o folheto da liturgia, cujo título era “Missa dos fiéis defuntos”. Peguei um folheto e, enquanto esperava pelo início da missa, continuei observando ao redor. A missa começou e, com isso, a leitura inicial “reunidos para celebrar a memória de nossos falecidos, a Igreja nos convida a entrar em comunhão com o Deus da vida e rezar pelos que já não vivem entre nós. Este dia nos lembrará que nossa existência terrena é passageira, mas nem por isso perdemos a fé junto à ressurreição”. Em seguida, os ritos iniciais, o canto de entrada: “A morte já não mata mais, perdeu seu aguilhão fatal na luta que a vida travou. Venceu o príncipe da paz que em seu combate triunfal, a morte derrotou!” (Y)*

*Optei por me dirigir ao local mais alto do cemitério do qual teria uma boa visualização do território e das pessoas. Durante minha caminhada, passei a ouvir músicas, que mais tarde fui perceber que eram originadas de uma celebração católica que estava ocorrendo naquele momento, sendo acompanhada por muitos fiéis emocionados. À medida que passava entre as pessoas, atentei para as palavras pronunciadas pelo padre naquele momento, às quais homenageavam todos os profissionais da saúde que cuidaram dos falecidos (M) Por volta de 10h45min ,iniciou-se uma banda de músicas religiosas. (M)*

Segundo Thomas (1975, p. 423) os ritos:

[...] são linguagens rigorosamente codificadas que repetem de maneira simbólica as idéias-forças de mitos-dogmas e mantêm vivas um certo número de crenças fundamentais, singularmente as que concernem à necessidade da morte, à sobrevivência no Além, à Ressurreição final. É nesse sentido que é necessário interpretar a missa dos mortos, os cantos, e a decoração que a acompanham.

O autor diz ainda que a missa sofreu modificações que exprimem bem a mudança de atitude face à morte. Ele refere-se, entre outras, à aceitação de participação direta dos fiéis, do desaparecimento

de pompas e da preocupação de dirigir-se mais aos sobreviventes e menos ao defunto. Tudo isto nos leva a compreender a referência feita durante a missa, por exemplo, aos profissionais de saúde.

Entre as celebrações de cunho católico, chamou a atenção a de um grupo de ciganos que a faziam de maneira inusitada aos olhos de outra cultura.

*Às 16h, retomamos nossa caminhada pelo cemitério em meio àquela multidão. De repente, algo inusitado despertou nossa atenção. Em uma determinada sepultura, encontrava-se um grupo de ciganos que celebravam com risos e bebidas alcoólicas aquela data. Ficamos muito surpresas, pois a imagem que esperávamos ver era totalmente oposta. Pensávamos que naquele dia encontraríamos somente pessoas chorosas e lamentosas. (RN)*

Segundo Paiva (2008, *on-line*), não é comum os ciganos cultuarem os mortos, todavia há exceção:

Os ciganos não têm culto em cemitérios. Uma vez o enterro terminou, o lugar do enterro praticamente é esquecido. Somente os sintos vão regularmente ao túmulo dos que partiram, em dias santos de guarda; mas, o nomadismo e peregrinações freqüentes dificultam a visita. Quando acontece, os ciganos comem, bebem perto da sepultura, cuidando-se para não esparzir bebida e comida neles próprios.

Também as alunas presenciaram, no Dia de Finados, duas outras atividades ligadas aos mortos: o velório e a exumação, conforme as descrições seguintes.

*No local dos velórios [cemitério e crematório], estava ocorrendo um velório, uma das salas estava bem cheia, várias pessoas permaneciam do lado de fora e não me atrevi a entrar. (S)*

*Lembramos que na última reunião do NUPEQS, que aconteceu em outubro, surgiu uma dúvida sobre se havia ou não sepultamentos no Dia de Finados. Encontramos com o coveiro, que já havíamos entrevistado na nossa primeira visita, e tratamos de solucionar nossa dúvida. A resposta nos*

*surpreendeu na medida em que quando ele afirmou que os sepultamentos ocorriam normalmente, um carro de uma funerária adentrou no local, confirmando o que estava sendo nos informado. (RN)*

*Em torno das 11h30min, tive uma experiência que talvez seja a única, percebi que os coveiros começaram a abrir um túmulo e retirar restos de madeira e panos. Eu e mais umas sete pessoas resolvemos permanecer no local por alguns minutos. Observei o coveiro retirar os ossos mortais e colocar em uma caixa prata identificada com o nome do morto. Fiquei impressionada e saí do local para beber uma água e posteriormente finalizar minha visita. (M)*

*Não se pode deixar de mencionar que o cemitério também atrai o olhar dos visitantes sobre os mortos que foram ilustres em vida.*

*Encontramo-nos novamente com o coveiro que relatou estar cansado devido às preparações feitas no cemitério anteriormente, para receber os familiares e amigos dos sepultados. Perguntamos a ele se havia algum túmulo muito visitado, de uma pessoa conhecida, ele disse que havia um antigo jogador do Cruzeiro enterrado naquele local e que era comum que alguns torcedores o visitassem naquela data. (RN)*

*Diversos personagens importantes na política mineira e para a sociedade brasileira estão enterrados ali, inclusive aqueles que não são conhecidos como soldados que guerrearam em lutas históricas em defesa do Estado. (L)*

*Andei por vários locais onde a imagem de Cristo e de anjos eram predominantes. Algumas esculturas tinham suas mãos estendidas e outras olhavam diretamente para o local em que os mortos foram enterrados, fazendo menção à proteção divina pós-morte daquele que ali se encontrava. Enquanto que esses mortos eram revestidos dessa proteção para enfrentar o que os vivos desconhecem, os túmulos das pessoas conhecidas e importantes para a sociedade, que não por acaso já mencionei, possuíam monumentos que refletiam o que eles eram e fizeram, ou defenderam enquanto vivos, sobrepondo assim, a necessidade que todo ser humano possui, até então, de amparo e auxílio de seres divinos e mais fortes durante a passagem por algo desconhecido. Os túmulos de dois políticos, por exemplo, me chamaram atenção, pois possuíam esculturas magníficas entre elas, Têmis,*

*a deusa grega da justiça. Havia também, túmulos coletivos de soldados caracterizados por estátuas com trajes contemporâneos de guerra e placas com algumas palavras que descrevia o local e a morte heróica que tiveram (L).*

Ainda na atualidade, o cemitério é considerado um campo santo (sagrado), local de ritos fúnebres onde são enterrados os mortos em tumbas individuais ou coletivas, conforme a condição financeira da pessoa. Em geral, também as sepulturas individuais sofrem diferenciação de classe socioeconômica em alguns cemitérios. Conforme as posses, a família pode construir mausoléus, que se assemelham a verdadeiras casas ornamentadas com obras de artes exclusivas, como no Cemitério do Bonfim. Existe exceção, por exemplo, em Belo Horizonte, no Cemitério da Colina. Lá, todos os túmulos têm a mesma aparência, todo o espaço é gramado e apenas uma lápide colocada sobre a grama identifica as pessoas ou a família.

Nas palavras de Montaigne (1987, p. 47), “nenhum homem é mais frágil do que outro, nenhum tem assegurado o dia seguinte.” [Sêneca].” Todos morrem independente da posição social ou econômica, porém as formas de enterramento e o local do sepultamento será diferente segundo a condição socioeconômica do defunto.

O tempo, o espaço, as diferentes civilizações vão determinar as formas de enterramento, intramuros e extramuros, seguindo cultos variados segundo a religião professada. Conforme descrição apresentada anteriormente, segundo Taboada (2013) os cristãos, geralmente por questões de espaço, destroem ou alteram os túmulos antigos, reúnem os ossos e reaproveitam o espaço. Nesse sentido, “a utilização durante séculos do mesmo espaço provoca a destruição das tumbas mais antigas [...] Essa prática comum para os enterramentos tanto cristãos como muçulmanos não é documentada nos enterramentos judeus que, regra geral, respeitam, de forma escrupulosa, as tumbas antigas.” (TABOADA, 2013, p. 21).

## APRECIÇÃO

As estudantes, em seus relatos de observação, apresentaram comentários em tom de apreciação.

*Às 17h, encerramos nossa visita impressionadas com a riqueza de observações feitas. Manifestações culturais, religiosas e afetivas que nos mostram como a morte de entes é encarada, como é sentida e como mesmo após a vida na Terra, tais pessoas continuam sendo importantes e, acima de tudo, lembradas com muito carinho e saudade. (RN).*

*Desta vez, em uma visita atípica, eu não estava ali para visitar algum túmulo ou nem mesmo para um funeral, fui com o objetivo de observar e tentar compreender o comportamento das pessoas que ali estavam devido ao Dia de Finados. (Y)*

*Neste dia [finados], o “símbolo da morte” (cemitério) ganha uma conotação diferente, parece “estar vivo”. Vemos de tudo um pouco, aqueles que estão ali simplesmente pelo comércio, os que estão ali para cumprir uma obrigação com o morto ou rito a ser seguido, os que estão ali sorrindo, os que estão chorando, e ainda aqueles que estão em busca de alguma fonte de pesquisa (como eu). Parei por alguns instantes [no túmulo onde estão enterrados meus avós paternos e meu irmão] tentei refletir um pouco, senti saudades destes, mas não me emocionei como o de costume das outras vezes que lá estive. Em seguida, deixei o cemitério (Y).*

*Esse dia [finados] que é tido como o “dia de todos os mortos”, é o momento em que a cidade dos vivos se depara com a cidade dos que dormem. E esse confronto [entre cidade dos vivos e dos que dormem] gera uma consequência: o silêncio que reina durante todo o ano dá espaço para movimentações, conversas e sentimentos guardados das pessoas que permanecem neste mundo (L).*

*Deixei minha casa às 9h, e percebi que o dia encontrava-se parcialmente nublado, contrariando o que todos popularmente dizem que no dia dos mortos sempre chove. No caminho, observei que havia muitos carros de sons ligados e pessoas aparentemente felizes e despreocupadas, como em um feriado comum. (M)*

A morte não está em lugar algum como essência uma vez que ela se encontra fora de toda categorização, diz Thomas (1999). O autor completa, dizendo que ela, na condição de processo, está em todo lugar “uma vez que o morrer começa desde o nascimento e prolonga-se para além da morte clínica e biológica” (p.8). Podemos dizer, como o autor, que a morte não está em lugar algum e encontra-se por todo lado. Prossegue ele, uma vez que a morte não está em lugar algum e que é um objeto inalcançável, o que pode ser dito sobre ela é que há um *antes* e um *depois*. O antes é composto pelas atitudes face aos cuidados aos moribundos; já o depois é conformado pelos ritos funerários, o luto, o culto aos mortos e aos ancestrais. Ao longo da existência, ela encontra-se no centro da discussão da arte, da filosofia, da religião, da política, porém, só é possível falar da morte de modo enciclopédico, heterogêneo, jamais exaustivo (THOMAS, 1999). Este é nosso sentimento ao longo das nossas observações: pudemos dizer algo, mas há muito mais para se falar, discutir e refletir. É com Thomas, (1999) que afirmamos: o que fizemos foi tentar falar de práticas relativas ao morrer, ao defunto, aos sobreviventes, às crenças e aos ritos. Fizemos uma pequena apreensão da morte do exterior, uma vez que do lado de dentro ela é inacessível.

Segundo Thomas, (1999, p. 36), os moribundos podem ficar na solidão deixando- nos, muitas vezes, em graus variados de indiferença; mas a morte nos diz respeito, povoa nossos sonhos e em geral não nos é indiferente. Segundo expressão do autor, “os mortos nos provocam”. Nós queremos nos reconciliar com eles, implorar-lhes, neutralizá-los, venerá-los, auxiliá-los no repouso da alma, interrogá-los, perpetuá-los em nossas lembranças. “Simplesmente, queremos mantê-los existindo uma vez que sabemos bem que os mortos sobrevivem à medida que eles permanecem em nossa memória” (THOMAS, 1999, p. 36). Continua o autor, “apagar os mortos de nossa consciência equivale a matá-los uma segunda vez.”

Dar um fim ao corpo sem vida e manter a lembrança do morto parece ser uma atitude do homem. Não é qualquer destino dado ao corpo que nos serve. O ossuário coletivo, a vala comum, simbolizam

o anonimato definitivo, indicam a supressão, a ruptura sem retorno e provocam um horror sem precedente, afirma Thomas (1999). Não é difícil aproximarmo-nos das afirmações do autor. Neste momento vale pequena reflexão sobre a atualidade. Em tempos de catástrofes como as provocadas por enchentes advindas das chuvas de verão que ocorrem frequentemente no Brasil, ouvimos, com frequência, expressões como, “encontrar o corpo é uma forma de resgatar a dignidade da família”, “é preciso dar um enterro digno para a pessoa”. A fala das autoridades e dos organizadores dos enterros gira sempre em torno de garantir a todas as vítimas um sepultamento digno, em covas individuais: “queremos dar um enterro digno”, “é importante que os mortos tenham um sepultamento digno”, este tão discutido em tempos da covid-19. E não importa o tempo que passa. O importante é encontrar os corpos, ou mantê-los congelados por um tempo ou exumá-los, retirando-os de covas coletivas. Retirar, ou não deixar o corpo na informalidade, fazer a restituição do corpo à família, são atos que permitem devolver a identidade das pessoas falecidas. Ao enterrar o corpo de maneira digna, os familiares fecham um ciclo de luto que parecia inconcluso.

Voltando ao tema deste estudo, vale reafirmarmos que um cemitério não é somente local de enterramento ou cremação para os mortos e de recolhimento para os vivos, é igualmente lugar de lembranças e de renascimento de imagens de entes queridos, de conhecidos e mesmo de pessoas desconhecidas; muitas vezes, tentativas de encontrar relações perdidas: a lembrança traz o outro de volta e, nesta volta, busca-se o reencontro. Ao andar por um cemitério, sem objetivo muito preciso, nossa imaginação voa por entre tumbas, mausoléus, lápides, árvores, gramas, nomes, datas, dizeres... Pensamos na vida de pessoas, no destino delas após a morte, muitas continuam anônimas aos nossos olhos, mas, muitas vezes, advém-nos um desejo contido de conhecer mais sobre suas vidas.

Nas palavras de Castro e Castro (2019), o Dia de Finados é cercado de rituais de memória afetiva, numa retemporalização da perda e na renovação do vínculo com o morto, que estão centradas

na plausibilidade da vida cotidiana e num experimentar comum do presente.

Vida e morte se entrecruzam, nascer e morrer são atos simbólicos que nos fazem pensar sobre o quê e quem somos. Que pai, irmão, mãe, filho, esposa, esposo, amigo foi a pessoa cujo nome está em uma lápide, colocado anonimamente no meio de tantos outros nomes? Certamente, sentimos no cemitério certa melancolia e a sensação de que a vida é aqui e agora.

Todavia, a lembrança também perde a sua vivacidade e deixa de ser uma lembrança muito dolorida. Podemos dizer que é uma espécie de vaporização que pode ocorrer em três formas: evaporação, ebulição e calefação. As três são aspectos diferentes da lembrança. A *lembrança-evaporação* é a passagem de uma lembrança viva a um estado mais esmaecido que se processa lentamente, a *lembrança-ebulição* é uma passagem também de uma lembrança viva para uma esmaecida, porém de modo mais rápido; a *lembrança-calefação* é a passagem quase instantânea de um estado a outro. O tempo que passa parece retirar o excesso e recolocar a pessoa em outra posição. Esse processo parece não ter prazo estabelecido podendo durar dias, semanas, meses, anos e até esmaecer muito pouco ao longo da vida de quem fica. Parece que a lembrança é um movimento de distanciamento forçado e doloroso da pessoa perdida, mas também um momento de reencontro que torna o outro presente. Para suportar o “nunca mais”, a ausência do que não mais existe, somos obrigados a um esforço maior, uma dose extra de resistência, uma resiliência extraída dentro de nossas experiências anteriores, ou de apoio recebido de forma a suportar a perda, perda esta que se torna mais leve à medida que a lembrança traz o outro. Entendemos que os sobreviventes enterram o corpo e guardam para si o que é possível, a lembrança de quem se foi.

Muitas vezes é uma espécie de estagnação, de sofrimento congelado. O congelado também muda de estado. Muitos acreditam que a lembrança viva do morto, pelos que ficam, ameniza a solidão e torna possível uma evocação sentimental do que foi o morto. A lembrança para alguns não serve apenas para rememorar a morte

do ente que se foi, mas também, e principalmente, para suportar a ausência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao voltar a atenção para o culto aos mortos, nossa finalidade foi buscar no Dia de Finados, dia de reverência aos mortos, elementos para refletir sobre a atitude das pessoas perante os mortos e a morte, de modo a entender, nesse percurso, atitudes dos sobreviventes perante a lembrança dos que foram para o Além e entender um pouco da conformação dos cemitérios na vida e na morte.

Com atitude que vai do recolhimento e silêncio a um barulho sem limite, o culto cemiterial irá ter no Dia de Finados expressão coletiva em tom de celebração como pode ser verificado pelo relato das estudantes. Ao se fazer estudo sobre o culto aos mortos em visitas das pessoas aos cemitérios da região metropolitana de Belo Horizonte no Dia de Finados, foi importante refletir acerca dos arredores do cemitério, bem como a aparência e a ambiência interna, os cultos e mesmo as apreciações realizadas pelas estudantes. Nossas reflexões acerca da forma ou maneira como os homens se comportam e definem a presença nos cemitérios nos permitiram compreender alguns aspectos desse universo complexo que abrange as atitudes humanas perante a morte. De fato, na visita aos cemitérios, repetem-se atitudes coletivas e individuais que variam desde a limpeza dos túmulos, à colocação de flores, o recolhimento, o silêncio, o comportamento que indica prece, conversas que indicam muitas coisas e até menção, reencontro e recordação do morto.

Parece que a maioria das pessoas que visita os cemitérios no Dia de Finados está ligada à religião católica e nesta, missas, rezas e acendimento de velas ajudam na purificação da alma. A associação do Dia de Finados com tristeza pela lembrança daqueles que já morreram e os cemitérios lotados com toda aquela vibração que vai desde aqueles que fazem preces em silêncio até a histeria dos mais exaltados, fazem

parte de uma ambiência cemiterial no século XXI, mas com raízes em períodos anteriores.

A motivação da visita parece ter sentido de celebração e de recordação de tornar vivo o outro com motivos variados: alguns parecem que vão ao cemitério, sobretudo para levar flores; outros visitam o cemitério com o intento de cuidar do túmulo; outros parecem ter o propósito específico de fazer preces, enquanto tantos outros parecem cumprir uma mera obrigação; ou seja, vão ao cemitério no Dia de Finados por mera fidelidade aos costumes, o que parece demonstrar um hábito de repetição familiar. Tudo isso parece indicar, no início do terceiro milênio, em era de pleno desenvolvimento tecnológico que, apesar do processo de mudança em curso, a força do culto da recordação é atitude que se prolonga desde tempos remotos e parece continuar na lida com a memória dos sobreviventes em relação a quem se foi.

Certamente, a adesão ao culto cemiterial dos mortos no Dia de Finados varia conforme a idade, sexo, grau de parentesco, de instrução, extrato socioeconômico, ou credo. Esta, porém não é uma discussão para este estudo, deixamos em aberto para novas investidas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.G. Memória e História: o cemitério como espaço para educação patrimonial. In: **Simpósio Nacional de História**. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, jul. 2015.

ARAÚJO, A.J. Poemas. Dia da Morte vs. Dia da Vida, 2010. **Luso-Poemas**. Disponível em: <https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=233296>. Acesso em: 04 fev. 2022.

BELO HORIZONTE. DECRETO Nº 12.009, DE 30 DE MARÇO DE 2005 Regulamenta a Lei 9.048 de 14 de janeiro de 2005, que “Autoriza a outorga de concessão ou permissão de serviço crematório nos casos que menciona e dá outras providências”. Prefeitura de Belo Horizonte, **DOM**, 15 jan. 2005. Disponível em: <http://www.cmbh.mg.gov.br>. Acesso: 13 jan 2011.

BRAUDO, S. **Dictionnaire du droit privé français**. 2011. Disponível em: <http://www.dictionnaire-juridique.com/definition/de-cujus.php>. Acesso em: 13 jan. 2011.

CASTRO, M.R.N.; CASTRO, F.F. Rituais de memória e temporalidade num Dia de Finados. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 22, n. 1, p.240-260, jan./jun. 2019.

ENCICLOPEDIA DA MORTE E DA ARTE DE MORRER. Quimera, 2004.

FERNANDES, C. 02 de novembro – Dia de Finados. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducação.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-finados.htm>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LE BRETON, D. **Do silêncio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MAIOR, M.S. **A morte na boca do povo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974. Biblioteca Virtual Mário Souto Maior. Disponível em: <http://www.fgf.org.br/bvmsm>. Acesso em: 29 out. 2008.

MATTOSO, J. **Poderes invisíveis**: o imaginário medieval. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2013.

MONTAIGNE, M. De como filosofar é aprender a morrer. In: . **Ensaaios**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores), v. I, livro primeiro, cap. XX, p.44-51.

MOREIRA, G. O. Cemitérios oitocentistas como lugares de memória. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 17, n. 9/10, p. 839-853, set./out. 2007.

NARLOCH, L. Père Lachaise: o cemitério das celebridades criado por Napoleão Bonaparte. **Aventuras na História**, 17/11/2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/pe-re-lachaise-cemiterio-celebridades.phtml>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PAIVA, A. **MORTE**. Conversas sobre o povo cigano. 11 abr. 2008. Disponível em: <http://etniascigana.blogspot.com/2008/04/morte.html>. Acesso em 22 fev. 2022.

PASCALE, E. **La mort et la résurrection**. Paris: Éditions Hazan, 2009.

SOUSA R. O dia de Finados em diferentes culturas. **Canal do Educador » Estratégias de Ensino » História »**. Disponível em: <http://www.educador.br/brasil escola.com/estrategias-ensino/o-dia-finados-diferentes-culturas.htm>. Acesso em: 16 jan. 2011.

TABOADA, A.R. **La vida futura es para los devotos**, la muerte en el Toledo medieval. Madrid: La Ergástula, 2013.

TAGORE, G. In: Elisabeth Kluber Ross. **Sobre a morte e o morrer**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

THOMAS, L-V. **Mort e pouvoir**. Paris : Éditions Payot & Rivages, 1999.

THOMAS. L-V. **Anthropologie de la mort**. Paris : Éditions Payot, 1975.

VOVELLE, M. **As almas do purgatório:** ou o trabalho de luto. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

#### **4 “SÓ A MORTE NÃO TEM JEITO, NEM CONCERTO”; PORTANTO, “QUANDO UM BURRO FALA DE PERTO, O OUTRO USA MÁSCARA”**

A morte, cuja sequência está ligada ao ciclo de vida: nascer, crescer e morrer, é um assunto que retrata a realidade dos seres vivos, não implicando que essa sequência não possa ser alterada e o ser, por exemplo, nasça e morra rapidamente, ou nasça morto. O morrer é um tema relevante para o homem e para toda a sociedade, independente da classe econômica, faixa etária, profissão ou religião. O falecimento tem importância significativa para os humanos, principalmente pela atenção dada ao corpo após fenecer. As evidências relativas ao cuidado do homem com os mortos remontam ao homem de Neanderthal (MORIN, 1997; SCHNITZLER, 2008a e 2008b).

Morin (1997, p. 25) afirma que:

Não existe praticamente nenhum grupo arcaico, por mais “primitivo” que seja, que abandone seus mortos ou que os abandone sem ritos. [...] Assim, as práticas relativas aos cadáveres, a crença numa vida própria dos mortos se manifestam ao nosso conhecimento como fenômenos humanos primordiais do mesmo modo que a ferramenta.

Ao longo dos tempos, o interesse do homem pelo tema morte cresce, seja com o olhar voltado ao mundo dos vivos, ou dos mortos, ou dos espíritos. Quase sempre, a atenção do homem está voltada para a busca de entendimento relativo; por exemplo, a hora da morte, as formas de finamento, o destino do corpo, formas e locais de enterrar o corpo, o destino da alma, a ligação posterior entre falecido e vivos, entre muitas outras inquietações.

Na atualidade, percebe-se, também, que este interesse aumenta com o avanço tecnológico e científico, pois antes se diagnosticava o óbito pelo simples fato de o indivíduo parar de respirar. Hoje,

sabe-se que, além deste evento, é necessário que haja a cessação total e permanente de todas as funções vitais. A ciência e a tecnologia têm avançado e trazido mudanças quanto ao entendimento do morrer humano; todavia, isso não é tudo: o mundo também gira em outras direções e traz muitas mudanças. Em 2019, teve início na China a covid-19, doença respiratória causada pelo novo coronavírus, (Sars-CoV-2) que provocou uma pandemia e, conseqüentemente, uma importante mudança na forma de viver e morrer do ser humano, bem como alteração na forma de conviver em sociedade, interagir com o outro, lidar com a doença e com o corpo morto pela doença.

Em tempo de pandemia, podemos afirmar com segurança que o mundo foi e está sendo impactado de vários modos pela morte advinda do coronavírus. Logo no início, quando em março de 2020, foi decretada pela Organização Mundial de Saúde a pandemia, o coronavírus e conseqüentemente a morte, passaram a permear muitas conversas e tornaram-se uma das principais manchetes em todo o mundo. Em seguida à decretação da pandemia, foram tomadas variadas medidas, como fechamento de escolas, cancelamento de reuniões e eventos, redução de viagens, mudanças nas maneiras de as igrejas atenderem os fiéis, entre outras medidas. Houve um abalo na economia global: o grande comércio e o negócio local foram a duras penas adaptados às condições atuais necessárias ao novo momento. *Shoppings*, lojas, parques, teatros e fronteiras fechavam e abriam conforme o avanço ou recuo da pandemia. No mundo, em geral, os grandes eventos culturais, esportivos e políticos foram cancelados ou adiados.

Não resta dúvida de que a pandemia também provocou reações emocionais variadas, que foram desde o exagero e o desespero, gerando isolamento, até o “tô nem aí”, frequentando grandes festas e aglomerações. Muitas atitudes já foram incorporadas ao cotidiano das pessoas: o modo de tocar os objetos foi modificado, lavar as mãos e usar máscara passaram à condição de itens obrigatórios no dia a dia. No presente, o simples ato de espirrar ou tossir em público gera muitas caras feias e afastamentos. A pandemia não só modificou a rotina da população, bem como inseriu ou tornou usual algumas palavras

no vocabulário cotidiano. São termos muito usados pelos jornais, programas de TV, redes sociais e todos tornaram-se de domínio quase completo da população. Hoje, quase ninguém tem dúvida sobre o sentido de palavras e ou expressões como “achatar a curva”, ficar em casa, distanciamento social, isolamento social, autoisolamento, aglomeração, teletrabalho, *lockdown*, *layoff*, caso suspeito, EPI, grupo de risco, comorbidade, período de incubação, quarentena, ventilador, taxa de transmissão, teste RT-PCR, testar positivo, testar negativo, cloroquina, ensino a distância, crise sanitária e econômica...

Acrescentando-se a isso, não se fala mais em números de mortes, mas em vidas perdidas. A morte, nos dias de hoje, seja com a vivência mais presente do morrer de muitas pessoas próximas, seja pelo falar incessante dos meios de comunicação, tem chegado pelo conhecimento e ou experiência, mais perto no tempo ou no espaço do ser humano, mas mesmo com a pandemia e consequente escancaramento da morte, o homem de modo geral, mantém uma postura de medo e receio. Esta é uma questão relacionada à cessação definitiva da vida ou da existência.

Ao lado da questão relativa à origem da vida, a morte apresenta-se como um dos assuntos que mais incitam a curiosidade do ser humano, o mais profundo mistério humano. Segundo Junqueira e Kovács (2008), o homem prefere desconhecer e negar a morte a ter que encará-la e enfrentá-la. As autoras afirmam ainda que a dificuldade de lidar com a morte advém das civilizações passadas, quando não ocorria o preparo, por parte das pessoas, para a chegada deste momento. A partir das reflexões destes autores, percebe-se que a cultura age por intermédio da civilização na construção de um contexto, que neste caso é a morte. Para Cascudo (1973, p.39) a cultura pode ser definida como “[...] o conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração”. Sendo assim, a cultura de uma civilização é o que a caracteriza. Segundo Thomas (1999, p. 10) “[...] cultura é um conjunto organizado de crenças e de ritos com o propósito de lutar contra o poder de dissolução da morte individual e coletiva”. Morin (1997, p. 10-11) acrescenta:

A existência da cultura, isto é, de um patrimônio coletivo de sabedores, habilidades, normas, regras de organização etc., só tem sentido porque as antigas gerações morrem, e é preciso transmiti-la incessantemente às novas gerações. Ela só tem sentido como reprodução, e este termo de reprodução adquire seu sentido pleno em função da morte.

Tal cultura pode ser manifestada sob várias abordagens. Um dos aspectos é a língua, que para Ferreira, Silveira e Ferreira (1999), é composta por um conjunto de palavras e expressões que possuem regras próprias. A língua pode ser expressa por meio da linguagem, recurso que possibilita a comunicação, seja ela escrita ou oral. A literatura revela-se como característica da linguagem de uma época, sendo principalmente enfatizada na literatura escrita. A literatura oral apresenta um cunho tradicional, transmitida de geração em geração. Fazem parte dela os mitos, lendas, contos e provérbios e geralmente não se conhecem os autores. Esse tipo de literatura é uma importante fonte de memória, pois retrata a cultura popular. A cultura popular, segundo Arantes (1998) surge como uma “outra” cultura que, por contraste, ao saber culto dominante, apresenta-se como “totalidade”. Busca-se reproduzir objetos e práticas supostamente sedimentados no tempo e no espaço. Podem ser citados, como exemplos dessa recriação, os inúmeros grupos artísticos que recriam em palcos do mundo todo, músicas e danças populares.

Na cultura humana, um elemento sempre presente é a morte em suas manifestações artísticas. Manifestações que articulam, em situações particulares, pontos de vista a respeito de problemas colocados pela estrutura de sua sociedade. Francisco (2008) afirma que o homem utiliza a escrita como um processo de aprendizagem da morte. Na literatura, ele pode compor as diferentes figurações da morte. Na tradição popular, ela é manifestada por meio dos costumes familiares repassados oralmente de geração em geração. Os ditos populares apresentam-se como um desses costumes. Tais

ditos ou expressões, provérbios, ditados, adágios geralmente são frases e expressões que possuem um sentido lógico, fácil de decorar e transmitir em função de possuir um formato simples e direto.

Os provérbios e ditos populares são frases e expressões que possuem um sentido lógico, correspondem a situações do cotidiano e transmitem conhecimentos comuns sobre vários aspectos da vida e também da morte. Como diz Rocha (1986), essas expressões são a alma do povo e relatam seu modo de falar, de exprimir seus sentimentos, suas alegrias, tristezas, mágoas, revoltas, dúvidas, desenganos, esperanças, amor, críticas, fé em Deus, conhecimento profundo da vida e da morte. Provérbios que falam de morte estão presentes na literatura oral e como os outros tipos de ditados populares, não têm autoria específica. Foram repassados pela tradição e são falados, usualmente. Ao ouvir tais ditados como: “A morte é o fim de todos os males” ou “Morte certa, hora incerta” quase nunca refletimos sobre o sentido de morte entendida em tais ditos. Vale então questionar: O que as expressões, provérbios, ditados e adágios nos trazem referente à morte e à pandemia da covid-19? Qual a relação de alguns provérbios alterados com atitudes ligadas à pandemia de covid-19? Portanto, este estudo tem por objetivo descrever a morte na cultura popular, por meio de expressões, provérbios, ditados e adágios, bem como estabelecer relações entre um conjunto de provérbios alterados e atitudes atuais com o advento da covid-19. Tal descrição, sem dúvida, enriquecerá o entendimento sobre esse fenômeno complexo.

## **METODOLOGIA**

Com vistas a alcançar o objetivo proposto, foi realizado um levantamento de dados em busca eletrônica no acervo da biblioteca Padre Alberto Antoniazzi da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e nas bases de dados BDNF, LILACS e MEDLINE. Esse levantamento teve por objetivo encontrar textos que abordassem provérbios. Inicialmente, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: cultura popular, morte, provérbios, ditos populares. Em

seguida, foi realizada uma leitura prévia do título e resumo dos textos, sendo inclusos os de língua portuguesa, publicados em qualquer época e que retratam o tema morte. Destes, foram selecionados dez artigos, sete livros e três dicionários. Posteriormente, por se tratar de um tipo de literatura oral, foram considerados como fonte, provérbios coletados diretamente com a população e aqueles encontrados em um levantamento na internet, já que se trata de um meio de comunicação em massa, amplamente utilizado e que possibilita uma troca maior de informações de vários lugares. Selecionamos 52 provérbios, sendo estes distribuídos em sete categorias, para facilitar a compreensão de cada subtópico, bem como determinar aqueles que retratam a mesma temática. As formas de categorização foram estabelecidas pelos próprios assuntos dos provérbios sendo assim, apenas ocorreu uma ordenação (ou, um agrupamento) daqueles que se assemelham à mesma temática. Após esta subdivisão, foi realizada uma descrição das categorias e dos ditos por meio do material recolhido e das discussões realizadas no grupo de pesquisa. Com o advento da covid-19, foram realizadas novas leituras e consideramos pertinente acrescentar alguns provérbios modificados por Fraga (2020) e que fazem referência, com certa pitada de humor, ao momento atual da pandemia e não necessariamente ao tema morte.

## RESULTADOS

Foram considerados como fontes, provérbios coletados diretamente com a população e aqueles encontrados em livros e levantamento na internet. Com o intuito de entender o significado destes ditos populares, estes foram agrupados em sete categorias: **igualdade perante a morte; poder da morte; morte: fim e caminho; triunfo da morte; mortos e vivos; saberes sobre morte; morte e covid-19**. Os provérbios levam a pensar a morte e a covid-19 por ângulos diversos como experiência individual, partilhada e emocional e sob uma variedade de abordagens: histórica, cultural, religiosa, social... Considerado como histórias, anedotas, filosofia do povo,

sabedoria popular, o conteúdo dos adágios diz muito sobre a morte e sobre a covid-19.

Para Santos (2000), provérbios constituem a sabedoria de um povo; ou seja, provocam indignações, interrogações, enriquecem conversas, traduzem a maneira de pensar: as alegrias, tristezas, anseios, o bem, o mal. Tendo em vista a relevante utilização das máximas por parte da sociedade, essas acabam fazendo parte da tradição cultural e segundo Menandro, Rölke e Bertollo (2005), quando isto ocorre, são tidos como conselhos sábios para os homens. Para Teixeira (2001), provérbios são ditos que se tornam parte das tradições da cultura, com conteúdos que soam como conselhos sábios. São expressões coletivas de sentimentos e entendimentos comuns e mesmo inerentes à vida sociocultural. Fujikura (2005) registra que o provérbio perpetua-se na memória coletiva, por meio de dizeres tradicionais, em que a sabedoria popular exprime sua experiência de vida. Já Lauand (2000) descreve os provérbios como condição de agentes de educação, tendo em vista que recolhem o saber popular e condensam a experiência sobre a realidade do homem.

Rónai (1985) observa que coletâneas de provérbios abrangem três tipos de enunciados: expressões proverbiais ou maneiras de falas figuradas e metafóricas; enunciações de fatos ou verdades experimentais que constataam uma maneira de agir ou de pensar comum a muitos; ensinamentos morais ou conselhos práticos. Por isso, percebe-se que vários são os ditos utilizados pela sociedade e que muitos deles abrangem diversos assuntos que traduzem os pensamentos e reflexões proporcionados pela vivência. Os temas retratados perpassam por alegrias, tristezas, anseios, medos, o bem, o mal, dentre outros. Entretanto, os que motivaram esta pesquisa correspondem àqueles que abordam o assunto morte e alguns relativos à pandemia atual.

Durante a elaboração do trabalho, coletamos 52 provérbios que entendemos ser de mais ampla utilização na cultura popular. Estes foram distribuídos em sete categorias: igualdade perante a morte, 8; poder da morte, 7; morte: fim e caminho, 8; benefício da morte, 6;

mortos e vivos, 10; saberes sobre a morte, 13. Além desses, trabalhamos mais 27 que se referem à pandemia da covid-19 cuja categoria recebeu a denominação de morte e covid-19.

Para Santos (2000, p. 15), estudar os provérbios e até mesmo classificá-los é uma tarefa difícil, devido à sua essência e potencialidade. A autora acrescenta ainda: “que por meio da tradição oral, estas frases foram atravessando épocas – mantendo-se e transformando-se – ao sabor dos acontecimentos culturais, das características dos mensageiros e dos acasos dos acontecimentos que lhes marcaram a sobrevivência.” Ela afirma ainda que a “complexidade de uma classificação emana da identidade semântica polimórfica inerente aos provérbios: polissemia, sentidos contraditórios e sentidos perdidos, sentido próprio e sentido figurado” (SANTOS 2000, p. 15). No presente estudo, as categorias estabelecidas auxiliam a organização dos conteúdos, o entendimento, a clarificação, o destrinchamento das temáticas e o favorecimento de novas leituras. Para tanto, utilizamos, como critério norteador, os sentidos que os ditados populares evidenciam e propõem para o leitor. Tal classificação foi efetuada por meio de discussões em grupo, o que auxiliou na confecção das listagens.

A primeira categoria chamada de ***igualdade perante a morte*** contém os adágios que exprimem que todos os seres humanos são iguais; ou seja, o rico ou o pobre, o idoso ou a criança, o papa ou os fiéis, o que pode ser identificado nos seguintes provérbios:

*A morte a todos iguala.*

*A morte é niveladora: iguala todos os viventes.*

*A morte não escolhe nem reis nem pobres.*

*A morte não escolhe idade.*

*Nem rei nem papa à morte escapa.*

*Tanto morrem os velhos como meninos.*

*Todos são justos quando morrem.*

*Da morte, ninguém escapa.*

Ao buscar entendimento para esse conjunto de máximas, sentimos que elas condensam a experiência sobre a realidade do homem e suas condições de vida. Independente da classe econômica, cor, raça ou etnia, todos os seres vivos terão o mesmo direcionamento: a morte, como finalizadora de uma existência, sem distinção.

A morte, ao configurar-se como parte do destino humano, mostra que esse é o momento em que o controle humano sobre a existência encontra um limite. Ariano Suassuna fez uma reflexão sobre esse mal irremediável na peça teatral, *O auto da compadecida*:

Chicó: Não tem mais jeito, João Grilo morreu. Acabou-se o Grilo mais inteligente do mundo. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a Terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre. Que posso fazer agora? (SUASSUNA,2005).

O autor expressa com muito discernimento que a morte é a marca do destino do homem sobre a Terra e que a todos iguala. Diante da certeza de que a morte apanha a todos, faz sentido assinalar que não é possível negar o sentimento inquietante em forma de medo e angústia que se manifesta nos seres humanos e que tem ligação notadamente com a perspectiva de deterioração, apodrecimento e desaparecimento do corpo, associada à perda de glória terrena.

Retroceder no tempo, ajuda-nos a compreender essa maneira de pensar a igualdade perante a morte. Huizinga (2010, p.232), reportando-se à Idade Média, lembra a existência do lamento sobre o final de toda glória eterna, do tema da decomposição e “o motivo da dança macabra, a morte que arrasta consigo as pessoas de qualquer profissão, de qualquer idade.” Segundo o autor, a palavra macabra surgiu no século XIV, dando origem, bem mais tarde, ao termo dança macabra que marcou toda a visão de morte do fim

do período medieval” (p.231). O autor complementa, referindo-se às representações plásticas e literárias, que “a dança macabra do Cemitério dos Inocentes, desaparecida no século XVII devido à demolição da galeria, foi a imagem mais popular da morte que a Idade Média conheceu”. Afirma ainda que, em pleno funcionamento do Cemitério, diariamente “milhares de pessoas admiraram as figuras simples, leram os versos inteligentes em que cada estrofe terminava com um provérbio conhecido, consolaram-se com a igualdade de todos na morte e tremeram perante o fim (p.234)”.

Completa com as seguintes palavras:

Em nenhum outro lugar aquela morte de caráter semiesco podia estar tão em casa, ela, que rindo com todos os dentes, com os passos enferrujados de um velho mestre de dança, arrasta consigo o papa, o imperador, o nobre, o trabalhador, o religioso, acriança pequena, o louco e todas as profissões e posições sociais (HUIZINGA,2010, p.234).

Em síntese, refletir sobre as sentenças que abordam a igualdade perante a morte nos conduz a pensar sobre a incontestabilidade da morte que por sua vez nos encaminha para uma reflexão sobre a vida cotidiana, as desigualdades da vida, a natureza efêmera e transitória dos valores e bens acumulados no transcurso da vida e sobre os quais, em geral, o homem focaliza sua vida sem ter em mente ou refletindo a contragosto, que da mesma forma que os demais seres vivos, ele também terá um fim.

Na segunda categoria, **poder da morte**, temos as máximas que fazem referência ao poder que a finitude tem perante a vida. Os adágios presentes nessa categoria demonstram o quanto o homem é frágil perante sua hora, pois nada, nem mesmo os medicamentos, adiantam no momento da finitude. A seguir, são apresentados os provérbios:

*A morte resolve tudo.  
Contra a boa e a má sorte, só tem poder a morte.  
Não há nada tão forte que não o derrube à morte.  
Para tudo há remédio, menos para a morte.  
Só a morte não tem jeito, nem conserto.  
A morte espreita, mas não espera.  
Quem por morte alheia espera, a sua lhe chega primeiro.*

Apesar de ser possível travar um combate contra a morte e dominá-la em vários níveis e momentos, prolongando ao máximo a quantidade de vida humana, no melhor dos casos o que conseguimos é adiá-la. No final, a morte vence, pois *para tudo há remédio, menos para a morte*, a morte é poderosa e *resolve tudo*, ela tem poder *contra a boa e a má sorte*, *nada é tão forte que não derrube a morte*, enfim *só a morte não tem jeito, nem conserto*.

Thomas (1999, p. 26), auxilia-nos no entendimento dessa categoria quando diz que “de fato, a morte nos habita e seu poder passa pelo doente que sabe de seu fim próximo, pelo moribundo que agoniza e pelos enlutados amargurados e em profunda tristeza.”, mas “não é necessário se saber condenado para se encontrar brutalmente em face do fim. A morte do outro me remete sempre para a minha própria morte; ela me interpela e me joga na cara a prova de minha fragilidade, me forçando a ver e a escutar o que até então não tinha dado atenção” (THOMAS, 1999, p.27). A verdade desse provérbio é inexorável: *a morte espreita, mas não espera*.

De acordo com Nobert Elias, na obra “*A solidão dos moribundos*”, há várias formas de lidar com a nossa finitude e a de quem amamos, sendo a mais antiga, reprimir, evitar tal pensamento ou incorporar uma fé inabalável na imortalidade (NOBERT, 2001).

Vale lembrar que a pessoa, quando não reflete sobre a sua finitude, tende a tomar a vida como garantida. Não podemos descurar que estamos inseridos num contexto sócio-histórico quase sempre de negação ou de recusa de aceitar o fim da vida, mas também não é possível deixar de levar em consideração que o falecimento é o

término do processo de desenvolvimento humano e está presente em nosso cotidiano portanto *quem por morte alheia espera, a sua lhe chega primeiro.*

Na terceira categoria, **morte: fim e caminho**, foram agrupados ditos que evidenciam que o sentido único da vida é a morte. A seguir, os provérbios:

*A morte de cada um já está em edital.  
A vida é o caminho da morte.  
Cada dia de vida é um passo dado para a morte.  
Hoje em nossa figura, amanhã na sepultura.  
Toda a vida não é senão a estrada da morte.  
A morte é o fim da vida.  
Está com o pé na cova.  
Morte certa, hora incerta.*

A função dos adágios dessa temática é transmitir a ideia de que, a partir do momento em que nascemos, já estamos predestinados a um tipo de finitude; ou seja, já temos estipulada a morte; mesmo assim, sendo esta uma possibilidade mais do que presente na vida, ninguém sabe quando nem como irá acontecer.

Remontando à Idade Média, Huizinga (2010, p.381) afirma que:

A necessidade de exprimir cada incidente da vida como um modelo moral, isolar cada parecer numa sentença, adquirindo assim algo de substancial e intocável, em resumo, o processo de cristalização do pensamento apresenta sua expressão mais geral e mais natural no provérbio [...]. A sabedoria que emana do provérbio às vezes é prática e às vezes benéfica e profunda; o tom do provérbio costuma ser irônico, é geralmente bem-humorado e sempre resignado. Ele nunca prega resistência, sempre obediência. Com um sorriso ou um suspiro, ele deixa que os egoístas triunfem e que os hipócritas saiam livres.

Ele acrescenta ainda que muitas vezes o tom é cínico, mas há sempre um espírito dócil que não julga as pessoas. “Em confronto com a lamentação dos moralistas sobre os pecados e a degeneração do ser humano, a sabedoria popular apresenta a sua compreensão sorridente. No provérbio, a sabedoria e a moral de todos os tempos e todas as esferas se condensam numa única imagem”(382).

Por vezes, a morte se anuncia por meio de uma doença; em outros momentos, vem com um estalar de dedos, como em um acidente de trânsito, um infarto, sem preparos, e, por vezes, sem despedidas, mas, independente de qual seja a forma da morte, ela vem para todos: jovens ou velhos, ricos ou pobres, dando fim a uma existência.

Outro aspecto abordado nas máximas refere-se aos possíveis **benefícios da morte**. Existem várias formas de lidar com o fato de que a vida tem um fim. Os provérbios a seguir abordam as possíveis vantagens diante dessa condição irremediável.

*Antes morrer que sofrer.*  
*Antes morte que má sorte.*  
*Antes morte que tal sorte.*  
*Antes morte que vergonha.*  
*A morte é o fim de todos os males.*  
*Morte com honra, não desonra.*

As sentenças apontam que é preferível morrer que *sofrer*, ter *má sorte*, passar *vergonha*, enfim *a morte com honra, não desonra*. Entendemos que essas sentenças dizem respeito a situações da vida cotidiana e, em casos específicos, a morte pode ser desejada e estar atrelada a questões éticas, morais e valores que superam o temor pela finitude. Em tal contexto, é proveitoso perguntar se um sentimento de profundo rancor produzido por medo, ofensa sofrida, inveja ou forte aversão por alguma coisa ou pessoa, ou mesmo um objeto de repulsa ou desgosto que traz sofrimentos e dissabores; ou seja, o sentimento de mágoa ou de tristeza ocasionado por algum fato ocorrido, não superariam, em última instância, a emoção inquietante que o homem

tem diante do perigo ou ameaça da morte? Deixamos sem resposta essa interrogação, tentaremos apenas jogar alguma luz no tema de forma a ser melhor iluminado em outra oportunidade.

Entendemos que a palavra vergonha está intimamente ligada à dignidade que é uma qualidade moral que angaria respeito. Dependendo do modo de proceder, de se estar no mundo, o homem pode ter o respeito dos demais. Se lhe falta esse predicado, ele pode deixar de ser um cidadão respeitável; portanto, uma atitude, um comportamento inadequado pode causar vergonha, daí ser preferível morrer. Enfim, dependendo do infortúnio, da fatalidade, da adversidade que atinge o homem, é melhor morrer. A má sorte pode vir da condição de vida; condição social, material ou saúde. Ter má sorte significa ter um revés na vida, um infortúnio, um azar, sendo preferível a morte do que a má sorte.

Não resta dúvida de que essas sentenças, bem como as demais, podem ser vislumbradas sob um ponto de vista ético, moral ou religioso. Delumeau (2009, p. 51), falando da própria experiência com o discurso religioso sobre a morte diz que:

[...] para a Igreja, o sofrimento e a aniquilação (provisória) do corpo são menos temíveis do que o pecado e o inferno. O homem nada pode contra a morte, mas – com a ajuda de Deus – lhe é possível evitar as penas eternas. A partir daí, um medo – teológico – substituíu um outro que era anterior, visceral e espontâneo: medicação heroica, medicação assim mesmo, já que proporcionava uma saída ali onde não havia senão o vazio.

O autor é categórico ao afirmar que “é impossível conservar o equilíbrio interno afrontando por muito tempo uma angústia incerta, infinita e indefinível, é necessário ao homem transformá-la e fragmentá-la em medos precisos de alguma coisa ou de alguém” (p. 35). Nesse sentido, podemos reafirmar que *morte com honra não desonra*; ou

seja, as sentenças apontadas nesta categoria nos encaminham para o entendimento de que a angústia diante da possibilidade da morte, essa desconhecida, é substituída por um medo determinado, mais objetivo que pode ser designado e cujas características são mais precisas. A angústia pela possibilidade da morte é transformada em medo de algo conhecido, vivido, já experimentado como a *sorte*, a *vergonha*, a *desonra*; daí a possibilidade da *morte* transformar-se no *fim de todos os males*.

Na quinta categoria, denominada de **mortos e vivos**, agrupamos aqueles adágios que entendemos evidenciarem a morte ou a vida, ou até mesmo relacionam as duas fases. Nessa categoria, é importante destacar que a analogia entre vida e morte estará sempre presente, mesmo que implicitamente, na maioria dos provérbios destacados. Esta relação parece delimitar o entendimento de que quando a vida chega ao fim, tem início a morte ou até mesmo que vida e morte são separadas.

*A conta dos mortos quem faz são os vivos.  
Morto para o mundo, vivo para Deus.  
Mortos ao chão, vivos ao pão.  
Mortos na cova, vivos à mesa.  
O morto à cova e o vivo à fogaça.  
O morto apodrece e o vivo cresce.  
O respeito à vontade dos mortos é um dever dos vivos.  
O vivo tem poucos amigos, e o morto, nenhum  
Todos querem ir para o céu, mas ninguém quer morrer.  
A morte, fechando as portas da vida, abre as da eternidade.*

Estas sentenças nos encaminham para a compreensão em três direções. Primeiro, a existência dos mortos é atribuída pelos vivos tanto que *A conta dos mortos quem faz são os vivos*; o *respeito à vontade dos mortos é um dever dos vivos*; mas *o vivo tem poucos amigos, e o morto, nenhum*. Em segundo lugar, podemos entender que a morte é problema de quem fenece e que vai para o *chão*, a *cova* e *apodrece*, enquanto o vivo vai ao *pão* (*fogaça*), *à mesa* e *cresce*. Em seguida, podemos entender

que a morte indica uma terceira via: a de que *todos querem ir para o céu, mas ninguém quer morrer: morto para o mundo, mas vivo para Deus*, ao morrer fecham-se *as portas da vida, abrem as da eternidade*.

É profícuo assinalar que nessas sentenças reconhecemos um traço comum, a separação, o corte provocado pela morte. Para Thomas (1978), do corpo vivo resta somente o cadáver inserido no processo de putrefação. Além do destino da *cova*, do *chão*, e do *apodrecimento*, segundo a época, a cultura, as convicções, as crenças, os homens conferem aos mortos uma vida em outro mundo e descrevem os lugares de permanência como eternidade, morada junto ao Pai, a Deus e assim expressam o que esperam para eles mesmos. A esse respeito, as sentenças sobre morte dessa categoria parecem apontar para um além ligado às crenças religiosas da sociedade.

Serrano (1993) afirma que o provérbio é um dos meios de comunicação que melhor expressam pensamentos, emoções e visões de mundo, devido ao seu uso constante. Essas frases prontas quase sempre oferecem conselhos ou explicam uma situação da vida que surgem com a experiência vivida ou por meio do senso comum.

Em um jogo de dualidade, as máximas que formam esta categoria abordam os limites extremos da existência humana. Refletir sobre esse fenômeno desconhecido e inevitável é desafiador e o homem quase sempre enfrenta essa realidade utilizando-se de crenças e valores que podem ser expressos em provérbio utilizados no cotidiano.

Na sexta categoria, **saberes sobre a morte**, procuramos agrupar os adágios que parecem evidenciar que o homem tenta entender esta fase pela qual todos passarão. Além disso, há alguns ditados que refletem que o homem deve ter sabedoria ao lidar com a finitude, pois esta etapa, para ser bem solucionada e enfrentada, requer uma preparação emocional e quiçá espiritual.

*Vida sem amigo, morte sem testemunhas.  
Nada teme, quem não teme a morte.  
Morte desejada, vida acrescentada.  
Morte desejada é vida prolongada.*

*Morte anunciada, vida acrescentada.  
Desejar a morte é mal, temê-la é pior  
Quem teme a morte, perde quanto vive.  
A morte é um bem quando sabemos compreendê-la.  
Vida viciosa, morte vergonhosa.  
Morrer igual a um passarinho.  
O sono é a imagem da morte.  
O sono é inimigo da morte.  
A vida é um sono de que a morte nos desperta.*

No cotidiano, estão fincadas as crenças e valores que resultam na certeza ou confiança que ocasionam maneiras de o ser humano, em sua interação com as situações, comportar-se, viver, agir e reagir. Assim, *a morte é um bem quando sabemos compreendê-la; morte desejada, vida acrescentada ou prolongada*; para quem não tem amigo, a morte é *sem testemunhas*; e ainda não se deve *desejar a morte*, mas *temê-la é pior*, pois *quem teme a morte, perde quanto vive*. Além disso, parece haver adágios que indicam um final tranquilo, como *morrer igual um passarinho*, ou morrer sem se aperceber, similar ao sono; todavia, pode ser o oposto ou seja a vida é o sono e a morte é o momento do despertar.

A morte na cultura ocidental é negada em muitas ocasiões e de diversas formas e esse encobrimento vem de longa data. Nos dias atuais, quando a morte é anunciada nos canais de comunicação, nas ruas, ou diante de nós, somos mais racionais, porque se trata da morte do outro, mas quando ela se aproxima de nós, não somos mais indiferentes. Esse olhar e o modo como encaramos a morte revela o quanto estamos preparados ou não para ela.

A visão de Schopenhauer (2014) contribui para o entendimento da morte como um processo da vida, visto que a vida tem um desenvolvimento gradativo constante que finaliza o seu ciclo com a morte, pelo menos a vida terrena, visto que “é preciso morrer para que a vida continue, é preciso que um saia para que outro entre, isso significa que nossa matéria deve ser descartada com a morte. Esta é

então comparável ao pôr-do-sol em um determinado lugar, que é ao mesmo tempo, o nascer do sol em outro”.

Ora, se a morte é a mais inelutável realidade que todos os homens têm de defrontar, também o que a ela diz respeito será, em última instância, o que mais profundamente o determina. Saber, pois, como é que o homem enfrenta a morte e como procura, de alguma maneira, dominá-la, ilusoriamente ou não, tal é, creio eu, uma das mais decisivas formas de compreender os últimos fundamentos da mentalidade coletiva, em cada época ou em cada contexto cultural. (MATTOSO, 2013, P. 47)

Esta categoria nos dá a indicação de uma explosão de sentimentos relativos à morte. Entendemos que as sentenças desta categoria nos apontam que é explícito o entendimento da morte como um processo que dá forma para a vida cotidiana. A finitude do homem dá limite à vida e podemos dizer com Simmel (1988, p.167) que “a nossa concepção da vida, a nossa concepção da morte são dois aspectos de um só e mesmo comportamento fundamental.” E ainda, que “o segredo da forma é que ela é limite, ela é ao mesmo tempo o objeto em si e a cessação do objeto, o lugar onde o ser e o não ser do objeto são um só”. (p.167-168). Enfim, as sentenças indicam que a vida é determinada e ocorre de acordo com a morte, portanto morte e vida são consequência um do outro

Nesses tempos de covid-19, vale a pena indicar mais um rumo para essa questão de provérbios, trazendo o que Fraga (2020) escreveu em abril de 2020, logo no início da pandemia. “Os tempos pedem sabedoria e a sabedoria popular pede mais atenção. Muita coisa já foi dita sobre a pandemia e nem tudo é lembrado. Benditos provérbios, que ninguém esquece.” O foco não é direto ao tema da morte, é um tangenciamento, é uma passagem muito próxima da morte, podemos dizer que é um modo sutil de tratar o assunto. O autor, com uma pitada de humor, fez acréscimos a alguns provérbios/sentenças

que pertencem à cultura popular e mostram situações cotidianas relacionadas principalmente ao contágio e às formas de prevenção.

Observadores que somos e vivendo o dia a dia da pandemia, não parece exagero dizer que nesses tempos de covid-19 tem predominado nas pessoas uma junção de medo e angústia. Para Delumeau (2009), medo refere-se ao conhecido, sendo entendido como espanto, pavor, terror; já a angústia tem ligação com o desconhecido, sendo entendida como inquietação, ansiedade e melancolia. Esse entendimento de conjunção entre medo e angústia vem do fato de que na pandemia estamos vivenciando o medo do vírus “objeto determinado ao qual se pode fazer frente” (p.33) e a angústia do desconhecido, “vívida como uma espera dolorosa diante de um perigo tanto mais temível quanto menos claramente identificado: é um sentimento global de insegurança” (p.33). Para o autor é mais difícil suportar a angústia que o medo. Nós estamos convivendo com os dois e tudo se mistura ainda mais com o sentimento da aproximação da morte. A covid-19 trouxe à tona, de forma escancarada, o medo do contágio, da aproximação e a angústia coletiva pelo sentimento de insegurança, de abandono, de fragilidade e por consequência o tema da morte. Deixamos de ter mortos e passamos a ter vidas perdidas.

A utilização desse eufemismo, principalmente pela mídia, parece evitar o mau agouro do termo morte Este tem um peso, soa mais triste, parece grosseiro e até mesmo desagradável. Aparentemente, vidas perdidas é mais suave, mais leve; ou seja, mais conveniente para esse momento de sentimentos resultantes da combinação de medo e angústia com abrangências multifacetadas.

Denominamos ao próximo conjunto de provérbios de **morte e covid-19**. Essa categoria foi subdividida em **transmissão, barreira não imunológica, isolamento e confinamento**.

Uma função importante dos provérbios é a de orientar, apontar um caminho. Essa sabedoria contida nos provérbios nasce do senso comum, da experiência vivida e é passada de geração para geração. Desse modo, os provérbios ficam cristalizados. Contudo, eles podem

ser modificados em razão do momento, da cultura, apresentando para além do tempo e lugar, variantes.

As variantes dos provérbios podem bloquear o recurso da generalização e particularizar uma determinada situação (HENRIQUES, 2014), como o que ocorre com os provérbios de Fraga (2020) que abordam aspectos relativos às formas de transmissão da doença e aos meios para se proteger e evitar a propagação.

Os provérbios modificados por Fraga (2020) e que tratam da **transmissão** são apresentados em seguida:

*Água mole em pedra dura, tanto bate até que transmite algo.*

*Amigos, amigos, negócios e espirros à parte.*

*De médico e de contaminado todo mundo tem um pouco.*

*Nem tudo que reluz é ouro: o coronavírus gosta de superfícies de metal.*

*A corda sempre arrebenta do lado mais fraco, com a imunidade mais baixa.*

*As aparências enganam, melhor fazer um exame.*

*Há males que vêm para o bem, com exceção do coronavírus.*

A covid-19, logo no início, trouxe a certeza de ser uma doença com poder de rapidamente generalizar-se, espalhar-se por contágio no espaço e conquistar terreno. Desde o princípio, o pensamento girava em torno da transmissão ou seja *água mole em pedra dura, tanto bate até que transmite algo*; portanto, era prudente considerar que todos podem ser fonte de contaminação, sejam os amigos, os médicos, todos estão na mira, valendo as máximas *amigos, amigos, negócios e espirros à parte; de médico e de contaminado todo mundo tem um pouco*. Ademais, em tempos de pandemia é preciso estar atento pois *nem tudo que reluz é ouro: o coronavírus gosta de superfícies de metal; há males que vêm para o bem, com exceção do coronavírus; as aparências enganam, melhor fazer um exame*; pois *a corda sempre arrebenta do lado mais fraco, com a imunidade mais baixa*.

Quando inserimos os provérbios no nosso discurso, ainda que a pessoa não os conheça, ela é capaz de correlacioná-los com o momento presente. Oriundos da sabedoria popular, os axiomas expressam, por meio de uma sentença sucinta, um pensamento, um argumento que, de forma sábia, apropriam-se da função de ensinar, orientar, aconselhar, podendo ser utilizados em diversas circunstâncias. No presente contexto, as máximas modificadas por Fraga são bem apropriadas para o momento atual de pandemia.

A eficácia expressiva dos provérbios deriva, sobretudo, de determinados aspectos de sua estrutura, seja pela tradição que carrega e a aprovação do senso comum, ou por ser capaz de retratar a realidade e o viver das pessoas em determinada época (HENRIQUES, 2014), como no momento pandêmico.

Não temos dúvida de que ainda existem controvérsias relativas à covid-19. O que se sabe é que a transmissão da doença ocorre por meio de contato com secreções respiratórias (gotículas) de pessoa a pessoa, ou gotículas que caem em superfícies e objetos. Dito de outro modo, a transmissão pode ocorrer por contato direto por meio de gotículas de saliva, espirro, tosse ou catarro de pessoas infectadas, como no caso de amigos e profissionais de saúde médicos ou indiretamente por objetos ou superfícies com secreção de pessoas contaminadas pois *o coronavírus gosta de superfícies de metal*. Assim, é essencial que ao tossir ou espirrar ponha-se em prática a etiqueta respiratória com a proteção de boca e nariz, de preferência com um lenço de papel, descartando-o em seguida no lixo. Caso não tenhamos um lenço à disposição, devemos tossir ou espirrar no antebraço e não nas mãos. As medidas de prevenção de barreira não imunológica, para evitar o contágio, preconizam ainda proteção individual como higienizar as mãos com frequência, usar máscara, evitar cumprimentar com beijo, toque ou aperto de mão, bem como compartilhar copos, talheres, tocar superfícies e levar a mão à boca, ao nariz e aos olhos, sem higienizá-las previamente; limpar e desinfetar objetos e superfícies que sejam tocados com frequência por várias pessoas; manter os ambientes bem arejados.

Os provérbios que fazem referência à **barreira não imunológica** são apresentados a seguir:

*É dando que se recebe, mas sem encostar a mão.  
O barato sai caro, prefira álcool 70%.  
Para bom entendedor, meio cuidado não basta.  
Quando um burro fala de perto, o outro usa máscara.  
Roupa suja se lava em casa, bem desinfetada.*

Para cada contexto e para cada momento, há um provérbio que se encaixa e explica exatamente uma situação ou um fenômeno. Os provérbios de Fraga (2020) são recriações de provérbios já conhecidos e buscam explicar muitas questões relacionadas à covid-19, dentre elas, as barreiras imunológicas para a infecção pelo coronavírus.

Logo que a covid-19 foi detectada, em função do pouco conhecimento sobre a doença e seu potencial de disseminação e severidade, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomendou aos governos a adoção de intervenções as quais incluíam medidas de âmbito individual (higiene das mãos, utilização de máscaras e restrição social), ambiental (limpeza do ambiente e superfícies) e comunitário (restrição ou proibição de funcionamento de locais de convívio comunitário, como escola, bares, ônibus e outros, para evitar aglomeração de pessoas) (MALTA, et al 2020).

Desse modo, desde que o coronavírus chegou ao Brasil, em março de 2020, as rotinas foram transformadas. A sociedade passou a ter o rosto escondido parcialmente pelas máscaras de proteção devido à compreensão de que o vírus pode se propagar por meio de gotículas do nariz ou da boca; assim, *quando um burro fala de perto, o outro usa máscara*. O álcool e desinfetantes são ótimos aliados preventivos contra a transmissão pelo contato indireto, ou seja, objetos e ambiente. Neste caso, diz a sentença: *o barato sai caro, prefira álcool 70%*. Além disso, o convívio social precisou ser interrompido e passamos a levar em conta a sentença: *é dando que se recebe, mas sem encostar a mão*.

A vida das pessoas passou por uma grande transformação, marcada por mudanças de hábitos e padrões de comportamento. Em um momento de tantas incertezas trazidas pelo novo coronavírus, o foco passou a ser proteger-se de um vírus que ameaça a saúde das pessoas e foi, pelo menos durante dois anos, responsável por um índice de mortalidade significativo em todo o mundo.

A subcategoria denominada de **isolamento e confinamento** para a contenção da pandemia da covid-19 refere-se à necessidade de distanciamento entre as pessoas e assume nomes diversos, como quarentena, *lockdown*, isolamento social/físico, distanciamento social/físico, autoisolamento, para indicar que as pessoas deveriam se manter afastadas uma das outras. As sentenças são as que se seguem:

*A pressa é a inimiga da perfeição, espera até passar a pandemia.*

*Antes só do que mal acompanhado por algum infectado.*

*Cada macaco no seu galho, se possível em outra árvore.*

*Caiu na rede é peixe, saiu na rua é vírus.*

*Devagar se vai ao longe, porém sem passar da porta da frente.*

*Deus ajuda quem cedo madruga e vai ao super no horário pra idoso.*

*Diz-me com quem andas e eu te direi quem tá se arriscando.*

*Não deixe para amanhã aquilo que você pode fazer hoje, sobretudo ficar em casa*

*Não ponha a carroça na frente dos bois, melhor o distanciamento social.*

*O hábito faz o monge, que se protege no mosteiro.*

*Onde há fumaça, há fogo; onde há aglomeração, há risco.*

*Para baixo e isolado em casa todo santo ajuda.*

*Quem tem boca vai a Roma, mas não durante a quarentena.*

*Gato escaldado tem medo de água fria e de pessoa que voltou de viagem.*

*Quem não é visto, não é lembrado e pode estar hospitalizado*

O isolamento é uma medida que visa a inibir a propagação da doença e a transmissão por parte dos infectados. Prevê que as pessoas de grupo de risco (idosos, pessoas com comorbidade, entre outras) ou suspeitas de contaminação, permaneçam em casa. O confinamento tem objetivo semelhante ao isolamento; porém, tem conotação de restrição podendo ser voluntário ou obrigatório. É uma condição de imposição de impedimento de sair de um espaço limitado, de livre deslocamento. Pode-se dizer que para os grupos de risco, a denominação seria isolamento individual, protetivo à pessoa; já o confinamento refere-se aos suspeitos ou contaminados confirmados e serve para a proteção de terceiros. Em geral, o confinamento é impositivo, por parte de autoridade ou detentor do poder, de limites à liberdade de se deslocar, especialmente de sair da própria residência ou outro local designado; por exemplo, hotel.

Outra diferença entre as duas modalidades está relacionada ao tempo. O isolamento individual dura o tempo da pandemia ou medida protetiva eficaz como vacinação ou imunidade coletiva que ocorre no momento em que muitas pessoas estão imunes contra o vírus. A duração do confinamento corresponde ao tempo de incubação do vírus e é denominada de quarentena que é o tempo para uma pessoa que volta, por exemplo, de viagem, proveniente de lugares onde a pandemia é considerada fora de controle, ou para contatos próximos de caso suspeito ou confirmado de coronavírus; ou no âmbito coletivo, como: quarentena de um navio, um bairro ou uma cidade.

Ao fazer alterações em um provérbio consagrado, as intenções de quem faz podem ser variadas, desde fazer humor, mostrar criatividade ou provocar reflexão sobre uma situação que é única (HENRIQUES, 2014), como a necessidade de isolamento durante a pandemia.

Os provérbios modificados por Fraga (2020) preconizam, inicialmente, prudência. É necessário aguardar o momento apropriado, durante a pandemia, não ter pressa, *pois a pressa é a inimiga da perfeição, espera até passar a pandemia; devagar se vai ao longe, porém sem passar da porta da frente; não deixe para amanhã aquilo que você pode fazer hoje, sobretudo ficar em casa; o hábito faz o monge, que se protege*

no mosteiro; para baixo e isolado em casa todo santo ajuda; ou sai de casa em horário apropriado, Deus ajuda quem cedo madruga e vai ao super no horário pra idoso. Em seguida, as sentenças indicam que o melhor é o distanciamento, portanto *não ponha a carroça na frente dos bois, melhor o distanciamento social; onde há fumaça há fogo, onde há aglomeração há risco*. Em terceiro lugar, entendemos que é preciso ter atenção com as pessoas que encontramos, *diz-me com quem andas e eu te direi quem tá se arriscando; antes só do que mal acompanhado por algum infectado; cada macaco no seu galho, se possível em outra árvore; caiu na rede é peixe, saiu na rua é vírus*. Finalmente, é possível compreender que a pessoa que viaja precisa de atenção pois pode estar contaminada e para quem fica, é necessário estar alerta, pois *quem tem boca vai a Roma, mas não durante a quarentena e gato escaldado tem medo de água fria e de pessoa que voltou de viagem*. Além de tudo, é preciso estar atento ao sumiço das pessoas ausentes de seu domicílio habitual ou ao afastamento de algum lugar ou da atividade habitual dela pois, *quem não é visto, não é lembrado e pode estar hospitalizado*.

Quando as medidas de isolamento e confinamento forem insuficientes, pode ser necessário o bloqueio total, chamado de *lockdown*, em que a intervenção ocorre em toda a comunidade. Em sua vigência, ninguém tem permissão para entrar ou sair do perímetro isolado, a não ser para questões essenciais como comprar alimentos ou medicamentos. A ordem é ficar em casa.

Assim que foi decretada a pandemia, muitas fronteiras foram fechadas para quem não é cidadão ou residente, porque *Quem tem boca vai a Roma, mas não durante a quarentena*". Cada governo criou as suas regras de restrição. Em alguns locais, era possível visitar, mas com exigência do comprovante de vacinação ou teste negativo para covid-19, porque *Gato escaldado tem medo de água fria e de pessoa que voltou de viagem*.

Com a pandemia, as famílias precisaram reorganizar suas vidas e seus espaços, confinados, muitas atividades passaram a ser realizadas em *home office*, que faz referência a um tipo de trabalho que pode ser feito em casa e os estudantes precisaram se adaptar às

aulas *online*. Essas adaptações foram ao encontro da afirmação de Perls (1988) que constatou como o homem funciona no seu ambiente. Concluí que o ser humano é um ser adaptável às mudanças e situações que a vida o coloca. Ele está em constante interação com o meio que o cerca, no qual trocas sociais ocorrem de diversas maneiras. Não resta dúvida de que essas medidas preventivas e restritivas causaram estranhamento para as pessoas, sobretudo no Brasil, onde as pessoas têm o hábito de se cumprimentar com aperto de mão, beijo no rosto e um abraço caloroso. Desse modo, essas mudanças não ocorreram sem dificuldades e sofrimentos psíquicos diversos que não serão aqui tratados em detalhe por fugirem ao escopo deste trabalho.

Há muito se entende que a saúde do indivíduo é a soma de fatores biológicos, espirituais, emocionais, psíquicos e sociais. Szwarcwald (2020) afirma que medidas de isolamento social são essenciais nesse contexto pandêmico, mas alerta para a possibilidade de gerar questões éticas, legais, sociais e econômicas complexas, capazes de trazerem prejuízos à saúde individual.

Já existe um consenso na literatura de que calamidades de grandes proporções, como a pandemia da covid-19, trazem prejuízos à saúde mental das pessoas, potencializando o risco de desencadear episódios depressivos (LAI *et al.*, 2019).

Um estudo brasileiro transversal com indivíduos adultos residentes no Brasil confirmou isso ao concluir que o distanciamento social, no contexto pandêmico, apesar de ser uma medida crucial de proteção à vida, pode ser fator de risco para a ansiedade e a tristeza. No período do estudo, houve um aumento do consumo de bebidas alcoólicas e cigarros, sedentarismo e aumento do consumo de alimentos não saudáveis, entre os participantes da pesquisa. Esses resultados são preocupantes e podem resultar em danos à saúde, como obesidade, aumento das doenças crônicas e implicações psicológicas.

O controle dessa pandemia envolveu mudanças profundas nas dinâmicas sociais. Nem todas as pessoas conseguiram cumprir com a orientação de isolamento físico, desrespeitando as orientações preconizadas. Essa resistência se dá pelo fato de que essas orientações

de distanciamento vão na contramão de uma necessidade humana básica que é o contato social. Por outro lado, mais tempo em casa, permitiu às pessoas maior tempo de convivência com a família.

Muito se fala em “um novo normal”, expressão que resumiria a vida cotidiana após a pandemia. Fica o questionamento entre os especialistas de quais hábitos poderão ser mantidos, como uma espécie de legado do coronavírus e quais precisam ser afastados. Parece que será necessário aprender o trabalho *home office*, o estudo *on-line* que ganharam espaço, bem como a vida cotidiana à distância. Não restam dúvidas de que essa necessidade de distanciamento contribuiu para o resgate do afeto, seja pelo familiar em confinamento, ou pelo amigo que não se vê com regularidade, mas também acirrou divergências, brigas, ódios e violência doméstica. Aguardemos o que remanescerá de tudo isso com a volta da esperada “normalidade pós pandêmica”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos um retrato cujo intento é apontar e descrever a morte na cultura popular, por meio de expressões, provérbios, ditados e adágios que abordam o assunto, bem como estabelecer a relação entre um conjunto de provérbios alterados e as atitudes atuais resultantes do advento da covid-19. Em verdade, essas máximas são um conjunto de regras de conduta, ligado a costumes aceitos; a união de valores morais e tradicionais, aplicáveis a situações em qualquer tempo ou lugar, grupos sociais ou pessoa determinada. Em verdade, as máximas apresentadas mostram o resumo de uma moral do cotidiano. Não se sabe ao certo como elas conseguem persistir por tanto tempo nas falas das pessoas, mas o que se pode afirmar é que elas perduram por um período extenso em nossa sociedade.

Na cultura brasileira, a morte gera uma mobilização que se manifesta por uma série de rituais, tristeza e comoção. Parece que o sofrimento da pessoa é reduzido quando se apega às crenças e religiões arraigadas na cultura. Refletir sobre esse fenômeno desconhecido e inevitável é desafiador. Em tempo de pandemia da covid-19, podemos

afirmar que o mundo foi e está sendo impactado de vários modos pela morte advinda do coronavírus e ditos populares têm sido usados para retratar esse momento.

Vale ressaltar que os provérbios atualizam-se a todo instante, pois a linguagem é viva e utilizada de acordo com o contexto social e cultural no qual as pessoas estão inseridas. Isso nos remete à pandemia gerada pela covid-19 que certamente trouxe à tona a morte devido ao aumento expressivo dos casos de óbitos em todo o mundo, contribuindo para que as pessoas conversassem e fizessem uso de alguns provérbios para tentar aliviar a tensão gerada nesse momento ou mesmo como forma de aconselhar, chamar a atenção para a realidade vivenciada local e mundialmente.

A partir deste estudo, percebemos que as expressões, provérbios, ditados e adágios, são criados com base em vivências e observações da cultura popular. Esses provérbios auxiliam na compreensão dos indivíduos acerca do tema morte, e também relatam traços de tradições e costumes populares. Narram, algumas vezes, a morte de forma irônica; outras, respeitosa, demonstrando a intimidade das pessoas com o tema. Sendo assim, a pesquisa demonstrou que os artifícios que a sociedade utiliza são fundamentais para encarar esse fenômeno complexo e polimorfo que é a morte.

A bem dizer, parece fácil entender, por meio dos provérbios, o posicionamento que se tem sobre a questão da morte e da covid-19, manifestado em expressões simples e naturais; todavia, encontramos nelas força, penetração e audácia. Elas parecem pretender mostrar que a vida, a morte, o cotidiano são como são, e que, na maioria de nossas ações, há uma mistura de primor e imperfeição, de exatidão e incorreção, de devassidão e virtude. Neste momento, é lícito dizer que contentamo-nos em aparentarmos estar bem, em não dizermos entre nós tudo o que pensamos no nosso íntimo sobre a possibilidade de nossa própria morte ou de ter covid-19 e esperamos mais do nosso conjunto de reações que nos diferenciam uns dos outros, de nossos raciocínios fracos ou fortes sob o abrigo dos quais acreditamos poder aproximarmo-nos da morte e da covid-19 não com indiferença, mas

com capacidade de perceber, distinguir e compreender com detalhes as sensações sentidas frente ao processo de morrer e adoecer.

Centramo-nos no desejo de que alguns recursos apresentados aqui não sejam rejeitados e na possibilidade de enfrentarmos o processo de morrer com coragem, mantermos o pensamento firme de que, após nossa partida, os amigos sentirão saudades nossas pois deixamos boas impressões; além da esperança de não sofrermos muitas dores físicas, emocionais e psíquicas e de sermos protegidos dos outros infortúnios da vida e dos caprichos de não nos apegarmos aos bens materiais. Também não podemos ter como certo que tais recursos serão infalíveis, mas eles podem nos garantir uma pseudo-armadura, servem para nos cobrir com um certo manto de coragem que nos protege do pensamento da aproximação da morte ou da doença.

Mantendo o pensamento de que o fim da vida ou a possibilidade da ocorrência da covid-19 está aparentemente longe, acreditamos que essa armadura pode ser de grande ajuda; mas quando se está perto do infortúnio, vê-se que qualquer coisa pode provocar gretas nessa pseudoproteção. No fundo, acreditamos que a morte nos aparece longe e que nossos sentimentos de proximidade são apenas fraqueza e confusão momentâneos. Enfim, sentimos em nós um temperamento forte o suficiente para não sofrermos alterações emocionais pela proximidade da morte e da doença. De modo que é verdade dizer que, qualquer que seja na vida a desproporção que possa haver entre todos os homens, ao longo do tempo, sem distinção, todos receberam e vão receber a mesma face da morte: as pandemias, as doenças, os acidentes, as tragédias. Para finalizar, levantamos a seguinte interrogação para outros estudos. Será que privado de uma instrução escolar mais extensa, sem quase nenhum conhecimento científico, o homem comum tem menos recurso para análises: portanto pode, com mais afinco, fazer julgamentos calcados em provérbios da tradição de seu grupo? Talvez o homem comum ao desconhecer toda a extensão de seus males, tenha mais liberdade para pensar em muitas outras coisas,

como divertir-se, viver a vida tal qual ela é, sem grandes projeções e com o foco em ser-estar junto.

Com este trabalho, pretendemos dar um pequeno avanço ao estudo dos provérbios na área da saúde e esperamos que a contribuição possa ser útil para os interessados nessa matéria, além de poder servir como incentivo para mais estudos sobre a morte, a covid-19 e a enfermagem.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1998.
- ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Especial. ed. Rio de Janeiro: Saraiva de bolso, 2012
- ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- ATHENIENSE, A. Enfoque jurídico da ortotanásia. In: PEREIRA, Tânia da Silva; MENEZES, Rachel Aisengart; BARBOZA, Heloísa Helena (Orgs). **Vida, morte e dignidade humana**. Rio de Janeiro: GZ ED., 2010, p. 109-117.
- BARBOSA, L.N.F; FRANCISCO, A.L e EFKEN, K.H. Morte e vida: a dialética humana. **Aletheia**. Online, v.1, n.28, p. 32-44, 2008.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 15. ed. Petrópolis: Vozes, p. 36, 2004.
- BIRREN, J.E. A brief history of the psychology of aging. **The Gerontologist**, v.1, n.69; p.127-134, 1961.
- BIRREN, J.E.; SCHROOTES, J.J. The History of Geropsychology. In: BIRREN, J.E.; SCHAIE, K.W. **Handbook of the Psychology of Aging**. San Diego (CA): Academic Press, 2001.
- BRÊTAS, J. R. S.; OLIVEIRA, J. R.; YAMAGUTI, L. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. **Revista Escola de Enfermagem USP**. São Paulo, v. 40, n. 4, p. 477-83, 2006.
- CASCUDO, L. C. **Civilização e cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELUMEAU, J. O medo é natural; “Mar variável onde todo temor abunda! In: **História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada.** Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p 18 -22; p. 41-52.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, A. B. H.; SILVEIRA, A. M.; FERREIRA, M. B. **Novo Dicionário Aurélio Século XXI: o**

dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRAGA, J. G. **Provérbios em quarentena.** 2020. Disponível em: <https://coletiva.net/colunas/proverbios-em-quarentena,354579.jhtml>. Acesso em: 11 junho 2022.

FRANCISCO, D. L. O halo da morte: relato de certo Oriente, de Milton Hatoum. In: DUARTE, Lélia Parreira (org). **De Orfeu e Perséfone: morte e literatura.** Cotia, (SP): Ateliê Editorial; Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2008.

FUJIKURA, A. L. C. “**É loucura contar segredos às mulheres!**” – Nota sobre a imagem da mulher nos provérbios de El Libro de Calila e Digna. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/notand4/loucmul.htm>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GOLDIM, J.R. **COVID-19, Isolamento, Quarentena e Confinamento.** Bioética Complexa e COVID-19. 2020 Disponível em: <https://bioetica-complexa.blogspot.com/>. Acesso em: 10 abril 2022.

HENRIQUES, C. C. Parêmiias em mutação: variantes dos provérbios como recurso expressivo. **Linha D'Água**. São Paulo, v. 27, n. 2, p. 37-52, dez. 2014

HUIZINGA, J. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010

JUNQUEIRA, M. H. R.; KOVÁCS, M. J. Alunos de psicologia e a educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v.28 n.3, p.506-519, set. 2008.

LAI, M.C *et al.* Prevalence of co-occurring mental health diagnoses in the autism population: a systematic review and meta-analysis. **Lancet Psychiatry**. v.6, n.10, p.819-829, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31447415/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

LAUAND, L. J. **Provérbios e educação moral** – a filosofia da educação de Tomás de Aquino e a pedagogia do Mathal. 2000 Disponível em <http://www.deproverbio.com/DPbooks/LAUAND/1.htm>. Acesso em: 11 junho 2022.

LOBATO, M.D.P. A concepção filosófica da morte em Schopenhauer. **Saberes**. Natal, v.1, n.17, dez. 2017.

MATTOSO, J. **Poderes invisíveis: o imaginário medieval**. Lisboa: Temas e Debates, Círculos de Leitores, 2013.

MEANDRO, P. R.; ROLKE, R. K.; BERTOLLO, M. Concepções sobre relações amorosas / conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. **Psicologia clínica**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, 2005.

MENEZES, R. A. **Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 2004.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PERLS, F. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1988.

ROCHA, E. S. **Ditos e ditados**. Viçosa: UFV. Impr.Univ.1986.

RODRIGUES, J.C. **Tabu da Morte**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

RÓNAI, P. **Dicionário universal Nova Fronteira de citações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

SANTOS, I.A.; NASCIMENTO, W.F. As medidas de quarentena humana na saúde pública: aspectos bioéticos. **Revista BIOETHIKOS**. 2014; vol. 8, n.2, p.174-185, São Paulo.

SANTOS, M.A.M. **Dicionário de provérbios**. 2000.

SCHNITZLER, B. **Rites de la morte en Alsace: de la préhistoire à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle**. Petit Journal. Exposition organisée et présentée par le Musée Archéologique de Strasbourg. 25 avril au 31 août 2009, Strasbourg, 2008a.

SCHNITZLER, B. (Dir.) **Rites de la morte en Alsace: de la préhistoire à la fin du XIXe siècle**. Catalogue. Strasbourg: Musées de la Ville de Strasbourg, 2008b. (Exposition organisée et présentée par le Musée Archéologique de Strasbourg, du 25 avril au 31 août 2009).

SCHOPENHAUER, A. **Dores do Mundo** (O Amor — A Morte — A Arte — A Moral — A Religião — A Política — O Homem e a Sociedade). – São Paulo (SP): Editora Edipro, 2014.

— A Religião — A Política — O Homem e a Sociedade). – São Paulo (SP): Editora Edipro, 2014.

SERRANO, C. Símbolos do poder nos provérbios e nas representações gráficas Mabaya

Manzangudos Bawoyo de Cabinda-Angola. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, S. Paulo, 3: 137-146, 1993.

SILVA, A. L.; RUIZ, E. M. Cuidar, morte e morrer: significações para profissionais de enfermagem. **Rev. Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 20, n. 1, p. 15-25, jan./abr.2003.

SILVA, C. B. B.; LOMÔACO, J. F. B. Elaboração e validação de um instrumento para avaliar tipos de pensamento através da interpretação de provérbios. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v.81, n.1, 1995.

SIMMEL, G. **La tragédie de la culture**. Paris: Editions Rivages, 1988.

SZWARCWALD C. L. **ConVid Pesquisa de Comportamentos**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2020. Disponível em: <https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=contato>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SOUSA, L. M. C. A potência epistemológica do provérbio: um novo local de enunciação. **Caderno seminal digital**. v. 28, n. 28 (2017). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/27697>. Acesso em: 07 jun 2022.

SUASSUNA, A. **Auto da Compadecida**. 35 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

TEIXEIRA, S. A. Produção e consumo social da beleza. **Horizontes Antropológicos**. v.7, n.16, p.189-220, 2001.

THOMAS, L.-V. **Mort e pouvoir**. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1999.



## 5 O ESTAR DO HOMEM NO MUNDO E A QUESTÃO DA FINITUDE

### INTRODUÇÃO

A morte nada mais é do que a ausência de outrem e por isso inspirou poetas, músicos, artistas, filósofos e homens comuns a expressarem seus sentimentos de falta. Com tantas facetas sobre ela, versaremos sobre a morte e a sua implicabilidade no estar do homem no mundo; para tanto, faz-se necessário trilharmos um percurso histórico que se inicia com os registros sobre morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas também como fascínio, sedução e por que não dizer alívio, bem como sofrimento e a perda em tempos de pandemia?

São nas ações e crenças diante da morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental: existir para morrer. Assim, o viver e o morrer são processos que delineiam o estar do homem no mundo. Apesar de a morte ser certeza, ela não tem a capacidade de fazer com que o grande palco do mundo pare de girar; simplesmente proporciona a substituição de atores e permite rápidas mudanças, alterando a cena e o cenário. A morte possibilita, muitas vezes, *que a parte interna fique externa ou seja que a parte avessa vire para a direita e venha à tona a parte mais profunda*, mais íntima das pessoas. A morte que compõe esse palco do mundo e que no cotidiano permite girar a vida e fazer chegar à superfície a parte mais profunda do ser humano, em geral, é pouco falada: é quase proibido expressar-se sobre ela.

No decorrer do texto, apresentaremos a morte e o morrer traçando algumas diferentes maneiras de como ela é tratada ao longo dos tempos. Os contornos são diversos, uma vez que a morte não é evitável, não pode ser controlada nem marcada, e se apresenta com diversas facetas. Hodiernamente, ainda mais com a presença da covid-19, os contornos do processo de viver e morrer apresentam características específicas, fazendo com que a reflexão sobre as mortes

dos outros e a própria sejam uma questão que apresenta múltiplos aspectos, particularidades e características variadas.

Em plenos anos 20 e 21 do século XXI, o morrer assume características únicas e a morte se apresenta para o ser-no-mundo e na perspectiva do “cuidar”, quase sem tabus e preconceitos. Ao buscar se enterrar os mortos, estes são percebidos sujeitos de existência e não apenas como “doentes” a serem descartados. O convívio com a dor, perdas e mortes é uma constante em tempos de pandemia.

Desde março de 2020, a epidemia e suas consequências colocaram a humanidade diante de momentos de incertezas acarretando mudanças de atitudes haja vista que o coronavírus provocou, no dizer de Morin (2020), a irrupção no imediato da vida cotidiana: todos os dias eram e são anunciados os números dos mortos.

Em decorrência da pandemia e como forma de evitar o contágio, impôs-se uma nova forma de “viver”: o isolamento social, que nos tornou subitamente reclusos dentro de nossas próprias casas e às vezes dentro de nós mesmos.

Ademais, este isolamento também impediu a cerimônia fúnebre e trouxe uma nova forma de enterramento gerando, junto com ela, um vazio decorrente da não despedida e dos enterros apressados.

Em tempos de pandemia, o ser-no-mundo percebe que tem probabilidade maior de morrer, uma vez que está exposto a situações adversas. Ao discorrer sobre a morte e o morrer em tempos de covid-19, faz-se necessário refletirmos como fatores adversos contribuem para que a morte no Brasil assuma contornos próprios.

Dizer o (in)dizível sobre a morte no Brasil de hoje não é uma tarefa fácil dada as nuances que a pandemia atingiu no país e a forma como esta tem impactado a existência dos brasileiros. Grassa no país um sentimento cada vez mais inquietante diante da morte que se apresenta de forma concreta e carrega consigo o seguinte dilema: como viver e não morrer.

## DIZER O IN(DIZÍVEL): A MORTE E O MORRER

O indizível, a imposição de silêncio, fica bem nítido quando passamos pela experiência da morte de um ente querido. Sentimos vontade de falar, desejamos com toda força expressar nossa vivência, ansiamos falar do ente querido, ser escutados, mas logo, nos primeiros encontros, sentimos que todos querem nos poupar, mudam de assunto, não nos deixam preencher a distância entre a fala e a experiência que ainda nos rasga a carne. A necessidade de contar é muito grande, mas o que ouvimos é “*não se maltrate*”, “*esqueça esse sofrimento*”, “*pense em outra coisa, já passou*”. Pode-se entender esse desejo de dizer o indizível quando Le Breton (1997) fala sobre as pessoas que deixaram Auschwitz. O horror certamente não é o mesmo sofrido pelos prisioneiros dos nazistas, mas lembra o que o autor chama de indizível relativo à embriaguez da fala, um imperativo de contar, uma febre de testemunhar o vivido. “Febre da palavra para esconjurar o silêncio, preencher o abismo do sentido, mas sem nunca o conseguir, deixando-se levar, cada vez mais, pelo vazio”(p. 107).

De modo geral, o ser humano não é indiferente à temática da morte e do morrer: uns enfrentam esse fenômeno com serenidade; outros evitam falar do assunto; alguns mostram desesperança, impotência ou apresentam muito medo, pavor mesmo, enquanto tantos outros fogem do tema o mais que podem. Desse modo, parece apropriado dizer sobre esse (in)dizível e assim começaremos entendendo o seu sentido.

Todo verbo exprime uma ação, um estado, qualidade ou existência de uma pessoa. Morrer, entretanto, segundo Ferreira(1987), é um verbo neutro o qual não exprime ação, mas um estado ou fenômeno, não sendo ativo ou passivo e pode significar entre outras coisas, deixar de viver, falecer. A morte e o morrer podem ser objeto de terror, de assombro, de medo, fascínio. Segundo (DASTUR, 1994, p.3) “a morte é um objeto aterrorizante e só pode ser enfrentada na medida em que é relativizada e que parece tomar apenas uma parte de nosso ser”. Morin (1997, p. 19) coloca com sabedoria o texto que

se segue, “La Rochefoucauld dizia que nem o sol nem a morte podem ser olhados de frente. De lá para cá, os astrônomos, com os artifícios infinitos de sua ciência – de toda ciência – pesaram o sol, calcularam sua idade, anunciaram seu fim. Mas a ciência continuou como que intimidada e trêmula diante de outro sol, a morte.”

A morte antes e nos dias atuais continua não sendo percebida. Quando retrocedemos no tempo e refletimos sobre a morte e o morrer em épocas diferentes, entendemos que foram abominados, reverenciados, anunciados e narrados em ditos e contos, histórias, mitos, lendas e prodígios. Na história da cultura ocidental, a morte foi e é vista sob vários ângulos, “A etnologia nos mostra que em toda parte os mortos foram ou são objeto de práticas que correspondem, todas elas, às crenças referentes à sua sobrevivência (forma de espectro corporal, sombra, fantasma, etc.) ou a seu renascimento.” (MORIN, 1997, p.25).

Questões que se relacionam com a vida após a morte, ritos de passagem, símbolos e elementos que traduzem o processo de morrer povoam a mente humana e se consolidam no imaginário coletivo encrustado em um determinado período da existência humana e, “a morte vai ser apropriada mágica e miticamente.” (MORIN, 1997, p.121). A morte mágica e miticamente “narrada” adquire uma nuance poética porque, segundo Áriès (2013, p.9), “[...] *toca as coisas, imortais, tão misteriosa por causa do seu silêncio deveria ter mil formas de se anunciar*”. E, estas mil formas se materializam no dizer o (in)dizível sobre a morte e o morrer presentes no contexto histórico e na forma como a morte foi narrada ao longo do estar do homem no mundo e, “[...] *as mil formas da morte se anunciar eram todas maravilhosas. Por vezes um falecimento se fazia prever pelo tilintar de um sino badalando por si mesmo, outras vezes o homem que devia morrer ouvia três pancadas no chão de seu quarto* (CHATEAUBRIAND, apud ÁRIES, 2013, p. 9)

Na verdade, esse maravilhoso legado das épocas em que era incerta a fronteira entre o natural e o sobrenatural mascarou, aos observadores

românticos, o caráter positivo, muito enraizado na vida cotidiana, da premonição da morte. Mesmo quando acompanhada de prodígios, considerava-se um fenômeno absolutamente natural que a morte se fizesse anunciar (ÁRIÈS, 2013, p. 9).

Anunciada ou não, a morte se apresenta ao ser-no-mundo como uma “possibilidade maximamente própria, irremissível e insuplantável, certa e enquanto tal, indeterminada.” (HEIDEGGER, 2008, p.34). Estabelecida a sua identidade própria, precisa instituir ‘internamente’ os cortes e os contrastes por meio dos quais o seu domínio íntimo se carregará de sentido e fará sentido nas mentes dos indivíduos. Quando falamos de vida e morte em paradoxo, pensamos na questão dos rituais, pois os ritos são ações simbólicas. Eles transmitem e representam aqueles valores e ordens que mantêm uma comunidade unida. (HAN, 2020, s/p.). E se iniciam com a celebração do nascimento e, nos momentos finais da nossa existência, constituem-se no rito de passagem. Em outras palavras, segundo CÔRREA, (2008, p. 9)

[...] não havendo maneira de experimentar diretamente esta presença anunciada, esse encontro tão desmesurado e extraordinário, só nos resta, enquanto vivos, apelar para uma abordagem indireta, em busca de conhecer através da história da humanidade, como a morte foi vivida, como os seus efeitos foram acolhidos, trabalhados e simbolizados pelos diferentes tempos e sociedades.

Para melhor compreender esse assunto, é necessário retroceder um pouco em algumas épocas históricas de modo a expor maneiras de comportar-se, conduzir-se e modos de agir e reagir das pessoas em relação à morte. Nesse retrocesso, é necessário explicitar que a morte foi vista e vivenciada de formas diversas de acordo com as diferentes épocas históricas, uma vez que a relação que o homem estabeleceu e estabelece com ela está correlacionada ao momento político, social,

religioso, cultural no qual a sociedade se encontrava e encontra-se inserida.

Cada uma das épocas históricas por nós percorridas personificaram e personificam a morte de forma diferente, atribuindo a ela características peculiares de acordo com o momento vivido pelo ser-no-mundo e sua relação com a morte e o morrer em determinado tempo. O entendimento sobre a forma com a qual o homem, em cada época histórica, lidou com a morte e o morrer mostra variados ritos, objetos de práticas e representações diversas.

O homem, independente do conhecimento e do lugar que ocupa na sociedade, sempre vivenciou e vivenciará as questões ligadas à morte e o morrer, levando em consideração a época na qual se encontra inserido. Por isso, percebe-se que em cada período histórico, o homem vivencia a morte e reverencia os seus mortos de uma forma peculiar e a morte se “apresenta” como a possibilidade extrema da existência.

Nas fronteiras do *no man's land*, onde se efetuou a passagem do estado de ‘natureza’ para o estado do homem, o passaporte da humanidade em ordem, científico, racional, evidente, é a ferramenta: *homo faber*. As determinações e as idades da humanidade são as de suas ferramentas.

Mas existe um outro passaporte sentimental, que não é objeto de qualquer metodologia, de qualquer classificação, de qualquer explicação, um passaporte sem visto, mas que contém uma revelação comovente: a sepultura, ou seja, a preocupação com os mortos; ou seja, a preocupação com a morte. (MORIN, 1997, p.23).

**O homem primitivo** respeitava e cuidava de seus mortos, os homens de Neanderthal, deram sepulturas a seus entes falecidos,

[...] *no man's land* antropológico, o dado primordial fundamental, universal da morte humana é a sepultura. Os mortos [...] são enterrados; pedras são amontoadas sobre seus despojos, cobrindo especialmente o rosto e a cabeça. Parece que mais tarde o morto é acompanhado por suas armas, ossadas, alimento. O esqueleto é pintado com uma substância cor de sangue. As pedras funerárias estarão ali para proteger o morto dos animais, ou para impedi-lo de voltar para o meio dos vivos! (MORIN,1997, p. 25).

Com o passar do tempo, o homem primitivo, que respeitava e cuidava de seus mortos, viu este cuidado se transformar pouco a pouco em ritos e pompas por ocasião da morte. “Ritos e pompas que chegam a provocar manifestações emocionais excessivas e conduzem a uma espécie de exaltação coletiva ou tornam esse rito numa cerimônia sagrada” (CÔRREA, 2008, p.240).

Ainda, na esteira da vivência da morte, no homem primitivo já se fazia presente uma consciência realista da morte, não uma consciência abstrata e idealizada e a questão da finitude era percebida como “sono”, “um novo nascimento”, “doença”, “um malefício” ou “entrada do mundo dos antepassados”. Tal procedimento evidencia a não preocupação ou exaltação da morte.

Com isso, evitavam aquilo que mais lhes causava horror: a decomposição do cadáver. Este horror é que demandava o processo de luto e a família sofria a consequência da perda de um membro, uma vez que, segundo Côrrea, (2008, p. 25) “a família era colocada em quarentena, e com isso evitava-se a possibilidade de um contágio em virtude da morte. O traumatismo da partida era tão grande e importante que promoveu o surgimento da idéia de continuação da vida sob outras formas.”

Essa continuação da vida de diferentes maneiras nos remete também à forma como o homem, no período arcaico grego, tecia relações com os deuses, buscando entender o sentido da efemeridade.

**No período arcaico grego**, o homem estabelece com os deuses vínculos pessoais e relações simbólicas.

Os poderes dos deuses, principalmente no que concerne ao Além, são representados por Gorgó (a Medusa), Dioniso e Ártemis. Esses deuses, cada um representando uma dimensão do sobrenatural, aparecendo sempre revestidos de uma máscara. ‘A máscara monstruosa de Gorgó traduz a extrema alteridade, o temor apavorante do que é absolutamente outro, o indizível, o impensável ou o puro caos.’ (VERNANT, apud CÔRREA, 2008, p. 25). Esse confronto com a morte diante do olhar de Gorgó, sobre os que cruzam seu caminho, tem o poder de transformar todo o vivente em pedra imobilizada, glacial, cega, mergulhada nas trevas. Já Dioniso representa a embriaguez, o transe, o delírio, o êxtase, obrigando o homem a enfrentar nessa vida [...] a experiência de evasão para uma desconcertante estranheza. Enquanto Dioniso se apresenta na forma de liberação, embriaguez de vida, Gorgó é aprisionado pela morte. Olhar nos olhos de Gorgó é ver a morte, momento em que se revela a verdade do próprio ser. (CÔRREA, 2008, p. 26).

É o período em que há uma nítida separação entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens, no primeiro estão os seres imortais, enquanto que no segundo, efêmeros, mortais. “O mundo arcaico grego evoca o assomo orgulhoso do homem para se igualar aos deuses e a resposta dos deuses a essa pretensão desmedida, inscrita no decreto implacável do destino que provoca as peripécias e o desfecho trágico na vida dos mortais” (VAZ, 1998, p. 28). A morte então, por causa da ambição do homem, torna-se a única certeza diante das incertezas que compõem a existência humana.

Destarte, com o advento do cristianismo segundo Côrrea (2008), os homens estabeleceram com a morte uma relação de familiaridade,

haja vista que ninguém morria sem receber algum aviso, que poderia aparecer em forma de advertência ou por signos naturais e era fundamental pedir perdão por erros e faltas e se reconciliar com Deus para, em seguida, encomendar a alma.

A título de exemplificação, reportaremos uma história narrada por Ariès na obra intitulada; *O homem diante da morte*.

Raoul Glauber conta como um monge chamado Gaufier teve uma visão enquanto rezava na igreja. Viu um bando de homens sérios vestidos de branco, ornados com estolas púrpuras, precedidos por um bispo empunhando a cruz. Esse aproximou-se de um altar e ali celebrou a missa. Explicou ao irmão Gaufier que eles eram religiosos mortos nos combates contra os sarracenos e que se dirigiam para a terra dos bem-aventurados. O preboste do mosteiro a quem o monge contara a visão. ‘homem de profundo saber’, disse-lhe: ‘Console-se meu irmão, no Senhor, mas como você viu o que é raramente dado ao homem ver, é preciso que pague o tributo com sua própria carne para que você possa compartilhar o destino daqueles que lhe apareceram.’ Os mortos estão sempre presentes entre os vivos, em certos lugares e em certos momentos. Mas a sua presença só é sensível aos que vão morrer. Desse modo o monge sabia que o seu fim estava próximo: ‘Os irmãos convocados fizeram-lhe a visita, como era de costume em tais casos. No fim do terceiro dia, ao cair da noite, ele deixou o corpo. (ARIÈS, 2014, p.8).

Morrer nada mais é do que um ato simbólico e, no período supramencionado, a morte acontecia por avisos, mas também de maneira espontânea, natural pois, mesmo quando acompanhada de prodígios, considerava-se um fenômeno absolutamente natural que a morte se fizesse anunciar.

No dizer de Ariès (2013) a morte familiar era denominada de “*morte domada*”. Nesta época, os cavaleiros e monges sabiam que

iam morrer, “não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer” (ARIÈS, 2013, p. 2).

Pressentindo seu fim próximo, o ser-no-mundo ainda possuía algum tempo para tomar suas providências, despedindo-se dos entes queridos, reconciliando-se com os desafetos e distribuindo os seus bens. Neste período, esquecia-se do mundo e centrava-se em Deus a fim de suplicar-lhe que sua alma fosse salva. Havia neste ato alguma manifestação de insegurança diante do desconhecido, mas a morte era sentida e vivenciada como um ato público e organizado (HEIDEGGER, 1989).

O indivíduo com a possibilidade da morte iminente aguardava-a em seu leito. Ali todos entravam e saíam, as crianças corriam e brincavam. Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. A morte era vivenciada com simplicidade, os ritos eram cumpridos de modo cerimonial, sem caráter dramático e sem gestos de emoção exacerbados.

O doente era assistido e acompanhado pela família em seus momentos finais, sendo a morte vista como algo natural. O indivíduo agonizante era ouvido e seus direitos respeitados. Dessa maneira, morreu-se durante muito tempo, uma morte familiar próxima, mas também atenuada e, vivenciada com certa indiferença uma vez que,

Apesar da familiaridade com a morte, os antigos temiam a vizinhança dos mortos e os mantinham a distância. Veneravam as sepulturas: em parte porque temiam a volta dos mortos, e o culto que dedicavam aos túmulos e às manes tinham por finalidade impedir que os defuntos ‘voltassem’ para perturbar os vivos. Os mortos enterrados ou incinerados eram impuros: quando muito próximos, poderiam poluir os vivos. A morada de uns devia ser separada do domínio dos outros para evitar qualquer contato, exceto nos dias de sacrifícios propiciatórios. Era uma regra absoluta. A Lei das Doze Tábuas a prescrevia: ‘Que nenhum morto seja inumado nem icinerado dentro da cidade.’

O código de Teodoro a retoma, ordenando que se transportem para fora de Constantinopla todos os despojos funerários: ‘Que todos os corpos encerrados nas urnas ou sarcófagos, sobre o solo, sejam retirados e depositados fora da cidade.’ [...]. Eis a razão por que os cemitérios da Antiguidade eram sempre fora das cidades, ao longo das estradas, como a via Ápia em Roma; túmulos de família construídos em domínios privados, ou cemitérios coletivos [...]. (ARIÈS, 2014, p. 40).

Com o passar dos tempos, os corpos passaram a ser enterrados nas igrejas, ou próximos a elas para que ficassem juntos dos santos. Os cemitérios eram na igreja ou ao seu lado, misturando-se. Pouco a pouco, as pessoas deixaram de ser enterradas dentro das igrejas e os espaços próximos a elas começaram a ser ocupados com cemitérios.

A separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvido em torno das abadias, penetravam também no coração histórico das cidades. A partir de então, não houve mais diferença entre igreja e cemitério (ARIÈS, 2003, p. 40).

Não era importante o destino dos ossos, desde que ficassem próximos aos santos ou ao altar da igreja. O corpo era confiado à igreja e aos santos que protegiam a alma do mal, até o Dia do Juízo Final, quando a pessoa seria julgada por suas boas e más ações. O indivíduo era apenas um espectador que iria se submeter à luta entre as potências do bem e do mal no final dos tempos.

Insta salientar que, a partir do **século XV**, o dia do Juízo Final fora substituído pela “*última prova*”. Essa prova consistia em uma última tentação. No momento final, o homem revia sua vida inteira e teria que abrir mão, ou não, do amor apaixonado por seres estimados

e coisas, dos corpos belos e sensuais que simbolizavam o pecado e dos bens materiais. Se repudiasse todas as tentações, os pecados seriam apagados; caso contrário, suas boas ações, anuladas.

Deus e sua corte estão presentes para constatar como o moribundo se comportará no decorrer da prova que lhe é proposta antes de seu último suspiro e que determinará a sua morte na eternidade. Essa prova consiste em uma última tentação. O moribundo verá sua vida inteira, tal como está contida no livro, e será tentado pelo desespero por suas faltas, pela glória vã de suas boas ações, ou pelo amor apaixonado por seres e coisas. Sua atitude, no lampejo deste momento fugido, apagará de uma vez todos os pecados de sua vida inteira, caso repudie todas as tentações ou, ao contrário anulará todas as suas boas ações, caso a elas venha ceder. A última prova substitui o Juízo Final. (ARIÈS, 2003, p. 52).

Segundo Ariès (2003), acredita-se que, a partir de então, cada homem revê, de uma só vez, sua vida inteira no momento em que vai morrer; bem como que sua atitude nesse momento dará à sua biografia um sentido definitivo, uma conclusão.

A morte não é mais vista como algo natural, mas sim como algo que causa temor.

Nós consideramos com horror [a morte] porque a tememos, não tal como ela é em si mesma, mas triste, esquelética, como tal apraz aos pintores [autores de danças macabras] representá-las nas paredes. Fugimos diante dela, mas porque ocupados com tão vãs imaginações, não nos concedemos vagar para contemplá-la. *Paremos [é o tempo da meditação], permanecemos firmes, olhemos-la de frente e nós a veremos, completamente diferente do que foi pintada*

e com um rosto totalmente diverso da nossa miserável vida.

[...] O pensamento da morte está associado à ideia de ruptura do composto humano [...]. A dor da morte é relacionada não só com os sofrimentos reais da agonia, mas também com a tristeza de uma amizade interrompida. (ARIÈS, 2014, p. 397).

O sentimento do homem no tocante à questão da morte não se encontra somente na possibilidade de fazer o rito de passagem a qualquer momento, mas sim de deixar para trás as coisas materiais, os projetos, os sonhos e os sujeitos.

A solenidade ritual da morte no leito toma, a partir do século XV, um caráter dramático e passa a ser vivida com uma emoção que antes não se possuía. Esse ritual passa a ter um caráter individual e conflituoso, já que surge o apego apaixonado às coisas e seres, destacando-se, assim, uma paixão pela vida.

Há uma mudança de comportamento diante da morte pois no lugar do sentimento de resignação, com o qual ela era vista como algo natural, passa a ser vivenciada como algo individual. O homem reflete que antes todos morriam, agora, é ele quem pode morrer. Começa a reconhecer a si próprio em sua morte. A partir desta compreensão, o túmulo, destino final do corpo, passa por mudanças, deixando o anonimato. O defunto passa a ser representado em esculturas sobre o túmulo. A título de exemplificação, narrar-se-á uma passagem nomeada por Ariès (2014) de “a tentação do nada na arte funerária”.

Dissimula-se nas igrejas; os túmulos e seus epitáfios os lançam aos nossos rostos como um palavrão, e quem o tiver ouvido não poderá esquecê-lo. Extraordinário poder de expressão da arte funerária.

A melhor ilustração do que pretendo dizer é o túmulo dos Altieri, marido e mulher, numa capela lateral de Santa Maria em Campitelli, na cidade de Roma. É um monumento especialmente belo e comovente

[...]. Cada túmulo é constituído, na parte inferior, por um enorme sarcófago de mármore vermelho. Sobre a tampa do sarcófago, dois anjos tristes seguram uma tocha invertida e uma inscrição, onde apenas uma palavra está escrita, imensa, em letras de ouro que se destacam como as letras de um grande anúncio de publicidade. Essa é *nihil* sobre o túmulo do marido, e *umbra* sobre o túmulo da mulher. (ARIÈS, 2014, p. 456).

Ademais, a morte passou por dois caminhos: o primeiro, o de resignação ao destino coletivo dos homens, que pode ser resumido na seguinte máxima: “*morremos todos*”; o segundo, que aparece após o século XII, traduz a importância da existência de cada indivíduo que pode ser mostrada de outra forma: “*a morte de si mesmo*”. Em ambos, a familiaridade com a morte não deixou de existir. Mesmo tornando-se um acontecimento de maiores consequências, em que as pessoas pensavam mais particularmente, a morte não se tornou um acontecimento apavorante (ARIÈS, 2003).

No **século XVII**, o cortejo já não era acompanhado apenas por parentes e amigos, “o apego ao outro transparece numa série de documentos, os retábulos das almas do Purgatório.” (ARIÈS, 2014, p. 619). Os clérigos, religiosos e leigos (pessoas pobres, que recebiam esmolas) também participavam: o cortejo deixou de ser familiar e passou a ser comunitário. O sentimento de luto era expresso não mais pelos sentimentos exacerbados, mas por uma roupa de cor negra.

A partir do **século XVII**, a morte assumiu um sentimento novo: *a morte do outro*, “uma nova sensibilidade não permitia mais que eles fossem abandonados a um destino desconhecido e temível.” (ARIÈS, 2014, p. 615). A morte ganhou um novo contorno à não aceitabilidade, pois se tornou insuportável a separação do ente querido e amado. A morte tomou a conotação de ruptura e separação. Naturalmente, a expressão da dor dos sobreviventes é devido a essa mudança frente à morte, de intolerância da separação do outro. [...] a morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro. (ARIÈS, 2013, p. 72).

A intolerância frente à morte do outro e a necessidade de mantê-lo vivo nas recordações modificou os túmulos e o luto. Uma forma de estar próximo ao outro é visitar o seu túmulo. Os túmulos, antes esquecidos nas igrejas, passam a ter lugares demarcados como uma forma de assegurar a perpetuidade. A recordação pode conferir ao morto uma espécie de imortalidade.

O **período do Renascimento** foi marcado por temas macabros, pois o homem percebeu o sentimento amargo e desesperado de sua fragilidade, traduzido pelos sinais da morte física. Na Arte e na Literatura, o tema era a decomposição do corpo humano, mostrando os acontecimentos debaixo da Terra os quais não eram vistos na superfície. A morte tornou-se, neste período, um objeto de fascínio representado pelo erotismo macabro e mórbido. “A magreza esquelética do cavalo do cavaleiro do Apocalipse de Duner, que é a Morte, deixou intacta sua capacidade genial, de tal modo que não é mais possível ignorá-la” (ARIÈS, 2013, p. 147).

Os temas macabros tornaram-se carregados de erotismo. O amor e morte se uniram nas fontes icnográficas e literárias, como na história de Romeu e Julieta. O teatro barroco apresenta cenas de amor nos cemitérios e nos túmulos. O erotismo mórbido é representado “pelo espetáculo físico da morte e do sofrimento” (ARIÈS, 2013, p. 148), cuja perversidade não é declarada. Os corpos nus dos mortos eram admirados como forma de beleza e fascínio. A beleza do nu substituiu os corpos em decomposição.

Caminhando na história, a partir desse momento, houve um segundo desabrochar do tema macabro. Esse tema traduz um sentimento do nada. A morte passou a ser macabra por si mesma, tornando-se penosa e causadora de medos. Começaram a ter consciência dos corpos mortos e não das almas imortais.

Nos séculos XIX e XX, a morte tão presente no passado desapareceu.

A presença junto do leito de morte constitui no século XIX, mais do que participação habitual em

uma cerimônia social ritual, ela é a assistência a um espetáculo reconfortante e exaltante; a visita à casa do morto tem qualquer coisa de uma visita a um museu: como é belo! Nos quartos mais banais das burguesias ocidentais, a morte acabou coincidindo com a beleza, última etapa de uma revolução que começou muito suavemente com os belos jazigos da Renascença e que continuou na estética barroca. Mas tal apoteose não deve disfarçar a contradição que ela contém: essa morte já não é a morte, e sim uma ilusão da arte. *A morte começou a se esconder, apesar da aparente publicidade que a cerca no luto, no cemitério, na vida como na arte ou na literatura: ela se esconde sob a beleza.* (ARIES, 2014, p. 633).

A morte passou a ser velada, escamoteada e, portanto, “não se fala em morte, como não se falava em sexo anteriormente” (MARANHÃO, 1998, p. 10). Nesses dois séculos e no atual, é mais tranquilo, fácil e corriqueiro falar em sexo do que na realidade incontestável da existência do sujeito efêmero, ou seja, mortal. Com um fim certo, preferimos esquecê-la e falar sobre assuntos antes secretos até mesmo para crianças. Essa interdição sobre a morte repercutiu gerando mudanças nos funerais e lutos. “Antes de tudo é importante que a sociedade, a vizinhança, os amigos, os colegas e as crianças se apercebam o mínimo possível de que a morte ocorreu.” (ARIES, 2013, p. 87). A cerimônia que marca a partida passou a ser discreta, evitando emoções e as condolências à família são agora restritas ao velório e ao enterro. O luto passou a ser um ato solitário.

Segundo Menezes (2002), a morte da mesma forma que a doença, deve ser compreendida de acordo com o contexto histórico, cultural e social. Segundo ela, tal tema de estudos só teve relevância para os pesquisadores após a Segunda Guerra Mundial. Por meio das transformações ocorridas nesse período, a morte obteve um privilegiado campo de observação e análise: filósofos, poetas e cientistas produziram uma “literatura analítica e crítica sobre esse

modelo de morte” (MENEZES, 2002, p.25), que foi denominado por Ariès (2003, p. 85) de “**morte invertida**”, na qual a dissimulação se faz presente.

Cada um é, portanto, cúmplice de uma maneira que acaba levando a morte à clandestinidade. [...] Essa dissimulação tem por efeito prático afastar ou retardar todos os sinais que alertavam o doente, e em especial a encenação do ato público que era a morte antigamente, a começar pela presença do padre. Mesmo nas famílias mais religiosas e praticantes, tornou-se hábito no início do século XX, não chamar o padre senão quando o seu aparecimento à beira da cama do doente, não pudesse impressioná-lo, seja por ele já ter perdido consciência, seja por estar definitivamente morto. (ÁRIÈS, 2014, p. 758-759).

A relação do homem com a morte mudou profundamente a partir do século XX, pois deixou de ser um acontecimento familiar ou social vivido na e pela comunidade e ganhou contornos que permanecem até hoje, ou seja **a morte escondida no hospital**

[...] que começou timidamente nos anos 1930 e 1940 e se generalizou a partir de 1950. [...] Os rápidos progressos do conforto, da intimidade, da higiene pessoal e das ideias de assepsia tornaram todo o mundo mais delicado; sem que nada se possa fazer contra isso, os sentidos já não mais suportam os odores nem os espetáculos que, ainda no início do século XXI, fazem parte, com o sofrimento da doença, da rotina diária. As sequelas fisiológicas saíram do cotidiano para passar ao mundo da assepsia e da higiene, da medicina e da imortalidade inicialmente confundidas. Esse mundo tem um modelo exemplar – o hospital e sua disciplina celular. (ÁRIES, 2014, p. 769).

A ordem passou a ser evitar que o enfermo conheça sua real situação. A morte se deslocou da casa onde vivia o moribundo: lá estavam as suas raízes, as suas lembranças, os seus familiares e os pertences, para um espaço de anonimato, para um ambiente frio, vazio e desconhecido: a solidão do quarto de hospital.

“[...] Não se morre mais em casa, morre-se sozinho ou entre desconhecidos no leito hospitalar.” (CÔRREA, 2008, p. 33), morre-se assepticamente nas unidades de terapia intensiva, com recursos tecnológicos modernos e especializados, mas em total isolamento. A preocupação hoje não é proteger o doente e sim impedir que a rotina institucional seja perturbada.

Com a mudança de paradigmas que se referem à morte e ao morrer, percebemos que a Medicina e demais ciências da saúde trazem significativos conhecimentos técnico-científicos que possibilitaram aos sujeitos seguirem caminhos que postergassem o processo de morrer.

É a individualidade humana que se mostra lúcida diante das experiências de morte vivenciadas pelo sujeito sendo que,

[...] esta lucidez não é tomada de consciência do saber específico, mas um saber propriamente individual: uma apropriação da consciência. A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. E só ‘por experiência’, como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo (MORIN, 1997, p. 61).

O fato de sermos seres finitos e possuidores da consciência, de que vamos morrer um dia, coloca-nos diante de uma angústia que nos acompanha por toda a vida e de acordo com Aranha (2000) “a morte é o destino inexorável de todos os seres vivos”: entretanto, o sujeito enquanto ser de projeto e de possibilidades não a vê como uma realidade presente, o que faz com que busque a todo instante

não pensar nela enquanto um fato que pode se desenrolar a qualquer instante, sem nenhum aviso prévio. “A vida é como um contrato que estabelece a própria vigência em uma das suas cláusulas. Ou seja, basta estar vivo para estar sujeito às leis da existência que determinam o seu próprio término” (VOMERO, 2002, p.41). Por ser a morte um conhecimento inato, apreendido pelo homem enquanto ser de existência, este sempre se surpreende com ela (SOUTO, 2002). Como fuga a esta realidade, buscamos racionalizar a possibilidade de morte como um acontecimento longínquo e que não nos acometerá enquanto gozarmos da plenitude da juventude.

A morte encontra-se presente em todas as etapas da vida, de muitas e variadas formas, não somente na velhice ou na doença. Segundo Côrrea, (2008, p. 7) “pode-se dizer que ela está por toda parte, faz-se presente quando e onde menos é esperada, até nas festas e em momentos reservados à alegria, quando a vida se apresenta em toda a sua força e pujança”.

A vida no século XXI, se comparada com os períodos anteriores, tornou-se mais previsível, exigindo de cada sujeito um grau mais elevado de antecipação e controle dos sentimentos e de sua expressão.

A atitude em relação à morte e sua imagem [...] só podem ser compreendidas com referência à previsibilidade da vida individual, em virtude do aumento significativo da vida decorrente dos avanços da medicina, da prevenção das doenças e do seu tratamento. O espetáculo da morte em consequência da doença deixou de ser corriqueiro (MENEZES, 2004, p. 31).

É no e pelo corpo que o homem surge, frequenta e desaparece do mundo. Este mesmo corpo que simboliza a celebração da vida por outro lado representa o desaparecimento da matéria nos momentos finais da passagem pelo mundo. Quando o homem morre, é o seu

corpo que deixa de existir, levando consigo a imagem do elemento que concretizava a existência do ser.

Diante do exposto podemos afirmar que, no decorrer da história da humanidade, o sentido atribuído à morte não foi o mesmo. Na história da cultura ocidental, a morte foi e é vista sob vários ângulos, escamoteada, não vivenciada como algo natural da existência humana. A única certeza que o “ser-no-mundo” tem é de que irá morrer. Todo o homem tenta escamotear essa certeza. Apesar de a morte existir desde os primórdios, ela ainda causa uma sensação de desconforto. “Mesmo diante dessa certeza, desde que nasce, o ser humano é impelido a evitar a convivência com a morte” (MORITZ, 2002, p. 32).

Novos ritos surgirão, transmutados, mas com os mesmos poderes terapêuticos, como mediadores para o enfrentamento, como restauradores do social, fragilizados pela morte. Porém, a angústia da morte sobreviverá fazendo parte indissociável da existência do ser humano.

## **ENTRE OCULTAMENTO E DESVELAMENTO, A MORTE EM TEMPOS DE COVID-19**

Do ocultamento e negação passou-se ao desvelamento da morte e esta se apresenta para todos, porém o que diverge é a forma como é vivenciada pelos sujeitos. A consciência de que somos seres para a morte se constrói ao longo do nosso estar no mundo, a partir das relações tecidas entre a morte e o morrer.

Há muito tempo, no Tibete, uma mulher viu seu filho, ainda bebê, adoecer e morrer em seus braços, sem que ela nada pudesse fazer. Desesperada, saiu pelas ruas implorando que alguém a ajudasse a encontrar um remédio que pudesse curar a morte do filho. Como ninguém podia ajudá-la, a mulher procurou um mestre budista, colocou o corpo da criança a seus pés e falou sobre a profunda tristeza que a estava

abatendo. O mestre então respondeu que havia, sim, uma solução para a sua dor. Ela deveria voltar à cidade e trazer para ele uma semente de mostarda nascida em uma casa onde nunca tivesse ocorrido uma perda. A mulher partiu exultante, em busca da semente. Foi de casa em casa. Sempre ouvindo as mesmas respostas. ‘Muita gente já morreu nessa casa’; ‘Desculpe, já houve morte em nossa família,’ - ‘Aqui nós já perdemos um bebê também’. Depois de vencer a cidade inteira sem conseguir a semente de mostarda pedida pelo mestre, a mulher compreendeu a lição. Voltou a ele e disse: ‘O sofrimento me cegou a ponto de eu imaginar que era a única pessoa que sofria nas mãos da morte’. (RINPOCHE, 1999, p.45).

A morte sempre esteve presente na história da humanidade como um processo inerente ao fenecimento do indivíduo. Morrer também é um ato simbólico, o que difere é a forma, a maneira como cada cultura lida com a questão, pois os sentidos atribuídos ao processo do morrer sofrem variações segundo o momento histórico, os contextos socioculturais e as pandemias que se apresentaram e se apresentam na história da humanidade e no dizer de Camus;

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E contudo as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas desprevenidas. [...] Quando estoura uma guerra as pessoas dizem: ‘Não vai durar muito, seria estúpido’. [...] O flagelo não está à altura do homem, diz-se então que o flagelo é irreal, que é um sonho mau que vai passar. Mas nem sempre ele passa, [...] são os homens que passam, [...] pois não tomaram as suas precauções [...]. Apenas se esqueciam de ser modestos e pensavam que tudo ainda era possível para eles, o que pressupunha que os flagelos eram impossíveis. Continuavam a fazer

negócios, preparavam viagens e tinham opiniões. Como poderiam ter pensado na peste que suprime o futuro, o deslocamento e as discussões? Julgavam-se livres e jamais alguém será livre enquanto houver flagelo. (CAMUS, 2020, p.40-41).

Ao longo da história da humanidade, os sentimentos e as reações expressas pelo homem diante da morte vêm se transformando. Mesmo diante da única certeza que o “ser-no-mundo” possui, ele é impelido a evitar a convivência com a morte. Vivemos em uma sociedade em que a morte não é vista como parte da vida e sim como um castigo ou algo inaceitável, portanto, um assunto que deve ser evitado e, por razões diversas não faz parte do cotidiano do ser no mundo.

Como então visitar o universo da morte se o homem dos dias atuais, sobretudo o homem das grandes cidades, está o tempo todo tomado e mergulhado, uns, a imensa maioria, na dura tarefa de ganhar a vida para sua própria sobrevivência, outros, na luta feroz para vencer no mundo do capital e da concorrência a fim de garantir maiores lucros [...]. CÔRREA, 2008, p.15.

A morte torna-se presente ao longo das etapas de nossas vidas de muitas e variadas maneiras, não só na velhice ou na doença. Pode-se dizer que ela está presente por toda parte, encontra-se quando e onde menos é esperada, até nas festas e em momentos reservados à alegria, quando a vida apresenta-se em toda a sua força e pujança (CÔRREA, 2008, p.7).

Mesmo prevista, o homem, muitas vezes, é surpreendido pela morte. Esta pode acontecer quando menos se espera, é o caso das mortes ocorridas no mundo devido`a covid-19. Os primeiros relatos da doença foram detectados na China, em 2019. Ante a rápida disseminação em diferentes países, a Organização Mundial da Saúde declarou a doença como pandemia do novo coronavírus, em 11 de

março de 2020. (World Health Organization, 2020). Esse evento de escala mundial levou o homem a deparar-se com a sua própria fragilidade e finitude. A quase ausência, até então, de reflexão sobre a morte enquanto possibilidade e o aparecimento de um evento sinistro, que inspira receio, mostra-se assustador e indica que a morte é sim uma possibilidade. Pode-se afirmar que a pandemia parece deixar o homem atônito, provocando nele grande espanto e trazendo certo assombro. Neste início de século, a pandemia mexeu com a vida inteira do ser humano: muitos foram retirados bruscamente de suas condições de oferecer a si e a seus familiares certa proteção, tranquilidade e comodidade. Muitas pessoas viram-se despojadas do trabalho que lhes possibilitavam alguma subsistência. Assim, as pessoas, privadas de um conjunto dos recursos necessários para a manutenção da vida e pelo temor de contágio, deixaram espaço necessário e obrigatório para o isolamento e medo da morte que é tema frequente nas relações tecidas em tempos de desencontros.

Objetivando conter o avanço da pandemia, uma série de medidas foram adotadas.

A rápida disseminação do SARS-CoV-2 entre países e comunidades, resultante da alta transmissibilidade viral, associada à inexistência de vacinas e antivirais específicos eficazes para a prevenção e tratamento da doença, torna as intervenções não farmacológicas as opções mais eficientes para a mitigação e controle da COVID-19 em nível local e global. Dentre essas intervenções, em nível populacional, há as medidas de distanciamento social, cujo termo se refere a esforços que visam a diminuir ou interromper a cadeia de transmissão da doença pelo distanciamento físico entre indivíduos que possam estar infectados e os saudáveis, além de proteger aqueles indivíduos em risco de desenvolver a forma grave da doença. Incluem-se nessas medidas o cancelamento de eventos em massa, fechamento temporário de escolas e locais de trabalho, bloqueio de fronteiras

e a recomendação para a população ficar em casa (SCP, 2020).

O homem, no grande palco do mundo, em seu “mundo vivido”, conduz-se em rápidas mudanças de cenário com troca ágil de objetos para esta ou aquela cena, figurinos específicos, presença de atores, sejam estes família, amigos, companheiros de trabalho. O homem movimenta-se em um mundo circundado de pessoas, coisas e acontecimentos com os quais lida em seu “mundo vivido”, como objetos para esta ou aquela utilidade. Em tempos de covid-19, é preciso fazer crescer imensamente o cuidado para com a manutenção das relações com as coisas, com as pessoas, com outrem e com si mesmo, preocupação esta mais do que necessária. Nesse tempo de pandemia, ficam muito mais expostos e visíveis ao público, o palco, o cenário ou qualquer espaço em que se encontram os participantes desse espetáculo. Nesse cenário, a temática da morte, que compõe o palco desse mundo, vem à tona com força total.

Hodiernamente, em tempos da covid-19, o mundo pereceu e para recuperar-se despendeu um esforço enorme. Na verdade, aconteceu uma catástrofe e para voltarmos à parte exterior e visível do mundo com o qual estávamos acostumados, foi necessário um maior impulso e, com ele, a morte adquiriu novos contornos. Essa alterou profundamente o estar do homem no mundo. Por ser altamente contagiosa, a covid-19 mudou a rotina em todos os lugares do mundo e o mais recomendado passou a ser sair o mínimo possível de casa. A socialidade deu lugar ao isolamento e novos acessórios ganharam espaço. Nesse novo cenário, as pessoas passaram a usar máscara, lavar as mãos frequentemente ou usar nas mãos álcool em forma de gel, além de manterem distância umas das outras. Metaforicamente, o mundo mudou seu giro e no Brasil, a partir da primeira quinzena de março de 2020, a morte pandêmica passou a ser parte do cotidiano.

Essa morte, que chegou com o advento da pandemia, contradiz os princípios que até então regiam os comportamentos vigentes da morte e do morrer. Ao mesmo tempo em que ela passou a estar

cada vez mais próxima das pessoas, devido principalmente ao grande número diário de óbitos, ela parece assustar e causar mais pavor do que antes, gerando distanciamento entre as pessoas, e modificando os rituais fúnebres. Nesse conjunto de fatos e circunstâncias, podemos observar que a mídia, notadamente a televisão, passou a penetrar cotidianamente em milhares de lares, mostrando cenas fatais pelo mundo afora e principalmente no Brasil, trazendo, entre outros, os números assustadores “de vidas perdidas”. Os contornos da morte na pandemia passaram a ser sorte e destino, silêncio e interdição. Dessa forma, pode-se dizer que o estar do homem no mundo sofreu transformações que impactaram e impactam de forma direta e indireta a existência e o entrelaçamento entre viver e morrer ganhou novos contornos. Entre os sentimentos que envolvem a morte por covid-19, os mais comuns são que o final seja doloroso, silencioso e isolado, dificultando que relações sejam estabelecidas. Não há dúvida de que o cenário da morte em tempo de pandemia é de isolamento, portanto morre-se sem a presença de entes queridos; ou seja, “sozinho”.

É significativo registrar que notícias e imagens de morte sempre foram intercaladas com os resultados do futebol, com informes de inúmeros, assassinatos por feminicídios, questões atinentes ao racismo e à desigualdade social, escândalos, sejam sociais, políticos, no governo e no judiciário, crises geradas pela alta do dólar, questões econômicas mas, em tempos de pandemia, um “espetáculo” que todos são obrigados a assistir é a tabela crescente de contágios e o aumento do número das mortes e “compreender” a cartilha ditada pela Organização Mundial da Saúde, cujo objetivo é evitar a disseminação da pandemia e, nesta atitude, o cuidado se faz presente.

O anúncio do número de mortes diárias no Brasil é assustador e aqui a pandemia ganhou contornos peculiares haja vista que

A propagação das fake news sobre o coronavírus também se provaram prejudiciais ao enfrentamento da pandemia. Informações falsas levaram parte da população a desprezar o uso obrigatório de máscaras,

desrespeitar o distanciamento social, utilizar remédios ineficazes contra a infecção e questionar as medidas de segurança adotadas. As fake news são danosas do ponto de vista individual e coletivo. Por exemplo, a pessoa que não acredita que exista a Covid-19 e por isso não usa máscara coloca-se em risco de se infectar e passar o vírus para outra. A percepção errônea de que se trata de uma ‘gripezinha’ da qual a maioria das pessoas não morre é outro exemplo. Quem gostaria de estar entre os 5% da população que adoece de forma grave, onde 1% dela falece? Ninguém quer jogar roleta russa com o coronavírus. (FUNDAÇÃO AMOZONIA SUSTENTÁVEL, 2021).

Como mencionado anteriormente, a morte em tempos da covid-19 suscitou acontecimentos jamais experienciados pela sociedade brasileira e, a título de exemplificação, discorreremos sobre a espetacularização da morte no Estado do Amazonas com duas situações, as milhares de valas abertas e a falta de oxigênio nos hospitais.

### **Sem espaço para enterrar as vítimas da Covid-19, Manaus empilha caixões**

Diante do colapso no sistema de saúde e de uma explosão no número de enterros, a Prefeitura de Manaus está empilhando caixões em uma vala comum para poder dar conta de todos os sepultamentos das vítimas do novo coronavírus. Há uma semana, a prefeitura passou a enterrar os corpos um ao lado do outro, em uma vala comum no cemitério Nossa Senhora Aparecida, no bairro Tarumã. Desde então, o número de mortes continuou a aumentar, e a prefeitura decidiu abrir uma cova mais funda para permitir o sepultamento em camadas, ou seja, o empilhamento dos caixões. (FOLHA DE SÃO PAULO ANA LUIZA ALBURQUE 27/04/2020).

Um dos fatos marcantes nesse processo de morte e morrer em tempos de pandemia foram as crises sanitárias e a falta de atendimento adequado, porém versaremos, de forma sucinta, sobre a crise de abastecimento de oxigênio nos hospitais de Manaus. Janeiro de 2021 representou para os moradores de Manaus mais um capítulo trágico da pandemia da covid-19, bem como apresentou uma nova maneira de morrer: o esgotamento de oxigênio nos hospitais da capital do Amazonas.

A morte de outrem tornou-se ainda mais traumática para aqueles que assistiram ao sofrimento de entes queridos devido à morte por asfixia. O direito fundamental à vida e por que não dizer, a uma morte sem sofrimento, é um direito inalienável do ser-no-mundo; entretanto, a superlotação dos hospitais da rede pública de saúde, a dificuldade de atendimentos a pacientes e a falta de insumos nos apresenta uma morte silenciosa nos termos por nós descritos anteriormente e os referenciais éticos evocados para fundamentar a prática de uma morte digna foram deixados de lado por questões adversas.

A situação supramencionada contribuiu para que o número de mortos no Brasil em virtude da pandemia fosse alto e até o momento, 16 de dezembro de 2021, registram-se “617.348 óbitos e 22.199.331 pessoas infectadas pela covid.” (g1. 16/12/2021). O elevado número de mortos e infectados faz com que o país ocupe lugar de destaque como um dos lugares onde mais se morreu em virtude da pandemia da covid-19 :“foi, entre 9 de março e 25 de abril, o país com a maior média diária de mortes por Covid-19 do mundo.” ( **Lucas Sampaio, G1**)

*Ademais, a pandemia nos apresenta a todo instante nuances próprias no tocante à morte e ao morrer e toda morte carrega uma história de vida e, “aqueles que tiverem a força e o amor para ficar ao lado de um paciente, com o silêncio que vai além das palavras, saberão que tal momento não é assustador nem doloroso, mas um cessar em paz do funcionamento do corpo” (KLUBER-ROSS, 2005, p.282).*

Não raro as famílias se depararam com o desvelamento da morte de uma maneira trágica, haja vista que vários membros de um mesmo clã tiveram sua existência ceifada com minutos, horas, dias e meses de

intervalo e a morte apresentou-se como perda; vínculos se romperam de forma irreversível, o que se “foi” é internalizado nas memórias e lembranças e o outro nada mais é do que uma mera lembrança.

Em menos de 24 horas, perdi meu pai e minha mãe para a Covid-19. Ele se foi no dia 6 de abril de 2020, aos 85 anos, e ela, no dia seguinte, aos 75. Eles estavam em hospitais diferentes, e jamais souberam da morte um do outro. Estavam casados há 55 anos, eram inseparáveis, o que se mostrou verdade, tanto na vida como na morte. Formaram uma família muito feliz e deixaram duas filhas, que na época também pegaram Covid, mas com sintomas leves. Sou uma dessas filhas, e até hoje a dor da perda me acompanha, de algum modo relativizada somente quando vejo em perspectiva as milhares de outras famílias que, como a minha, também foram destruídas por esta pandemia. Quase um ano depois, percebo com tristeza que a situação no Brasil, ao contrário de melhorar, só piora. Porém, temos que seguir em frente, vivendo um dia de cada vez, com cuidado, esperança e ética. **Ana Maria Correa da Silva, 54, funcionária pública, Rio de Janeiro (RJ)**

Entre 6 de fevereiro e 2 de março deste ano, perdi quatro entes queridos para a Covid. Primeiro, minha mãe, a professora aposentada Raimunda Mangabeira, de 73 anos, no dia 6 de fevereiro. Em seguida, no dia 16 de fevereiro, meu irmão, Joao Marcelo. No dia seguinte, minha irmã Natália. E, por último, no dia 2 de março, minha tia Delta Mangabeira. Uma verdadeira tragédia vivenciada na minha família. **Clotilho Filgueiras (FOLHA DE SÃO PAULO, 18 de março de 2021).**

A partir dos exemplos, podemos perceber que atualmente a morte ocupa espaços até pouco tempo impensáveis mesmo que o problema social da morte seja difícil de ser solucionado; entretanto,

em tempos da covid-19, os vivos identificam-se com os mortos e, tanto viver quanto morrer nada mais é do que um problema dos vivos, portanto, faz-se necessário cercar tanto a vida quanto a morte de cuidados que possam suavizar os momentos em que a vulnerabilidade natural da espécie humana, soma-se a outras situações. (MINAHIM, 2010).

Tomando múltiplas formas, o cuidar-de indica cuidar do disponível, das ferramentas, dos materiais de nossa vivência; indica uma preocupação pelos outros que pode ser entendida como solicitude; ademais, o cuidado é uma preocupação com a responsabilidade em face da presença em um mundo de incertezas cuja única certeza é a finitude; no entanto, esta consciência autêntica da morte tem prazo de validade: quando a covid-19 não mais fizer parte do cotidiano das pessoas, esta voltará a ser escamoteada.

Compreender as nuances da existência poderá contribuir para o entendimento expresso pelo homem diante da morte

É comum afirmar que ‘o homem não pode olhar diretamente tanto para o sol quanto para a morte.’ A conclusão que se pode tirar dessa afirmação é que o homem precisa agir à semelhança dos artifícios que a ciência construiu e de que dispõe para ver o seu astro rei, ou seja, necessita usar de astúcia, ou ciência e arte, e olhar a morte refletida no espelho da vida. Já foi o tempo em que povos primitivos não se expunham à luz do sol do meio-dia com medo de perder sua sombra, seu duplo ou seu espírito, garantindo-se permanecer na vida e, de algum modo, vencer a morte ou sobreviver. Apesar de não partilharmos desta crença ingênua, será saudável e preventivo indagar acerca de outras sombras em nosso interior e em nossas relações com os outros e com o mundo que ameaçam apagar a luz da vida que há em nós, isto é antecipando a nossa morte. Importa sair dessa ilusão de que a morte não nos tocará e passar a considerar o morrer como condição

da vida humana, pois, ‘tão cedo quanto um homem vem à vida, ele já é bastante velho para morrer’, dirá o filósofo, de tal sorte que esquecer, negar a morte, é esquecer e negar a si próprio.” (CÔRREA, 2008, p.21).

E a morte deixará de ser a todo instante anunciada, pois não se fará mais a contagem diária do numento de mortos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se que a morte é uma possibilidade mais do que presente no estar do homem no mundo. Na história da cultura ocidental, a morte foi e é vista sob vários ângulos, escamoteada, não vivenciada como algo natural da existência humana. A única certeza que o “ser-no-mundo” tem é de que irá morrer. Todo o homem tenta escamotear essa certeza. Apesar de a morte existir desde os primórdios, ela ainda causa uma sensação de desconforto.

Ao longo da sua existência, o homem passou por uma série de transformações que ocorreram num *continuum* haja vista que se encontra em um processo permanente de devir. A morte, ao contrário, é uma alteração súbita e descontínua, é um ponto de ruptura, interrompe a continuidade, faz cessar a própria possibilidade de mudança ou transformação.

Ao considerar o tempo histórico, percebemos que a existência das sociedades como a dos indivíduos encontra os seus limites entre o nascer e o morrer e; ou seja, no decorrer da história da humanidade, o sentido atribuído à morte não foi o mesmo apesar de que todos começamos a morrer exatamente no dia em que nascemos. A morte portanto é uma etapa da nossa existência com a qual temos que conviver e não há como dela nos desvenciliarmos, a certeza de sua chegada, enquanto possibilidade mais do que presente gerou e gera no homem “um desconforto”, e agora, em tempos de pandemia, somos lembrados a todo instante de que somos seres finitos. Parafraseando Raul Seixas, em sua música “Canto para minha morte”, ela está em

cada esquina cruzada, em um escorregão besta na calçada, em uma despedida e, portanto, quando se apresenta, não dá ao homem muitas vezes a possibilidade de se despedir, de terminar de beber a cachaça colocada no copo e de fechar o livro aberto, a morte que mata o gato, o rato, o cachorro e o homem, atualmente não é mais escamoteada, pois, desde de março de 2020, somos bombardeados constantemente pelo número de vidas ceifadas pela covid-19; ou seja, virou rotina na vida das pessoas; estamos em um mundo onde falar sobre a morte requer de cada um a consciência de que a morte pertence a todos.

Em tempos de morte desvelada, a solidariedade e a responsabilidade são os imperativos sociais que organizam a vida em comunidade. Em tempos de pandemia, fica evidente que a morte está mais do que presente<sup>16</sup>. Importante enfatizar: “Todos começamos a morrer exatamente no dia em que nascemos”.

---

16 A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou no dia cinco de maio de 2023, em Genebra, na Suíça, o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à covid-19. Esse anúncio significa que é momento dos países fazerem a transição do modo de emergência para o de manejo da doença.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **A história da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981 apud

CORRÊA, J. A. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008.

CREPALDI, M. A et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 37.

DASTUR, Françoise. **La mort: Essai sur la finitude**. Paris: Hatier, 1994.

FILGUEIRAS, C. **Folha de São Paulo, 18 de março de 2021**.

HAN, Byung-Chul. **Do desaparecimento dos rituais uma topologia do presente**. Barcelona: Herder Editorial, SL, 1 ed. 20200

HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

KLUBER-ROSS, E. **A morte um amanhecer**. São Paulo: Editora Pensamento, 1991.

KLUBER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é a morte**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MENEZES, R. A. **Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Garamond Fiocruz, 2004.

MORITZ, R. D. **O efeito da informação sobre o comportamento dos profissionais da saúde diante da morte.** Tese de Doutorado- Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997

RINPOCHE, S. **O livro tibetano do viver e do morrer.** São Paulo: Editora Talento, 1999.

SILVA, L. L. S. et al. Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da covid-19 no Brasil: Caracterização e análise epidemiológica por estado. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.36, n.9, set. 2020.

SOUTO, G. M. M. Cuidado condição de existência do ser-no-mundo. **Enfermagem Revista: Cadernos de Enfermagem**, Belo Horizonte, v.6, n.11 e 12, 2000.

VAZ, C.H. L. **Antropologia filosófica I.** 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

VOMERO, M.F. Morte. **Revista Super Interessante**, v. 173, fevereiro de 2002.